



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS I
CENTRO DE EDUCAÇÃO- CEDUC
PRÓ – REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FORMAÇÃO DE PROFESSORES**

LUCIENE TAVARES DA SILVA LIMA

**MEMÓRIAS E SABERES DE CAIANA DOS CRIoulos NA FORMAÇÃO DE
PROFESSORES: MODOS E FORMAS DE APRENDER NA EDUCAÇÃO
ESCOLAR QUILOMBOLA**

CAMPINA GRANDE

2021

LUCIENE TAVARES DA SILVA LIMA

**MEMÓRIAS E SABERES DE CAIANA DOS CRIoulos NA FORMAÇÃO DE
PROFESSORES: MODOS E FORMAS DE APRENDER NA EDUCAÇÃO
ESCOLAR QUILOMBOLA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Profissional em Formação de Professores da Universidade Estadual da Paraíba - Campus I - como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em formação de professores.

Linha de Pesquisa: Ciências, Tecnologias e Formação Docente.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Patrícia Cristina de Aragão

CAMPINA GRANDE

2021

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

L732m Lima, Luciene Tavares da Silva.
Memórias e saberes de caiana dos crioulos na formação de professores [manuscrito] : modos e formas de aprender na educação escolar quilombola / Luciene Tavares da Silva Lima. - 2021.
324 p. : il. colorido.
Digitado.
Dissertação (Mestrado em Profissional em Formação de Professores) - Universidade Estadual da Paraíba, Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa, 2022.
"Orientação : Profa. Dra. Patrícia Cristina de Aragão, Departamento de História - CEDUC."
1. Memória. 2. Saberes. 3. Formação docente. 4. Educação escolar quilombola. I. Título
21. ed. CDD 372.8

LUCIENE TAVARES DA SILVA LIMA

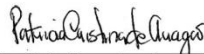
MEMÓRIAS E SABERES DE CAIANA DOS CRIoulos NA FORMAÇÃO DE
PROFESSORES: MODOS E FORMAS DE APRENDER NA EDUCAÇÃO
ESCOLAR QUILOMBOLA

Dissertação apresentada ao
Programa de Pós-Graduação
Profissional em Formação de
Professores da Universidade
Estadual da Paraíba - Campus I -
como requisito parcial para obtenção
do grau de Mestre em formação de
professores.

Linha de Pesquisa: Ciências,
Tecnologias e Formação Docente.

Aprovada em: 27 / 08 / 2021.

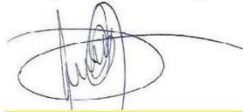
BANCA EXAMINADORA



Dr^a. Patrícia Cristina de Aragão (orientadora)
(PPGF/UEPB)



Dr^a. Robéria Nádia Araújo Nascimento (examinadora interna)
(PPGF/UEPB)



Dr^a. Ana Lúcia de Oliveira Aguiar (examinadora externa)
POSEDUC-UERN-RN

Dedico este trabalho a Deus,
criador de tudo o que é, e a todas as
pessoas que contribuíram, de uma forma
ou de outra, com essa minha caminhada,
em especial, aos meus pais: Maria
Feliciano Tavares da Silva e João José da
Silva (em memória), a toda a minha
ancestralidade e ao meu território de
pertencimento.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, agradeço a Deus, criador de tudo o que é, por me ter permitido concluir mais uma etapa de objetivos alcançados;

A minha mãe, Maria Feliciano Tavares da Silva, mulher guerreira, que sempre esteve comigo, em todos os momentos, me dando forças para me reerguer sempre que tudo parecia um vazio; e ao meu pai, João José da Silva (em memória);

Ao meu esposo, Carlos José da Silva de Lima, pelas idas e vindas aos locais de estudo, quando era necessário, e a toda a minha família, que deu suas contribuições: minha mãe biológica, Lúcia Maria da Silva Caetano, meu pai biológico, José Ursulino (em memória), e a todos os meus irmãos, pelas memórias da infância no quilombo partilhadas;

A todos os amigos e amigas que, de certa forma, contribuíram com esse processo;

À minha orientadora, a Professora Dr^a. Patrícia Cristina Aragão, um ser humano incrível, admirada por todos, uma mulher empoderada e fortalecida, que me fez enxergar potenciais que eu nem sabia que seria capaz de desenvolver, por todo o cuidado e paciência que teve comigo, durante esta jornada. Além de professora, é uma amiga que quero ter comigo por toda a vida;

Agradeço imensamente às Professoras Ana Lúcia de Oliveira Aguiar e Robéria Nádia Araújo Nascimento, que compuseram a banca examinadora, as quais saúdo;

À Escola Firmo Santino da Silva, que abriu suas portas, na pessoa de Manuel Irineu, que está atuando como gestor, e a sua adjunta, Marinélia do Nascimento;

A todos os meus colegas do Mestrado, que vivenciaram comigo momentos inesquecíveis nesse processo, em especial, a Susana Costa, minha amiga de viagens, de atividades em dupla, com quem dividi o mesmo espaço de convivência durante a estadia em Campina Grande/PB, cidade que nos acolheu; a Renata Márcia, com quem me sentia amparada, muitas vezes, pelo simples fato de termos convergências com as mesmas angústias em momentos vividos; A Maria Elaine Almeida e a Jacinta Antônia Duarte, pelas ligações, pelos compartilhamentos e pelas risadas proporcionadas durante as viagens;

A William, por nossos desabafos e momentos de altas risadas; a Robson Lima, que trazia energias positivas, ao compartilhar as histórias de sua família, principalmente de sua avó, e que eu me sentia representada em todas essas memórias;

A Givaldo, por toda a dedicação e paciência quando eu pedia socorro;

A Débora Kelly pelas partilhas, a Raimundo Melo por todo o carinho e pelos compartilhamentos de sabedoria, a todos os colegas da turma 2019.1 e a todos os professores que estiveram conosco nesta jornada;

Agradeço a algumas pessoas que estiveram presentes no meu despertar inicial nesta jornada, como Nazareno Félix, Professor Roberto Faustino, Waldilson Duarte, as Professoras Alcione Ferreira e Nádia Farias, anjos que Deus colocou em meu caminho, mulheres incríveis e amigas que a vida me deu; a Maria Edneuzza Pascoal Domingos, pela paciência em escutar minhas angústias e dividir momentos inesquecíveis de estudo comigo; ao trio que, junto comigo, forma o quarteto: Josiane Brito, Fabrício Fortunato e Eliane Brito, por tudo e por entenderem e respeitarem minha ausência durante esses dois anos de curso;

Meus agradecimentos especiais aos idosos do Quilombo Caiana dos Crioulos, sujeitos desta pesquisa, sem os quais não seria possível compreender os ensinamentos desse solo sagrado que é o quilombo, como: Francisca Belísia da Silva, José Pereira de Lima Irmão, Severina Maria da Silva, Edite José da Silva e Olívia Josefa da Silva (em memória);

Aos professores da Escola Firmo Santino, participantes desta pesquisa: Ana Paula Herculano Lopes, Diocélio Otílio Bezerra, Josiane Brito do Nascimento e Sousa, Josefa de Lourdes de Sousa Oliveira e Silva, Marta Andrade dos Santos;

A todos estes colaboradores: Elza Ursulino do Nascimento Silva, Josefa da Silva, Valdízia Maria Silva do Nascimento, Antônio do Nascimento de Oliveira (Totinha), Marinélia do Nascimento Santino, Severina Maria do Nascimento (Dona Nêga), Severina Luzia da Silva (Cida), Maria de Lourdes do Nascimento Germino, Maria das Neves do Nascimento (Neves de Ornila), José do Nascimento (Deda de Nêga), Gerlane Salvino e Vandileide da Silva Santos.

Enfim, gratidão é a palavra de ordem pela resistência nessa vitória alcançada!

“Ninguém nasce odiando uma pessoa pela cor da sua pele, por sua origem ou, ainda, por sua religião. Para odiar, as pessoas precisam aprender, e se são capazes de aprender a odiar, podem ser ensinadas a amar!”

Nelson Mandela

RESUMO

As práticas culturais que fazem parte da memória da Comunidade Caiana dos Crioulos são fundamentais para a formação educacional das crianças que vivem nesse território e dos docentes que atuam no espaço escolar da comunidade. Este trabalho tem como objetivo geral investigar como os saberes dos idosos da Comunidade Quilombola Caiana dos Crioulos, mediatizados pela memória, contribuem com a formação dos professores de Alagoa Grande – PB - e como a memória e os saberes da tradição local desenvolvem práticas educacionais que possibilitam a aprendizagem no contexto da Educação Escolar Quilombola. Trata-se de uma pesquisa qualitativa do tipo etnográfica, em interface com a pesquisa bibliográfica, com abordagem da história oral através da entrevista temática e da técnica da observação participante. Trabalhamos com o conceito de memória elaborado por Pollak (1992) e Halbwachs (1950), de educação étnico-racial e quilombola, sob os olhares de Gomes (2012), e de formação do professorado na perspectiva de Ibernón (2016) e Tardif (2000). Utilizamos como fonte as Diretrizes Curriculares para as Relações Étnico-raciais e as Diretrizes para a Educação Escolar Quilombola, que versam sobre o assunto. A pesquisa foi desenvolvida na Escola Municipal de Educação Infantil e Ensino Fundamental Firmo Santino da Silva, em Caiana dos Crioulos - Alagoa Grande – PB. Os sujeitos foram cinco professores dos anos iniciais do ensino fundamental da educação básica, do turno da manhã, e cinco idosos moradores da respectiva comunidade. Com base nos estudos realizados, consideramos que as memórias das pessoas idosas do quilombo são educativas, porque são saberes que possibilitam formar docentes para uma prática educacional que dialogue com os conhecimentos escolares e com os saberes da comunidade. Durante todo o trajeto, as discussões ascenderam para a realização de oficinas pedagógicas temáticas, que resultaram na elaboração de um produto educacional, um Caderno Pedagógico que visa contribuir com a educação escolar na comunidade através de ações pedagógicas desenvolvidas com docentes.

Palavras-chave: Educação Escolar Quilombola. Memória. Saberes. Formação docente.

ABSTRACT

The cultural practices that are part of the memory of the Caiana dos Crioulos Community are fundamental for the educational formation of the children who live in this territory and the teachers who work in the community's school space. This work aims to investigate how the knowledge of the elderly in the Caiana dos Crioulos Quilombola Community, mediated by memory, contributes to the training of teachers in Alagoa Grande - PB - and how memory and local tradition knowledge develop educational practices that enable learning in the context of Quilombola School Education. It is a qualitative research of the ethnographic type, in interface with the bibliographical research, with an approach to oral history through thematic interview and the technique of participant observation. We work with the concept of memory elaborated by Pollak (1992) and Halbwachs (1950), ethnic-racial and quilombola education, from the perspective of Gomes (2012), and teacher education from the perspective of Ibernón (2016) and Tardif (2000). We used as a source the Curriculum Guidelines for Ethnic-Racial Relations and the Guidelines for Quilombola School Education, which deal with the subject. The research was developed at the Firmo Santino da Silva Municipal School of Early Childhood Education and Elementary Education, in Caiana dos Crioulos - Alagoa Grande - PB. The subjects were five teachers from the early years of basic education, in the morning shift, and five elderly residents of the respective community. Based on the studies carried out, we consider that the memories of the elderly in the quilombo are educational, because they are knowledge that enables the formation of teachers for an educational practice that dialogues with school knowledge and community knowledge. Throughout the journey, discussions ascended to the realization of thematic pedagogical workshops, which resulted in the development of an educational product, a Pedagogical Notebook that aims to contribute to school education in the community through pedagogical actions developed with teachers.

Keywords: Quilombola School Education. Memory. Knowledge. Teacher training.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1: Vista aérea de Caiana dos Crioulos.....	14
Figura 2: Francisca Belísia da Silva.....	36
Figura 3: José Pereira de Lima Irmão.....	37
Figura 4: Severina Maria da Silva.....	37
Figura 5: Edite José da Silva.....	38
Figura 6: Edite José da Silva.....	39
Figura 7: Mapa do trajeto para a Comunidade Caiana dos Crioulos.....	45
Figura 8: Vista aérea da comunidade.....	50
Figura 9: Vista da Rua Dom Aquino Correia, 185, Bairro Guaratiba, município de Santa Cruz/RJ.....	53
Figura 10: Escola Firmo Santino da Silva.....	54
Figura 11: Capela de Santa Luzia.....	70
Figura 12: Assembleia de Deus.....	70
Figura 13: Local onde eram desenvolvidos cultos afro-brasileiros.....	71
Figura 14: Oratório da casa de Dona Ornila.....	72
Figura 15: Oratório da casa de Dona Nêga.....	73
Figura 16: Batizado de Maria Julia (criança, padrinhos e família da comunidade).....	78
Figura 17: Orelhão da comunidade.....	81
Figura 18: Pais da noiva abençoando-a em sua casa depois do matrimônio na igreja.....	84
Figura 19: Casamento em Caiana dos Crioulos - Chegada dos noivos ao local da festa.....	86
Figura 20: Evento 'Vivenciando Caiana dos Crioulos.....	92
Figura 21: Apresentação cultural no 'Vivenciando Caiana'.....	93
Figura 22: Apresentação do grupo de capoeira Badauê da comunidade.....	94
Figura 23: Grupo de dança afro 'Cor da Terra'.....	95
Figura 24: Fachada do Museu Quilombola.....	95
Figura 25: Objetos antigos dos moradores da comunidade.....	96
Figura 26: Fachada da casa de farinha de Caiana dos Crioulos.....	96
Figura 27: Tiragem de goma na casa de farinha.....	97
Figura 28: Visitantes no luau conhecendo como é feita a farinhada.....	98
Figura 29: Conga do 'Vivenciando Caiana dos Crioulos'.....	98
Figura 30: Restaurante Rita de Chicó.....	99
Figura 31: Imagem interna do Restaurante Rita de Chicó.....	100

Figura 32: Um dos momentos coletivos de alimentação antes do Restaurante Rita de Chicó.....	100
Figura 33: Raspagem de mandioca na casa de farinha.....	102
Figura 34: Escrituras rupestres na Pedra do Reino Encantado.....	103
Figura 35: Visitantes no Reino Encantado.....	104
Figura 36: Momento da primeira oficina.....	147
Figura 37: Momentos da primeira oficina.....	148
Figura 38: Chá da tarde da primeira oficina.....	149
Figura 39: Lembrancinhas dos idosos na primeira oficina.....	150
Figura 40: Mestre Edite José da Silva - Momento da primeira oficina.....	150
Figura 41: Dona Severina da Silva com sua lembrancinha.....	151
Figura 42: Exposição e apresentação da oficina 2	153
Figura 43: Momentos da oficina.....	155
Figura 44: Momentos da oficina.....	156
Figura 45: Momentos da oficina.....	157

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Dados de identificação de Francisca Belísia da Silva.....	36
Tabela 2: Dados de identificação de José Pereira de Lima Irmão.....	36
Tabela 3: Dados de identificação de Severina Maria da Silva.....	37
Tabela 4: Dados de identificação de Edite José da Silva.....	38
Tabela 5: Dados de identificação de Olívia Josefa da Silva.....	39
Tabela 6: Dados de identificação de Diocélio Otílio Bezerra.....	40
Tabela 7: Dados de identificação de Josefa de Lourdes de Sousa Oliveira e Silva.....	40
Tabela 8: Dados de identificação de Josiane Brito do Nascimento e Sousa.....	41
Tabela 9: Dados de identificação de Marta Andrade dos Santos.....	41
Tabela 10: Dados de identificação de Ana Paula Herculano Lopes.....	41

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	14
2 COMPONDO PAISAGENS E CAMINHOS NO DESENHO DA PESQUISA	27
2.1 Itinerários da Memória Quilombola	27
2.2 Abordagem da Pesquisa	33
2.3 Colaboradores da Pesquisa	34
2.3.1 Pessoas da Comunidade.....	35
2.3.2 Professores da escola	39
2.4 Fontes e Itinerários para a pesquisa	42
2.5 <i>Lócus</i> da Pesquisa: Caiana dos Crioulos - Escola Firmo Santino	45
3 MEMÓRIAS, SABERES E TRADIÇÃO EM CAIANA DOS CRIoulos	58
3.1 Narrativas de Memórias e Saberes das Experiências: Escuta Sensível	58
3.2 Viver Caiana: Rituais e Festividades nas Experiências dos Caianenses.....	68
3.3 Do Reino Encantado Ao Vivenciando Caiana: Têxtilidades Culturais Nas Práticas Comunitárias.....	87
4 MODOS DE EDUCAR E FORMAS DE APRENDER: A FORMAÇÃO DE PROFESSORES E A EDUCAÇÃO ESCOLAR QUILOMBOLA.....	107
4.1 Formação de Professores e Abordagens Étnico-Raciais	107
4.2 A Educação Quilombola e a Formação Docente: Saberes da Tradição Quilombola no Contexto Escolarizado	117
5 EDUCANDO E FORMANDO SOBRE OS SABERES E AS TRADIÇÕES EM CAIANA DOS CRIoulos	128
5.1 Saberes da Tradição na Educação Escolar Quilombola	128
5.2 O Produto apresentado	158
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	259
REFERÊNCIAS	263
APÊNDICE A – ROTEIRO DE ENTREVISTA (Professor)	272

APÊNDICE B – ROTEIRO DE ENTREVISTA (Participante da Comunidade).....	274
ANEXO A – PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP	277
ANEXO B – DECLARAÇÃO DE CONCORDANCIA DA ORIENTADORA	281
ANEXO C – TERMO DE AUTORIZAÇÃO DA SECRETARIA DE EDUCAÇÃO DE ALAGOA GRANDE/PB.....	282
ANEXO D – DECLARAÇÃO DE CONSENTIMENTO DO GESTOR DA ESCOLA FIRMO SANTINO DA SILVA.....	283
ANEXO E- TERMO DE COMPROMISSO DO PESQUISADOR.....	284
ANEXO F- TERMOS DOS SUJEITOS DA PESQUISA.....	285

1 INTRODUÇÃO

Figura 1: Vista aérea de Caiana dos Crioulos



Fonte: Palmari - 2018

*Um lugar lindo contagiante;
Chega dá gosto estar;
Suas paisagens radiantes;
É gostoso apreciar.*

*Vem dos seus antepassados;
Com histórias a contar;
O povo que aqui viveu;
Tinha muito a nos falar.*

*Mas, o que aqui estão;
Posso até vir recitar;
O que temos é gratidão;
Das memórias a revelar.*

*Comunidade quilombola;
Do município de Alagoa Grande;
Fica na Zona Rural;
Do estado da Paraíba;
Um Patrimônio Cultural
(LUCIENE TAVARES)*

Partindo da epígrafe acima relacionada à Comunidade Quilombola Caiana dos Crioulos, é que começo este texto refletindo sobre ela, seu povo, a luta, os desafios e as conquistas, para mostrar que a história desse povo é importante na educação, sobretudo, quando se pensa nas práticas educativas de sala de aula que visam contextualizar a comunidade no saber-fazer docente.

O poema mostra um pouco da história da comunidade e os saberes que fazem parte desse povo e seu território. Ao escrever esse poema, pude expressar, em cada um de seus versos, como me sinto pertencente a esse território, que traz minha ancestralidade. Essa poesia faz parte da minha história de vida, de minhas pertencas étnicas e territoriais, que possibilitam pensar na comunidade, nos saberes e nas vivências.

A memória da Comunidade Caiana de Crioulos, no município de Alagoa Grande -PB, construída com base no conhecimento de pessoas idosas da comunidade, consiste em um conjunto de repertório de saberes importantes que devem ser incluídos na educação escolar quilombola, por meio da prática docente, pois consideramos que esses saberes são educativos, porque são vivenciados pelas pessoas desse território e fazem parte da vida de cada indivíduo, como cada um se relaciona consigo mesmo e com a sociedade em geral.

As práticas culturais, formas de ver o mundo, que perpassam intergeracionalmente as pessoas da comunidade, são vistas neste trabalho como saberes formativos e educativos, porque fazem parte da construção identitária das crianças desde cedo, como um processo para afirmar sua identidade negra e quilombola. Quando esses conhecimentos são compreendidos como formativos, os professores da Escola Firmo Santino, em suas práticas cotidianas de sala de aula, podem incluí-los no currículo praticado, pois, mesmo que a escola esteja na comunidade, ela precisa estar inserida no ambiente escolar para que haja uma troca de saberes. Essa interação é importante, porque, da mesma forma como os conhecimentos escolares chegam à casa das crianças, os saberes da comunidade devem adentrar os portões da escola, pois são conhecimentos valiosos que fazem parte das narrativas dessas crianças.

Esse processo é constatado na ação pedagógica dos professores e na inclusão de temas étnico-raciais e quilombolas no currículo escolar. O povo negro e quilombola de Caiana dos Crioulos tem conhecimentos, saberes, história e cultura, portanto educam, através de suas expressões culturais e das práticas que desenvolvem na comunidade cotidianamente, porquanto os conhecimentos são oriundos de suas ancestralidades.

Minha escolha por pesquisar sobre a proposta de educação relacionada às memórias da Comunidade Quilombola Caiana dos Crioulos foi por compreender que as histórias que compõem o repertório narrativo das pessoas da comunidade, em

específico, das pessoas idosas que no lugar habitam, contribuem para o fazer docente de professoras e professores que atuam na escola da comunidade e propiciam a construção identitária das crianças caianenses que estudam na escola da comunidade.

Meu lugar de fala, como mulher negra e professora, que nasceu nesse quilombo, é de uma pessoa inquieta e que, observando a escola e a educação quilombola em minha comunidade, vi que os professores desconheciam os saberes da comunidade. Por essa razão, escolhi trabalhar com a memória das pessoas idosas e suas histórias sobre a comunidade e os saberes sobre Caiana.

Foi escutando as pessoas idosas e o que elas sabem sobre a comunidade que compreendemos ser importante ressaltar, neste estudo, o potencial educativo desses saberes, para mostrar que é possível empreender outra forma de educar na escola da comunidade que contribua para formar professores e educandos que fazem parte da escola.

Eu nasci e me criei na Comunidade Caiana dos Crioulos e tive uma infância maravilhosa nesse lugar, apesar das condições de minha família que não eram boas na época. Fui gerada para ser doada, já que não fui criada por meus pais biológicos, pois o sonho da madrasta da minha mãe era ter uma filha, mas ela já havia tido três abortos e não conseguia engravidar. Então, minha mãe biológica engravidou de mim e deu-me para o pai e a madrasta, com a condição de que eu pudesse conhecer minha história, pois meu avô ficou viúvo muito novo, no auge dos 50 anos, e minha avó faleceu e deixou nove filhos - uma “escadinha” de crianças e adolescentes.

Ele casou-se novamente com uma moça 20 anos, mais nova do que ele, e enfrentou preconceitos, pois quebrou padrões da comunidade ao ser o primeiro negro da família que se casou com uma mulher branca, e ela que, levou para sua família um homem negro, teve que ouvir de seus familiares que “sujou” a família por casar com um homem de cor. Esses eram os termos que as pessoas da cidade usavam para se referir às pessoas negras. Ela sonhava em ter uma menina, porém sofreu três abortos, pois não conseguia “segurar”, como diziam na época. Minha mãe biológica, que já tinha seis filhos, vendo tudo aquilo que eles estavam passando falou para o pai que, se engravidasse novamente e fosse uma menina, daria para eles, porém eu teria que conhecer toda a minha história.

Desde criança, eu soube que tinha dois pais e duas mães. Frequentava a casa dos meus pais biológicos, brincava com meus irmãos, mas, todas as vezes em que o

sol estava baixando, eu sabia que tinha que voltar para casa e que minha casa era a outra. Foi assim até os sete anos de idade, quando, em busca de trabalho, meus pais tiveram que partir para a Região Norte, mais precisamente, para o estado de Rondônia, porque, para eles, naquela época, viver na comunidade não estava dando para prover o sustento da família.

Fui educada por meu avô e pela madrasta da minha mãe, aos quais chamo de pai e mãe. Fui uma criança muito ousada, daquelas que dizem “ser para frente”, pois eu gostava de participar das rodas de diálogos e dos debates que aconteciam na comunidade. Desde bem criança, escutava minha mãe falar que comigo queria que fosse diferente, que não queria que eu fosse para a roça e que não me colocaria para trabalhar no roçado, mas que fosse uma criança que focasse nos estudos. Quando nasci, todos os meus tios já haviam se casado. Então, na casa, só éramos meu pai, minha mãe e eu.

Presenciava minhas primas irem à escola e chorava querendo fazer o mesmo. Minha mãe até tentou me colocar como ouvinte, mas sem êxito, porque não havia educação infantil na comunidade na época e só podia ser matriculada depois dos sete anos de idade completo. Assim, aos sete anos de idade, fui para a escola pela primeira vez, feliz da vida. Minha primeira professora foi uma moça da comunidade, mas somente por uma semana, porquanto houve o concurso público do município, e todos os professores passaram a ser da cidade. Até chegarem os novos, ficamos vários dias sem aula.

Quando chovia, era outro caos, pois, no inverno, não havia aula porque os professores não conseguiam chegar até o quilombo por causa da lama na estrada, que interrompia a vida dos moradores para irem até a cidade e das pessoas que vinham da cidade para o quilombo. Porém só o fato de estar na escola me deixava tão feliz que, às vezes, até me esquecia dos momentos difíceis que vivíamos ali.

Como não tínhamos um prédio fixo onde funcionasse a escola, alugavam-se as salas das casas dos moradores, as poucas que haviam de alvenaria, para serem espaços de sala de aula. Quando não eram suficientes para a demanda de alunos, as demais turmas funcionavam embaixo das árvores. Eu estudei embaixo de uma mangueira. Era tudo muito difícil, porque, sempre que chovia, tínhamos que colocar os bancos de madeira pesados e nossos materiais na cabeça e sair em busca de amparo embaixo da calha do telhado de duas casas vizinhas à mangueira.

Costumo dizer que a docência veio fazer parte de minha vida desde muito cedo, porque, até nas brincadeiras em casa, com meus primos e colegas, eu já era a professora. Como mencionei anteriormente, as condições financeiras naquele tempo não eram como hoje em dia. Só usávamos o material escolar na escola; em casa, era apenas para fazer as tarefas necessárias.

Quando brincávamos de escolinha, usávamos as folhas das bananeiras do quintal de casa como caderno, e nossos lápis eram feitos do caule do marmeleiro. Meu pai sabia ler e escrever, minha mãe não era alfabetizada, mas, todos os dias, ao chegar em casa, ela perguntava: “Hoje tem dever de casa? Se tiver, vá fazer”.

Eu me preocupava muito em prestar bastante atenção nas explicações das professoras que passaram por mim, durante minha vida educacional, principalmente nos anos iniciais do ensino fundamental, porque, em casa, não tinha quem me ajudasse a responder as tarefas, já que meu pai vivia no roçado, e minha mãe não sabia me ensinar, porque não era alfabetizada, portanto não sabia ler nem escrever.

Lembro-me que, dificilmente, terminávamos o ano com o/a mesmo/a professor/a, porque todos os professores eram da cidade ou de municípios circunvizinhos que vinham através dos concursos públicos. E como a comunidade era a mais distante do município e de difícil acesso, eles/as acabavam sendo reféns das políticas partidárias locais e eram enviados/as para os locais mais distantes, se fossem opositores do governo ou de outro município, o que entendíamos como uma espécie de castigo para eles, porque, naquela época, o poder público municipal não conhecia o território de Caiana nem os professores. Muitos desistiam ou eram transferidos na metade do ano letivo. Isso aconteceu durante muito tempo. Às vezes, passávamos por uns três, durante o mesmo ano letivo.

Segui meu percurso estudantil. Naquela época, só havia os anos iniciais do ensino fundamental na comunidade e não existia uma nomenclatura para o que chamamos hoje de altas habilidades ou superdotação (educandos que apresentam notáveis desempenhos e elevadas potencialidades nos aspectos de desenvolvimento da aprendizagem), existia, só não havia ainda essa nomenclatura para isso, o que aconteceu comigo, pelo menos na realidade em que estava inserida, pois, desde a alfabetização, eu estudava sempre uma série/ano a mais. A professora da minha turma dizia que eu e mais dois colegas sabíamos mais do que o restante, por isso deveríamos estudar com a professora do ano seguinte, porque, nas atividades desenvolvidas em sala de aula, compreendíamos e terminávamos rápido demais, e

isso acabava atrapalhando, porque sempre estávamos à frente dos demais alunos da sala.

No mês de junho, dificilmente tínhamos aula por causa das chuvas e da estrada que não dava acesso. Em um desses períodos, fui à capital do meu estado passar uma semana na casa da minha tia. Fui com uma prima assistir aula na escola dela. Fiquei encantada com a estrutura física da escola. Era a primeira vez que eu entrava em uma escola que tinha uma sala ao lado da outra. Era outro mundo, que não pertencia à realidade que eu vivia.

Apesar de ser criança, já percebia que talvez nunca tivesse uma escola daquela, pois a vida em um quilombo era precária, distante da realidade da cidade. Porém não custava nada sonhar. Meus pais me disseram que havia um terreno na Comunidade que o governo tinha comprado para construir uma escola, fazia tempo, mas nunca iniciava a construção.

A comunidade sonhava e lutava para melhorar a vida. Uma das principais pautas em questão era a construção de uma escola digna para as crianças e os jovens daquele local. Para atender a essa demanda, em 2001, o novo gestor municipal, que acabara de entrar para a administração do município, o Senhor Hildon Régis Navarro Filho, mais conhecido popularmente como Bôda, teve a iniciativa de atender ao pedido da comunidade relacionado à educação local: construir uma escola, para que as crianças daquele lugar estudassem em um espaço digno e com condições adequadas. Foi assim que nasceu a Escola Firmo Santino da Silva, construída em três meses de seu governo. Vi cada tijolinho sendo sentado. Eu estava no final da antiga 4ª série, atualmente 5º. Ano do Ensino Fundamental I, quando isso ocorreu, e meu coração transbordou de alegria. Lembro-me de como era gostoso estudar e correr em seus corredores com meus colegas.

Como era bom sentir aquele cheiro de escola nova, que tinha uma salinha ao lado da outra, a única da comunidade. Eu estava imensamente feliz por ser uma criança que estava tendo seus direitos efetivados, o que, para muitos, podia ser pouco, mas, para nós, crianças quilombolas, tinha um significado imenso. A escola recebeu o nome de Firmo Santino da Silva, uma homenagem a um dos maiores líderes do Quilombo e o mestre da Bandinha de Pífano, que levou o nome da Comunidade Brasil afora.

Muitas pessoas da comunidade só podiam estudar até o final dos anos iniciais do ensino fundamental, porque, a partir daí, precisavam se deslocar para as escolas

da cidade, porquanto a da comunidade não oferecia os anos finais do ensino fundamental, e elas acabavam desistindo. Um porque precisavam trabalhar no roçado para ajudar os pais, que não permitiam que os filhos saíssem, porque precisavam de sua ajuda para alimentar a família; outros, por verem como era difícil se deslocar da comunidade para estudar na cidade. Na maioria das vezes, principalmente em épocas de chuva, andava-se praticamente uns 10 km a pé. Eu sempre sonhei em continuar. Diferentemente de muitos dos meus colegas, tive o que posso chamar de uma vantagem social, porque meus pais não me colocaram para cuidar do roçado como eles, e eu tinha tempo livre para estudar e curtir minha infância.

No ano seguinte, a Firmo Santino foi ampliada e passou a oferecer da Educação Infantil ao Ensino Fundamental, possibilitando que crianças e jovens da comunidade não precisassem ir à cidade para concluir o Ensino Fundamental. Depois de concluir meu tempo escolar na Escola Firmo Santino, fui cursar o Magistério na Escola Normal Oswaldo Tragueiro de Albuquerque Mello em Alagoa Grande – Paraíba. Tudo o que aprendi nessa instituição foi válido para minha vida. Mas foi lá também que senti o preconceito em relação à cor da minha pele. Até então, eu não sabia o que era isso na sala de aula da escola quilombola, porque, no quilombo, isso não acontece, pois todos convivem em harmonia e respeitam as diferenças.

Quando concluí o Curso Normal, tive o privilégio de voltar para a Escola Firmo Santino como professora. Para mim, foi gratificante fazer parte do corpo docente da escola cuja construção presenciei, onde estudei e tive objetivos concretizados com meus colegas. Corri em seus corredores brincando, e estava ali, agora, fazendo parte do seu corpo docente, em busca de novos objetivos e trabalhando em prol de toda uma comunidade. Tudo isso só veio somar em minha vida, aprendi muito na/com a Firmo Santino, foi uma troca de saberes tanto na experiência em sala de aula com os alunos quanto com os colegas professores e toda a equipe.

Todo o aprendizado só me fortaleceu como mulher, negra e quilombola, porquanto eu estava muito feliz por poder contribuir com meus alunos e com a escola em todos os aspectos, mas, principalmente, nas questões étnico-raciais e quilombolas, além de ser uma representatividade para as crianças, pois era a única professora quilombola da comunidade que trabalhava naquele local.

Posteriormente, no ano de 2017, passei a ser gestora da instituição, e toda a trajetória que havia sido construída e os sonhos que, como comunidade, sonhávamos juntos estavam cada vez mais se concretizando, como os projetos em que se

trabalham a valorização cultural da comunidade e a construção identitária das crianças quilombolas. Foi muito gratificante poder desenvolver esse trabalho coletivamente na Firmo Santino. Um suporte eficaz no desenvolvimento desses projetos na escola foi seu PPP, porque, com base no que estava posto nele, conseguimos desenvolver práticas educativas que contemplassem os saberes locais em interface com o saber escolar.

A partir daí, minha história educacional e de vida modificou-se, e não é à toa que este trabalho é voltado para “meu berço” estudantil e de vida, pois, enquanto viver, lutarei por minha comunidade. A relação e a aproximação com esse tema começaram exatamente daí, por ter nascido e me criado na comunidade e saber que a vida estudantil no quilombo é muito difícil, devido à falta de oportunidades e às dificuldades.

Ao compor o corpo docente da escola, desenvolvi, junto com meus colegas, um trabalho voltado para as relações étnico-raciais, que contemplou as especificidades da comunidade, pois um dos maiores entraves que ela mencionava relacionado à educação era que os profissionais da instituição vinham de fora e não desenvolviam atividades que ressaltavam os conhecimentos da comunidade e os saberes locais, enfatizando a realidade social dos alunos que frequentavam a instituição.

Quando me envolvi nos movimentos sociais, como membro da Organização de Mulheres Negras de Caiana (OMNC), que tem como umas de suas parcerias, nas questões formativas e sociais, a Organização não Governamental Bamidelê (Organização de Mulheres Negras na Paraíba), e a CUNHÃ (Coletivo Feminista), pude compreender minha descendência e ancestralidade a partir do aprendizado das políticas públicas de reparação e inclusão, dos direitos da população negra e da construção da identidade negra e quilombola.

A militância me fez perceber as possibilidades, nossos direitos e deveres como pessoas e população negra e quilombola, o que nos possibilitou perceber o lugar de fala e compreender que tudo isso também pode ser articulado no ambiente escolar, o que é necessário para que as próximas gerações não passem pelo que havíamos passado.

O que nos levou a pesquisar sobre essa proposta das memórias e dos saberes da tradição quilombola, na perspectiva da formação docente e da Educação Escolar Quilombola foi que, ao retornar para a Escola Firmo Santino para compor seu corpo docente, percebi a importância de desenvolver um trabalho voltado para a cultura da população que ali estava presente, para que seus educandos se sentissem inseridos

e se identificassem com um conhecimento que faz parte do contexto de sua vida por meio da escola.

Um aspecto que marcou muito minha infância foi a falta de discussões sobre os saberes da comunidade nas práticas educacionais do ambiente escolar, que eu sabia que poderia estar presente, já que vivenciávamos cotidianamente, na comunidade, com nossos familiares e não estava na escola. Nossa cultura estava no sangue, mas, ao adentrar a escola, era como se estivesse ficado fora do portão, e a sala de aula fosse outro mundo, em que precisávamos esquecer o que era vivenciado em casa.

Partindo dessas perspectivas, determinamos como objetivo geral deste trabalho investigar, como os saberes dos idosos da Comunidade Quilombola Caiana dos Crioulos, mediatizados pela memória, contribuem com a formação dos professores de Alagoa Grande – PB - e como a memória e os saberes da tradição local desenvolvem práticas educacionais que possibilitam a aprendizagem no contexto da Educação Escolar Quilombola.

Como objetivos específicos, propusemos: identificar como os conhecimentos de pessoas idosas acerca dos saberes da tradição em Caiana dos Crioulos possibilitam desenvolver práticas educativas na educação escolar; discutir sobre a formação docente e a Educação Escolar Quilombola no Ensino Fundamental I e os desafios dessa educação no contexto da Comunidade Quilombola Caiana dos Crioulos; mostrar que os saberes da tradição de Caiana dos Crioulos fazem parte da memória social desse quilombo e que possibilitam a culminância de práticas educativas na educação escolar por meio do trabalho docente; elaborar um Caderno Pedagógico Temático de orientação escolar a partir de oficinas pedagógicas realizadas com docentes da Escola Firmo Santino da Silva para enfatizar a memória dos saberes e fazeres da tradição da comunidade.

É preciso levar em consideração, além das especificidades dos povos, os conteúdos que devem ser ministrados pelos professores em sala de aula, que merecem uma atenção especial no trato com a diversidade e sua contribuição para a formação social, cultural e econômica dessa população.

No contexto social, as comunidades quilombolas vêm ganhando cada vez mais visibilidade e importância no cenário nacional, tanto nas academias, quanto na imprensa e em vários setores. Algumas ações foram criadas para tratar das especificidades dos direitos relativos a esse segmento populacional, como as

Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-brasileira e Africana, estabelecidas pela Lei 10.639 de 2003, o Estatuto da Igualdade Racial de 2010, e as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola – 2012. Esta última foi um marco que veio para assegurar uma educação diferenciada e específica para essas comunidades.

Assim, propusemos responder os seguintes questionamentos: De que modo a memória e os saberes de pessoas idosas e da comunidade que fazem parte da tradição da comunidade quilombola Caiana dos Crioulos contribuem para ressignificar as práticas educativas escolares e possibilitam modos de aprender e de ensinar? Como os saberes dos povos dessa comunidade contribuem para o contexto escolarizado e a formação educativa da criança quilombola viabilizados na prática docente?

Foi com esse olhar que objetivei fazer um estudo que versasse sobre os saberes de gerações que nos antecederam na Comunidade Caiana dos Crioulos e que esses conhecimentos fossem contemplados na escola, pois, quando uma criança ou adolescente da comunidade está na escola, representa uma família da comunidade e o repertório de saberes que essa família comporta.

Esse interesse aumentou mais ainda quando ingressei no 'Curso de Extensão Cidãncias e Identidades Negras nas Escolas: os conteúdos de história e cultura afro-brasileira e africana na sala de aula', que a Universidade Estadual da Paraíba, sob a coordenação do Prof. Dr. Waldeci Ferreira Chagas, juntamente com a Secretaria de Educação Municipal, ofereceu aos professores e professoras do município, sobretudo, os que atuavam em comunidades, como a de Caiana dos Crioulos. Esse curso foi fundamental para nossa prática docente.

A Comunidade Caiana dos Crioulos é riquíssima em manifestações culturais. Seus contos e cantos, que fazem parte de suas tradições orais, precisam ter visibilidade na sala de aula, para que os alunos tenham direito de conhecer a própria história através da educação escolar. Compreendemos que as tradições orais vindas dos ancestrais que moravam no quilombo trazem uma grande contribuição para a educação escolar, pois, quando as crianças saem de suas moradias, levam para a sala de aula uma quantidade enorme de conhecimentos prévios, vividos com seus familiares e na sociedade, no contexto em que se encontra inserida.

Esses aspectos supramencionados foram determinantes para minha escolha por trabalhar as memórias e os saberes quilombolas a partir de minhas experiências de vida como uma mulher negra, quilombola e professora, que se preocupa com a formação educacional e identitária das crianças de sua comunidade, e por perceber que o trabalho com as memórias de pessoas idosas de Caiana do Crioulos é fundamental para se trabalhar a identidade quilombola dessas crianças e valorizar sua cultura no ambiente escolar.

Quando estamos trabalhando essas memórias, revivemos nossas histórias e nossas identidades e trazemo-las para o momento presente. As memórias do quilombo precisam ser registradas para fazerem parte da história escrita, na perspectiva de que, por meio do registro oral e do escrito, as próximas gerações possam compreender suas origens através do ambiente escolarizado, já que essas memórias poderão ser esquecidas se as pessoas ou os grupos que as guardam não estiverem mais presentes nesse plano terrestre. Isso se justifica porque a história só pode existir se houver essas memórias.

Ao trazer as memórias de um território quilombola, transformamo-lo em um espaço sempre vivo, permanentemente em desenvolvimento e aberto ao diálogo com suas lembranças. E quando as documentamos e/ou escrevemos, contribuímos para que fiquem registradas e não aconteça o mesmo com nossas ancestralidades africanas - a história do povo negro, que foi apagada e silenciada na historiografia do Brasil.

Como mulher quilombola e de Caiana dos Crioulos, continuo resistindo tenazmente por formas de sobreviver, valorizando nossa cultura e experiências de vida desde os antepassados. E para tratar da escolaridade em territórios quilombolas, é preciso levar em conta suas especificidades, porque a escola, como participante da formação das crianças como cidadãos, os saberes da comunidade precisam fazer parte do seu cotidiano e ser passada pelos professores em sala de aula para seus alunos.

A escola precisa ter o cuidado de contribuir com a construção identitária das crianças, para que as novas gerações não passem pelo mesmo que passamos no ambiente escolar, porquanto não víamos nossa história ser contada, nossas trajetórias de lutas não constavam no ambiente escolarizado, e essa falta de informação em um ambiente formativo levou muitos negros e quilombolas a não se reconhecerem como tal, pois a identidade negra e quilombola é um processo de construção, e para que

isso ocorra, é necessário desconstruir muitos estereótipos dirigidos aos negros e as negras quilombolas.

Para que essa aprendizagem seja eficaz, a escola deve estar diretamente articulada com a comunidade em que está inserida. Por meio das memórias dos idosos, abre-se um leque de possibilidades para esse trabalho coletivo. O trabalho com a memória de pessoas idosas da comunidade nos possibilita compreender a ideia que concebem de território, dos modos de viver, as vivências, as resistências, as manifestações culturais e as formas como sobrevive a Comunidade de Caiana, o que contribui para um ambiente escolarizado.

Acreditamos que, se os docentes da escola trabalharem conteúdos sobre a comunidade a partir dos saberes nela produzidos, em seus planejamentos e práticas educativas, a escola estará exercendo seu real papel como instituição formadora de indivíduos que contribui para desconstruir preconceitos trabalhando pela valorização da diversidade, porque o que aprendemos sobre nossas origens e a construção da identidade negra e quilombola em Caiana dos Crioulos foi nos encontros e nas conversas entre famílias e com os movimentos sociais presentes na comunidade, como é o caso da Bamidelê (Organização de Mulheres Negras na Paraíba), pois, na escola, esses assuntos não eram tratados.

Esperamos que a escola possa fazer seu papel de desenvolver um trabalho para continuar com essa trajetória de forma diferente e ser mais uma parceira para somar nessa construção. Com as memórias de pessoas idosas e da comunidade, no contexto da Educação Escolar Quilombola, esse desenvolvimento é possível. Essas observações nos fazem perceber que é necessário trazer essas discussões para o contexto escolarizado.

Esta pesquisa contribui com os estudos relativos à formação de professores, por valorizar a diversidade e ser voltado para as memórias de um território quilombola, a partir de sua realidade e vem somar seu fazer pedagógico e suas práticas educativas, pois são saberes que precisam ser valorizados porque fazem parte da ancestralidade desse povo.

Para o desenvolvimento desta pesquisa, estabelecemos alguns diálogos como ponto de partida, no que tange à formação continuada de professores, articulada às questões étnico-raciais na perspectiva da educação quilombola, em interface com os estudos de memória e saberes da tradição. Na discussão, apresentamos os conceitos que ampararam este estudo e dialogamos com Pollak (1992), que traz o

conceito de memória; Gomes (2012), Carril (2017), Ibernón (2016), Tardif (2014) e Santos (2018), que tratam da formação docente, e alguns documentos oficiais que versam sobre as relações étnico-raciais e a Educação Escolar Quilombola no Brasil, como as Diretrizes Nacionais para a Educação Escolar Quilombola (DCNs), a Lei 10.639/2003, entre outros.

Sob o ponto de vista metodológico, trata-se de uma pesquisa qualitativa de natureza etnográfica, por meio da qual se visou compreender as vivências, as manifestações culturais e os saberes dos povos da Comunidade Caiana dos Crioulos, na perspectiva de trabalhar suas memórias e seus saberes no ambiente escolar.

A pesquisa foi realizada na Escola Municipal de Educação Infantil e Ensino Fundamental Firmo Santino da Silva, localizada na Comunidade Quilombola Caiana dos Crioulos, zona rural do município de Alagoa Grande-PB. A escolha por essa escola se deveu ao fato de pertencer ao quilombo e por ter composto o corpo docente da instituição durante oito anos e perceber que as memórias e os saberes da tradição dos quilombolas de Caiana dos Crioulos não estão inseridas no currículo da escola nem nos conteúdos propostos pelos professores. E como se trata de uma escola quilombola, nossa intenção foi de propor uma prática pedagógica que contribua para inserir esses conteúdos e com a educação escolar das crianças e fazê-las se sentir inseridas no ambiente escolar, valorizadas pelos professores e por toda a escola.

Participaram da pesquisa cinco professores dos anos iniciais do ensino fundamental do turno da manhã da Escola Municipal de Educação Infantil e Ensino Fundamental Firmo Santino da Silva, e cinco idosos da comunidade. Para a construção do discurso, foi utilizada a entrevista temática semiestruturada com os professores e idosos da comunidade local, que se dispuseram a participar da pesquisa, e com outros moradores, com os quais tivemos conversas informais, porque nos possibilitaram compreender o objeto de estudo.

Este trabalho foi organizado em quatro capítulos. No primeiro, elaboramos um desenho metodológico da pesquisa; no segundo, dialogamos acerca das memórias, dos saberes e das tradições em Caiana dos Crioulos, a partir de memórias de pessoas da comunidade; no terceiro, apresentamos uma abordagem sobre a formação de professores e a Educação Escolar Quilombola: modos de educar, formas de aprender; e no quarto, apresentamos as experiências educativas de formação com as professoras, por meio de oficinas temáticas, e a elaboração do produto educacional proposto, o caderno pedagógico temático.

2 COMPONDO PAISAGENS E CAMINHOS NO DESENHO DA PESQUISA

Neste capítulo, apresentamos o percurso metodológico da pesquisa, as informações acerca da realização dos participantes, as fontes e os itinerários que percorremos para coletar os dados com os moradores da Comunidade de Caiana dos Crioulos que participaram da pesquisa.

2.1 Itinerários da memória quilombola

Nesta seção, trataremos uma discussão sobre a importância do trabalho relacionado às memórias quilombolas na formação dos professores no quilombo, a pesquisa em educação para a memória quilombola, para se refletir a respeito da formação de professores e como essas memórias entendidas por esses docentes podem contribuir com sua práxis educativa e para formar a identidade negra e quilombola de seus alunos em sala de aula.

A pesquisa acerca das memórias das pessoas idosas quilombolas na formação dos professores do Quilombo é de fundamental importância, pois poderá contribuir para a formação dos professores que atuam na escola e para as crianças darem continuidade à formação que foi adquirida com seus familiares e seu local de pertencimento, para que se sintam pertencentes ao ambiente escolarizado e para a escola valorizar os saberes das pessoas desse lugar, principalmente dos idosos.

A perspectiva de mundo das pessoas idosas do quilombo, como guardiões do conhecimento da comunidade, pela vivência e experiência que têm dentro dela contribui com os professores que atuam na Escola Firmo Santino da Silva, por apresentar reflexões sobre os conhecimentos da comunidade na escola e fazer com que esses docentes possam compreender esses saberes como valores históricos que contribuem para a formação educativa.

Acreditamos que, se os conhecimentos das pessoas idosas da comunidade forem incluídos no ambiente escolar e passados para as crianças, serão configurados como um valor educacional, pois a sabedoria e o conhecimento dessas pessoas são fundamentais para a formação educativa dos professores, que serão multiplicadores desses conhecimentos na escola.

Essa proposta traz uma perspectiva de currículo contextualizado, porque trabalha com base na realidade social da criança, considerando que essa valorização das memórias dos idosos da comunidade na formação continuada dos professores

pode impulsionar a construção de conhecimento escolar, para que os saberes que as pessoas têm sobre o lugar não fiquem só com elas, mas possam se multiplicar com as crianças da escola através dos professores.

A pesquisa em educação, na perspectiva de se trabalhar com as memórias dos idosos e suas histórias de vida na Comunidade Caiana dos Crioulos, é relevante para a formação continuada dos professores que atuam na escola da comunidade, para que, além de multiplicar esses conhecimentos adquiridos, possam propiciar um conhecimento novo, do ponto de vista da escola, pois são conhecimentos que já estão na comunidade porque todas as crianças já vivenciam isso com suas famílias.

A memória é uma força da subjetividade humana, por meio da qual é possível reviver o passado, seja ele bom ou ruim, doloroso ou não. A Comunidade Quilombola Caiana dos Crioulos busca, através da memória, a história dos seus antepassados, fazendo durar, nesse processo geracional, suas identidades culturais.

No quilombo, nas gerações passadas, poucas pessoas eram alfabetizadas, e todas as formas de organização eram construídas oralmente, por meio da memória coletiva. As atividades individuais e comunitárias eram desenvolvidas com a união das pessoas e organizadas nessas perspectivas, desde a formação de equipes para ajudar nas lavouras (plantações agrícolas) de outras famílias até as reuniões da Associação de Moradores.

Segundo Pollak (1992), nos elementos constitutivos da memória individual e coletiva, em primeiro lugar, estão os acontecimentos que são vividos pessoalmente e em segundo, os que o autor chama de “vividos por tabela”, que são os acontecimentos vividos pelo grupo ou pela coletividade a que o indivíduo se sente pertencer.

Se podemos dizer que, em todos os níveis, a memória é um fenômeno construído social e individualmente, quando se trata da memória herdada, podemos também dizer que há uma ligação fenômeno lógica muito estreita entre a memória e o sentimento de identidade. (POLLAK, 1992, p. 204).

Como podemos perceber no posicionamento do autor, por meio dessa memória, pode-se construir a identidade de uma pessoa. A memória pode nos acompanhar de forma tão significativa, tão intensa que gera um sentimento de pertencimento, porque está relacionada a momentos vividos em família, lugares e acontecimentos individuais ou coletivos que guardamos na lembrança.

Para Haerter (e col., 2017), esses lugares de memória são importantes, porque nos possibilitam revisar uma histografia e compreender como, nesse processo de

rememoração, esses grupos revisitam questões de pertencimento étnico. Tanto Pollak quanto Haerter e col. Falam da importância da memória como um sentimento de pertencimento de um indivíduo. Essa relação com as lembranças gera esse sentimento humano pertencente a um ser, a determinado lugar, seja em pensamento ou no lugar social, territorial. Trabalhar as memórias de Caiana dos Crioulos é importante para o campo da educação, sobretudo no tocante à educação para as relações étnico-raciais, porque essas memórias trazem as vivências do povo quilombola que não estão na escola, e quando os professores têm acesso a esses conhecimentos, podem levar para a sala de aula e trabalhar com os alunos, ao mesmo tempo em que traz para o currículo da escola um conhecimento que está ausente dele.

A memória da comunidade pode se tornar um campo de significações para a aprendizagem na educação quilombola. O ambiente escolarizado deve conhecer e valorizar esses conhecimentos, principalmente ao se tratar de um território tradicional onde esses saberes são considerados uma de suas riquezas.

Gondar (2016), ao se referir à memória social, enfatiza que não há uma definição para as memórias, uma vez que é um campo muito amplo, e que a memória é inexplicável, porque conceituar é dizer o que alguma coisa é, seja no presente, no passado ou no futuro. Porém a memória não se deixa aprimorar em uma forma fixa ou estável. Para a autora, a memória social é polissêmica e aberta a uma variedade de sistemas de signos que podem trazer para a memória muitos significados.

A memória social é habitualmente caracterizada como polissêmica. Essa polissemia pode ser entendida sob duas vertentes: de um lado, podemos admitir que a memória comporta diversas significações; de outro, que ela se abre a uma variedade de sistemas de signos. Tanto os signos simbólicos (palavras orais e escritas) quanto os signos icônicos (imagens desenhadas ou esculpidas), e mesmo os signos indiciais (marcas corporais, por exemplo), podem servir de suporte à construção de uma memória. E o privilégio conferido a cada um desses sistemas de signos por uma sociedade ou por uma disciplina é capaz de trazer à memória uma significação diversa. [...]Diremos, então, que o conceito de memória social é, além de polissêmico, transversal ou transdisciplinar. (GONDAR,2016, p.20).

Observando a polissemia e a transdisciplinaridade, no que se refere à memória, percebemos que ela está relacionada ao campo dos saberes e dos discursos, porém, quanto à prática, a memória social é um conceito eminentemente ético e político (GONDAR, 2016, p. 23). Refletir sobre as memórias de Caiana dos Crioulos que foram vivenciadas intergeracionalmente, de modo individual ou coletivo, por homens e

mulheres desse território, é propiciar mudanças através da educação escolar, dando visibilidade a esse povo.

O fazer de cada coletividade é importante, pois, mesmo entre as diversas comunidades quilombolas existentes em determinada região ou estado, existem especificidades que precisam ser consideradas, e a partir do trabalho com as memórias dos idosos locais, é possível perceber o que aconteceu, se esses acontecimentos tiveram continuidades, se houve mudanças e quais foram elas.

Em Caiana dos Crioulos, os laços sociais são muito fortes, e quando, na escola, as crianças perceberem que as histórias contadas por seus pais, avós e familiares estão sendo repassadas para eles por seus professores, isso será motivo de muita alegria, pois irão se sentir valorizados no ambiente escolar e pertencentes a ele. Os quilombolas sempre estiveram unidos na composição de seus grupos, que vêm sendo estudados por diversos campos, desde a Antropologia até a História, que buscam compreender as vivências e as formas de sobreviver desse coletivo. É como já dizia Leite (2003), citado por Matos e Eugênio (2018): “Falar de quilombos e dos quilombolas significa tratar de uma luta política e em construção”.

De acordo com Gondar (2008), nas sociedades sem escrita, a memória coletiva é um cantar mítico da tradição e obedece a três interesses: a idade coletiva do grupo, fundido nos mitos de origem; a idade dos heróis, relacionados às genealogias; e o saber técnico, transmitido por fórmulas práticas mescladas com a magia religiosa. No território quilombola, os *griots* são responsáveis pela preservação da cultura e da memória dos antepassados. Através da oralidade e da preservação, promovem a integração das coletividades. A diáspora não impediu que os negros lutassem por suas convicções mantidas na memória, como guardiões das histórias, das lutas e das glórias de seu povo.

O movimento negro e quilombola tem lutado constantemente por melhorias de condições de vida e em busca de efetivar seus direitos, acesso às políticas públicas e diversas formas de sobreviver. Devido a essas lutas, várias ações foram sendo criadas para a população quilombola. Em 12 de março do ano 2004, no governo do Presidente Luís Inácio Lula da Silva, foi lançado o Programa Brasil Quilombola, com o objetivo de consolidar os marcos da política de Estado para as áreas quilombolas. Três anos depois, em 20 de novembro de 2007, mês em que se comemora o Dia Nacional da Consciência Negra, por meio do decreto 6.261, foram criadas as ações que constituem a agenda social quilombola, implementadas por meio do Programa Brasil

Quilombola, as quais foram agrupadas em quatro eixos, que compreendem as ações voltadas para o acesso a terra; a infraestrutura e a qualidade de vida; a inclusão produtiva e o desenvolvimento local e os direitos e cidadania.

Desde o início da diáspora negra, partindo da África rumo à costa atlântica, o negro conviveu com as mais humilhantes situações, seja de inferioridade, de tratamento enquanto mercadoria, de invisibilidade e/ou tratado como animal nas lavouras, deixando para trás toda uma vida e sua própria história. A forma com que os africanos foram trazidos para o Brasil arrancados de sua terra constitui um dos crimes mais cruéis cometidos na história da humanidade. (MATOS E EUGÊNIO, 2018, p.4).

É importante compreender que o trabalho voltado para as memórias e para os saberes da tradição dos povos quilombolas é necessário nas práxis pedagógicas, pois o educador deve acreditar na capacidade que cada educando leva para o ambiente escolar e buscar suas potencialidades na produção do conhecimento.

Trabalhar a memória coletiva é tornar vivo o sentimento de pertença e orgulhar-se de suas origens africanas. Trabalhando nessa perspectiva intergeracional, é possível fazer com que as crianças entendam, por exemplo, que, na época em que não existiam meios adequados para se chegar até o hospital da cidade, as mulheres eram assistidas em seus trabalhos de parto por um grupo de parteiras tradicionais que existiam e ainda existem na comunidade. Assim, essas crianças irão valorizar esses conhecimentos que serão reconhecidos por elas e por seus professores em sala de aula e trazer para esse campo a valorização da comunidade local.

De acordo com Matos e Eugênio (2018), o mito da democracia racial serviu de aparato para homogeneizar o povo brasileiro e para anular as desigualdades e as diferenças. Ao voltar nosso olhar para as comunidades negras rurais, percebemos que, um século depois da emancipação dos escravizados, os quilombos ficaram sem as políticas públicas implementadas pelo Estado.

O grupo étnico não está baseado na ocupação de territórios exclusivos nem no isolamento, conforme dissemos anteriormente, mas na reafirmação contínua de sua diferença na relação e em relação aos outros. [...] a etnicidade é produzida de forma atitudinal e pode ultrapassar os limites organizacionais dos grupos étnicos. (MATOS E EUGÊNIO, 2018, p.149).

Compreendemos, a partir do posicionamento dos autores, que não basta os grupos étnicos estarem ocupando esses espaços, mas também se reconhecer como sujeitos atuantes politicamente, com suas ancestralidades, e trabalhar para desconstruir racismo e estereótipos. São pessoas que estão na luta batalhando por melhorias para a população negra e quilombola.

A pesquisa sobre memória quilombola da Comunidade Quilombola Caiana dos Crioulos é importante para a formação dos professores no quilombo, porquanto eles vivem e vêm de outra realidade totalmente diferente e desconhecem os conhecimentos quilombolas locais. A partir do trabalho com essas memórias, passarão a conhecer e a aprender sobre a história desse povo, suas lutas, as vivências e suas culturas, passarão a valorizar e a dar visibilidade às pessoas de Caiana dos Crioulos e ensinarão aos seus alunos todo o conhecimento aprendido.

A partir do momento em que esses conhecimentos são colocados em prática, está se trabalhando para desconstruir todo tipo de preconceito que se volta para a população quilombola. Ao preservar a memória da comunidade e documentá-la, fazemos com que seus moradores se reconheçam como sujeitos participantes da história. Cada localidade, cultura e instituição têm suas especificidades e é preciso atentar para elas.

Percebemos que se investe na gestão, porém é um investimento pensado através do “macro” (quem não vivencia a realidade ou quem a desconhece), ver-se a educação pensando em um todo, e se esquecem de que esse “todo” tem diversos segmentos, dentro de sua realidade e com suas especificidades. A escola precisa garantir o protagonismo das crianças e dos jovens quilombolas e elaborar um currículo de cuja construção a comunidade possa fazer parte.

A elaboração de uma proposta de educação escolar quilombola, não significa romper com os conhecimentos escolares, mais sim buscar incorporar os conhecimentos à dinâmica do cotidiano, o jogo simbólico da vida, o crescimento e aprimoramento que permeiam as comunidades quilombolas marcados na dimensão do desafio, da luta e do enfrentamento das dificuldades que se materializam em distintos graus nessas comunidades (ROCHA E SILVA, 2016, p. 82).

Como podemos constatar na fala dos autores, para trabalhar as tradições de um povo, suas culturas e especificidades, não será preciso romper com os conhecimentos escolares, pois eles se somarão com os já existentes nas salas de aula. A prática docente mobiliza diversos saberes, e os docentes não atuam sozinhos, pois estão em contato com seus alunos, a escola e a sociedade em geral, e ao mesmo tempo em que ensinam, aprendem, e a existência de interação nesse processo é de suma importância. A formação continuada/permanente dos professores é fator primordial nesse processo, pois são eles que estão diariamente com o alunado, e isso é fundamental para uma educação que vise à igualdade.

De acordo com Ferreira (2016), a preservação da memória de uma sociedade é obrigatória para reconstruir sua história. A partir das memórias dos idosos de Caiana dos Crioulos, será possível um trabalho que irá possibilitar construir novas compreensões do tempo e das pessoas do território local no espaço histórico.

2.2 Abordagem da pesquisa

Sob o ponto de vista metodológico, trata-se de uma pesquisa qualitativa, do tipo etnográfica, em que trabalhamos com o método autobiográfico a partir das vivências e das histórias de pessoas idosas da comunidade, visando entender suas histórias articuladas à comunidade, e compreender as vivências, as manifestações culturais, os saberes dos povos da Comunidade Caiana dos Crioulos, na perspectiva de trabalhar as memórias e os saberes desse povo no ambiente escolar.

Etnografia é também conhecida como: observação participante, hermenêutica, dentre outras. Compreende o estudo, pela observação direta e por um período de tempo, das formas costumeiras de viver de um grupo particular de pessoas: um grupo de pessoas associadas de alguma maneira, uma unidade social representativa para estudo, seja ela formada por poucos ou muitos elementos, por exemplo: uma escola toda ou um grupo de estudo em uma determinada sala de aula. (MATTOS, 2011, p. 51).

Como nos mostra a autora, significa compreender as formas de viver de pessoas ou determinado grupo, no caso desta pesquisa, uma comunidade remanescente de quilombo, para dar enfoque ao universo sociocultural da comunidade e perceber como suas memórias e saberes podem adentrar o espaço escolar. O etnólogo tem o desafio de prestar bastante atenção ao que o outro está dizendo, e a etnografia também é uma forma de se entender no mundo.

Muito se ouve falar em etnografia ou em pesquisa etnográfica. Segundo Chizzotti (*apud* JARDIM, 2013), a etnografia foi criada em 1922, por Malinowski, um antropólogo que havia descrito o modo como trabalhou em campo e colheu os dados com os povos da Nova Guiné e das Ilhas, onde, por causa de uma guerra, ficou mais tempo do que o previsto e conviveu diretamente e mais tempo com os investigados, procurou compreender os significados que eles atribuíam aos ritos, às normas e aos fatos cotidianos e dar uma conotação científica ao seu relato (JARDIM, 2013, p.7225).

A etnografia também se estendeu para a área educacional, e no campo da Educação, os pesquisadores começaram a usá-la no início da década de 1970. Hoje

em dia, é muito usada em diversas pesquisas. Ao se voltar para a etnografia e a pesquisa em educação, Esteban (*apud* JARDIM, 2013) afirma:

Na pesquisa em educação, a etnografia contribui para a descoberta da complexidade dos fenômenos educacionais e possibilita um conhecimento real e profundo dos mesmos, possibilitando a introdução de reformas, inovações e tomadas de decisão (JARDIM, 2013, p.7226).

A etnografia faz parte das Ciências Sociais e valoriza todo o contexto social das pessoas existentes no local. Jardim (2013) afirma que "a pesquisa etnográfica permite que se compreenda de dentro os processos educacionais, ao buscar explicar a realidade com base na percepção, na atribuição de significados e na opinião dos atores sociais envolvidos". É com esse olhar etnográfico que procuramos documentar as memórias dos idosos de Caiana dos Crioulos, suas histórias de vida e as vivências no quilombo.

As memórias dos líderes da comunidade e de todos os seus quilombolas são formativas e contribuem com o espaço educacional. Por meio da etnografia, podemos compreender como essas memórias podem contribuir para a construção identitária das crianças em sala de aula, através do trabalho que o professor desenvolve com eles, e a partir dessa dialógica estamos, ao mesmo tempo, participando ativamente da construção do conhecimento. Portanto é fundamental entendermos que é importante tratar desses registros, principalmente no campo educacional. Abrahão (2003), ao falar sobre o método auto biográfico, assevera:

A pesquisa autobiográfica - histórias de vida, biografias, autobiografias, memoriais - não obstante se utilize de diversas fontes, tais como narrativas, história oral, fotos, vídeos, filmes, diários, documentos em geral, reconhece-se dependente da memória. [...]. Essa, é o componente essencial na característica do (a) narrador (a) com que o pesquisador trabalha para poder (re) construir elementos de análise que possam auxiliá-lo na compreensão de determinado objeto de estudo (ABRAHÃO, 2003, p. 80).

É importante trazermos o método autobiográfico para discutir sobre as experiências desses idosos e dos líderes da comunidade local, cujos conhecimentos nos fazem compreender as experiências e vivências dentro desse território, a partir das narrativas autobiográficas, suas práticas e as formações profissionais existentes no local. Para Derrida (*apud* CONCEIÇÃO, 2019), as narrativas são frutos da memória, e a memória é a própria essência do psiquismo.

2.3 Colaboradores da pesquisa

Os colaboradores da pesquisa foram cinco professoras dos anos iniciais do ensino fundamental do turno da manhã da Escola Municipal de Educação Infantil e Ensino Fundamental Firmo Santino da Silva e sete pessoas da comunidade – cinco idosos que ali residem, dois líderes e pessoas do lugar com quem tivemos algumas conversas informais. Nossa pretensão foi de investigar, na Comunidade Quilombola Caiana dos Crioulos, como os saberes dos idosos, mediatizados pela memória, contribuem para a formação dos professores para que, a partir delas, pudéssemos propor o desenvolvimento de práticas educacionais que possibilitassem a aprendizagem no contexto da Educação Escolar Quilombola, na Escola Firmo Santino da Silva, a partir da formação docente.

Os moradores que foram entrevistados são líderes da comunidade, como: militantes, parteiras, rezadeiras, mestras, coordenadores de Grupos Culturais e as pessoas idosas que já fizeram parte desses grupos e que, por causa da idade e de problemas de saúde encontram-se um pouco reservados na comunidade. Quanto aos professores da Escola Firmo Santino da Silva, não moram na comunidade, o que dificulta o desenvolvimento de um trabalho acerca do território local, visto que eles desconhecem a realidade quilombola. Por essa razão, é necessária uma formação continuada dos saberes e fazeres do quilombo, para que possa haver continuidade dos conhecimentos prévios das crianças, que são adquiridos em casa e na comunidade dentro do ambiente escolar.

Escolhemos esses colaboradores da pesquisa porque são pessoas que conhecem a comunidade e suas visões e interpretações sobre a vida nesse lugar, sobre o pertencimento ao Quilombo, que lhes é muito particular. Escolhemos trabalhar com os professores da Escola Firmo Santino da Silva porque são eles que atuam na escola da comunidade, e como formadores de pessoas, vão trazer, através de sua prática educativa, um trabalho de memória aprendido nas oficinas pedagógicas, e ensinar às crianças em sala de aula, para que elas e a nova geração de caienses possam conhecer esses saberes.

2.3.1 Idosos da comunidade

A Senhora Francisca é uma das pessoas idosas considerada por muitos como a mais antiga da comunidade. É filha de um dos líderes da comunidade, Mestre da Primeira Bandinha de Pífano de Caiana dos Crioulos, o Senhor José Teió. Já

participou de diversos grupos religiosos da comunidade, mas, atualmente, está afastada devido a problemas de saúde. Costuma rezar o novenário e o terço mariano com a família em casa.

Figura 2: Francisca Belísia da Silva



Fonte: Acervo pessoal de Luciene Tavares – 2021

Tabela 1: Dados de identificação de Francisca Belísia da Silva

FRANCISCA BELÍSIA DA SILVA	
Código do participante	01
Idade	84 anos
Escolaridade	Não alfabetizada
Tempo em que mora na comunidade	Desde que nasceu
Cor	Preta
Religião	Católica
Profissão	Agricultora (aposentada)
Lugar onde nasceu	Caiana dos Crioulos

Fonte: Luciene Tavares – 2020.

Tabela 2: Dados de identificação de José Pereira de Lima Irmão

JOSÉ PEREIRA DE LIMA IRMÃO	
Código do participante	02
Idade	79 anos
Escolaridade	Alfabetizado
Lugar onde nasceu	Caiana dos Crioulos
Cor	Preta
Religião	Católico
Profissão	Agricultor (aposentado)
Tempo em que mora na Comunidade	Caiana dos Crioulos

Fonte: Luciene Tavares – 2020.

Figura 3: José Pereira de Lima Irmão

Fonte: Acervo pessoal de Luciene Tavares – 2021.

O Senhor José Pereira só começou a frequentar a escola na vida adulta, onde aprendeu a escrever seu nome com a nora, na turma do Brasil Alfabetizado. Sempre gostou dos festejos da comunidade e de cantar ciranda e coco de roda. Gosta de tocar o ganzá, o instrumento com o qual mais se identifica.

Tabela 3: Dados de identificação de Severina Maria da Silva

SEVERINA MARIA DA SILVA	
Código do participante	03
Idade	77 anos
Escolaridade	Ensino Fundamental incompleto
Lugar onde nasceu	Caiana dos Crioulos
Cor	Preta
Religião	Católica
Profissão	Agricultora (aposentada)
Tempo em que mora na comunidade	Desde que nasceu

Fonte: Luciene Tavares – 2020.

Figura 4: Severina Maria da Silva

Fonte: Acervo pessoal de Luciene Tavares – 2021.

A Senhora Severina Maria, conhecida popularmente como Bina de Bezim, foi integrante do grupo de ciranda e coco de roda da comunidade, porém, devido a problemas de saúde, hoje vive mais na cidade de Alagoa Grande, e não mora na comunidade porque é difícil transitar até os locais de saúde para fazer exames e demais cuidados. É ministra da eucaristia, e embora esteja na cidade, não deixou as tradições do quilombo e, anualmente, faz os novenários em sua casa com sua família, principalmente o Natal em família. Na rua em que mora, 70% das pessoas são do Quilombo e vivem entre ele e a cidade, tanto para rotinas de trabalhos na lavoura quanto para atividades culturais.

Tabela 4: Dados de identificação de Edite José da Silva

EDITE JOSÉ DA SILVA	
Código do participante	04
Idade	76 anos
Escolaridade	Ensino Fundamental Incompleto
Lugar onde nasceu	Caiana dos Crioulos
Cor	Preta
Religião	Católica
Profissão	Agricultora/auxiliar de serviços gerais
Tempo em que mora na comunidade	Desde que nasceu

Fonte: Luciene Tavares – 2020

Figura 5: Edite José da Silva



Fonte: Acervo pessoal de Luciene Tavares – 2021.

A Senhora Edite José da Silva, conhecida, dentro e fora da comunidade, como mestra em cultura da Paraíba, sobretudo, do coco e da ciranda, é coordenadora do Grupo de Ciranda e Coco de Roda Mestra Edite, integrante da Organização de Mulheres Negras de Caiana (OMNC), auxiliar de serviços gerais da Escola Firmo

Santino da Silva e exerce a função de merendeira na escola. É uma griot (contadora de história), parteira tradicional, rezadeira e milita pelos direitos da população negra e quilombola e das mulheres negras.

Tabela 5: Dados de identificação de Olívia Josefa da Silva

OLÍVIA JOSEFA DA SILVA	
Código do participante	05
Idade	74 anos
Escolaridade	Não alfabetizada
Lugar onde nasceu	Caiana dos Crioulos
Cor	Preta
Religião	Católica
Profissão	Agricultora (aposentada)
Tempo em que mora na comunidade	Desde que nasceu

Fonte: Luciene Tavares – 2020.

Figura 6: Olívia Josefa da Silva



Fonte: Severina do Ramo – 2020.

A Senhora Olívia, que é uma grande contadora de histórias, detalhou cada acontecimento vivenciado na comunidade. É agricultora e, desde cedo, integrou um dos grupos de ciranda e coco de roda mais antigos da comunidade. Porém, por causa da idade e de problemas de saúde, teve que se afastar. Casou-se aos 19 anos, com João Antônio da Silva, com quem teve cinco filhos, porém apenas duas filhas vivas. Tem três netos.

2.3.2 Professores da Escola

Tabela 6: Dados de identificação de Diocélio Otílio Bezerra

DIOCÉLIO OTÍLIO BEZERRA	
Idade	57 anos
Cor/Raça	Branco
Religião	Agnóstico
Formação	Graduado em História/pós-graduado em Ciências da Religião
Tempo de docência	25 anos
Tempo na EMEIF. Firmo Santino da Silva	21 anos
Local onde mora	Alagoa Grande/PB

Fonte: Luciene Tavares – 2020.

O Professor Diocélio foi um dos colaboradores desta pesquisa, e sua participação foi de fundamental importância. É um dos professores mais antigos da comunidade e foi o primeiro com Magistério a lecionar na escola do Quilombo. Já atua na Firmo Santino há 19 anos e há 21 anos trabalha nesse território. Tem um conhecimento bastante amplo acerca da diversidade religiosa e procura unir, em sua práxis educativa, um trabalho que valorize essa diversidade.

Tabela 7: Dados de identificação de Josefa de Lourdes de Sousa Oliveira e Silva

JOSEFA DE LOUDES DE SOUSA OLIVEIRA E SILVA	
Idade	58 anos
Cor/Raça	Parda
Religião	Cristã
Formação	Graduada em Geografia/pós-graduada em Educação ambiental
Tempo de docência	30 anos
Tempo na EMEIF Firmo Santino da Silva	03 anos
Local onde mora	Alagoa Grande/PB

Fonte: Luciene Tavares - 2020

A Professora Josefa de Lourdes, colaboradora da nossa pesquisa, é uma senhora incrível, que está sempre em busca de novos conhecimentos que contribuam com seu trabalho na sala de aula. Mostrou-se muito interessada em adquirir conhecimentos acerca da comunidade. Na escola, ela também desenvolve um projeto voltado para o meio ambiente, em que cultivam e cuidam das plantas, principalmente as ervas medicinais.

Tabela 8: Dados de identificação de Josiane Brito do Nascimento e Sousa

JOSIANE BRITO DO NASCIMENTO E SOUSA	
Idade	49 anos
Cor/Raça	Preta
Religião	Católica
Formação	Graduada em Pedagogia/ Pós-graduada em Psicopedagogia
Tempo de docência	27 anos
Tempo na EMEIF. Firmo Santino da Silva	21 anos
Lugar onde mora	Alagoa Grande/PB

Fonte: Luciene Tavares - 2020

A Senhora Josiane Brito é um encanto de pessoa, que já está há 21 anos trabalhando na comunidade. Ela já esteve à frente a gestão da escola, de 2013 a 2016, e desenvolveu um excelente trabalho com toda a equipe.

Tabela 9: Dados de identificação de Marta Andrade dos Santos

MARTA ANDRADE DOS SANTOS	
Idade	47 anos
Cor/Raça	Preta
Religião	Católica
Formação	Graduada em Pedagogia
Tempo de docência	28 anos
Tempo na EMEIF. Firmo Santino da Silva	05 anos
Lugar onde mora	Areia/PB

Fonte: Luciene Tavares - 2020

A Professora Marta contribuiu com nossa pesquisa e ficou entusiasmada por participar e nos contou o quanto tem aprendido nesse território.

Tabela 10: Dados de identificação de Paula Herculano Lopes

ANA PAULA HERCULANO LOPES	
Idade	39 anos
Cor/Raça	Parda
Religião
Formação	Graduada em Pedagogia/ Pós-graduada em Educação Infantil
Tempo de docência	12 anos
Tempo na EMEIF. Firmo Santino da Silva	1 ano e 8 meses
Lugar onde mora	Alagoa Nova/PB

Fonte: Luciene Tavares - 2020

A Professora Paula ingressou na comunidade recentemente, mas demonstrou muito interesse em conhecer o universo que é esse território quilombola, e ficou muito feliz por poder contribuir.

As pessoas idosas da comunidade foram muito importantes para esta pesquisa, porque trouxeram conhecimentos acerca da comunidade, porque são a visão da comunidade a partir das pessoas da comunidade. Os professores da escola da comunidade também foram muito importantes para a pesquisa, porquanto são educadores que estão ligados, direta e diariamente, às crianças do lugar e contribuem significativamente ao repassar os conhecimentos a respeito das memórias dos idosos.

2.4 Fontes e itinerários para a pesquisa

Nesta pesquisa, trabalhamos com as fontes orais, por meio de uma entrevista temática semiestruturada e de observação com os professores dos anos iniciais do Ensino Fundamental da Escola Firmo Santino da Silva e com os cinco idosos da comunidade local. O trabalho com a oralidade é muito importante, porque é um saber autorreferenciado e, neste caso, afrorreferenciado, por ser um lugar que também é étnico.

Também trabalhamos com as fontes escritas, cuja utilização foi determinante para que pudéssemos entender, a partir do campo da educação e das políticas educacionais, essas fontes como importantes, para se discutir sobre a escola do quilombo e a formação de professores articulada a essa escola. Para isso, trabalhamos com base na Lei 10.69/2003 e nas Diretrizes Curriculares para a Educação Escolar Quilombola, na perspectiva de entender como a educação quilombola pode acontecer com a contribuição das memórias dos idosos na formação dos professores que atuam na escola da comunidade, uma vez que esses instrumentos nos possibilitaram compreender esse objeto de estudo.

Nossa vereda por esta pesquisa começou quando percebemos que seria preciso buscar na oralidade e nas narrativas dos idosos da comunidade o conhecimento para construir outro conhecimento acerca da comunidade. Portanto, foi a partir desse caminhar, das narrativas das pessoas da comunidade, das falas dos professores, e das pesquisas em fontes das políticas educacionais que entendemos que é possível desenvolver uma educação quilombola que seja pedagogicamente afrorreferenciada com base nos conhecimentos das pessoas idosas.

A entrevista temática nos ajuda a compreender o ponto de vista dos sujeitos sobre o assunto em questão e o que pensam e conhecem sobre o problema, pois é por meio dela que os participantes expõem seu ponto de vista. De acordo com Cedro (2011, p.133), as entrevistas temáticas se orientam pela necessidade de desdobramentos e vínculos entre entrevistados.

Para o desenvolvimento da pesquisa, foram analisadas diferentes fontes bibliográficas e documentais e realizadas entrevistas, por meio das quais compreendemos nosso objeto de estudo. No primeiro momento, selecionamos as referências bibliográfica e documental, que serviram para dar fundamento à pesquisa, com aportes principais relacionados à Educação Escolar Quilombola, aos saberes da memória dos quilombos e à Lei 10.639/2003 nos currículos escolares. Realizamos leituras do referencial bibliográfico e documental e revisão da literatura acerca das memórias e da Educação Escolar Quilombola e de documentos como a Lei 10.639/2003 e as Diretrizes Curriculares para a Educação Escolar Quilombola, que versam sobre o assunto, entre outros. Para aprofundar nossos estudos, consultamos artigos científicos, dissertações, teses, livros, Internet e fontes orais. Tivemos contato com a escola da Comunidade Caiana dos Crioulos, a Firmo Santino da Silva, por ser o lugar onde a pesquisa seria desenvolvida, e solicitamos as autorizações necessárias para isso.

No segundo momento, depois dos encontros com a orientadora e de leituras para aprofundar os pressupostos teóricos, reestruturamos o projeto para adequá-lo às normas e ao público da pesquisa e o organizamos para submetê-lo ao Comitê de Ética.

No terceiro momento, fomos à Secretaria de Educação com a proposta, para, de acordo com o resultado, apresentá-la ao gestor da escola e à equipe de professores. A visita à Secretaria de Educação foi bastante positiva, e nossa proposta foi aceita com muito carinho.

No quarto momento, fizemos uma visita à Escola Firmo Santino da Silva, que já havia sido agendada. O gestor nos recebeu, e lhe apresentamos a proposta da mesma forma que fizemos com a Secretaria de Educação. Em seguida, houve uma roda de diálogo com os professores contribuintes da pesquisa para apresentá-los também e conhecer um pouco dos sujeitos e dos seus conhecimentos prévios sobre o assunto.

Os professores ficaram bem interessados em participar da pesquisa e felizes pela escolha, porque a maioria das pesquisas que são feitas na escola só envolve os alunos. Depois, fizemos contato com os idosos da comunidade, que também nos deram apoio e ficaram felizes e honrados por contribuir, por meio de seus conhecimentos, com a educação escolar das crianças da comunidade, através de seus ensinamentos que serão repassados para os professores, que os ensinarão aos seus alunos.

No quinto momento, elaboramos as perguntas das entrevistas que seriam feitas com eles, submetemos o projeto ao Comitê de Ética e ficamos aguardando o retorno. O projeto foi aprovado em 25 de setembro de 2019, com o número **CAAE**: 21331919.6.5187. Na sequência, iniciamos as entrevistas com os idosos e, em seguida, com os professores que foram sujeitos da pesquisa.

A entrevista com os idosos aconteceu na casa de cada um deles e em dias diferentes. Foi um momento bastante significativo. Cada visita realizada ressignificava cada vez mais minhas vivências, e eu saía com um olhar mais avivado e acolhedor para o meu quilombo.

Os momentos vividos e experienciados com cada idoso e idosa foram importantes, pois esses colaboradores da pesquisa conhecem a comunidade e suas histórias. As entrevistas com os professores foram marcadas em um horário oposto ao de suas aulas e realizadas com bastante interação e clareza. Para gravá-las, usamos um gravador do aparelho celular, um Samsung Galaxy J7. Em seguida, fizemos as transcrições e analisamos a construção do discurso entre os sujeitos.

Planejamos e ressignificamos todos os encontros virtuais, que ganharam uma nova cara, em virtude de ser por meio uma plataforma virtual, porém sem alterar seu sentido. Entrei em contato com todos os idosos, porque a banca havia sugerido que a primeira oficina fosse sobre suas memórias com os professores por intermédio da pesquisadora. Depois, entramos em contato com todos os professores para saber sua disponibilidade e acertar os dias e os horários dos encontros.

Foram sete encontros ricos em aprendizagens, em que expusemos o que realmente tem sentido e pode ser feito pelos professores em sala de aula, de uma forma bem dinâmica, com muitas cores e leveza, de forma que não se diferenciasse tanto do presencial. Em seguida, fizemos os retoques e os ajustes finais do trabalho de dissertação para defendê-lo.

2.5 Locus da Pesquisa: Caiana dos Crioulos: Escola Firmo Santino

Figura 7: Mapa do trajeto para a Comunidade Caiana dos Crioulos



Fonte: Marcelo Félix, 2018

As comunidades quilombolas são espaços de memória e de construção de saberes, os quais são reinventados através dos tempos, pois os saberes de gerações anteriores são ressignificados na contemporaneidade com outras perspectivas, razão por que é preciso repensar a ideia de quilombo e de Educação Escolar Quilombola, a partir do reconhecimento desses espaços na educação, tendo em vista as histórias, as narrativas e os repertórios que fazem parte da constituição quilombola.

As comunidades quilombolas estão inseridas num espaço que tem uma significação para além do pessoal - espaço/lugar - que atua no sentido de buscar por vivências melhores para todo o coletivo e de lutar por uma cidadania plena e ressignificar um passado doloroso que negros e negras viveram.

É, portanto, perceber aquele espaço, ou seja, o lugar onde o indivíduo mora se constrói uma identidade através dos laços familiares e comunitários, e vai havendo uma socialização dos saberes e fazeres desse lugar. É, também, uma forma de acolhimento, uma sensação de “voltar para casa”, quando estamos em um espaço que não é o nosso. As pessoas de Caiana dos Crioulos têm esse sentimento, esse pertencimento e veem seu lugar como algo sagrado, onde nasceram e foram criadas com os ensinamentos dos mais velhos, o lugar de onde tirou o sustento dos seus, a terra sagrada, o quilombo acolhedor. Segundo Muniz Sodré (1942, p. 22),

[...]. o espaço ateniense ia até onde alcançavam as reverberações dos lamentos, até onde podia ressoar a música. O espaço aparece aí como o resultado do *morar*. Morar, por sua vez, não se define como mero efeito de um fazer comunitário, mas como algo que indica a própria identidade do grupo. O que dá identidade a um grupo são as marcas que ele imprime na terra, nas árvores, nos rios. [...] . A história de uma cidade é a maneira como os habitantes ordenaram as suas relações com a terra o céu, a água e os outros homens. A história dar-se num território, que é o espaço exclusivo e ordenado das trocas que a comunidade realiza na direção de uma identidade grupal. (SODRÉ, 1942, pp. 22 e 23).

Como o autor menciona, é esse conjunto que faz parte da construção identitária do indivíduo, esse fazer comunitário em uma coletividade, o lugar de pertencimento, o território, a morada. Para Vogt, 2014 p.158, “as comunidades quilombolas no Brasil desenvolveram variadas estratégias de apropriação do espaço e de dominação territorial, portanto, várias territorialidades”. É importante ressaltar que

a territorialização é, de fato, dotada de força ativa. Se isto foi historicamente recalcado, deve-se ao fato de que a modelização universalista, a metafísica da representação, opõe-se a uma apreensão topológica, territorializante do mundo, ou seja, a uma relação entre seres e objetos onde se pense a partir das especificidades de um território. Pensar assim implica admitir a heterogeneidade de espaços, a ambivalência dos lugares e, desse modo, acolher o movimento de diferenciação, a indeterminação, o paradoxo quanto à percepção do real - em suma, a infinita pluralidade do sentido (como no espaço sagrado, onde cada lugar tem um sentido próprio). Na territorialização, apreende-se os efeitos de algo que ocorre, que se desenvolve, sem a redução intelectualista aos signos. (SODRÉ, 1942, p.14).

Ainda sob o ponto de vista desse autor, o território é importante para a construção identitária do indivíduo, porque “aparece como um dado necessário à formação da identidade grupal/individual, ao reconhecimento de si por outros (SODRÉ, 1942, p.15).

Muitas vezes, as pessoas têm um pensamento distorcido acerca do que seja um território, uma comunidade quilombola e acaba discriminando o lugar e as pessoas que ali vivem por falta de informação ou de formação. É importante compreender o que realmente significa pertencer a uma comunidade quilombola, o que é ser remanescente de quilombo, para que possamos entender nosso espaço e o do outro em determinado lugar e o pertencimento de cada indivíduo.

Ilka Boaventura Leite nos conta, em seu artigo ‘Quilombos e quilombolas: cidadania ou folclorização?’, um episódio ocorrido em uma marcação de viagem em que iria a um encontro de remanescentes de quilombos que estava sendo organizado

pela Associação Brasileira de Antropologia, e o funcionário da empresa aérea fez uma indagação. Veja-se seu relato:

Três anos atrás, eu tentava marcar uma passagem para ir a um encontro sobre “Remanescentes de Quilombos”, organizado pela Associação Brasileira de Antropologia. Fui interpelada por um funcionário da empresa aérea, com a pergunta: – “o que é remanescente de quilombo?” Tentei responder, falei, falei, longamente, sobre a Abolição enquanto um processo incompleto, sobre suas consequências atuais, etc. Ouvindo pacientemente, ele me perguntou de novo: – “como eu poderia identificar um remanescente entre os passageiros num voo qualquer?” Não conseguindo disfarçar tanta perplexidade/ desaprovação, respondi: “durante um voo, isto seria impossível...” (LEITE, 1999, p.123 e 125).

Ao ler esse relato, logo me vem à mente um fato que ocorreu comigo recentemente, bastante semelhante. O Brasil, apesar de ter um número muito alto de pessoas remanescentes de quilombos, ainda é invisibilizado, desconhecido, e quando os visitantes conhecem nossa cultura, consideram-na exótica, o que não deve acontecer.

Comigo aconteceu o seguinte: recentemente, recebi um convite para participar de uma reunião em uma empresa bastante famosa, que ocorreu por meio de uma plataforma virtual por causa da pandemia. Como de costume, os produtores dos eventos entram na sala antes dos convidados. No horário marcado, eles e o público, em geral, vão chegando. Dessa reunião só iriam participar os produtores e os convidados. Ao entrar na sala, percebi que dois dos organizadores estavam dialogando, e um deles estava passando um pouco a biografia dos convidados. Nessa hora, falavam sobre mim, e falando um pouco de mim, disse que eu também era quilombola, quando alguém perguntou: “Quilombola é índio?” E a outra pessoa respondeu: “Não, depois eu te explicou...inclusive a convidada acabou de entrar na sala. Seja bem vinda!”

Como todas as pessoas foram entrando ao mesmo tempo, minha presença não foi percebida, e depois de ter feito a pergunta, a pessoa ficou sem graça por deduzir que eu havia escutado. Nessa reunião, os convidados estavam mais para ouvir, pois o palestrante que era, ao mesmo tempo, um dos organizadores, era uma das pessoas “tops” do negócio e que iria fazer todo o discurso, porém os convidados teriam o direito de questionar ou iniciar um diálogo.

No fim do discurso dele, eu me inscrevi e me apresentei como uma mulher negra, quilombola, professora, poetisa e mestranda em Formação de Professores. Agradei pelo convite e disse que estava feliz pelo momento de aprendizado, porque

a reunião foi muito significativa e de muito aprendizado, tirando a gafe que o palestrante cometeu inicialmente. Depois de feitas essas colocações, voltei-me para a pessoa, chamando-a pelo nome, e falei: - “Inclusive, quando vocês estavam dialogando antes de iniciar a reunião, eu já estava na sala e ouvi quando você perguntou se quilombola era índio. Agora, respondo a sua pergunta: Não! Nós não somos indígenas. Somos descendentes de pessoas que, no passado, foram escravizadas. Os quilombos são grupos étnicos, que têm uma trajetória histórica e uma ancestralidade negra, são dotados de relações territoriais específicas e vêm resistindo, o tempo, à opressão histórica. São pessoas que lutam, têm resistência, sabedoria e muita garra.

Nesse momento, a pessoa falou que não sabia, pediu-me desculpas pela fala feita, e eu continuei: - Inclusive, nós temos aqui, em nosso estado, 47 comunidades quilombolas reconhecidas pela Fundação Cultural Palmares, um órgão que reconhece as comunidades quilombolas, e lutamos pelo direito de permanecer, por nossos costumes e tradições, o direito a terra e ao território, portanto, não é uma realidade longe da nossa. Terminei minha fala dizendo o seguinte: Não é feio errar, feio é perceber que errou e continuar cometendo o mesmo erro. Estamos aqui para aprender diariamente, e nossa própria história não nos foi ensinada. O Brasil é uma mistura de três etnias: a indígena, a negra e a europeia (branca), e a gente precisa ter vontade de aprender a história do nosso país, que é a nossa própria história. Conhecer e aprender para respeitar a história do outro se quisermos ser respeitados, pois o conhecimento salva.

Por essa razão, é muito importante a escola tratar essas questões para que possamos ressignificar essa pauta, essas aprendizagens. O povo brasileiro precisa conhecer a diversidade étnica da qual faz parte e, mais ainda, sentir sede desses aprendizados e ir em busca de conhecimentos.

Tratar de territórios quilombolas é tratar da história de nossa ancestralidade, pois, muitas vezes, a ideia que as pessoas têm de quilombo é totalmente distorcida, e quando vão visitar esses territórios, esperam encontrar algo semelhante ao que viu/vê na mídia, que mostra esses locais como objetos de contemplação turística. Os quilombolas lutam constantemente para garantir sua cidadania. A diversidade cultural e étnica do Brasil é linda. A cultura quilombola merece ser respeitada e jamais folclorizada.

A expressão “comunidade remanescente de quilombos”, portanto, reapareceu, no final da década de 80, não apenas para descrever um *processo* de cidadania incompleto. Veio também sistematizar um conjunto dos anseios por mudanças de parte da sociedade brasileira. Veio solicitar a proteção, por parte do Estado, das terras e manifestações culturais populares, indígenas e afro-brasileiras. (LEITE, 1999, p.130).

Ao empregar, neste trabalho, os termos ‘quilombo’, ‘quilombola’ e ‘remanescentes de quilombo’, precisamos compreender o que é ser quilombola no sentido de pertencer a um grupo étnico e da participação de cada um indivíduo nesse coletivo. Ser quilombola é pertencer a um grupo étnico que descende de pessoas que foram escravizadas; é resistir à ideologia racista, lutar por seus direitos e trabalhar pela valorização de seus costumes e tradições; é, ainda, contribuir para fortalecer o grupo, a equipe e a memória dos idosos, estar unidos por um mesmo propósito e orgulhar-se de ser e de pertencer.

Há todo um processo para as titulações de um território quilombola. São várias etapas pelas quais a comunidade passa para receber essa titulação, a começar pela fase da identificação pela Fundação Cultural Palmares, que faz um levantamento, observa o grupo e o reconhece como comunidade quilombola ou remanescente de quilombos. Depois, o Incra demarca o território, onde se organiza seu tamanho geral e suas terras pertencentes e, por fim, a titulação. Todo esse processo é feito em duas fases: a de reconhecimento e a de titulação. Muitas vezes, a Fundação reconhece o grupo étnico como remanescente de quilombos, porém a titulação do território leva anos, como foi com Caiana dos Crioulos. A terra é um elemento muito importante para os quilombolas, mas precisa de outros elementos para que eles possam ter sustentabilidade. Não é só as terras em si, mas um conjunto de fatores que precisam estar interligados para a sobrevivência dos quilombolas no Território. Para Leite,

a terra é o que propicia condições de permanência, de continuidade das referências simbólicas importantes à consolidação do imaginário coletivo, e os grupos chegam por vezes a projetar nela sua existência, mas não tem com ela uma dependência exclusiva. Tanto é assim que temos hoje inúmeros exemplos de grupos que perderam a terra e insistem em manter-se como grupo... [...]. Trata-se, portanto de um direito remetido à organização social, diretamente relacionado à *herança*, baseada no parentesco, à *história*, baseada na reciprocidade e na memória coletiva e ao *fenótipo* como um princípio geral de identificação onde o casamento preferencial atua como um valor operativo no interior do grupo. Esse enfoque põe em destaque mais do que a cor da pele: a capacidade de auto-organização e o poder de autogestão dos grupos para identificar e decidir quem é e quem não é um membro da sua comunidade. Por outro lado, tem-se que levar em conta os processos de expulsão que impediram que esses continuassem como grupo, a violência que os descaracterizou enquanto membros de uma comunidade impelindo-

os à desagregação e marginalidade social. Quilombo passa, então, a significar um tipo particular de experiência cujo alvo é a valorização das inúmeras formas de recuperação da identidade positiva em direção a um desejo de tornar-se cidadão de direitos e deveres. (LEITE, 1999, p.137 e 138).

Como podemos ver na fala da autora, existe toda uma organização social, com histórias de vida dessas pessoas. Vogt (2014), ao tratar da questão das comunidades quilombolas, diz que, ao conferir as titularidades das terras ocupadas por grupos remanescentes, busca-se, antes de qualquer coisa, preservar a identidade cultural desse grupo tão ausente de políticas públicas voltadas para sua preservação e perpetuação.

Pode-se dizer, em linhas gerais, que as comunidades tradicionais caracterizam-se, primordialmente, por sua territorialidade, isto é, pelos estreitos laços existentes entre as práticas econômicas, culturais e espirituais e a terra que ocupam. A relação terra/cultura é o elemento que confere coesão ao grupo, aquele que sustenta a existência do grupo (VOGT, 2014, p. 157).

É nesse leque de coletividade que Caiana dos Crioulos se mantém firme e resistente na amplitude de sua territorialidade, com todas as pessoas trabalhando para valorizar sua trajetória de vida cultural e social.

Figura 8: Vista aérea da comunidade



Fonte: Palmari de Lucena - 2019

São produzidas várias narrativas e versões sobre o surgimento da comunidade. Uns dizem que foi através de um casal que veio fugido de um navio que aportou na Bahia da Traição; outros contam que foram negros que vieram fugidos do massacre

do Quilombo dos Palmares; outra versão conta que vieram do município de Areia; e outra que diz que Caiana era um escravo que trabalhava na fazenda vizinha, conhecida como Fazenda do Sapé, dos Senhores Arruda Câmara, e vivia inconformado com sua situação e a de seus irmãos negros, fugiu mundo afora e só retornou depois da suposta abolição da escravatura. Ferreira (2016, p. 3), ao falar sobre a origem dessa comunidade, enfatiza:

São muitas as histórias sobre a formação do quilombo Caiana dos Crioulos que é diretamente ligada a antiga fazenda Sapé, da família Arruda Câmara. Há quem afirme que os primeiros negros chegaram à região atual Caiana em meados do Século 18, subindo o curso do Rio Mamanguape. Fugiam de uma rebelião na qual se recusaram à escravização ainda durante o desembarque do navio negreiro na chamada Bahia da Traição, litoral norte da Paraíba. Outra versão fala da chegada de negros no atual Município de Alagoa Grande fugidos do massacre no quilombo dos Palmares, no período do final do Século 17. Essa, inclusive, seria a razão de existir uma localidade Rural chamada Zumbi, no município. É possível, ainda que, Caiana tenha sido formada por descendentes de escravizados no município vizinho, Areia, e libertos antes da assinatura da Lei Áurea de 1888. (FERREIRA, 2016, p. 3).

Mesmo sem saber de seu surgimento, o fato é que Caiana existe e resiste até hoje com suas belezas e riquezas ancestrais, históricas e culturais, numa batalha sem fim, por melhores formas de sobreviver. Caiana dos Crioulos está situada no município de Alagoa Grande - PB, na microrregião do brejo paraibano, a 12 km de distância da sede do município, em uma estrada de barro com acesso precário e dificultoso, que liga Alagoa Grande ao município de Massaranduba-PB.

O acesso à comunidade é feito através da BR 101, que sai de João Pessoa para Natal e segue pela BR 230 em direção a Campina Grande. Foi reconhecida pela Fundação Cultural Palmares (órgão que reconhece esses territórios) em maio do ano de 2005. Em termos de reconhecimento, foi o 13º legítimo Quilombo a ser reconhecido do Brasil, porém o percurso para obter esse reconhecimento iniciou-se desde 1988, quando a Associação de Moradores da comunidade se juntou e escreveu uma carta à Fundação Cultural Palmares para reconhecer o território como tal. Das 42 comunidades quilombolas existentes no estado da Paraíba, é a maior, tanto em questão territorial quanto populacional.

Sempre ouvimos muitas versões acerca do surgimento de Caiana dos Crioulos. Meu pai (avô), conhecido popularmente como João Teió, contava que ouvira seu avô dizer que, possivelmente, a comunidade iniciou com a chegada de pessoas que vieram do Cariri paraibano. É importante ressaltar que João Teió colaborou com

diversas pesquisas acerca da comunidade, além do relatório de identificação e antropológico da localidade, por ter sido um dos líderes e integrante da banda de pífano mais antiga do quilombo. Segundo Paiva e Sousa, “O avô de seu João Teió, um dos nossos entrevistados, dizia que a origem de Caiana está relacionada a um povo que veio do Cariri” (PAIVA E SOUSA, 1998, p. 6).

É uma comunidade que busca preservar seus costumes e tradições de geração em geração. Desde os coloridos das roupas, dos lenços aos turbantes, novenas, festividades e danças como: o coco de roda, a ciranda, capoeira, maculelê, grupos de danças afro e seus rituais. Os filhos cultuam da mesma forma que seus pais, avós, bisavós e gerações que os antecederam cultuavam.

A história do ‘Reino Encantado’, uma das maiores lendas da Comunidade, encanta qualquer pessoa que entra nesse espaço sagrado. Existem vários rituais que são realizados na comunidade, desde o nascimento até a morte. Um dos maiores rituais é o do casamento, que dura três dias. Essas práticas culturais fazem parte da memória da Comunidade Caiana dos Crioulos e são de fundamental importância para a formação educacional das crianças que vivem nesse território.

A comunidade é berço de várias pesquisas sobre questões territoriais e manifestações culturais. Podemos dizer que, hoje em dia, Caiana dos Crioulos é uma das “meninas dos olhos” dos pesquisadores, por ser um berço cultural cheio de histórias na Paraíba, no Brasil e, até, no mundo.

Lima (2015) mostra que a primeira pesquisa com rigor científico realizada em Caiana dos Crioulos data do ano de 1975. Foi feita por alunos do Curso de Ciências Sociais da Universidade Federal da Paraíba. Mais tarde, no ano de 1993, professores da Universidade Estadual da Paraíba fizeram outra pesquisa. A partir de então, a comunidade tem sido visitada nesse sentido cada vez mais. Uma das coisas que me inquietava e, ao mesmo tempo, despertava cada vez mais era o interesse de pesquisar sobre minha própria comunidade, meu berço, que posso chamar de cordão umbilical, meu lugar de pertencimento. Caiana dos Crioulos sendo estudada e compreendida por seu próprio povo.

A comunidade tem, atualmente, 118 famílias. Esse número pode aumentar ou diminuir, a depender da época, porque a maior parte dela situa-se em uma comunidade chamada Pedra de Guaratiba, localizada no Rio de Janeiro, no município de Santa Cruz.

Figura 9: Vista da Rua Dom Aquino Correia, nº. 185- Bairro Guaratiba - Município de Santa Cruz/RJ



Fonte: Vandileide Silva - Quilombola de Caiana dos Crioulos - 2020

Essa evasão ocorre porque, na comunidade, a fonte de renda da maioria das pessoas é o trabalho na lavoura com a agricultura, cuja cultura de subsistência é a plantação de feijão, fava, milho, mandioca e algumas verduras e legumes. Porém, quando o inverno não está favorável, não dá para ter um subsídio bom para a família, e a maioria parte para outros locais em busca de condições de vida melhores.

A maioria dos homens passa um tempo no Rio de Janeiro trabalhando, mandando dinheiro para as famílias, nesse caso, a esposa e os filhos, e depois voltam. Outras famílias vão para morar, passam um tempo lá e retornam, mas existem as que vão e não voltam. A maioria dos rapazes, ao completar 18 anos, vão em busca de trabalho, porque no município não encontram.

Além da Região Sudeste, existem famílias da comunidade espalhadas pela Região Norte, como é o caso dos estados de Rondônia e Roraima. Na Paraíba, localizam-se no município de Campina Grande e na capital, João Pessoa, e em Alagoa Grande, na zona urbana, onde a comunidade está localizada, em que grande parte dos moradores vive nas duas localidades, na zona rural (no quilombo) e na zona urbana, pois a maioria, hoje em dia, tem casa nos dois espaços, devido às condições precárias na época de chuva que deixa a comunidade praticamente sem acesso à cidade. Então, quem precisa estudar e trabalhar tem sempre um local de apoio na cidade. Essa foi uma das formas que os caienses encontraram de continuar seus estudos.

A pesquisa foi realizada na Escola Municipal de Educação Infantil e Ensino Fundamental Firmo Santino da Silva, localizada na Comunidade Quilombola Caiana

dos Crioulos, zona rural do município de Alagoa Grande - PB. Escolhi esse espaço porque nasci e morei na comunidade, fiz parte do corpo docente da instituição, durante oito anos, e percebi que as memórias e os saberes da tradição dos quilombolas de Caiana dos Crioulos não estão inseridas no currículo da escola nem nos conteúdos propostos pelos professores. Além disso, é uma escola quilombola. Nossa intenção foi de propor uma prática pedagógica que, por meio desses conteúdos intergeracionais, possa contribuir com a educação das crianças da escola e fazê-las se sentir inseridas no ambiente escolar, valorizadas pelos professores e por toda a escola.

Figura 10: Escola Firmo Santino da Silva



Fonte: Acervo pessoal de Luciene Tavares – 2021.

A Escola Municipal de Educação Infantil e Ensino Fundamental Firmo Santino da Silva foi fundada em 27 de março 2001, e suas atividades foram iniciadas no dia 1º de março desse mesmo ano. Recebeu esse nome em homenagem a Firmo Santino da Silva, que foi um grande líder da comunidade. Era o Mestre da Bandinha de Pífano e levou o nome da comunidade Brasil afora. Inicialmente, só oferecia os anos iniciais do ensino fundamental, porém, no ano seguinte, foi ampliada e passou a oferecer desde a educação infantil até os anos finais do ensino fundamental.

No turno da manhã, funcionam a educação infantil, ou seja, o Pré-escolar I e II, e no turno da tarde, as turmas do 6º ao 9º ano. Nesse turno, também recebe alunos de outras localidades das zonas rurais circunvizinhas, como é o Assentamento Sapé de Julião, Imbira I e II, Matinhas, Serra do Balde, Caiana do Agreste, Engenhoca e o

Assentamento Caiana de Massaranduba, que são comunidades rurais, mas não são áreas quilombolas e pertencem ao próprio município e a outros municípios vizinhos.

A escola tem um Projeto Político-pedagógico (PPP), que seguiu todas as normas para ser elaborado. Foi organizado e desenvolvido coletivamente. Porém, nem sempre, a escola teve esse documento, que podemos chamar de identidade da instituição, o qual só começou a ser elaborado em 2012. Além de toda a comunidade escolar e de líderes da comunidade onde a escola está inserida, a Universidade Estadual da Paraíba também colaborou com o processo.

O trabalho com as especificidades locais está posto no PPP da escola, inclusive os assuntos que contemplam a Lei 10.639/2003. Porém é preciso focar mais essas questões, porque percebemos que a proposta só fica no papel, e o trabalho passa a ser feito de forma individual por um professor ou por outro, quando querem ou sentem necessidade. No entanto, sabemos que isso não pode funcionar dessa forma e que é preciso ressignificar toda essa prática.

A Escola Firmo Santino dispõe de cinco salas de aula, uma cozinha, com uma sala menor em que se guardam mantimentos, uma sala dos professores, um mine depósito, banheiros feminino e masculino e uma biblioteca que, em 2019, uniu-se à Biblioteca da Mestra Edite do Coco em sua homenagem. Há, ainda, uma sala ampla, onde funciona a secretaria, com um banheiro coletivo, que é utilizado por professores, gestores e funcionários. Dentro dessa sala, existem duas salas menores: em uma, funciona a Diretoria, e na outra, um almoxarifado.

No ano de 2017, foi concluído o Ginásio Poliesportivo da escola, onde funcionam suas atividades esportivas, e um local que a comunidade utiliza para desenvolver alguns eventos culturais, visto que, antes de sua construção, era o terreiro onde desenvolvia essas práticas culturais.

A pesquisa foi desenvolvida a partir de algumas etapas de estudo e análise de diferentes fontes bibliográficas e documentais, além de entrevistas, a partir das quais compreendemos nosso objeto de estudo. No primeiro momento, selecionamos a referência bibliográfica e a documental, que serviram para fundamentar nossa pesquisa, com aportes relacionados à Educação Escolar Quilombola, os saberes da memória dos quilombos e a Lei 10.639/2003 nos currículos escolares, entre outros.

No segundo momento, fizemos contato com a escola da Comunidade Caiana dos Crioulos, a Firmo Santino da Silva, por ser o local onde a pesquisa foi desenvolvida, e obtivemos as autorizações que foram necessárias para desenvolvê-

la. Houve também um momento em que reunimos os professores dos anos iniciais do ensino fundamental para um diálogo acerca do que se tratava a pesquisa e obtivemos informações acerca dos seus conhecimentos prévios sobre as questões que ela traz.

Para desenvolver a pesquisa, foi necessário um contato com a escola e com os professores no primeiro momento, em que houve um diálogo sobre os saberes da memória dos quilombolas de Caiana dos Crioulos e a Educação Escolar Quilombola. O segundo momento aconteceu com alguns moradores da comunidade local, também com aplicação de entrevistas para coletar dados sobre seus conhecimentos acerca dos saberes da tradição oral da Comunidade Caiana dos Crioulos, como esses saberes eram praticados antes e como estão hoje, para as oficinas pedagógicas que seriam ministradas para os professores da escola.

A realização de um estudo sobre como os saberes da memória dos quilombolas local são valorizados, aplicada nos estabelecimentos de ensino, mas, principalmente, em uma escola quilombola, justifica-se como proposta de pesquisa no âmbito de uma Pós-Graduação em Formação de Professores, ao mesmo tempo em que se trabalha para desconstruir o preconceito e a discriminação racial e valorizar as tradições quilombolas, pois os quilombolas vivem lutando, desde sua base, por essa valorização, e a educação escolar precisa estar preocupada com esse aprofundamento, ou seja, com o trabalho voltado para as especificidades dessa população.

No final de nossa pesquisa – a proposta de um produto educacional, que propõe uma abordagem metodológica – produzimos um Caderno Pedagógico de Práticas Culturais: saberes e fazeres do quilombo no cotidiano escolar para os professores da Escola Municipal de Educação Infantil e Ensino Fundamental Firmo Santino da Silva da Comunidade Quilombola Caiana dos Crioulos no município de Alagoa Grande – PB, para que tenham um subsídio concreto, um norte, um encaminhamento sobre como trabalhar as memórias os saberes da tradição oral dos quilombolas local, na perspectiva da Educação Escolar Quilombola e da Lei 10.639/2003 em sala de aula.

Esse tipo de proposta objetiva dar subsídio à prática docente dos professores que atuam na comunidade, em relação à sua cultura e às suas tradições orais. Trata-se de um roteiro de orientação pedagógica que possibilita o aprendizado sobre os conhecimentos sociais e culturais da comunidade.

O objeto de estudo de nossa pesquisa é a formação docente, com o qual o produto se relaciona, e servirá para viabilizar o trabalho dos professores no coletivo e valorizar as tradições orais e culturais da comunidade. Ao observar as narrativas de professores da escola sobre a falta de material pedagógico sobre a comunidade que pudesse ser utilizado na escola, sentimos necessidade de desenvolver uma proposta de pesquisa que contemplasse esse tipo de demanda educativa.

O produto educacional poderá ser o primeiro material pedagógico sobre a comunidade que possibilitará o trato com a valorização cultural da comunidade, através das narrativas de vida dos idosos e dos líderes, e contribuir para a construção identitária das crianças da escola em sala de aula, para que haja realmente um sentimento de pertença ao ambiente escolarizado.

3 MEMÓRIAS, SABERES E TRADIÇÃO EM CAIANA DOS CRIoulos

Neste capítulo, discutiremos acerca das memórias, dos saberes e das tradições vivenciadas em Caiana dos Crioulos a partir de relatos de pessoas idosas, moradoras da Comunidade. Suas narrativas de memórias foram fundamentais para que compreendêssemos a tradição e os saberes construídos nesse território. Nossa proposta é de mostrar que esses saberes contribuem com as práticas educativas de docentes. Abordaremos também as vidas no Quilombo, suas festividades e as experiências de suas práticas cotidianas, como também a escuta de parteiras e rezadeiras da comunidade que contribuem para a formação docente.

3.1 Narrativas de memórias e saberes das experiências: Escuta sensível

*Mas somos pura resistência;
Na luta, na dor ou na crença;
Um legado aonde vamos;
No quilombo onde estamos;*

Esse chão é meu lugar!
(LUCIENE TAVARES)

Esse trecho de uma das minhas poesias sobre Caiana dos Crioulos nos faz refletir sobre a resistência quilombola a partir da memória. A memória, objeto de estudo das ciências humanas e sociais, consiste no ato de um indivíduo armazenar informações que são selecionadas como momentos importantes de sua vida. Não conseguimos nos lembrar de tudo, mas o que acreditamos ser mais importante e tem um significado real para certo momento. Segundo o Dicionário Aurélio online, a memória é a “faculdade de conservar e lembrar estados de consciência passados e tudo quanto se ache associado aos mesmos.”

A memória tem um papel fundamental nas histórias de vida, de pessoas e lugares. Por meio dela, é possível compreender histórias de vida e de comunidades, com seus saberes e tradições, através das memórias dos sujeitos sociais que ali vivem. Esses sujeitos apontam para uma percepção de memória de algo que o documento oficial não pode falar. O trabalho com memória é importante porque possibilita ressignificar histórias de vida, de sujeitos e de comunidades.

Dessa forma é importante trazer à tona a memória da comunidade Quilombola Caiana dos Crioulos, seus saberes, crenças, causos e tradições, suas histórias, as

quais fizeram e fazem parte do repertório desse território, pois ao trazer essas memórias que foram vivenciadas de forma particular, ou mesmo coletivas por essas pessoas, tornando-as registradas na história, onde poderão ser estudadas e valorizadas no ambiente escolarizado, estamos fazendo com que essas sejam ressignificadas.

Enfatizamos que é possível entender a memória de Caiana dos Crioulos por meio de narrativas orais, porque podemos compreender a memória dessa comunidade em sua completude e evidenciar suas danças, seus rituais, causos, suas lendas e todas as suas manifestações culturais. Portanto, é possível educar por meio da memória desse território, através das pessoas idosas que ali habitam. São pessoas que sabem sobre a história do lugar e têm um conhecimento formativo que pode educar outras pessoas. Caiana dos Crioulos tem muitas histórias, e é encantador ouvir cada uma delas, como a história do 'Reino Encantado', uma de suas maiores lendas, os rituais dos casamentos e as manifestações culturais, como o coco de roda e a ciranda, que passam de geração a geração.

Compreender as narrativas de memória de pessoas idosas é de suma importância, porque saber como elas narram suas histórias de vida no quilombo, como enxergam esse território construindo um pensamento a seu respeito e como interpretam a vida nesse lugar é fundamental. Bosi (1979), em seu livro 'Memória e Sociedade: lembranças de velhos', enfatiza que

a função social do velho é de lembrar e aconselhar, unir o começo e o fim, ligando o que foi e o que está por vir. Porém a sociedade capitalista impede a lembrança, usa o braço servil dos velhos, e recusa seus conselhos, oprime a velhice, destrói os apoios da memória e substitui a lembrança pela história oficial celebrativa (BOSI, 1979, p.18).

Precisamos ver o envelhecimento com um olhar diferenciado, não no sentido de separar, mas de dar visibilidade aos idosos, aos seus ensinamentos, suas experiências de vida e suas narrativas e ressignificar essa perspectiva que traz o capitalismo em relação aos idosos. "Ser velho, na sociedade capitalista, é sobreviver sem projeto, impedido de lembrar e de ensinar" (BOSI, 1979, p.18).

Podemos afirmar que as pessoas idosas de Caiana dos Crioulos têm muito a contribuir com o processo educativo por meio de suas narrativas, no ambiente escolarizado, a partir de suas lembranças e de sua memória. Lembrar é refazer, é compreender o agora a partir do que já foi, em determinado espaço de tempo. E só

trazemos às nossas lembranças o que fica, e só fica o que nos é significativo e importante.

Existem a memória individual e a memória coletiva, e ambas têm participação importante na vida de cada indivíduo. A primeira se volta mais para as questões subjetivas, para os acontecimentos da vida, as vivências e a existência nesse mundo. Já a segunda é referente às memórias dos grupos em que estamos inseridos na coletividade e que fazem parte do nosso passado.

A memória individual tem ligação com o fenômeno biológico, porém também é cultural e está ligada à memória coletiva relacionando-se entre si. Os quilombolas de Caiana dos Crioulos, ao trazer as lembranças vividas em certo tempo no lugar ao qual pertencem e as formas como se lembram desses acontecimentos, têm impactos culturais, que podem variar de acordo com a cultura do indivíduo.

Halbwachs (1950) assevera que a memória pode ser construída coletivamente e sofrer mudanças constantes. Já Pollak (1992) entende que a memória pode passar por transformações, porém há acontecimentos muito importantes que impedem que as mudanças aconteçam. Esse autor traz como exemplo as entrevistas longas com histórias de vida, durante as quais os entrevistados voltam várias vezes aos mesmos acontecimentos.

Se destacamos essa característica flutuante, mutável, da memória, tanto individual quanto coletiva, devemos lembrar também que na maioria das memórias existem marcos ou pontos relativamente invariantes, imutáveis. Todos os que já realizaram entrevistas de história de vida percebem que no decorrer de uma entrevista muito longa, em que a ordem cronológica não está sendo necessariamente obedecida, em que os entrevistados voltam várias vezes aos mesmos acontecimentos, há nessas voltas a determinados períodos de vida, ou a certos fatos, algo de invariante (POLLAK, 1992, p. 201).

Um dos pontos para se construir a memória, sob o ponto de vista dos dois autores citados, é a questão social, que construímos no meio em que vivemos coletivamente. Segundo Pollak (1992), há elementos constitutivos da memória, seja ela individual ou coletiva. Em primeiro lugar, estão os acontecimentos vividos de formas individuais pelas pessoas, e em segundo, os que vivemos em grupo, no coletivo, ao qual as pessoas se sentem pertencer e que o autor chama de acontecimentos “vividos por tabela” e que, nem sempre, vivenciamos, mas que, no nosso imaginário, tomaram uma proporção tão grande que é quase impossível saber se participamos realmente ou não. Para o autor, na socialização política ou histórica,

pode haver um acontecimento tão forte do passado que podemos falar de uma memória quase herdada.

A memória é, em parte, herdada, não se refere apenas à vida física da pessoa. A memória também sofre flutuações que são função do momento em que ela é articulada, em que ela está sendo expressa. As preocupações do momento constituem um elemento de estruturação da memória. Isso é verdade também em relação à memória coletiva, ainda que essa seja bem mais organizada (POLLAK, 1992, p.4).

Assim como Pollak faz essa referência à memória coletiva por acontecimentos vividos por tabelas, Halbwachs faz essa colocação quando fala que as lembranças individuais estão em quadros coletivos que sustentam e contribuem para organizar essas memórias que contribuem com os processos históricos e culturais.

[...] quando retornamos a uma cidade onde estivemos anteriormente, aquilo que percebemos nos ajuda a reconstituir um quadro em que muitas partes estavam esquecidas. Se o que vemos hoje tivesse que tomar lugar dentro do quadro de nossas lembranças antigas, inversamente essas lembranças se adaptariam ao conjunto de nossas percepções atuais (HALBWACHS, 1950, p. 25).

Então, ao trazer a memória coletiva, o autor enuncia que, quando narramos a lembrança do passado sobre nós, sempre irá existir o “outro”, e nunca, o “eu” sozinho, o que torna isso um processo coletivo. Nossas lembranças do passado servem para construirmos nosso presente. Assim, compreendemos que a memória coletiva acontece de acordo com nossas vivências do passado, e as experiências vividas por cada um de nós são lembranças construídas na convivência com os outros, em grupo, na sociedade à qual nos sentimos pertencentes.

Os quilombolas de Caiana dos Crioulos trazem na memória diversas lembranças de momentos vivenciados em grupo, em que não estavam sozinhos, mas rodeados de pessoas e informações, como, por exemplo, nos momentos em que expressam sua cultura dentro do quilombo, nos terços, nas novenas e nas festas que foram realizadas na juventude dentro desse território. Schmidt e Sahfoud referem que “a lembrança é sempre fruto de um processo coletivo e está sempre inserida num contexto social preciso”.

Para ver e observar uma realidade presente, o indivíduo recorre ao testemunho de sua experiência anterior e ao testemunho de outros, que indicam ou destacam aspectos a serem observados, bem como universos onde localizar o observado (SCHMIDT E MAHFOUD, 1993, p. 290).

Essas memórias do quilombo são muito importantes no contexto escolarizado, pois, desde os antepassados, os idosos já contavam histórias. Havia um ensino que foi construído intergeracionalmente por meio de contação de história sobre a comunidade, por isso há uma identidade social do povo quilombola que faz com que suas memórias sejam passadas de geração para geração, pois a memória faz parte da construção da identidade das pessoas dessa localidade. Pollak (1992) refere que memória é também identidade e que há um sentimento muito estreito entre memória e identidade, em que a memória é um elemento que constitui a identidade individual e coletiva.

Para Catroga (2015), as vivências na casa de nossos pais, avós e demais familiares, as repetições comuns de festas, rituais, conservação de saberes e símbolos são condições que geram em nós um sentimento de pertença.

[...] os complexos, as reminiscências comuns e as repetições rituais (festas, familiares), a conservação de saberes e símbolos (fotografias e respectivos álbuns, a casa dos pais ou dos avós, as campas e mausoléus, os marcos odores,, as canções as receitas de cozinha a patronímia, os nomes, a par da responsabilidade da transmissão do conteúdo das heranças (espirituais ou materiais, são condições necessárias para a criação de um sentimento de pertença, em que os indivíduos se reconheçam dentro de totalidades genealógicas que vindas do passado pretendem sem solução de continuidade projetar-se no futuro (CATROGA, 2015, p. 2).

Há um velho ditado popular que diz que “Recordar é viver”, é recontar a história para ser vista, talvez, por outro ângulo. É encantador ouvir o passado e trazer o que de bom ficou para o momento presente. Catroga (2015, p. 22) enfatiza que

a recordação é a prova de que se pode experienciar o tempo fora dos quadros do casualismo mecânico, e que por isso a convocação do acontecido não é escrava da ordenação irreversível, casual ou analógica em relação ao presente. (CATROGA,2015, p. 22)

Pollak (1992), ao falar da memória quase que herdada, aquela que não faz referência apenas a nossa vida física, os acontecimentos que marcaram tanto determinado período e trazemos em nossas lembranças, mesmo que não tenhamos vivido fisicamente, mas de que nossos ancestrais participaram e carregamos conosco uma vida inteira. É justamente isso que acontece na Comunidade Quilombola Caiana dos Crioulos, cuja geração de agora pode não ter participado das vivências de gerações anteriores, mas sabe de cor como viviam seus avós e bisavós, pois, nas conversas em família e nas histórias contadas pelos idosos na comunidade, esses conhecimentos vão sendo passados de geração em geração. Assim, a oralidade

sempre esteve presente nesse território, e a comunidade sempre teve grandes griots e guardiões da história que, em família e na comunidade, sempre estiveram dispostos a contar e recontar sua história para seu povo.

Apesar de a comunidade ter um conhecimento muito grande da oralidade, é importante que essas fontes orais sejam documentadas, para que possam galgar o mundo das escritas, e não sejam esquecidas pelas futuras gerações. Essa é uma forma de valorizar as pessoas de Caiana dos Crioulos, principalmente os idosos e suas lembranças extraordinárias.

A partir do momento em que oralidade se torna parceira da escrita, podemos perceber as "flutuações" (PollaK) que ocorrem ou não, o que foi modificado e qual interação se tem com o momento atual que chamamos de modernidade. Como esses acontecimentos têm sido visto pelos quilombolas dessa geração? Como são vivenciados? Questões como essas são importantes, para pensarmos o hoje a partir das memórias desse local e para que essa geração se sinta orgulhosa e pertencente à comunidade em que está inserida e sinta orgulho de contar para o mundo sua história.

[...] a tradição oral é a transmissão de saberes feita pelo povo, de geração em geração, isto é, de pais para filhos ou de avós para netos. Esses saberes tanto podem ser os usos e costumes das comunidades, como podem ser os contos populares, as lendas, os mitos e muitos outros textos que o povo guarda na memória (provérbios, orações, lenga-lengas, adivinhas, cancionários, romanceiros etc.) (PEREIRA, 2014, p.18).

As comunidades tradicionais preservam suas memórias, e através da tradição oral, vão repassando seus costumes e saberes, que têm significados e sentidos ancestrais que os quilombolas carregam durante toda a vida. Pereira (2014), ao falar sobre esse sentido da tradição oral no continente africano, assevera que

a África leva a sua cultura através dessa tradição e a cultura é vista como fonte rica para a tradição oral, por isso a importância da oralidade, a transmissão oral dos conhecimentos armazenados na memória das pessoas, para a história da humanidade e, até mesmo, para os estudos da antropologia" (PEREIRA, 2014, p.18).

Como podemos perceber na fala da autora, a cultura é considerada uma fonte enriquecedora para a tradição oral, e não é à toa que os territórios tradicionais têm um respeito profundo pela oralidade do seu povo, pelo legado cultural e as tradições orais, que contribuem para o pertencimento identitário de um povo com bastante eficácia. A autora acrescenta que, na África, ao relatar a questão da identidade, quando o assunto

era a identidade do grupo, ficava sob a responsabilidade e a guarda dos contadores de histórias, que eram considerados portadores da memória da comunidade, sem que fosse preciso comprovar, e que os Griots, por tradição, desempenhavam esse papel de portadores da memória da comunidade.

Em Caiana dos Crioulos, as histórias são narradas, principalmente, por pessoas que não foram alfabetizadas, porém têm saberes valiosos e, através de narrativas orais, podem educar, a partir do conhecimento que detêm sobre a comunidade e o povo quilombola.

No contexto de nossa pesquisa e estudo, compreendemos que os saberes de Caiana dos Crioulos são educativos, portanto, as lembranças que os idosos guardam podem formar as pessoas da comunidade e fora dela. São conhecimentos valiosos, que vão desde os conhecimentos dos contatos com as ervas até suas manifestações culturais. E é pensando nessas questões que compreendemos o quanto é importante o trabalho educativo com a memória das pessoas do território local.

As memórias trazem elementos que são partes constituintes da cultura quilombola de Caiana dos Crioulos. De acordo com Furtado Pedrosa e Alves (2014, p.107),

a cultura é o que nos faz e aquilo que nos torna ao crescermos em determinado ambiente. Trata-se da forma autêntica e local de cada povo se constituir e resistir à força globalizante que busca homogeneizar as diferenças. [...]. A cultura deve ser compreendida como campo simbólico, por possibilitar aos sujeitos uma complexa rede de relações sociais capaz de significações por meio de símbolos, signos, práticas e valores. Nesse contexto as comunidades passam a ser compreendidas, a partir de suas singularidades, individualidades próprias, e estruturas específicas. [...], é definida como a totalidade de reações subjetivas e sociais que caracterizam a conduta dos indivíduos componentes de um grupo, coletiva e individualmente, em relação ao seu ambiente natural a outros grupos, a membros do mesmo grupo e de cada indivíduo consigo mesmo (FURTADO, PEDROSA e ALVES, 2014, p.107).

Conforme referem as autoras, a cultura nos possibilita redes de relações sociais no ambiente em que estamos inseridos, no coletivo, através de nossas práticas, vivências e modos de pensar e de agir como indivíduos pertencentes àquele grupo. É um contexto que também tem parte de nossas subjetividades, portanto, esse pertencimento faz parte da construção da nossa identidade. Então, é possível perceber que a Comunidade Caiana dos Crioulos, através da cultura do seu povo, exerce um papel de fundamental importância na vida social e como isso reflete na identidade dos quilombolas locais.

De acordo com Baró apud Furtado, Pedrosa e Alves (2014), a identidade pode ser entendida como um produto da própria ação do indivíduo e da sociedade, de tal maneira que se forme a partir das confluências de orças sociais que operem sobre o indivíduo e na qual ele próprio atua e constrói a si mesmo. Para Baró apud Furtado, Pedrosa e Alves (2014, p.108) ao trazer seus olhares voltados para a questão da definição de identidade, as autoras ressaltam o seguinte:

A constituição da identidade se dar por um grupo de indivíduos ao compartilharem significados e objetos simbólicos como língua, história, religião, interesses, gostos e cultura, em oposição aos que não partilham, e se colocam, portanto, no lugar de alteridade. (FURTADO, PEDROSA E ALVES, 2014, p.108).

A construção da identidade negra e quilombola é importante para o pertencimento das pessoas de Caiana dos Crioulos, para que essas se afirmem como pertencentes à sua cultura negra e quilombola, valorizem seus costumes e suas raízes, conheçam seus direitos e se construam como sujeitos políticos e críticos na sociedade.

Para falar da identidade quilombola, é necessário falar do território, das histórias dessas famílias, que são importantes no quilombo porque dão um sentido de pertencimento, de busca de coesão e é através dessas famílias que emergem as pessoas líderes da comunidade, que lutam e criam redes de apoio para a comunidade.

A Comunidade Caiana dos Crioulos é formada de várias famílias. Atualmente, existem 118 fixas na comunidade, porém isso varia conforme os tempos, pois as famílias que estão em outros lugares ou regiões do país, às vezes, retornam e passam um longo período na comunidade. No quilombo, as famílias têm um sentido para além do consanguíneo - um sentido social de família, pois são famílias que interagem entre si na luta por seu território. Elas têm suas representações, ou seja, famílias que se unem e lutam pela comunidade e pelo direito social de suas famílias, ou seja, das pessoas de sua casa, criando um sentido de organização.

A comunidade é organizada pelo conjunto de famílias em interação e, algumas vezes, em conflito. Mas, para além disso, elas permitem que a comunidade se reinvente e sobreviva. E mesmo que pessoas da comunidade migrem para outros estados, como o Rio de Janeiro, por exemplo, onde está concentrada a maior parte dos quilombolas caianenses, os laços familiares continuam fortes, pois as famílias possibilitam isso.

Para que um território quilombola se ressignifique e se reinvente, as famílias geram memórias. Nesse sentido, a história do quilombo precisa ser contada na escola pelas pessoas idosas, que pertencem a diferentes famílias da comunidade, e cujos saberes são geradores de modos e formas de educar na escola. Primeiro, educa-se o professor, que será um multiplicador desse conhecimento.

A maioria dos idosos de Caiana não passou pelas academias nem foram alfabetizados, porém são historiadores de família. Existem acontecimentos que ficam gravados para sempre em nossas memórias, sejam eles vividos de forma individual ou coletiva, portanto, são muito significativos Pollak (1992, p.3) afirma que esses acontecimentos são “vestígios datados da memória” e que podem ocorrer em relação a eventos, lugares e personagens.

Além dessas diversas projeções, que podem ocorrer em relação a eventos, lugares e personagens, há o problema dos vestígios datados da memória, ou seja, aquilo que fica gravado como data precisa de um acontecimento. Em função da experiência de uma pessoa, de sua inscrição na vida pública, as datas da vida privada e da vida pública vão ser ora assimiladas, ora estritamente separadas, ora vão faltar no relato ou na biografia. (POLLAK,1992, p.3).

Como exemplos de datas precisas, o autor cita o nascimento dos filhos, de algum parente ou de sobrinhos. Quando essas pessoas são entrevistadas, por exemplo, sempre voltam a relatar os fatos ocorridos que mais ficam gravados em suas memórias, e elas não conseguem esquecer, principalmente as pessoas idosas. Pollak (1992, p. 4) refere que existem elementos da memória - que ele chama de fenômenos de projeções e transferências - que vão ocorrendo na organização da memória individual ou coletiva. São os acontecimentos de memória seletiva. “A memória é seletiva. Nem tudo fica gravado. Nem tudo fica registrado.”

As memórias dos idosos, além de contribuir para a formação identitária das crianças e da juventude quilombola, reforçam as relações culturais do território. O autor Pedro Fernando dos Santos, em sua dissertação ‘Memórias que educam: narrativas dos velhos do Quilombo de Santana - PE para a formação da juventude e preservação dos saberes da tradição’, ressalta a importância dessas memórias sobre os saberes da tradição quilombola:

[...] identificamos, nas memórias dos mais velhos, a força e o poder dos saberes da tradição para a promoção das relações identitárias e de valores sociais na vida da juventude e, por fim, promovemos um diálogo entre as

vozes dos velhos e as práticas comportamentais de jovens, na perspectiva da tradição e de aprendizagens oferecidas (SANTOS, 2015, p.16).

Como podemos observar na fala do autor, as memórias dos mais velhos são valiosas e têm o poder dos saberes tradicionais, portanto, contribuem para a construção identitárias da juventude. No Quilombo Caiana dos Crioulos, essas memórias também fazem parte da resistência dos caienenses, e as pessoas idosas trazem marcas temporais sobre seus saberes e fazeres.

No texto instrutório do livro 'Comunidade: a busca por segurança no mundo atual', Brauman aborda o sentido de comunidade e menciona as vivências comunitárias como algo positivo. "As companhias ou as sociedades podem ser más, mas não a comunidade. Comunidade, sentimos, é sempre uma coisa boa" (1925, p.7).

A partir de Bauman, compreendemos comunidade como um espaço-tempo territorial, em que os sujeitos adquirem experiências e vivências e organizam suas formas de trabalhar e de desenvolver suas práticas sociais. Por essa razão, em Caiana dos Crioulos e nas demais comunidades quilombolas, o sentido de comunidade precisa ser mantido. Nos territórios quilombolas, as comunidades eram o que compreendemos como o lugar de fala do negro no campo, pois é onde a maioria está inserida.

Atento ao comunitarismo existente em nossa sociedade, Bauman faz uma reflexão sobre o sentido de comunidade, "entendida como lugar do compartilhamento, do bem estar conjuntamente conseguido, como uma espécie de união que supõe a responsabilidade dos ricos e dá substância às esperanças dos pobres de que essa responsabilidade será assumida". Segundo o autor,

isso não quer dizer que a "comunidade" esteja ausente do vocabulário da elite global, nem que, se mencionada, seja negada e censurada. É só que a "comunidade" da *Lebenswelt* da elite global é muito diferente daquela outra "comunidade" dos fracos e despossuídos. Em cada uma das duas linguagens em que aparece, a das elites globais e a dos deixados para trás, a noção de "comunidade" corresponde a experiências inteiramente diferentes e a aspirações contrastantes. (BAUMAN, 1925, p. 60).

Para o autor, mesmo no contexto comunitário, o sentido de comunidade é experienciado e vivenciado de formas diferentes, ao se tratar da elite e das populações mais humildes. E quanto maior é o público-elite em determinado local, mas há individualidade posta se distanciando do real sentido inicial de comunitarismo. Já as populações mais humildes se aproximam cada vez mais desse sentido, visto que a

maioria dos acontecimentos vividos em comunidade se baseia no coletivo, no cuidado e na ajuda mútua. Percebemos isso frequentemente nos territórios tradicionais, e nos quilombos, esse laço ainda continua muito forte, principalmente ao executarem seus rituais, em que todos se ajudam para o bem coletivo.

3.2 Viver Caiana: Rituais¹ e festividades nas experiências dos caianenses

Para entender a lógica da Comunidade Quilombola Caiana dos Crioulos, é preciso perceber todas as ações, todas as práticas culturais e sociais que são desenvolvidas dentro do território, porque são oriundas de uma identidade social quilombola. As festas, os rituais de nascimento, casamento, batizado e morte e toda essa programação e as práticas culturais existentes na comunidade são frutos de uma construção identitária, do pertencimento desse lugar e de sua história, que são histórias de famílias e memórias que fazem parte do cotidiano dos caianenses.

Ao apresentar, neste item, 'Viver Caiana', as experiências do 'Vivenciando Caiana', do Reino Encantado, dos rituais e das festividades, chamamos a atenção para um lugar de saber gerador de uma identidade étnica que afirma o que é ser negro e negra dentro do quilombo. Por isso é importante mostrar as práticas culturais de Caiana como forma de acolhê-las e conhecê-las na escola, para que os professores conheçam essas práticas e ensinem aos alunos da comunidade sobre elas, pois as histórias que fazem parte do contexto social de Caiana são frutos de um pertencimento, ou seja, o pertencimento ao território, de várias histórias de famílias interligadas, e mais que isso, de uma identidade social que foi construída ao longo da trajetória de vida no quilombo.

Partindo desse pressuposto, nosso intuito, ao trazer o conjunto das festividades de Caiana dos Crioulos, é de mostrar que ser quilombola não é ser exótico, e sim, um

¹ Concebendo o conceito de Ritual como: elementos de conscientização da vida social. O momento no qual aquilo que a sociedade é e deve ser (a ordem vigente e sua manutenção) se legitima naquilo que ela não deve ser (as contradições expostas pelos rituais). Ainda que isso não aconteça de forma consciente para os nativos, seja qual sociedade for, os rituais têm o poder de legitimar o comportamento social. (DUARTE E MENEZES, 1974, p.4). O qual se diferencia do conceito de Performace: como aponta Jean Langdon (LANGDON, 1996) o *performer*, aquele que orienta os momentos performáticos, estabelece para com a platéia certa hierarquia segundo uma ordem pela qual a comunicação se estabelece. (DUARTE E MENEZES, 194 p.50).

sujeito social e étnico que luta por seu direito na sociedade e de pertencer e ter seus saberes e fazeres.

A vida em Caiana dos Crioulos, apesar de todas as lutas para alcançar os direitos por políticas públicas de reparação e inclusão, é sempre uma festa, no sentido da partilha, dos laços de amizade, da vizinhança e do compadrio que se criam e em relação à maneira como os caienenses se organizam na comunidade. Nas festividades, nas comidas, nos rituais e nas vestimentas, o povo de Caiana deixa marcas de sua memória e identidade.

Desde os coloridos dos tecidos de suas roupas, com belíssimas estampas, aos turbantes das mulheres e às suas manifestações culturais, o povo de Caiana vai deixando escrita sua história, pois, de acordo com Cruz, Menezes e Pinto (2008), as festas culturais são traços de um conjunto etnográfico da história e da cultura de todos os povos, em todos os níveis e classes sociais. Para *Ibid* (*apud* Cruz, Menezes e Pinto, 2008), as manifestações culturais existentes em uma sociedade representam sua voz social, é uma forma subjetiva que as pessoas encontram de expor seu interior, expressar o que pensam e desejam realizar ou até modificar.

Caiana dos Crioulos vive suas festividades, desde as novenas até o coco de roda existente no quilombo. Apesar de ser uma comunidade quilombola, no que diz respeito à religiosidade, ela apresenta uma diversidade, com seus templos religiosos - o catolicismo, o protestantismo e as religiões de matriz africana, como a Umbanda, o Candomblé e a Jurema.

Na comunidade, o patrimônio material pode ser visto através de uma igreja católica - a capela - que tem como padroeira Santa Luzia; de um templo evangélico - a Assembleia de Deus - e diversas casas de moradores que abrem suas portas para os cultos de matiz africana, além de seus orixás e sua ancestralidade religiosa.

A Capela de Santa Luzia foi fundada no ano de 1981, por iniciativa dos próprios moradores da comunidade, devido à necessidade de um templo religioso. Nela realizam-se missas e celebrações, como encontros religiosos do Catolicismo.

Figura 11: Capela de Santa Luzia



Fonte: Acervo pessoal de Luciene Tavares - 2020

A Assembleia de Deus de Caiana dos Crioulos foi Fundada no ano de 2005. Antes de ser construída, os cultos eram realizados em uma casa. A construção da Assembleia de Deus foi de iniciativa do Pastor José Carlos e contou com a ajuda de outros pastores.

Figura 12: Assembleia de Deus



Fonte: Gerlane Salvino – 2020

Um dos locais mais antigos da comunidade onde aconteciam os cultos afro-brasileiros, encontra-se desativado por causa do falecimento do Babalorixá que era o responsável pelo local. Mas os cultos continuam acontecendo nas casas de alguns moradores.

Figura 13: Local onde os cultos afro-brasileiros eram realizados



Fonte: Acervo pessoal de Luciene Tavares – 2020

A maioria dos quilombolas locais dizem ser católicos, porém a maior parte das pessoas que frequentam a igreja católica da comunidade também está inserida nos momentos de cultos de matiz africana. Isso acontece, muitas vezes, por causa do preconceito sofrido pela sociedade que faz com que o indivíduo negue seu pertencimento quando se trata das questões religiosas.

O hibridismo religioso, possível através do sincretismo, está presente em diversas moradias, basta observar os quadros pendurados em suas paredes ou em pequenos altares postos em suas salas como oratórios (local onde ficam postas as imagens sagradas), em que está nítida essa diversidade. Podemos confirmar esse contexto em Campos (2012), que afirma:

A religião em Caiana é predominantemente católica, embora exista uma igreja da Assembleia de Deus, e alguns terreiros que funcionam de maneira sigilosa naquela área, a maioria dos moradores se declaram católicos, nas casas é comum encontrar diversas imagens de santos, e entre as senhoras mais velhas o hábito de rezar as pessoas para livrá-las do mal olhado também é comum (CAMPOS, 2012, p. 44).

Apesar de toda a diversidade existente, a comunidade lida, com bastante união e harmonia, no aspecto religioso. Uma expressão viva disso está presente em suas festas e comemorações, pois, independentemente das questões religiosas, todas as pessoas marcam presença. Um fato que chama a atenção na comunidade e que é difícil de ver em outros templos religiosos, é que podemos encontrar, na Capela de Santa Luzia, nos quadros presentes, passagens bíblicas em que todas as imagens são pessoas de pele preta. Caiana dos Crioulos, desde os tempos passados, tem a

tradição de rezar os novenários, com seus festejos e muita devoção. Esse, além de ser um momento celebrativo, em que expressam sua fé, também é de festa dentro do território. Entre essas expressões, destacamos os novenários, que fazem parte das tradições e crenças do povo de Caiana.

Alguns idosos ainda costumam rezar seus novenários em casa. E apesar de irem à igreja, reúnem a família e a comunidade para fazerem suas celebrações. Nessas casas, encontram-se oratórios e paredes com diversas imagens, como na casa de Dona Ornila, uma senhora de 93 anos, que é devota de Santo Antônio e sempre realiza os festejos em sua casa.

Figura 14: Oratório da casa de Dona Ornila



Fonte: Acervo pessoal de Luciene Tavares – 2020.

Assim como na casa de Dona Ornila, na de Dona Nêga, filha de Firmo Santino da Silva, ela costuma rezar o terço com sua família. Essa é uma tradição que vem herdando dos seus pais. Ela também é uma rezadeira fantástica, conhecedora do poder das ervas, e sempre é procurada para rezar mau olhado, espinhela caída e outros males.

Figura 15: Oratório da casa de Dona Nêga



Fonte: Marinélia Nascimento – 2020.

No Brasil e no mundo, as práticas culturais fazem parte do dia a dia da população. A devoção do povo brasileiro é enorme, e em se tratando das comunidades tradicionais, esses costumes, rituais ou devoções são ainda mais constantes. As novenas são vistas como práticas religiosas e como uma prática cultural, por fazer parte da memória individual e coletiva de determinada população.

De acordo com Alamar Filha (2011), as novenas foram trazidas pelos portugueses e chegaram às terras brasileiras ainda no período colonial, quando os cristãos tinham que praticar alguns rituais por serem obrigatórios, como, por exemplo, o ato de rezar, que deveria ser praticado todos os dias, pois era uma forma de estar em contato com Deus.

Em Caiana dos Crioulos, a prática da novena foi e continua sendo muito presente, em quase todos os momentos festivos e de devoções da comunidade. Observam-se, nos novenários, como são chamados, os mesmos momentos ritualísticos que seus antepassados deixaram. Em momentos de novenas, como as comemorações dos padroeiros ou padroeiras locais cultuados pelos rituais da igreja católica, Caiana tem um cronograma bastante antigo de cânticos e modos de desenvolver o novenário, o que diferencia dos rituais da cidade.

A Semana Santa é marcada pela chamada Via Sacra, que acontece na Capela de Santa Luzia, com cânticos e orações, em doze estações que marcam o sofrimento de Jesus Cristo. Durante esse período, os católicos da comunidade seguem rigorosamente os rituais que e chamam esses dias de 'Dias Grandes'. Chegam até a

cobrir as imagens e os espelhos em suas casas na última semana, vivenciando o que Jesus viveu na Cruz.

O mês de maio tem um ritual de novenas todos os dias, na capela da comunidade, e é bem festivo desde o primeiro dia. Antes de ser celebrado na capela cuja padroeira é Santa Luzia, era cultuado na casa das pessoas da comunidade. Existiam algumas casas específicas, onde se juntavam todas as pessoas para o novenário. As mulheres levavam flores para colocar aos pés de Nossa Senhora e no altar. Todos os dias, esse ritual se repetia. No dia seguinte, as flores eram separadas em um local e queimadas na fogueira no último dia da novena, o que acontece até os dias atuais.

Outras novenas que se fazem na comunidade são as de São João, celebradas no mês de junho; a de São Pedro, em julho, e a de Nossa Senhora da Conceição. Dona Francisca nos contou como eram as novenas da comunidade em sua juventude:

Tinha celebração. Na casa de meu pai, na casa de Beliza, na casa de cumadre Maria, a mãe de cumade coisinha Maria Brai, e alí na casa de seu Vicente Belo, era essas três casas que tinha celebração. Era São João, São Pedro e A Conceição. No ano novo num tinha novena nenhuma (FRANCISCA BELISIA DA SILVA ,2019).

Os meses de junho e julho são considerados sagrados no território quilombola, pois os moradores de Caiana, além de colher suas plantações, como o milho e o feijão, alegam-se por participar dos festejos juninos, principalmente as celebrações de São João Batista e São Pedro. Além do novenário, acontecem festividades como quadrilhas, compadrios e apadrinhamentos, ao redor das gigantescas fogueiras acesas nos terreiros das casas. Na Região Nordeste, esses meses são repletos de festas, principalmente nas cidades interioranas, onde as práticas devocionais a São João e a São Pedro são sempre lembradas e festejadas, sobretudo pelas pessoas católicas, com bastante fervor, como nos relata Dona Francisca sobre o modo como esses festejos juninos aconteciam no quilombo em sua juventude:

No São João era na casa do meu pai, dava gente demais, a comunidade toda. Nossa senhora da Conceição era casa de cumade Maria Brai, a mãe de cumade Dite, rezava, todo mundo rezava, né? Rezava a ladainha, o pai de Nosso, aquele bonde de reza, cunacabá, era festa a noite todinha, brincando, saltando, bebendo e comendo. Tinha muito aquela panelona de arroz doce, a gente levava um dinheirinho, pega o dinheirinho quando levava aquele dinheiro cumia com arroz doce, comia bolo, ia namorar e pronto. Bolo de mandioca feito na palha de coisa. O São Pedro era na casa de seu Vicente, tu num conhece não. Mesmo alí no grupo da Caiana aquela casa de baixo,

ali tinha a casa de seu Vicente, um casão que tinha. (FRANCISCA BELISIA DA SILVA, 2019).

Para Castro (2018), Santo Antônio, santo casamenteiro, como é conhecido popularmente, São João e São Pedro são santos venerados pelo catolicismo oficial em seus ritos litúrgicos formais, como missas, rezas e procissões, e festejados pelo catolicismo popular por meio de práticas criadas e reinventadas pelo povo, ao longo do tempo, eivadas de elementos folclóricos e míticos.

Além do novenário, a comunidade apresenta vários rituais, que, desde seus antepassados, em suas práticas ritualísticas do nascimento até a morte, cultuam-nos. É um processo em que os quilombolas valorizam esses saberes. Cada um desses momentos é marcado de forma coletiva, e todos se sentem solidários com a ajuda mútua ao outro. Nos tempos atuais, a cultura tem sido uma preocupação viva entre os indivíduos, que procuram entender as relações entre os grupos humanos e suas perspectivas de futuro.

Com suas múltiplas formas de existir no mundo, a realidade cultural de determinado local é muito significativa para os que a vivenciam. Cada cultura tem sua forma de ver e de entender o mundo, e cada indivíduo deve respeitar os modos de vida dessa diversidade, compreendê-las em suas especificidades e contribuir para que haja interação constante entre essas variedades. “Cada cultura é o resultado de uma história particular, e isso inclui também suas relações com outras culturas, as quais podem ter características bem diferentes” (SANTOS, 1949, p.12.). De acordo com o que autor vem ressaltando, é importante entendermos as particularidades das diferentes culturas na história da humanidade, pois, só assim, seremos capazes de respeitar essa diversidade cultural.

Uma prática marcante em Caiana dos Crioulos é ritualística. Nessa comunidade, os rituais datam dos ancestrais e foram constituídos entre gerações, de pais para filhos, com bastante zelo, perseverança e cuidado. Os festejos estão presentes na vida dos seres humanos, nas distintas sociedades e culturas existentes. Em se tratando das comunidades tradicionais, esses costumes são preservados e valorizados mais ainda. São diversos acontecimentos desde o nascimento até a morte.

Os quilombolas de Caiana dos Crioulos mantêm as tradições de seus antepassados através da coletiva, preservam seus costumes, o que contribui para construir a identidade dos indivíduos ali presentes.

O ritual é um sistema cultural de comunicação simbólica. Ele é constituído de sequências ordenadas e padronizadas de palavras e atos, em geral expressos por múltiplos meios. Essas sequências têm conteúdo e arranjo caracterizados por graus variados de formalidade (convencionalidade), estereotipia (rigidez), condensação (fusão) e redundância (repetição) (PEIRANO, 2003, p. 9).

Como podemos ver na fala do autor, os rituais podem ser expressos por diferentes meios. O povo de Caiana dos Crioulos cultua os seus de forma organizada e festiva, com a participação de toda a comunidade. O primeiro ritual da comunidade acontece logo depois que uma criança nasce. Na maioria das vezes, o parto é feito pelas parteiras tradicionais, pois, mesmo quando está programado, nem sempre, a parturiente consegue chegar à cidade a tempo, porque a estrada de barro que liga o percurso de 12 km não favorece, e muitas crianças nascem antes de chegar à maternidade.

Outros rituais com muita fluência em Caiana são as comemorações de nascimento, os batizados e as festividades em torno dele. Quando uma criança nasce, escolhem-se os padrinhos, que, quinze dias depois, dão uma festa chamada de 'Cachimbo'. Assim que a criança nasce, os padrinhos preparam um enxoval para presenteá-la e uma cesta básica para doar aos pais.

No final dos anos 90 do Século XX para início dos anos 2000, ainda presenciávamos muito os afazeres domésticos coletivos na casa da mulher que acabara de parir, que eram organizados, principalmente, pela madrinha e aconteciam durante 40 dias, mais precisamente conhecido como 'resguardo'. Eram selecionadas equipes e, em alguns casos, alguém ia individualmente cuidar da casa, da criança e da mulher que estava ali se acostumando com a nova rotina. Além dos serviços domésticos, havia outros que demandavam mais tempo, como pegar lenha na mata e água, nos pequenos poços existentes na comunidade, para suprir as necessidades da casa.

Os padrinhos, chamados de compadre (pai da criança) e comadre (mãe da criança), convidam toda a comunidade para a festa, que acontece na casa dos pais da criança, no mínimo, sete dias depois do nascimento. A festa é tradicionalmente chamada de 'Cachimbo'. No local, servem-se muitas bebidas, principalmente as quentes, como a cachaça, chamada de brejeira, a catuaba, os vinhos jurubeba e jatobá e poucas geladas, como cerveja.

O cachimbo é um momento em que os padrinhos e os pais da criança se alegram, porque receber uma criança para apadrinhar é um privilégio adquirido, pois, dentre todos da comunidade, eles foram os escolhidos para cuidar da criança a vida toda, juntamente com os pais da mesma, ou seja, uma espécie de “pais adjuntos ou segundo pais”.

A escolha dos padrinhos é pensada, na maioria das vezes, antes do nascimento, mas isso também pode ser feito depois do nascimento. É um momento tão valioso que toda a comunidade fica na expectativa de saber quem serão os padrinhos. O ‘Cachimbo’ expressa a alegria dos padrinhos, pois são eles que vão realizá-lo e proporcionar tudo o que acontece naquele momento. Esse ritual acontece num processo geracional em Caiana dos Crioulos.

Segundo Van Gennep (*apud* PEIRANO, 2003), um autor que ficou conhecido pelo estudo dos chamados ‘Ritos de passagens’, título de seu livro, que tratava de momentos relacionados à mudança e à transição de pessoas e grupos sociais para uma nova etapa da vida, em que eram marcados momentos como gravidez, parto, noivados, casamentos e funerais. O autor dizia o seguinte:

Van Gennep demonstrava um grande fascínio pela fase liminar dos rituais, quando indivíduos ou grupos entram em um estado social de suspensão, separados da vida cotidiana, porém ainda não incorporados em um novo estado. Nesse momento, indivíduos são “perigosos”, tanto para si próprios quanto para o grupo a que pertencem. A função dessa fase é reduzir as tensões e os efeitos perturbadores próprios a mudanças. Van Gennep, no entanto, estava consciente de que nem sempre essa é a fase mais significativa de um ritual: por exemplo, em funerais predominam ritos de separação, os casamentos tendem a enfatizar ritos de incorporação, e ritos de transição dominam as cerimônias de puberdade. (PEIRANO, 2003, p.16).

Como podemos ver na fala do autor, esses costumes não se diferem muito dos que acontecem em Caiana, onde esses acontecimentos são marcados por formas celebrativas e diferenciadas. Os rituais são tradições culturais dos antepassados e permanecem até os dias atuais, recriam-se cotidianamente, e isso contribui para a construção identitária dos quilombolas, que é definida pelo imaginário social construído a partir de suas vivências e valores compartilhados. É uma questão cultural, que faz determinado povo ser reconhecido por suas singularidades e individualidades numa estrutura específica.

O segundo momento da vida dessa criança é marcado pelo batizado. As famílias católicas e as que frequentam as religiões de matrizes afro na comunidade

batizam a criança ainda pequena. O batizado, ao contrário do cachimbo, é um momento em que os pais oferecem a festa à criança e aos padrinhos, retribuindo tudo aquilo o que eles fizeram. A festa acontece na casa onde a criança reside, com muito amor, carinho e o orgulho pela aceitação do apadrinhamento.

Figura 16: Batizado de Maria Júlia (a criança, os padrinhos e uma família da comunidade)



Fonte: Acervo pessoal de Luciene Tavares - 2020

O batizado é a festa mais completa. Geralmente se oferece um almoço, com bebidas, do qual participa toda a comunidade e parte de um público externo a convite dos padrinhos. Atualmente acrescentou-se um churrasco para incrementar o evento. Como é, também, um momento de diversão para o público infantil, há várias brincadeiras. Uma bem corriqueira é a do “quebra panela”, no qual se divertem a criançada e os adultos. Quando terminam os festejos, a criança batizada não pode tirar todas as peças de roupa, ela é obrigada a dormir com, pelo menos, uma de suas vestes, escolhida pelos pais, para que o momento santo fique registrado. Segundo Nacif (2013),

esse novo vínculo envolve os “pais espirituais” que recebem a tutela religiosa do batizado. Através desse envolvimento padrinho-afilhado, os pais biológicos se aproximavam dos pais espirituais de seus filhos, tornando-se compadres e gozando de um estatuto de parentesco, dessa forma também entendido pela Igreja Católica. Entretanto, na prática, essa tutela não se restringia à uma orientação espiritual. Tratava-se de um vínculo de solidariedade, marcado por uma economia de favores, mesmo onde havia um foço hierárquico separando ambas as partes e vindo mesmo a consolidá-lo. (NACIF, 2013, p. 6).

Podemos ver que há um significado mais amplo marcado por esse momento, porém, dentro do Quilombo Caiana dos Crioulos, apadrinhar além da dedicação e do amor pela criança é uma forma de unir os laços familiares para além do consanguíneo, pois a vida humana é marcada por diversas fases, em qualquer espaço ou cultura em que o indivíduo esteja inserido.

Em Caiana dos Crioulos, o namoro passou por algumas modificações. Há cerca de 40 anos, o namoro só se consolidava com o consentimento dos pais da moça. Na maioria das vezes, a mãe nem se pronunciava, somente o pai, e não havia contato físico entre os namorados, nem mesmo pegar nas mãos era permitido. Quando iam passear – os passeios, geralmente, eram as idas aos terços e às novenas, em que, no final, sempre havia uma ciranda ou um coco de roda para animar. Nos caminhos estreitos, cercados de plantas, a moça ia na frente, seus pais, no meio, e seu namorado, atrás, para evitar possíveis contatos. Da mesma forma acontecia quando ele ia visitar a namorada em sua residência e ficava na sala, conversando com os pais dela, que ficava na cozinha, e só podia ser vista pelas “brechas” que havia na pequena casa feita de pau a pique, conhecida popularmente como casa de taipa. Dona Francisca, ao narrar o período do namoro, afirma:

[...]. O pessoal queria fazer uma pareinha, e no tempo de minha mãe, hõoo... era um de lá, outro de cá. Era um de lá e outro de cá, minha mãe disse que, no tempo dela, ninguém nunca se fazia uma pareia com homem, porque homem ninguém pode chegar perto, minha mãe dizia assim. (FRANCISCA BELISIA DA SILVA, 2019).

Segundo Dona Severina, em seu tempo, não havia diálogo. O namoro se resumia a ver e acenar, para não passar calado, mas não se chegava nem perto do que é o namoro de hoje em dia.

[...], a gente passava quinze dias pra ver o namorado e num era que nem agora não, antigamente a gente via o namorado, oi, oi, oi, falava passava aquelas horinhas ali mesmo ia simhora, num era negócio da moça tá pegada nem abraçada, nem tá se beijando não, era só pra ver mesmo (SEVERINA MARIA DA SILVA, 2019).

A fala de Dona Severina demonstra que os acontecimentos podem sofrer transformações. Segundo Cascudo (*apud* SILVA, 2016), a oralidade modifica determinadas versões locais, adaptações psicológicas e ambientais. Esses

acontecimentos não são estáticos, portanto podem sofrer modificações, sem perder a essência.

Foi exatamente o que aconteceu com o namoro em Caiana dos Crioulos, pois a pequena modificação não mudou sua essência. A diferença é que, na atualidade, já não se pede mais autorização aos pais da moça para iniciar o namoro, isso é feito diretamente à pretendente, e os pais só ficam sabendo quando a moça convida o rapaz para ir à sua residência para conhecê-los. Muitas vezes, os pais ficam sabendo do namoro através dos comentários que surgem na comunidade.

Os namoros também acontecem entre os jovens da comunidade e os que não fazem parte dela, o que gerou em Caiana as relações interétnicas, o que não havia décadas atrás. A partir dessas relações, passou a ocorrer a constituição das famílias. Outro momento marcante em Caiana dos Crioulos é o noivado. Os jovens esperam por esse momento, que acontece muito cedo para a maioria. Até meados do final dos anos 90 do Século XX, era costume os homens irem ao Rio de Janeiro trabalhar e deixavam suas namoradas esperando. A partir dali, o contato só era feito por telefone.

Havia um orelhão na comunidade localizado em frente à Igreja Católica, mais precisamente, da Capela de Santa Luzia. Nas tardes de sábados e domingos, existia uma fila enorme de jovens mulheres com horário marcado aguardando o sinal do telefone para falar com o namorado, o noivo ou o marido, do outro lado da linha, e porque não dizer, do outro lado do Brasil. Também aconteciam pequenos conflitos, quando a pessoa que estava na linha telefônica passava do horário e atrapalhava a próxima da fila.

Então, o jovem garoto, que estava no Rio, trabalhando geralmente na construção civil, passava de seis meses a dois anos sem retornar, pois teria que juntar dinheiro, fazer um “pezim de meia”, como se diz na comunidade, para ir construindo uma casa e organizando os preparativos para o casamento, porque a ordem era namoro, noivado e casamento.

A partir daí, o rapaz viajava para o Rio de Janeiro e estaria pronto para noivar. As demais viagens seriam os preparativos já para o casamento. Isso ocorria sempre e sem demora, pois a pressão social era tamanha que, se houvesse demora, o comentário reinava na comunidade, falando que o rapaz estava de enrolação com a moça, e por isso os pais da noiva ficavam sempre de olhos bem abertos para ver qual seriam suas intenções.

Até os dias atuais, isso acontece dessa forma, porém, não existe mais o uso do orelhão, que embora ainda esteja no mesmo lugar, a frequência de pessoas é quase zero. Devido ao avanço das tecnologias e a chegada dos aparelhos celulares, a vida de muita gente mudou, e o acesso à comunicação ficou bem mais rápido e eficaz. Outro fato é que os rapazes estão se dividindo entre o Rio de Janeiro e a capital do estado, que é João Pessoa. Uns só mudaram o percurso, mas continuam na área da construção civil, e outros nos setores de alimentação, trabalhando como garçons nos quiosques na orla.

Figura 17: Orelhão da Comunidade



Fonte: Acervo pessoal de Luciene Tavares - 2020

O pedido de noivado na comunidade é bem simples: o namorado vai à casa da namorada, como num dia qualquer, preferencialmente à noite e, para surpresa dos pais, pede a mão da filha em noivado. Eles perguntam se ela está de acordo, e se a resposta for “sim”, o noivado está posto. Alianças nos dedos, e partiu Rio de Janeiro novamente, uma nova batalha para juntar mais dinheiro para o casamento.

O ritual do casamento é o maior e o mais esperado evento festivo da comunidade. Por esse motivo, os preparativos começam logo após o noivado, e o primeiro passo é o convite aos padrinhos, pois eles bancarão toda a festa. Em Caiana dos Crioulos, os noivos não gastam quase nada com o dia festivo, porque são os padrinhos que se encarregam disso, desde as bebidas até os transportes locados para levar ao local onde será realizada a cerimônia. A festa do casamento dura três dias

Inicia-se na sexta-feira e termina no domingo. É um dos rituais que quase não passou por modificações com o passar dos anos, mas continua vivo, presente e resistente.

De acordo com Lima (20016), a valorização das tradições deixada pelos antepassados é um elemento emblemático, e a manutenção dessas práticas é um elo material e temporal com o passado. Essa é uma forma de se reconectar com sua ancestralidade. Como podemos ver na fala do autor, essa conectividade faz parte desse coletivo forte, que faz essa conexão entre o passado e o presente. Não é à toa que as manifestações culturais, no Quilombo Caiana dos Crioulos, são vivas, e as festas de casamento acontecem para avivar ainda mais essa conexão.

Os meses de dezembro e janeiro, na comunidade, são reservados para esse ritual, porém, algumas vezes, há pessoas que escolhem o mês de junho, o que não é frequente, pois, em Caiana dos Crioulos, essas festas aconteçam todos os sábados dos dois primeiros meses citados. Um mês antes, começa o trabalho coletivo para construir uma palhoça, que chamamos de latada, uma espécie de construção feita de varas, arame farpado e palhas de coqueiro, e cuja cobertura é feita de palhas e com uma lona, para se protegerem das chuvas, caso isso aconteça. Essa latada é construída na casa dos pais da noiva, e nela acontecem a recepção e o forró. Há, ainda, um “botequim”, uma espécie de tendinha onde se vendem bebidas e algumas guloseimas. É um espaço menor e construído para funcionar a partir das 19:00 horas do sábado.

É nesse período em que se convidam as pessoas que irão organizar e, principalmente, preparar as comidas da festa, um espécie de *buffer*. Em Caiana, o comum é servir-se um almoço nessas festividades, porém, diferentemente dos outros locais, esse *buffer* não é contratado, pois o laço de união e solidariedade é muito forte e existem várias equipes coordenadas por um líder que se encarrega dos preparativos da comunidade, e os pais da noiva escolhem a equipe de sua preferência para cuidar de todos esses preparativos.

Para a equipe que recebeu o convite, é uma honra, porque seu trabalho foi o escolhido e vão desempenhar as atividades com muito prazer e alegria. Na sexta-feira, as mãos solidárias das mulheres começam a preparar as comidas da festa. Serve-se almoço, porque, na maioria das vezes, os casamentos acontecem de manhã, e enquanto vão preparando a comida, a festa já vai acontecendo e rolando comes e bebes oferecidos pelo pessoal da casa em homenagem às pessoas que estão preparando.

A comunidade inteira recebe o convite para a festa do casamento, e se alguém não for convidado, há um falatório durante o ano inteiro, porque a “noiva tal não convidou fulano” para seu casamento. É um momento em que a comunidade fica lotada por pessoas internas e externas, porque, além dos convidados dos noivos, há os convidados dos padrinhos, que podem até ser desconhecidos pelos próprios noivos, pois, como bancam a festa, os padrinhos podem convidar pessoas de sua preferência.

O dia da grande festividade é o sábado, considerado por todas as pessoas envolvidas nesse evento como “Sábado, o grande dia”! Por volta das 07:00h da manhã, cada um recebe seus convidados em casa - os do noivo dirigem-se para a casa de seus pais, e os da noiva, para a casa onde ela reside. Lá também chegam todos os carros locados pelos padrinhos para transportar os que estão situados naquele local e irem assistir à cerimônia religiosa, que acontece na Igreja Matriz Nossa Senhora da Boa Viagem, localizada na cidade Alagoa Grande, e quando evangélicos, o evento acontece na Igreja Assembleia de Deus, localizada na Comunidade. A locação de carros só começou a partir dos finais dos anos 70, porque os noivos e os convidados desciam a pé para a cidade de Alagoa Grande e levavam suas vestes nos animais de cargas que possuíam, segundo Dona Olívia:

[...] quando casei minha fia foi a pé, olhe... foi tão de jeito, mas já tinha uns carrão, mas ninguém tinha dinheiro, e os caigueiros, chamavam os cacheiros, minha fia, [...]. A pé, de madrugada, butava as caigas dos noivos, uma caiga de um lado, do outro, o vestido da noiva, a roupa do noivo e o que coubesse mais, e só sei que o cacheiro, um garoto se amontava em cima e levava, chegava lá na casa de um arranjo, as pessoas ia arrumar aquela noiva, arrumava ela e levava pra igreja os testemunhas, aí casava e vinha simhora de pé, num tirava foto nem nada (OLÍVIA JOSEFA DA SILVA, 2019).

Nos dias atuais, em Caiana dos Crioulos, a noiva é arrumada em seu quarto, sem que os convidados a vejam. Quando está pronta, segue no carro especial, que também levará as damas e os padrinhos para a cerimônia, que acontece num ritual corriqueiro do Catolicismo. Depois de casados, os noivos ficam na praça em frente à Igreja Matriz, e seus convidados vão comprar os presentes, porque, na comunidade, as pessoas compram o presente, quase sempre, no dia da festa. Isso leva, aproximadamente, uma hora e meia a duas horas, até retornarem à comunidade.

Na volta, ao invés de irem logo para a casa da noiva, vão para a casa dos pais do noivo, porque, em Caiana dos Crioulos, os pais dos recém-casados não assistem à cerimônia religiosa, porque precisam aguardar em casa para o ritual da bênção do

casal. Quando chegam à residência dos pais do noivo, os pais estão sentados e, em seus pés, uma almofada ou tapete posicionado no chão, onde o filho se ajoelha e pede a bênção aos pais, que o abençoam.

A partir desse momento, a caminhada é direcionada para a casa da noiva, onde acontecerá o mesmo ritual. A quinhentos metros antes da chegada, todos os carros começam a buzinar para dar sinal de que os noivos estão chegando.

Figura 18: Os pais da noiva abençoando-a em sua casa depois do matrimônio na igreja



Fonte: Acervo pessoal de Luciene Tavares - 2016

No local, marcado pela presença de várias pessoas que não foram assistir à cerimônia religiosa, os padrinhos gritam ao chegar: “Viva os noivos, Senhor!” E todos respondem em coro: “Viva!”. Joga-se arroz nos noivos, os pais os abençoam e começa a fila para a entrega dos presentes no quarto principal da casa.

Depois de todos esses acontecimentos, serve-se o almoço, um ciclo que dura enquanto for chegando gente. Os padrinhos precisam estar atentos às bebidas e verificar sempre as frízeres, que devem estar sempre cheias para o prazer dos convidados e ser mantidas assim até as 19:00 horas. A partir desse horário, tudo o que for consumido no local será pago, e o dinheiro é dirigido aos pais da noiva. É por esse motivo que se constrói o “botequim”, uma espécie de bodega onde ficam a pessoa contratada para vender as bebidas que serão consumidas até as cinco horas da manhã do domingo. Na latada, reina o forró, cuja entrada também é paga. À noite, pode ser frequentado por pessoas que não foram convidadas. À meia noite, faz-se

uma pequena pausa para partir o bolo - é o horário em que é permitido partir o bolo na comunidade. Em seguida, o dance continua e só para no dia seguinte, quando os convidados se aglomeram para levar os recém-casados para o café da manhã, que é recepcionado na casa dos pais do noivo. O forró sempre aconteceu de forma mais simples, mas, segundo Dona Francisca, era mais animado do que nos dias atuais:

[...]. Era muito bonito esses casamentos vissem. Agora eu, que já tinha essa rodaginha aí, mais maria, ornila, nena, esse povo foi tudo assim, na vespa de madrugada, na vespa do casamento né; fazia a casinha de cunzinhar e quando era na vespa do casamento, todo mundo ia. Um levava um pote d'água, outro levava um feche de lenha, num levava presente não, levava feiche de lenha pra quando for no casamento tá tudo em ordem. Tinha forró. Era forró, concertina num tem? Tudo era concertina. No casamento de Maria, quem tocou foi um homem que morava aculá em cima, que eu esqueci o nome dele. Era animado, era mais animado do que agora. (FRANCISCABELISIA DA SILVA, 2019)

Lima (2016) refere que as festividades dos casamentos fazem parte da memória coletiva e que, em Caiana dos Crioulos, esse acontecimento é tão forte que podemos presenciá-los até nas letras das músicas na comunidade.

A importância que as festividades do casamento exercem na memória coletiva em Caiana dos Crioulos também se faz presente nas canções do coco de roda e na ciranda, conforme podemos perceber em Tomar Banho, “Fui tomar banho com a aliança no dedo /morena eu tive medo, pra ela não mariar. / Sai de lá, deixei a maré enchendo, deixei a moça correndo de maiô na beira mar” (LIMA, 2016, p.125).

Como ressalta o autor, essas festividades têm uma importância tamanha dentro desse território, fazem parte de sua memória coletiva, são representadas em diferentes situações, até nas letras das canções. O casamento é um ritual que a comunidade vem preservando com bastante carinho e delicadeza. Cada passo é saudado e honrado pelos praticantes. O café da manhã, na casa dos pais do noivo, na verdade, é apenas o nome que se dá, porque, é outro almoço, devido à quantidade de comidas e de bebidas que servem, e só termina quando a última pessoa vai embora do local.

Figura 19: Casamento em Caiana dos Crioulos - Chegada dos noivos ao local da festa



Fonte: Acervo pessoal de Luciene Tavares - 2016

O casamento em Caiana dos Crioulos é o ritual mais vivo nesse processo geracional. Às vezes, algumas pessoas burlam uma regra ou outra, porém não é comum isso acontecer. Existem rituais para quase todas as ações que marcam a vida dos caianenses. E para a morte não é diferente. Atualmente, nem todas as pessoas seguem esse ritual de forma linear, como acontecia com os antepassados, nossos ancestrais. Com o decorrer da história, houve mudanças na comunidade.

Um acontecimento fúnebre na comunidade move toda a população para participar. Os representantes de cada família prestam suas condolências aos familiares do(a) defunto (a). Antes, quando falecia alguém em Caiana, chamavam-se as pessoas que costuravam as mortalhas - vestimentas utilizadas pelos mortos - e avisava-se à comunidade inteira. Meia hora depois, as pessoas iam se aglomerando em torno da residência onde estava o corpo. Ao anoitecer, chegavam os cantadores de excelências, que são cânticos fúnebres, especialmente para esse momento.

O corpo ficava posicionado na sala da casa com os pés direcionados para a porta principal, em cima de uma esteira (espécie de tapete feita de parte da bananeira), e as pessoas começavam a rezar as excelências, que eram cânticos de rito de morte. Nesse momento, serviam-se bebidas, principalmente cachaça - quem não tomava bebida alcoólica optava pelo café - e algumas comidas, como biscoitos e bolachas. Dona Olívia relatou-nos um pouco acerca das excelências:

Cantava a noite todinha. Quer que eu cante alguma? Deixa chegar, tá? Mas agora num chegou nenhuma ainda, vou soltar agora: "Ou aima ou aima, por quem tá esperando? Por duas incelências que está se rezando. Ou aima ou aima, por quem ta esperando? Por duas incelências que está se rezando" (OLÍVIA JOSEFA DA SILVA, 2019).

Dona Francisca conta como eram preparadas as vestes da pessoa que havia falecido e a ida ao cemitério da cidade local em sua juventude.

Tudo ia pro velório. O povo tudo ia, rezava as incelências. As costureiras que costurava. Vinha gente de fora nera? Maria Brai era quem costurava as motraias. Ninguém mandava comprar como se está fazendo agora não. Aí aquele povo tudo de noite assentado naquela esteira no chão na sala, costurando aquela mostrilha, num era todo mundo não, era quem queria sabe? Eu mesmo costurei foi muito mortralha mais o povo. Aí ficava a noite toda conversando, rezando e costurando aquela mortralha. Ai aquele povo, nói vestia aquele corpo, o povo que vestia, eu mesmo nunca vesti não. O povo vestia e quando era no outro dia todo mundo butava no... na rede, era uma rede num era caixão não. Levava na rede pra Lagoa Grande; tudo de pé minha fia, cansou de levar na rede tudo de pé (FRANCISCA BELISIA DA SILVA, 2019).

No dia seguinte, benzia-se o corpo e ia-se ao enterro no cemitério da cidade. O corpo era levado dentro de uma rede. Essa tarefa era dos homens, por serem considerados mais fortes. Só por volta dos anos 90 do Século XX foi que houve algumas mudanças, como os caixões doados pela prefeitura, que eram feitos de papelão e madeira. Porém o corpo era transportado pelas pessoas da comunidade.

A partir dos anos 2.000, as coisas tomaram um novo rumo, e as famílias começaram a comprar os caixões nas funerárias. E ao invés de se colocar a pessoa morta na esteira, coloca-se diretamente no caixão, e para o transporte, que era feito pelas pessoas da comunidade, contrata-se uma funerária. A comunidade inteira se organiza para ir, e atrás do carro do caixão, segue um ônibus cheio de pessoas que acompanham o enterro.

Em Caiana dos Crioulos, também existem as festividades relacionadas à cultura afro-brasileira, como a celebração do Dia da Consciência Negra, por exemplo. Com o passar dos anos, os caianenses vão agregando formas de desenvolver a cultura local e ressignificando suas práticas culturais, como forma de valorizar e dar continuidades a essas memórias coletivas.

3.3 Do reino encantado ao vivenciando Caiana: Tessituras culturais nas práticas comunitárias

No dia 20 de novembro, comemora-se o Dia Nacional da Consciência Negra. É diferente do 13 de maio, dia da “suposta” abolição da escravatura, em que os negros não tiveram direito a nada, nem mesmo a serem enxergados como humanos perante

a sociedade brasileira. É por isso que militantes negros e várias pessoas não veem nada a ser comemorado nessa data. Porém o dia 20 de novembro marca o aniversário de morte de um dos maiores líderes negros da história, o quilombola Zumbi dos Palmares. Essa data tem grande significado para os negros e negras do nosso país.

Para Gomes (2019), há quem defenda o treze de maio reverenciando a Princesa Isabel no papel que lhe foi atribuído no Século XXI, pelo jornalista e abolicionista negro, José de Patrocínio: o de “redentora” da liberdade dos cativos no Brasil. Segundo o autor, os aliados de Zumbi e do vinte de novembro acreditam que a Lei Áurea foi apenas da elite agrária, escravocrata brasileira que, até então, defendera com unhas e dentes o regime escravagista.

O 13 de maio dependeu de várias esferas para acontecer, e não, da “bondade” de uma única pessoa. Além dos negro escravizados e libertos, diversas pessoas se uniram para combater esse mal, entre elas, estava o movimento abolicionista, que cresceu na década de 1970 e mobilizou diferentes grupos em defesa da abolição da escravatura. Eles organizavam comícios e promoviam festas para arrecadar fundos, pagar as alforrias do escravos e para a educação das crianças.

O movimento abolicionista estava sempre preocupado e engajado com cada detalhe em busca da abolição da escravatura. Até era divulgado nas rádios e nos jornais informando quais eram suas ideias e seus objetivos. Podemos ver grandes líderes nesse engajamento, como Joaquim Nabuco, André Rebouças, José do Patrocínio e Luís Gama. Segundo Nepomuceno e Mendonça (2012), ao se relacionar ao abolicionismo, protesto escravo e ao fim da escravidão no Brasil, os autores afirmam:

O abolicionismo no Brasil reuniu adeptos de várias origens, condições e posições política, como parlamentares, intelectuais, jornalistas, profissionais liberais, setores médios, militares, trabalhadores pobres, imigrantes, ex-escravos e escravos (NEPOMUCENO E MENDONÇA, 2012, pp.79 e 80).

Nas falas dos autores citados, está explícito um conjunto de ideias e de pessoas articuladas que já vinham batalhando para o fim da escravidão no Brasil. A trajetória foi mais intensa do que podemos imaginar, porém, ao longo da história, só nos mostraram um nome, que foi enaltecido, principalmente, nos livros didáticos e nas salas de aula, como o caso da Lei Áurea, que foi assinada, mas os negros não tinham nem mesmo como sobreviver, pois foram jogados ao léu. Logo, não há o que se comemorar nessa data.

O dia 20 de novembro é lembrado e comemorado no dia do aniversário da morte de Zumbi dos Palmares, devido a sua trajetória imensa no Quilombo dos Palmares e com seu povo negro. A história de Zumbi e do Quilombo dos Palmares ganha os cenários dos livros de história até hoje, pois faz parte da história que construiu um país imenso como o Brasil. De acordo com Silveira (2003), o Quilombo dos Palmares foi a primeira grande ação afirmativa, tanto em busca de liberdade quanto de igualdade racial. Para Silveira, a insatisfação com o treze de maio fazia com que se buscasse outra data que tivesse sentido para se comemorar. Sobre isso, o autor afirma:

O treze não satisfazia, não havia por que comemorá-lo. A abolição só havia abolido no papel; a lei não determinara medidas concretas, práticas, palpáveis em favor do negro. E sem o treze era preciso buscar outras datas, era preciso retomar a história do Brasil. (SILVEIRA, 2003, p. 24).

A ideia de comemorar ou celebrar o dia 20 de novembro nasceu de um grupo intitulado 'Grupo Palmares', composto, inicialmente, de pessoas negra, a maioria do teatro. Porém, posteriormente, professoras chegaram para fazer parte dele. A equipe organizava várias reuniões em suas casas para debater sobre as questões dos negros no Brasil. O grupo recebeu esse nome porque Palmares é considerado por essas pessoas como o personagem mais marcante da história do povo negro em terras brasileiras, que representa luta, conquista e liberdade.

De acordo com Silveira (2003), a homenagem a Palmares aconteceu no dia 20 de novembro de 1971, um sábado à noite, numa época em que se vivia a ditadura militar no Brasil, e o teatro era muito visado. Nesse dia, o grupo usou técnicas escolares se posicionando em círculo para um diálogo em que contavam a história de Palmares e seus quilombos, baseados em estudos que haviam feito, na defesa do dia 20 de novembro, por ser mais significativo e afirmativo do que o dia 13 de maio. Para o autor,

a homenagem a Palmares em 20 de novembro de 1971 foi o primeiro ato evocativo dessa data que, sete anos mais tarde, passaria a ser referida como dia nacional da consciência negra. A programação feita para 1971 precisou ter uma adenda. O repórter negro Lúcio Flávio Bastos iniciara em 19 de novembro no jornal *Zero Hora* uma série intitulada "Saiba por que Você é Racista", com matérias diárias. Ao final, o grupo achou oportuno promover uma palestra em que ele falasse a respeito da série, o que aconteceu no dia 4 de dezembro. (SILVEIRA, 2003, p. 29).

Podemos perceber que, no Brasil, as lutas do povo negro por políticas de ação afirmativas não são de hoje e, ao longo dos anos, só aumentam. Fernandes (2005)

assevera que, com mais de quatro séculos de lutas, o Grupo Palmares, que é o mais antigo movimento social brasileiro, sugeriu o dia 20 de novembro como Dia da Consciência Negra. A proposta foi incorporada pelo Movimento Negro Unificado (MNU), um movimento social que trata das questões raciais no Brasil, composto de diversas entidades, organizações e pessoas que se doam à luta para combater o racismo e melhorar as condições de vida da população negra, e que tem se fortalecido cada vez mais, pressionando o Estado para criar políticas públicas de combate social. No campo da educação, percebe-se que é um quesito bem recente pelas instituições.

No dia 20 de novembro, a celebra-se a Consciência Negra. É uma ação afirmativa, que vem de muitas lutas dos negros e negras que sempre estiveram na batalha por mudanças em uma sociedade tão racista e desumana com a população negra. Em 09 de janeiro do ano 2003, essa data passou a ser mais valorizada com a aprovação da Lei 10.639/2003, que obriga a inserção da história e de conteúdos sobre a população negra em sala de aula e inclui o dia 20 de novembro como Dia Nacional da Consciência Negra no calendário escolar.

Além de ser um dia de luta, é um dia de reflexão, para que possamos pensar sobre a trajetória do povo negro no Brasil e colocar em pauta os avanços e todos os entraves que contribuíram para os não avanços, além de todas as necessidades que se pretende suprir para desconstruir preconceitos e estereótipos contra a população afro-brasileira e a africana.

Em Caiana dos Crioulos, o Dia da Consciência Negra é celebrado desde muito tempo. Iniciou com a equipe da igreja católica local, formada por alguns militantes da comunidade e missionárias locais. Lembro-me de que, no quilombo, nunca houve essa separação quando eu era criança, pois os cânticos de matrizes afro sempre foram cultuados dentro da igreja católica sem problema algum. Um que costumava cantar no ritual das oferendas (ritual católico) era 'Lá vem das senzalas', de Reinaldo Veloso, cuja letra é esta:

Lá vem das senzalas de ontem/Lá vem das aldeias de hoje/Oferenda que é de sangue e suor/De um povo em clamor/Que quer livre cantar!
Oba, oba, oba/Recebe olorum nossos dons!/Oba, oba, oba/A oferta das nações!/Oba, oba, oba!/Recebe ó Senhor, pão e vinho/Oba, oba, oba hô... As conquistas de um povo a caminho!
Lá vem das aldeias de ontem/ Lá vem das aldeias de hoje/Oferenda de fé e

resistência/De uma gente que espera, e quer livre dançar! (REGINALDO VELOSO).²

Esse e tantos outros cânticos eram executados pelos quilombolas de Caiana dos Crioulos nas celebrações e nas missas na comunidade. Eram os mais animados, e a comunidade, em coro, entoava, expressando toda a sua ancestralidade, viva em cada um dos que estavam presentes.

Atualmente, a Semana da Consciência Negra, na comunidade, é bastante celebrada, com oficinas, palestras de conscientização e rodas de conversas. Outro importante evento que marca a história da comunidade chama-se '*Vivenciando Caiana*', um projeto voltado para o turismo rural quilombola de base comunitária. O projeto surgiu em 2016, quando líderes da Comunidade se reuniram com algumas pessoas da cidade de Alagoa Grande que compõem um grupo chamado '*Articulações Sociais de Alagoa Grande*', um grupo informal que tem o objetivo de tratar das questões sociais do município e juntou a ideia com os líderes da comunidade, de tocar a questão do turismo dentro do território quilombola, contribuindo com as pessoas da comunidade.

Estiveram presentes no encontro as líderes da comunidade Elza (agente comunitária de saúde), a Professora Maria das Dores (Neide – Quilombola local) e eu - Professora Luciene Tavares (da Escola Firmo Santino na época); da cidade estiveram presentes: a Professoras Lúcia de Fátima (foi gestora da escola supracitada); o Professor Gustavo (Guto – professor da cidade), Nazareno Félix (Membro do Banco do Nordeste) e Marcelo Félix (da empresa de internet local Avexado.com).

Foi uma reunião em que pudemos fazer nossas colocações e apontar nossos objetivos para o desenvolvimento da comunidade quilombola e para trabalhar na desconstrução do racismo perante a sociedade. Nesse momento, foi marcada uma reunião na comunidade, que aconteceu em uma das salas da Escola Firmo Santino da Silva, onde a gestora da época, Josiane Brito do Nascimento e Sousa, nos recebeu com bastante carinho e um olhar voltado também para o desenvolvimento local.

² Parágrafo da música "Lá vem das senzalas" de composição de Reginaldo Veloso. Disponível em: <https://m.letras.mus.br/reginaldo-veloso/1427912/>.

Nessa segunda reunião, outras líderes se juntaram ao grupo, para darmos início ao projeto, e marcaram presença: Elza, Severina Luzia (Cida - Na época, presidente da Associação), Lourdes (auxiliar de serviços gerais da Escola Firmo Santino), a Professora Maria das Dores (Neide), Edite José da Silva (Coordenadora do Grupo de Ciranda Edite do Coco), e eu - Professora Luciene Tavares; da cidade, estiveram presentes: as Professoras Lúcia de Fátima e Josiane Brito (a primeira anterior gestora da escola supracitada, e a última, a atual); o Professor Gustavo (Guto – professor da cidade), Nazareno Félix (Membro do Banco do Nordeste) e Marcelo Félix (da empresa de internet local Avexado.com).

Figura 20: Evento ‘Vivenciando Caiana dos Crioulos’



Fonte: Acervo pessoal de Luciene Tavares – 2017

Mesmo tendo seu surgimento em 2016, porém em 2015 já havia gerado os primeiros debates acerca do desenvolvimento turístico na comunidade, em uma reunião com o produtor cultural Eudes Vidal (Dedeu), que estava à frente da secretaria de cultura do Município, e trazia à tona essa possibilidade. Eudes Vidal foi uma das pessoas que teve e tem grandes contribuições para com o processo do Vivenciando Caiana.

O projeto ‘Vivenciando Caiana’ promove o desenvolvimento cultural, econômico e social da Comunidade Caiana dos Crioulos e valoriza todos os saberes tradicionais, a memória e a identidade dos quilombolas. Antes de acontecer o primeiro evento, houve uma trilha-teste para a Pedra do Reino Encantado, que é um dos seus maiores encantos, para garantir o sucesso das idas dos visitantes ao lajedo.

Caiana dos Crioulos sempre desenvolveu esse trabalho de turismo desde seus antepassados, porém os visitantes chegavam à comunidade, seus líderes o

acompanhavam, e eles conheciam e usufruíam de todo o território, porém iam embora sem deixar nada para a comunidade, nem mesmo uma fotografia das tantas que haviam tirado, como lembrança para os quilombolas locais. Isso aconteceu durante muitos anos, e já estava passando da hora de a Comunidade despertar e mudar essa realidade.

Em conjunto, pensou-se em investir no Turismo Rural para as famílias da comunidade adquirirem uma renda através dele, e seus jovens não se evadirem tanto para outras regiões, como a Sudeste, que é mais corriqueira acontecer. Campos (2012), ao se referir aos modos como o turismo se desenvolve e vem se desenvolvendo nos dias atuais, afirma:

Embora o turismo tenha sido alvo de diversos estudos nos últimos anos, sabe-se que a maioria das vezes, essa atividade é realizada de forma amadora, impulsionada pela ansiedade de seus estores em vivenciarem o quanto antes, os resultados e benefícios econômicos que o turismo pode trazer para a localidade (CAMPOS, 2012, p.57).

Como podemos ver na fala da autora, essa realidade não difere muito da de Caiana dos Crioulos, porque os líderes, juntamente com os moradores, iniciaram, de forma bem simples, porém organizada, com o melhor que podiam oferecer aos visitantes, que saíram satisfeitos, o que é constatado com o retorno da maioria.

Figura 21: Momento de apresentação cultural no 'Vivenciando Caiana'



Fonte: Rogério Freitas Lira - 2017

O evento acontece o dia inteiro, é bastante festivo e conta com a ida à Trilha do Reino Encantado, o que é muito prazeroso, porque acontece de forma diferenciada. Tem contação de histórias pelos condutores que são quilombolas locais.

No Palhoção, também chamado de latada (palhoça coberta de varas e palhas do coqueiro), ficam as demais atrações, como as contações de histórias, desde o surgimento da comunidade até os dias atuais; barracas com comidas da culinária quilombola de Caiana, apresentações culturais, como : coco de roda, ciranda, grupos de dança afro, capoeira, maculêlê, peças teatrais, entre outras, e uma caminhada para visitar os pontos históricos da comunidade, como o Museu Quilombola, a Casa de Farinha Comunitária e a Capela de Santa Luzia, com suas passagens bíblicas expostas em quadros com pessoas negras.

Figura 22: Apresentação do grupo de Capoeira Badauê da Comunidade



Fonte: Rogério Freitas Lira - 2017

É muito bonita a apresentação dos grupos culturais da comunidade. O Grupo de Dança Afro Cor da Terra também abrilhanta o 'Vivenciando Caiana' com suas performances e seu cantar.

Figura 23: Grupo de Dança Afro Cor da Terra



Fonte: Rogério Freitas Lira – 2017

Esse é um momento diverso, em que o visitante pode escolher as atividades de que quer participar, e os quilombolas de Caiana dos Crioulos mostram aos visitantes sua essência, as tradições e as origens étnico-raciais e quilombolas.

Os visitantes que não querem acompanhar a trilha e foram por fazer outro percurso podem visitar os pontos históricos da comunidade acompanhados dos condutores que contam a história desses locais. Um deles é o Museu Quilombola, que foi fundado em 2015 e foi organizado com a participação de diversos moradores da comunidade com o apoio de pessoas externas. O prédio onde funciona era o local onde havia as reuniões da Associação de Moradores.

Figura 24: Fachada do Museu Quilombola



Fonte: Acervo pessoal de Luciene Tavares - 2020

No Museu Quilombola de Caiana dos Crioulos, estão guardadas as memórias dos mais antigos e fotografias dos momentos culturais, desde os tempos passados até os dias atuais, além de diversos objetos que foram utilizados pelos quilombolas caienenses que já não estão mais nesse plano.

Figura 25: Objetos antigos dos moradores da Comunidade



Fonte: Acervo pessoal de Luciene Tavares - 2020

Outro local que chama a atenção dos visitantes é a casa de farinha comunitária, que foi construída pelos próprios moradores no ano de 1988. Na época, existiam, na comunidade, duas casas de farinha de domínio privado, e os moradores precisavam pagar para utilizá-las. O problema foi levado para ser discutido na assembleia da associação e aceita, com o objetivo de fazer mutirões e construir uma casa de farinha comunitária.

Figura 26: Fachada da casa de farinha de Caiana dos Crioulos



Fonte: Elionick Brito - 2020

Nos dias de farinhada, toda a comunidade se reúne para colher a mandioca na roça e raspá-la, até a tiragem de gomas para fazer beijus e tapiocas. O trabalho é desenvolvido coletiva e gratuitamente. O único repasse que sai é para o senhor que mantém organizado o espaço da casa de farinha, que recebe uma “conga” (parte da farinha doada para uma pessoa).

Figura 27: Tiragem de goma na casa de farinha



Fonte: Marinalda Brito - 2016

O ‘Vivenciando Caiana dos Crioulos’, além de ser um evento em que o visitante vivencia a cultura quilombola local, é um produtor de cultura, pois trabalha para essa valorização, por isso é cheio de encanto. Em 2017, o projeto proporcionou aos visitantes um luau, com poesias, danças, contos e cantos. Um desses momentos aconteceu dentro da casa de farinha comunitária, ao som de muita ciranda e coco de roda, contação de histórias locais. As pessoas experienciaram desde o momento da raspagem da mandioca até a farinha saindo quentinha do forno.

Figura 28: Visitantes no luau conhecendo como é o processo da farinhada



Fonte: Acervo pessoal de Luciene Tavares - 2017

Para participar do 'Vivenciando Caiana', é preciso adquirir uma "conga", (bilhete de entrada), justamente por causa da conga da casa de farinha, que deu o nome à contribuição de entrada para participar desse evento. É uma contribuição destinada para mantê-lo e organizá-lo e que varia de acordo com o pacote oferecido no evento e escolhido pelo visitante.

Figura 29: Conga do 'Vivenciando Caiana dos Crioulos'

VIVENCIANDO CAIANA

COMPRE JÁ SUA CONGA
R\$30,00

**LOCAL: QUILOMBO
CAIANA DOS CRIoulos - ALAGOA GRANDE/PB**
DOMINGO: 24/03/2019 ÀS 08:00 HORAS
Contato: (83) 99986-0233 / 99128-4205

EVENTO
A CONGA da direita à (trilha que sairá às 07h30, água, almoço, apresentações culturais, contações de Histórias).
Obs.: Na reserva da conga, depósito de 50% do valor.

Fonte: Acervo pessoal de Luciene Tavares, 2019

De acordo com Cruz (2016), o turismo étnico cultural trabalha com o entendimento de que a comunidade não precisa deixar suas práticas e afazeres, pois o turismo é uma complementação das diversas atividades produtivas desenvolvidas por eles. Ainda sobre o turismo, a autora afirma que é uma ação desafiadora e que, quando se discute sobre a perspectiva do turismo alternativo, com o viés da

sustentabilidade ou quando se analisa o tema com base nos impactos que poderão acontecer. Então, é importante pensar na atividade do turismo considerando a participação dos atores locais (CRUZ, 2016, p. 91).

Atualmente, o 'Vivenciando' tem como coordenadora geral Luciene Tavares, e uma comissão organizadora, integram nesse processo de organização: Elza Ursulino (Presidente da Organização de Mulheres Negras de Caiana), Severia Luzia (Cida-Presidente da Associação de Moradores) entres outras.

A comunidade dispõe, atualmente, do Restaurante Rita de Chicó, que surgiu com o desenvolvimento do Projeto Vivenciando Caiana. Nalva, dona do restaurante, juntamente com seu companheiro, teve a ideia de adquirir esse empreendimento, que tem contribuído com a comunidade divulgando a gastronomia local. Nesse restaurante, serve-se a culinária quilombola local e se divertem os visitantes com o ecoar do toque da zabumbada tocado por Nalva. Vivenciar Caiana dos Crioulos é maravilhoso.

Figura 30: Restaurante Rita de Chicó



Fonte: Acervo pessoal de Luciene Tavares - 2019

Além de ser um espaço de degustação da culinária quilombola, é um espaço de vivência cultural, onde é servida toda a culinária quilombola local. É um lugar amplo, arejado e bem rústico, com um ar caiense que encanta.

Figura 31: Imagem interna do Restaurante Rita de Chicó



Fonte: Acervo pessoal de Luciene Tavares – 2020

Antes de existir o Restaurante Rita de Chicó, a alimentação era servida por Elza, responsável pelo Bar Quilombo Saudável, um dos primeiros lugares a recepcionar na questão da alimentação. Mais adiante, formaram-se equipes para acompanhar a alimentação no local de desenvolvimento do evento. Sempre com o cuidado, desde o processo de fazer a alimentação até a decoração, pois a carinha de Caiana dos Crioulos está sempre presente.

Figura 32: Um dos momentos coletivos de alimentação antes do Restaurante Rita de Chicó



Fonte: Acervo pessoal de Luciene Tavares da Silva Lima - 2017

Elza, que faz parte da coordenação do projeto, assim se expressa sobre a importância desse projeto:

Bom, pra trabalhar essa questão do turismo, eu acho que ele tem uma grande valorização, uma grande vantagem, é fundamental, eu acho que o perfil, ele tem um argumento bom, o que precisa para se ter um perfil, embora algo ainda precisa muito melhorar, muito mais, muito mesmo pra gente atingir o perfil, o objetivo, mas eu acho que é legal porque, é um grupo, é um projeto que também dá ou deveria dar uma agregação bem ampla (ELZA URSULINO DO NASCIMENTO SILVA, 2020).

O vivenciando tem um papel fundamental dentro da comunidade, pois, além de trabalhar para preservar e valorizar a cultura quilombola local, contribui para o desenvolvimento do turismo da região, gerando oportunidades de ocupação e renda para ela. Também é um mecanismo impulsionador de outras atividades existentes na comunidade, como educação, produção agrícola, artesanais, artísticas e tantas outras. Dentre as atividades do Vivenciando Caiana dos Crioulos, está uma trilha ao Reino Encantado, a maior lenda da comunidade, que é feita por meio de contação de histórias.

Do escutei ao ouvi cantar, até mesmo cantarolar/As histórias causos ou lendas /Estão sempre a encantar. Quem conhece o quilombo/Fica sempre a desejar/A linda noite de luar; quando cheia resplandece/No quilombo não se esquece /De um dizer pra recitar. Até na casa de farinha/Nas raspagem de mandioca/ Seja Toinho ou seu Joca/Não importa quem vai falar; Só se quer ouvir atento/Com alegria e sem tormento. O que o Griot quer nos contar. (Luciene Tavares da Silva Lima – Causos e lendas de Caiana dos Crioulos, 2019).

As narrativas orais sobre lendas, causos e mitos que fazem parte da comunidade vêm de gerações passadas. Os contadores de histórias sempre estiveram presentes no dia a dia das pessoas. Sejam eles membros da família, vizinhos ou algum conhecido, há sempre quem conte e encante com seus causos e lendas. De acordo com Silva (2008), as lendas podem ser consideradas estórias que determinada comunidade revela e transmite oralmente através dos tempos, de geração em geração. Nelas é comum misturar fatos reais e históricos com acontecimentos fantasiosos, com explicações misteriosas e sobrenaturais.

Em Caiana dos Crioulos, a arte de contar histórias sempre contagiou quem as conta e quem as ouve. A contação de histórias faz parte do saber e do fazer comunitários. Em minha infância, nos finais de tarde, na casa dos parentes, e em noites de lua cheia, nós nos reuníamos para ouvir nossos avós e tio-avós contarem suas histórias cheias de mistérios e, às vezes, de assombro no terreiro da casa, não tinha energia elétrica e era tudo luz de lamparina a gás. Outro momento em que esses causos entravam em cena era nas farinhadas realizadas nas casas de farinha, onde

a comunidade inteira se reunia para raspar mandioca. Cada *griot* esperava o momento em que poderia contar a sua. Era tão divertido que nem víamos o tempo passar. Isso não mudou, pois, até hoje, faz parte do cenário da comunidade e se repete diariamente em seu cotidiano.

Figura 33: Raspagem de mandioca na casa de farinha



Fonte: Marinalda Brito - 2016

Uma das belezas de Caiana dos Crioulos é o Reino Encantado, um lugar lindo, cheio de mistérios e de encantos, também conhecido como Reinado ou Pedra do Reino. É a maior lenda da comunidade. No meio da mata, encontra-se um lajedo enorme de pedras, onde está grafada uma frase gigantesca com escrituras rupestres. Aí está o mistério. Reza a lenda que, se alguém decifrar o que nela está escrito, o lugar vira uma cidade encantada.

Além da frase, há vários acontecimentos no local. Pessoas contam que já presenciaram vários acontecimentos, como: um carro zero, apesar de só se conseguir chegar ao local a pé e com muito sacrifício, botas de ouro etc. As inscrições grafadas na pedra do Reino Encantado são antigas e não se sabe o ano em que surgiram nem quem as escreveu. Idosos da comunidade contam que essas escrituras foram grafadas pelos indígenas que apareciam no local.

Figura 34: Escrituras rupestres na Pedra do Reino Encantado



Fonte: Acervo pessoal de Luciene Tavares - 2010

O Reino Encantado fica aproximadamente, a 2,5km do centro da comunidade, em um local bem escondido e difícil de chegar. Em décadas passadas, devido à precariedade da água e à seca que assolava o solo de Caiana dos Crioulos, era comum as mulheres irem lavar roupas lá em poças de água que se formavam em dias chuvosos. Porém elas nunca iam sozinhas, porque diziam que o lugar era assombrado, e elas tinham medo de presenciar algum acontecimento. Quando perguntada sobre alguns causos e histórias contadas na comunidade, Dona Severina contou sobre a Pedra do Reino Encantado:

Eu num tou muito alemburada não mas tinha gente que contava também de assombração, mas num tou muito alemburada não que as vez eu ia e as vezes eu num ia. Na pedra eu mermo eu fui na pedra, fui duas vezes, mas aquelas letras num tem quem lê, aquelas letras não, aí mais os pessoal dizia que era ao meio dia em ponto, o pessoal via muita coisa lá, eu mermo num vi não, mais o pessoal dizia. Mas pra ir pro reino encantado eu fui duas vezes, assim quando eu tava na escola. (SEVERINA MARIA DA SILVA, 2019).

O mistério continua até hoje e é contado de uma forma que mexe com o imaginário de qualquer pessoa que escuta suas histórias. Muitos idosos contam que as pessoas se arrepiam quando veem alguns objetos na pedra, ficam com medo de se aproximar e saem correndo para chamar alguém para ir até o local. Todavia, ao chegar lá, o encanto já passou, e o objeto não se encontra mais no local.

As histórias do Reino Encantado são ouvidas desde cedo, contadas por pais, avós ou pelos *griots*. Vários pesquisadores já tentaram descobrir o que está grafado no lajedo, mas sempre há um mistério no ar: será que é como diz a letra de um dos

cocos de roda cantados em Caiana? *“Eu pisei na pedra, a pedra gemeu, a água tem veneno, ô morena, quem bebeu morreu...”*

Figura 35: Visitantes no Reino Encantado



Fonte: Acervo do Vivenciando Caiana dos Crioulos - 2017

Dos anos 2000 para cá, aumentaram-se as pesquisas na comunidade, e todos gostam de ouvir os contos do reino. Para ir ao local, é preciso ter disposição, devido à grande distância. Os causos e as lendas de Caiana dos Crioulos podem adentrar o ambiente escolar, para aproximar a comunidade local da escola, o que poderá contribuir para a formação das crianças e fazê-las ouvir as histórias que são contadas por seus familiares na sala de aula por seu(a) professor(a), pois a escola, como um espaço de aprendizagem, deve estar atenta e fazer essas aproximações, valorizando os indivíduos locais.

Quando se ouve uma história de vida, um conto ou uma lenda desse universo vasto contada por esses contadores quilombolas, é necessário compreender seu papel nessa atividade, pois não é à toa que esses indivíduos deixam seus afazeres e se dedicam ao ato de contar histórias e repassam os conhecimentos que adquiriram ao longo do tempo para ensinar às novas gerações. Sobre essas tradições que vão passando de geração em geração, Batista (2007) diz:

Manter vivas as tradições e por elas garantir a coesão do grupo, constituindo sua identidade; ligar o presente ao passado, construindo sentido para as experiências cotidianas; estabelecer elos com o sagrado na forma de narrativas míticas; reunir as pessoas ao fim do dia de trabalho e dar forma à comunicação, fazendo circular regras, valores e modos de compreender o mundo: essas eram as funções da narração oral nas comunidades antigas,

sendo que assumia formas diferenciadas: relatos de experiências, contos variados, mitos, lendas. (BATISTA 2007, p.56).

Os contadores de histórias detêm um apanhado de sabedoria que, quando levado para a sala de aula, mantém viva essa tradição e herança biológica, repassadas pelos quilombolas de Caiana dos Crioulos ao longo dos tempos. Dona Josefa não só se lembra de suas idas ao Reino Encantado, como também das histórias de assombração que seu pai costumava contar.

Eu já vi falar do rei encantado, mais só que eu nunca vi, só vejo o pessoal falar, eu já fui lá uma vez mais num sei como é isso não, só vejo falar, mas assombração meu pai sempre via, vinha lá daquele pé de manga lá de Lia de Boboca, chegava até ali na cozinha de mãe e parava ali, uma mulher do saião grande, porque assim... porque ali morava os avós dele, as tias que já morreu tudim pro lado dali. (JOSEFA DA SILVA, 2019).

Como podemos ver na fala de Dona Josefa, era comum seu pai contar as histórias de assombração. Ela associa essas visões do pai às várias pessoas da família que haviam morado ali e já não fazia mais parte desse plano terrestre. Essa foi a forma como nos contou essa história. Seu pai, provavelmente, daria uma entonação diferente, pois cada contador de histórias tem sua forma peculiar de fazê-lo, um toque especial.

Existem vários tipos de causos, como os de assombração, histórias de vida, os sobrenaturais, entre outros. Segundo Batista (2007), quando escolhemos um fato para narrar, é importante que ele seja um acontecimento representativo para a comunidade, ou seja, que tenha a ver com seus valores, suas crenças e sua cultura. Esses causos são acontecimentos subjetivados por quem os conta, e trabalha de acordo com as interações comunicativas para aprovar uma reação nas pessoas que os escutam. Sobre a função social desses casos, a autora afirma:

O valor dos causos – e dos contos deles derivados – para os contadores, está na função de valorização e de preservação de um modo de vida, de pensar ou, em outras palavras, na constituição de uma identidade que se constrói na resistência à massificação cultural que despersonaliza, própria da globalização, e na memória. (BATISTA, 2007, p.1012).

Em Caiana dos Crioulos, a maioria dos causos foram aprendidos no berço familiar. Segundo Dona Josefa, ela ouvia as histórias de assombração contadas por seu pai. Antes, esses causos eram contados com mais frequência do que nos dias atuais, pois os entrevistados sempre usam a palavra 'antigamente', o que se supõe que não foi um acontecimento atual. Porém deixam claro que ainda se escuta até hoje

em dia. Dona Olívia também faz menção às histórias que aprendeu ouvindo sua irmã contar.

Ajuntava Cicia, minha irmã, ela sabia de muita história, porque quando ela estava mais o João Maria ela dormia na casa de Conceição, na rua, e ela gostava, conceição por lá contava muita história, e ela chegava em casa contava a eu. E aí contava aquelas histórias, contava aquelas histórias do reinado encantado. (OLÍVIA JOSEFA DA SILVA,2019).

Os causos e as lendas sempre fizeram – e ainda fazem - parte da trajetória cultural de Caiana dos Crioulos. A memória quilombola está presente em cada história contada, seja um acontecimento familiar, seja uma história que aprenderam com algum parente ou um amigo, porém não deixa de ter a mesma beleza e encantamento. Um movimento rico, que continua vivo até os dias atuais e vai enriquecendo, cada dia mais, o poder da contação. Quem as ouve se encanta e quer repassar devido à beleza do discurso expresso em cada palavra, cada gesto e entonação. O ato de contar e de recontar história está presente no coração de cada um dos quilombolas de Caiana dos Crioulos como símbolo de memória e de resistência.

4 MODOS DE EDUCAR E DE APRENDER: A FORMAÇÃO DE PROFESSORES E A EDUCAÇÃO ESCOLAR QUILOMBOLA

Neste capítulo, trazemos uma abordagem acerca da formação de professores e da educação escolar quilombola, os modos de educar e de aprender, numa formação de professores que contemple a diversidade étnico-racial e como os saberes da tradição quilombola podem compor o currículo no contexto escolarizado.

4.1 Formação de professores e abordagens étnico-raciais

*O ambiente escolar
Que é bem diversificado
Para um trabalho humanizado
Deve estar bem preparado.
Trabalhando em prol da comunidade
Contemplando todas as pessoas
Sem distinção de sexo, raça ou idade
Valorizando a diversidade.
A formação dos professores
Precisa ser bem planejada
Pensar num trabalho pedagógico
De forma continuada.
Escola e comunidade
Precisam sempre interagir
A soma desses saberes
Fazem o conhecimento fluir.
A escuta é essencial
Para o trabalho docente
Por um país mais democrático
E uma educação bem mais descente!
(LUCIENE TAVARES)*

Partindo dessa poesia, iniciamos esta seção, em que tratamos da importância da formação dos professores e das abordagens étnico-raciais e refletimos sobre a educação na comunidade, porquanto consideramos os conhecimentos adquiridos nesse território como formativos. Por meio dos saberes tradicionais e culturais que fazem parte das práticas culturais e sociais comunitárias, é possível desenvolver um trabalho significativo no ambiente escolar que contemple toda essa diversidade. A formação continuada dos professores deve ser um dos primeiros passos para que esses conhecimentos quilombolas sejam incluídos no ambiente escolarizado, pois formar para educar no quilombo nos possibilita conhecê-lo e romper as barreiras do preconceito e do racismo que fazem parte da sociedade brasileira.

Uma formação que possibilite compreender as especificidades do quilombo é fundamental, visto que quando os docentes que atuam na escola da comunidade são formados a partir desses saberes, frutos da experiência de vida das pessoas que vivem nesse local, podem aprender sobre como as pessoas da comunidade percebem e vivenciam suas práticas sociais e como são primordiais para se articular com a escola e a formação continuada de professor que é vivenciada no cotidiano escolar.

É preciso, contudo, ter uma sintonia com esses saberes, pois entenderão o quanto esses conhecimentos são importantes para a comunidade e os estudantes que estão na escola. Ao desenvolver uma ação pedagógica, passarão a valorizá-los no currículo escolar e a discutir para além do livro didático. Com essa ação educativa, os professores possibilitam a construção da identidade quilombola e sua valorização a partir da escola.

No contexto da educação brasileira, a educação quilombola é um fundamento importante para valorizar os saberes, os fazeres e as identidades quilombolas no Brasil. Nesse sentido, é preciso pensar na diversidade étnico-racial que a educação apresenta e numa educação voltada para o contexto dos quilombos.

É fundamental discutir e refletir sobre a formação dos professores voltada para as questões étnico-raciais e debater sobre o quilombo, porque isso possibilitará que docentes que atuam em escolas quilombolas possam reconhecer a importância desses conhecimentos e trabalhar em sala de aula de escola de quilombo esses saberes, o que permite que esse tipo de infância valorize os saberes adquiridos por ela nesse local. Quando os professores de uma escola quilombola se articulam com a comunidade onde ela está inserida e procura conhecer seus saberes, passam a contribuir, de forma ativa, para construir a identidade da criança negra quilombola em sua sala de aula.

Esse tipo de prática docente, além de criar meios para fortalecer a construção da identidade quilombola, precisa acompanhar como as aprendizagens das crianças estão ocorrendo no ambiente escolar. A educação para as relações étnico-raciais, de acordo com Silva (2015), é um desafio que também se impõe aos responsáveis pela formação de crianças não negras, das que crescem e são educadas em ambientes, mentalidades e sabedoria afro-brasileiros.

Jovino (*apud* SILVA, 2015) chama a atenção para o fato de como as crianças negras sofreram no período escravocrata, quando muitas delas não tinham sequer o direito de ter um sobrenome e eram educadas para se submeter ao pensamento

européu, ao senhor branco, o que refletiu até hoje no modo como as pessoas negras são percebidas e representadas.

A autora enfatiza que os professores desconhecem as manifestações e as resistências do povo negro. E como isso acontece constantemente, esses conhecimentos não são inseridos nas aprendizagens que promovem com alunos negros e não negros, e a educação escolar precisa trabalhar nessa construção do pertencimento identitário e explicar às crianças que a maioria dos afrodescendentes são os únicos brasileiros que desconhecem de onde vieram seus antepassados, porque precisam conhecer, de fato, a história do povo brasileiro, e não, só de um grupo específico que compõe o Brasil.

É necessário discutir, na prática docente, sobre a importância do povo negro e seu legado e sua história, para que possamos contribuir significativamente com essa construção identitária da criança negra. Silva (2015) enfatiza que

o processo de educar-se, no caso das pessoas negras, [...] implica a formação da consciência racial que se estende pela vida e se fortalece no engajamento em iniciativas de combate ao racismo. Reconhecer, manifestar a negritude foi sempre, entre outras, preocupação central do Movimento Negro brasileiro. Construir e reconstruir a negritude exige reconhecer pertencimento ao Mundo Africano, [...]. (SILVA, 2015, p. 164).

É importante compreender que, no trabalho docente, na perspectiva da educação antirracista e das relações étnico-raciais, o educador precisa acreditar na capacidade de cada educando e buscar suas potencialidades na produção do conhecimento.

[...] as escolas tanto podem favorecer relações de dominação, atualizar racismos, discriminações entre grupos e pessoas, como podem, se houver sincero empenho para tanto, reeducar no sentido do respeito, reconhecimento, valorização, convívio construtivo. [...] Um primeiro passo nesse sentido está em professores, gestores e outras pessoas, que garantem o funcionamento das escolas, desconstruírem as crenças de que, no Brasil, se vive numa democracia racial. Será preciso que todos reconheçam e desconstruam os preconceitos que privilegiam pessoas pelo simples fato de serem brancas e desfavorecem outras, notadamente as negras. É necessário que educadores se preparem e se empenhem para combater o racismo que nas escolas, não diferente de outras instituições, marca as relações entre as pessoas. (SILVA, 2015, p.169/170).

O trabalho com o tema 'relações étnico-raciais na escola' deve ser feito em todas as disciplinas escolares e não pode ser somente uma atitude pedagógica de docentes negros para alunos negros, pois a gestão escolar, as equipes pedagógica e técnica, os pais e os familiares também devem compreender a importância desse

debate. É preciso desenvolver, na comunidade escolar, um olhar sobre a diversidade e pensar sobre a questão racial.

Foram mais de três séculos de escravidão no Brasil, e só temos 132 anos do período pós-abolição, em que legislações ressaltaram a inclusão dos saberes da população negra. Entendemos que há muito a se fazer, no campo da educação, em relação a esse aspecto, e muita coisa precisa ser mudada para desconstruir todo o racismo impregnado na sociedade. Acreditamos que é através da educação escolar que se podem educar as crianças na perspectiva de uma sociedade mais justa, igualitária e equânime.

Como professora e integrante do movimento negro e da Organização de Mulheres Negras da Comunidade (OMNC), percebo que, quando o assunto é sobre as relações étnico-raciais, a questão do negro no Brasil e as pautas voltadas para as comunidades tradicionais, como a de quilombo, o trabalho pedagógico em sala de aula só tem um engajamento maior quando os professores fazem parte dessa militância. Isso precisa acontecer independentemente de qualquer militância e ativismo político, porque sejam ativistas ou não, a pauta deve ser aplicada e inserida nos planejamentos dos professores, ressignificando o Projeto Político-pedagógico (PPP) e o currículo escolar, pois, de acordo com Gonsalves e Silva apud Silva (2015, p.173), "o jogo entre as diferenças em que se constroem processos de aprendizagens e de ensino nas escolas reflete aqueles produzidos e reproduzidos no dia a dia da sociedade."

Os estudos voltados para a área de educação, no tocante à população negra, é uma luta de anos do movimento social negro pela inclusão educativa da história e da cultura afro-brasileira e africana e em relação à discriminação racial existente nas escolas e, principalmente, nos livros didáticos, em que diversas imagens de homens e mulheres negros/as são retratadas de forma pejorativa.

Observamos que ações foram criadas para tratar das especificidades e dos direitos dessas populações, como: as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-brasileira e africana, estabelecidas pela Lei 10. 639 de 2003, o Estatuto da Igualdade Racial de 2010 e as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Quilombola – 2012. Em nossa opinião, esse é um marco que veio para assegurar uma educação diferenciada e específica para essa população. Ao se referir às questões sobre o negro no Brasil e aos estereótipos e à discriminação, Gomes (2011) enuncia:

As questões como a discriminação do negro nos livros didáticos, a necessidade de inserção da temática racial e da História da África nos currículos, o silêncio como ritual a favor da discriminação racial na escola, as lutas e a resistência negras, a escola como instituição reprodutora do racismo, as lutas do Movimento Negro em prol da educação começam, aos poucos, a ganhar espaço na pesquisa educacional do país, resultando em questionamentos à política educacional. Desencadeia-se um processo de pressão ao Ministério da Educação, aos gestores dos sistemas de ensino e às escolas públicas sobre o seu papel na superação do racismo na escola e na sociedade. GOMES (2011, p. 112 e 113).

A partir da Lei 10.639/2003, sancionada pelo Presidente Luís Inácio Lula da Silva, a história do negro foi vista, pela primeira vez, no ambiente escolar, de forma obrigatória. Esse foi um suporte significativo no trabalho com as relações étnico-raciais, pois a lei tornou obrigatório o ensino de história e cultura afro-brasileira e africana em sala de aula, em todas as escolas públicas e privadas, e a inclusão do dia 20 de novembro como dia Nacional da Consciência Negra. Nesse sentido, a Lei de Diretrizes da Educação Nacional Brasileira (LDBEN) foi alterada, e a partir de 2003, passaram a vigorar, nos artigos 26-A, 79-A e 79-B, os seguintes aspectos.

Após a sanção da Lei 10.639/03, o Conselho nacional de Educação aprovou a Resolução 1, de 17/03/2004, que institui as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico- Raciais e para o ensino de História e Cultura Afro – Brasileira e Africana. A partir de então, as escolas da educação básica passam a ter um documento legal que discute e aprofunda o teor da lei 10.639/03, capaz até de orientar a prática pedagógica. (GOMES,2006, p.68)

É notório que muito ainda precisa ser feito para efetivar a lei 10.639/003, porém não podemos negar que muita coisa mudou a partir de sua criação, na tentativa de corrigir desigualdades, proporcionar oportunidades iguais para os grupos étnico-raciais e sociais não favorecidos e valorizar a cultura, a história e a identidade negras, que são aspectos importantes que não podemos deixar passar despercebidos.

É um processo de anos, em que o movimento negro vem lutando por essa conquista, e através dessa legislação, as instituições podem organizar seu PPP, prezando por uma construção em que a interdisciplinaridade esteja presente, para construir uma sociedade democrática e igualitária, em que haja valorização e respeito pela diversidade.

Para isso, será necessário promover uma mudança curricular e reorganizar o currículo da escola e da prática docente, pois, para que essas ações sejam colocadas em prática, um de seus desafios é o de descolonizar os currículos escolares.

Gomes (2012) afirma que descolonizar os currículos é mais um desafio para a educação escolar, devido à rigidez das propostas curriculares, cujo empobrecimento do caráter conteudista dos currículos ainda prevalece em relação às populações negras. A autora ressalta que é necessário um diálogo entre a escola, o currículo e a realidade social e formar professores e professoras reflexivos diante de culturas negadas e silenciadas nesses currículos.

Em sala de aula, o trabalho docente deve visar à diversidade existente e desenvolver seu agir pedagógico, pois é preciso que sejam conhecedores da legislação e efetivem, em suas práticas educativas, um ensino pautado nessas questões e que contemple cada especificidade. Segundo Ibernón (2016), os professores são os atores essenciais para promover uma educação de boa qualidade e escolas ou programas sociais mais flexíveis, baseados na coletividade. Nesse sentido, os professores defendem a mudança e atuam como catalizadores para produzir a mudança.

A formação permanente deveria apoiar-se, criar cenários e incentivar uma reflexão real dos sujeitos sobre sua prática docente nas escolas e nos territórios, de modo que lhes permitam examinar suas teorias implícitas, seus esquemas de funcionamentos, suas atitudes, etc., promovendo um processo de auto avaliação do que se faz e analisando porque se faz (IBERNÓN, 2016, p.148).

É sabido que, no campo da educação, as discussões voltadas para as relações étnico-raciais se propagaram a partir da década de 80 do Século XX, visto que práticas de racismo no ambiente escolar eram muito frequentes. Já havia várias demandas organizadas pelo movimento negro para a questão do negro no Brasil, em que algumas ações foram sendo criadas, como as que começaram no pós-abolição até a contemporaneidade. Os diversos movimentos sociais negros tentaram tratar das questões negras, como grêmios, clubes e associações.

Outro trabalho importante foi o da imprensa negra, em que se destacaram o preconceito de cor e uma das organizações que estava nessa luta - a Frente Negra Brasileira (FNB). No terceiro momento - de 1978 a 2000 - ressaltamos o movimento negro unificado, que contribuiu, de forma significativa, para desmistificar a mestiçagem, a substituição do 13 de maio pelo 20 de novembro, como Dia Nacional

da Consciência Negra, e a demanda da história da África e do negro no Brasil nos currículos escolares (MNU) (FIGUEREDO 2018, p.1083).

Observamos que, mesmo com a implementação da Lei 10.639/003, muitas escolas ainda não trabalham o conteúdo voltado para essa temática, o que nos deixa em uns emaranhados de pensamentos e interrogações: Por que isso ainda acontece? É de suma importância que o trabalho para as relações étnico-raciais seja desenvolvido nas escolas, para desconstruir o racismo, compreender nosso pertencimento étnico-racial, construir a identidade das crianças negras e valorizar a diversidade étnico-brasileira.

Contudo, é importante encontrar uma maneira correta de abordar determinada questão, para não cair na redundância ou comodismo de trabalhar assuntos rotineiros de “caráter conteudista”, como por exemplo, limitar o estudo do negro no Brasil ao período escravagista, despertando a falsa impressão de que não foi deixado um legado cultural, com apenas sua força de trabalho se fazendo presente. (GUEDES, NUNES e ANDRADE,2013, p.423).

Os autores referem que é necessário todo um cuidado para desenvolvermos esse trabalho, por isso a formação continuada dos professores é um dos primeiros passos para que eles sejam conhecedores dessa legislação, das lutas do movimento negro e das pautas em questão, para compreenderem que é possível combater o racismo no ambiente escolarizado através da educação escolar. Coelho (*apud* COELHO E SOARES, 2016) refere que a Lei 10.639/2003.

não emergiu do interior do sistema educacional, entendido aqui como as instâncias normativas e operacionais (o Ministério e as Secretarias de Educação – estaduais e municipais) e suas instâncias constituintes e legitimadoras, como o discurso acadêmico e os cursos de formação docente. Ela nasceu da demanda da sociedade civil organizada. Foram os movimentos civis que apontaram uma lacuna na formação oferecida: o subdimensionamento da participação do negro na formação da nacionalidade brasileira e uma orientação exclusivamente europeia na compreensão dos processos que conformavam a trajetória histórica brasileira (COELHO E SOARES, 2016, p. 577).

Podemos perceber que a Lei 10.639/2003 atende a uma demanda histórica do movimento negro. Conforme enfatizam Coelho e Soares, “a legislação vem contribuir para colocar oficialmente discursos e vozes historicamente silenciados nos currículos das nossas escolas”. Para as autoras,

alia-se a esse contexto o fato de que ainda que as pesquisas localizem, no âmbito das escolas, algumas iniciativas para o trato da questão étnico-racial, tal enfoque ainda se apresenta pautado no “voluntarismo docente”, na

ausência de conhecimento formal da lei, na vinculação a um teor ético e moral e no fato de que tal enfoque na escola advém de iniciativas pontuais. (COELHO APUD COELHO E SOARES, 2016, p. 591).

A formação dos professores deve estar em consonância com todas essas pautas. Quanto à formação dos professores do quilombo, devemos ter em perspectiva que se trata de pensar em um trabalho coletivo, mas que contemple suas especificidades.

Essa formação continuada deve reconhecer a importância não só da negritude, mas também da criança negra na escola e valorizar a infância e os saberes adquiridos por ela na comunidade, pois a criança negra quilombola leva para o ambiente escolar os conhecimentos adquiridos socialmente com suas famílias e dentro do território. É importante que todos os professores que estão na Escola Firmo Santino da Silva pensem na criança negra do Quilombo Caiana dos Crioulos, como elas aprendem e o que conhecem do lugar a que pertencem para valorizar essa infância a partir do conhecimento da experiência que adquiriu na Educação Escolar Quilombola.

A formação dos professores deve tratar das questões que dizem respeito às pessoas negras como um todo, e um dos aspectos que precisa ser lembrado é o respeito ao cabelo e ao corpo negro, que precisam ser reconhecidos na escola. É preciso valorizar as crianças da comunidade escolar e as pessoas da comunidade onde a escola está inserida, principalmente os idosos, porque a relação entre as pessoas idosas e a infância da comunidade que está fora da escola precisam adentrar o ambiente escolarizado, tendo em vista que são crianças que convivem e são educadas cotidianamente em seus berços familiares por pessoas idosas, cujos conhecimentos não estão inseridos nas salas de aula da Escola Firmo Santino da Silva.

Tardif (2018), ao focalizar os docentes e seus saberes, enfatiza os seguintes aspectos: os relativos à formação inicial, os disciplinares, os curriculares, os experienciais e as relações que cada professor tem com esses saberes. Ao tratar dos saberes disciplinares, o autor enuncia que, além dos que são produzidos pelas ciências da educação e os pedagógicos, a prática docente incorpora outros saberes sociais que são definidos e selecionados pela instituição universitária, como os que integram essa prática docente pela formação inicial e continuada dos professores, nas disciplinas que as Universidades oferecem. Em relação a esses saberes, ele acrescenta:

São saberes que correspondem a diversos campos do conhecimento, os saberes do que dispõe a nossa sociedade, tais como se encontram hoje integrados nas universidades, sobre a forma de disciplinas, no interior de faculdades e de cursos distintos. [...]. Os saberes das disciplinas emergem da tradição cultural e dos grupos sociais produtores de saberes (TARDIF, 2018, p. 38).

Podemos verificar que, no momento de sua formação, através das disciplinas, os professores adquirem conhecimentos que, somados com os sociais, vão enriquecendo suas práticas pedagógicas. Porém esses saberes não podem ficar estacionados, eles precisam estar constantemente em interação com o meio e a comunidade local, buscando novas possibilidades que também contribuam para enriquecer seu trabalho em sala de aula e ressignificar sua prática.

Saviani (1944) traz uma discussão relacionada aos saberes aprendidos e compreendidos pelo homem, ou seja, a produção não material, a espiritual, que ocorre de distintas maneiras. Para Saviani, há diferentes tipos de saber ou conhecimentos como: o conhecimento sensível, o intuitivo, o afetivo, o intelectual, o lógico, o racional, o artístico, o estético, o axiológico, o religioso, o prático e o teórico. Do ponto de vista educacional, esses conhecimentos só interessam como elementos que os indivíduos da espécie humana necessitam assimilar para que se tornem humanos.

Do ponto de vista da educação, esses diferentes tipos de saber não interessam em si mesmos; eles interessam, sim, mas enquanto elementos que os indivíduos da espécie humana necessitam assimilar para que se tornem humanos. Isto porque o homem não se faz homem naturalmente; ele não nasce sabendo ser homem, vale dizer, ele não nasce sabendo sentir, pensar, avaliar, agir. Para saber pensar e sentir; para saber querer, agir ou avaliar é preciso aprender, o que implica o trabalho educativo. Assim, o saber que diretamente interessa à educação é aquele que emerge como resultado do processo de aprendizagem, como resultado do trabalho educativo. Entretanto, para chegar a esse resultado a educação tem que partir, tem que tomar como referência, como matéria-prima de sua atividade, o saber objetivo produzido historicamente. (SAVIANI, 1944, p.7).

Para o autor, a educação precisa partir do saber produzido historicamente, por isso é muito importante o trabalho voltado para as memórias do quilombo, onde estão postos saberes adquiridos de geração em geração, que fazem parte da história do povo quilombola de Caiana dos Crioulos, e que, somados com os conhecimentos escolares da Escola Firmo Santino, podem enriquecer a prática pedagógica dos professores lhes proporcionando formação.

Reiteramos que os docentes da escola, ao incluir em suas práticas os conhecimentos da comunidade, viabilizados pela participação social de pessoas idosas, poderão contribuir para valorizar a cultura negra quilombola, desconstruir racismo e estereótipos e propiciar a construção identitária negra e quilombola das crianças de Caiana dos Crioulos, pois, como afirma Oliveira (2008), quando se pensa em um fazer pedagógico emancipatório, estamos pensando na possibilidade de desenvolver a autonomia intelectual e social dos sujeitos individuais e coletivos envolvidos no processo educativo.

O processo de construção da identidade das crianças vai sendo adquirido com o meio, na interação com seus familiares, na cultura em que ela se encontra inserida. É nas experiências vividas que a criança começa a colher informações sobre quem ela é, de onde veio e como é sua relação com o meio. Esse amontoado de coisas vai fazendo a criança se enxergar-se no mundo, e a escola precisa dar continuidade a esse processo formativo, tendo todo o cuidado de não trabalhar de forma distorcida baseado no pertencimento das crianças.

É na alteridade, nas relações com o outro, que construímos nossa identidade. Desde a infância, negros e negras foram silenciados e levados para o lado do branqueamento, a fim de que pudessem se olhar nos espelhos da vida e não gostar da imagem que estava refletindo o seu “eu”, sua existência. Assim, os professores precisam desconstruir isso em sala de aula, mostrando todas as belezas culturais e identitárias de pertencimento do povo negro, na perspectiva de valorizar a cultura, nesse caso, a cultura quilombola local.

A identidade tem se destacado como uma questão central nos discursos contemporâneos, no contexto de reconstruções globais das identidades nacionais e étnicas e das emergências dos “novos movimentos sociais”, os quais estão preocupados com a reafirmação das identidades pessoais e culturais. Esses processos colocam em questões uma série de certezas tradicionais, dando orça ao argumento de que existe uma crise das identidades nas sociedades contemporâneas. A discussão da extensão na qual as identidades são contestadas no mundo contemporâneo nos levou a uma análise da importância da diferença e das oposições na construção de posições de identidade (SILVA, 2009, p. 67).

Existe uma construção histórica de imagens negativas relacionadas ao negro que a escola precisa desconstruir, e não, reforçar. Por isso deve valorizar a história do povo negro, sua cultura, sua estética, seu cabelo e o corpo negro. Mesmo depois de promulgada a Lei 10.639/2003, o trabalho voltado para a educação e para as

relações étnico-raciais continua enfrentando desafios nas escolas, desde os conhecimentos que são trabalhados na sala de aula até os materiais didáticos.

4.2 A educação quilombola e a formação docente: Saberes da tradição quilombola no contexto escolarizado

No Brasil, os marcos legais relativos à inclusão da história e da cultura do povo negro, como a Lei 10.639/2003, fruto da luta incansável do movimento negro, procurou reverter a situação do país através da educação escolar. Essa lei, obrigatória em todas as escolas públicas e privadas, ao ser sancionada pelo Presidente Luiz Inácio Lula da Silva, alterou a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), reconfigurou um novo modelo para a educação e deu coordenadas para uma nova construção, que possibilitou um olhar voltado para a diversidade do nosso país.

Em 2010, com as políticas de diversidade étnico-racial, surgiu, uma nova modalidade de educação, a Educação Escolar Quilombola, que surgiu na Conferência Nacional da Educação, no eixo 6 da CONAE, relacionado à discussão sobre diversidade e inclusão, em que estavam presentes o movimento negro e o quilombola em busca de seus direitos. Assim como as demais modalidades existentes, é importante tratar das especificidades, principalmente no que tange à educação escolar do povo quilombola, que faz parte da garantia de direitos para essa população. Sua configuração para tratar das especificidades dessa população e a Resolução nº 8 de 20 de novembro de 2012 definiram as diretrizes para a educação escolar quilombola:

De acordo com as deliberações da Conferência Nacional de Educação (CONAE, 2010), em atendimento ao Parecer CNE/CEB nº 7/2010 e à Resolução CNE/CEB nº 4/2010, que instituem as Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais para a Educação Básica, e tendo em vista a Indicação CNE/CEB nº 2/2010, a Câmara de Educação Básica do Conselho Nacional de Educação instituiu, por meio da Portaria CNE/CEB nº 5/2010, comissão responsável pela elaboração das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola (BRASIL, 2012).

Partindo desse pressuposto, o currículo da escola sofre modificações. A partir da implementação dessa modalidade, verificou-se o início de trabalhos que colocassem em pauta as questões do povo negro e quilombola, cumprindo com seu papel educacional perante a sociedade e fazendo valer a legislação. As comunidades quilombolas são ricas em manifestações culturais, e as crianças, ao saírem de suas casas, levam essa experiência cultural para o ambiente escolar. Porém, muitas vezes,

esses conhecimentos não são discutidos na escola, o que faz com que ela não se sinta pertencente à sua cultura, o que implica a construção de sua identidade.

A educação Escolar Quilombola, portanto, foi pensada para os povos negros e sua implementação é acompanhada pela consulta prévia do poder público às comunidades envolvidas e suas organizações, de maneira a não levar em conta somente os aspectos, normativos burocráticos e institucionais que configuram as políticas educativas (BRASIL, 2013).

Essa modalidade educacional precisa ter sua prática efetivada, pois, desde que foi criada, o trabalho com ela é individualizado. Percebemos que esse trabalho é desenvolvido por um ou outro professor, e na maioria das vezes, são professores negros, inseridos na militância. Logo, essa pauta precisa fazer parte da prática pedagógica de todos os professores e efetivada de verdade, para não desfalcar o processo da educação dos educandos quilombolas, desmotivá-los e estimular a evasão escolar, porque, quando isso acontece, os alunos não se sentem parte do ambiente escolarizado.

As escolas quilombolas fazem parte da educação do campo e quilombola. E como a maioria situa-se em comunidades rurais, é preciso atentar para o território, suas manifestações culturais, seus costumes, os modos de viver e como é possível aprender com a cultura desse povo. Os saberes das pessoas idosas da comunidade se somam a essa perspectiva, pois são as histórias dos *griots* que dão sentido ao que é real ou não no quilombo. Essas mesmas histórias podem fazer parte do ambiente escolar e contribuir para formar a identidade de seus indivíduos.

Segundo Gomes (2018), a leitura sobre os negros, sua história e cultura, em nosso país, tem sido regulada pela sociedade mais ampla por meio de um racismo ambíguo e do mito da democracia racial, uma visão que vem sendo disseminada em muitos espaços estruturais do poder e que marca, de forma diferenciada, a história do povo negro. A escola deve estar atenta a essas questões e desconstruir preconceitos e estereótipos, pois faz parte da formação das pessoas como cidadãos.

A educação escolar tem sido um dos principais meios de socialização de discursos reguladores sobre o corpo negro. A mudança nesse estado de coisa tem sido fruto da luta do movimento negro. E nos, últimos anos, tem sido tema de intervenção artística, poética e política, de uma parcela da juventude negra, sobretudo as jovens negras (GOMES, 2018, p. 95.)

Como podemos ver na fala da autora, o movimento negro vem lutando por mudanças no campo educacional que se voltem para as especificidades do povo negro, e a escola precisa contribuir para valorizar e construir a identidade dos estudantes e somar-se com eles nas lutas por garantias de direitos dos cidadãos, pois a escola é um local político que trabalha com a diversidade.

Gomes (2011) afirma que os ativistas do Movimento Negro sempre tiveram como questão central a luta pela escolarização dessa população, historicamente alijada dos bancos escolares. Embora saiba que essa não é a única solução, a autora pontua que a educação ocupa um lugar importante na produção do conhecimento, contribui para formar quadros intelectuais e políticos e que o nível de instrução é usado como critério para selecionar ou excluir quando se trata de preencher vagas de emprego. Cavalcante et al (2017) afirmam que,

para a escola, como fonte de afirmação da identidade afro-brasileira e africana, ainda é um desafio desenvolver, nesse espaço, novas propostas pedagógicas que propiciem a valorização das identidades brasileiras, via um currículo que leve o aluno a conhecer suas origens de forma horizontal e Inter e transdisciplinar (CAVALCANTE ET AL., 2017, p.2).

Ser professor, hoje, envolve um apanhado de questões e mexe com diversas estruturas. Candau (2014) enuncia que

ser professor hoje é uma atividade que desafia sua resistência, saúde e equilíbrio emocional, capacidade de enfrentar conflitos e construir diariamente experiências pedagógicas significativas. Partimos do ponto de vista de que não se pode desvincular as questões relativas ao trabalho docente e à formação de professores do contexto sociocultural em que estamos imersos e da própria problemática da escola hoje. Em uma época de crise generalizada, em que emergem novos paradigmas, tanto do ponto de vista político-social, como científico, cultural e ético, o sentido da educação precisa ser ressignificado. CANDAU (2014, p. 34)

É importante ressignificar o currículo da escola, para que ele possa dar visibilidade a uma política educativa que contemple a Educação Escolar Quilombola. As Diretrizes Curriculares para a Educação Escolar Quilombola apontam justamente um currículo que seja diferenciado, que se renove de acordo com o tempo e as vivências dos ambientes escolar e comunitário.

O currículo da Educação escolar Quilombola deverá considerar os aspectos gerais apontados nas diretrizes Curriculares Nacionais gerais para a Educação Básica, bem como as singularidades das comunidades quilombolas explicitadas nessas diretrizes (BRASIL, 2012, p. 439).

A palavra 'currículo' tem várias definições, e todas trazem significados direcionados ao processo educativo, como os conteúdos a serem ensinados e aprendidos, os objetivos propostos, as avaliações, o planejamento e as experiências escolares vivenciadas pelos alunos. Nesse apanhado de sentidos e significações, sabendo da importância deles, procuramos focar nas experiências escolares e nas relações sociais vividas no contexto escolar, uma interação que deve ser indissociável, que contribui eficazmente para formar as identidades dos alunos.

Incluir no currículo da escola as especificidades da população quilombola, refletir sobre suas vivências e trabalhar a memória dos idosos e as histórias de vida das pessoas do lugar e suas manifestações culturais, entre outros, é uma forma de acolher e de contribuir para o pertencimento identitário dos quilombolas locais. Esse é um trabalho pautado na diversidade. Porém, apesar de serem vários os desafios para se elaborar um currículo que realmente contemple a diversidade, isso é possível.

Ao tratar sobre o campo educacional, mais precisamente, no que se refere à questão do currículo, a autora Nilma Lino Gomes (2012) diz que nós vivemos um momento ímpar, no que diz respeito ao campo do conhecimento, que é nas ciências humanas que o debate acerca da diversidade epistemológica tem mais espaço, que os avanços, as novas indagações e os limites da teoria educacional repercutem na prática pedagógica e que os desafios dessa prática, querendo ou não, vão impactar a teoria, indagando conceitos e categorias e questionando sobre as interpretações clássicas sobre a educação que ocorre dentro e fora da escola. A autora afirma que todo esse processo atinge os currículos e que eles devem passar por mudanças para acompanhar e atingir os objetivos propostos para o campo da educação.

Esse processo atinge os currículos que, cada vez mais são inquiridos a mudar. Os dilemas para os formuladores de políticas, gestores, cursos de formação de professores e para as escolas no que se refere ao currículo são outros: adequar-se as avaliações *standardizadas* nacionais e internacionais ou construir propostas criativas que dialoguem, de fato, com a realidade sociocultural brasileira, articulando conhecimento científico e os outros conhecimentos produzidos pelos sujeitos sociais em suas realidades sociais, culturais, históricas e políticas? Compreender o currículo como parte do processo de formação humana ou persistir em enxergá-lo como rol de conteúdos que preparam os estudantes para o mercado ou para o vestibular? E onde entra a autonomia do docente? E onde ficam as condições do trabalho docente, hoje, no Brasil e na América Latina? Como lidar com o currículo em um contexto de desigualdades e diversidade? (GOMES, 2012, p. 99).

De certa forma, no Brasil, a luta da população negra ainda é invisibilizada nos bancos escolares, pois as escolas não têm um currículo adequado que dê visibilidade a essas especificidades na prática. Observando esse contexto, Gomes assevera que

descolonizar os currículos é mais um desafio para a educação escolar. Muito já denunciámos sobre a rigidez das grades curriculares, o empobrecimento do carácter conteudista dos currículos, a necessidade de diálogo entre escola, currículo e realidade social, a necessidade de formar professores e professoras reflexivos e sobre as culturas negadas e silenciadas nos currículos (GOMES, 2012, p.102).

De acordo com a autora, já vem sendo feito um trabalho para que os currículos escolares passem por essa descolonização e saiam da rigidez, pois tudo isso só afeta cada vez mais a população negra, que tanto tem lutado por direito de igualdade e de se sentir inserido no ambiente escolar e de pertencer a ele. Vemos, então, que é sobremaneira importante o Estado brasileiro efetivar a formação continuada dos professores, para que eles conheçam a cultura afro-brasileira e africana e saibam esse diálogo e os ensinamentos são necessários na sala de aula. Os professores precisam ser reflexivos, e o trabalho deve ser feito no coletivo pautado no diálogo. Gomes (2012) entende que é preciso “um diálogo constante entre a escola, o currículo e a realidade social e formar professores que reflitam sobre as culturas negadas e silenciadas nos currículos. (GOMES).

Cabe ao Estado promover e incentivar políticas de reparações, no que cumpre ao disposto na Constituição Federal, Art. 205, que assinala o dever do Estado de garantir indistintamente, por meio da educação, iguais direitos para o pleno desenvolvimento de todos e de cada um, enquanto pessoa, cidadão ou profissional. Sem a intervenção do Estado, os postos à margem, entre eles os afro-brasileiros, dificilmente, e as estatísticas o mostram sem deixar dúvidas, romperão o sistema meritocrático que agrava desigualdades e gera injustiça, ao reger-se por critérios de exclusão, fundados em preconceitos e manutenção de privilégios para os sempre privilegiados (GOMES, 2012, p. 102).

Outro documento que também trata da importância da formação de professores é o texto das Orientações e Ações para a Educação das Relações Étnico-raciais, que faz a seguinte afirmativa:

Diante da publicação da Lei nº 10.639/2003, o Conselho Nacional de Educação aprovou o Parecer CNE/CP 3/2004, que institui as Diretrizes Curriculares para a Educação das Relações Étnico-Raciais e o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileiras e Africanas a serem executadas pelos estabelecimentos de ensino de diferentes níveis e modalidades, cabendo aos

sistemas de ensino, no âmbito de sua jurisdição, orientar e promover a formação de professores e professoras e supervisionar o cumprimento das Diretrizes (BRASIL, 2006, p. 20).

É um trabalho baseado na coletividade, e cada um vai desempenhando o seu papel - o Estado, as Secretarias de Educação, gestores, professores e todo o conjunto educacional. Para desenvolver o trabalho em sala de aula, é importante que os professores busquem conhecimentos acerca das relações étnico-raciais, e não apenas só o que está posto nos livros didáticos. Hoje temos a possibilidade de buscar informações por diversos meios, como a Internet, grupos de estudos, cursos de formação e tantos outros. É preciso trazer o debate acerca da questão racial no Brasil para dentro da sala de aula, pois, ao silenciar essas questões, estão contribuindo para que a discriminação racial permaneça. Gomes chama a nossa atenção dizendo que, no contexto da educação escolar, a discriminação racial está presente como fator de seletividade na instituição escolar, e o silêncio é um dos rituais pedagógicos por meio do qual ela se expressa. Para a autora,

não se pode confundir esse silêncio com o desconhecimento sobre o assunto ou a sua invisibilidade. É preciso colocá-lo no contexto do racismo ambíguo brasileiro e do mito da democracia racial e sua expressão na realidade social e escolar. O silêncio diz de algo que se sabe, mas não se quer falar ou é impedido de falar. No que se refere à questão racial, há que se perguntar: por que não se fala? Em que paradigmas curriculares a escola brasileira se pauta a ponto de “não poder falar” sobre a questão racial? E quando se fala? O que, como e quando se fala? O que se omite ao falar? (GOMES, 2012, p.105).

As Orientações e Ações para a Educação das Relações Étnico-raciais, no texto que trata sobre a Educação Escolar Quilombola enunciam que:

A proposta uma Educação Quilombola passa por analisarmos qual concepção de educação se fala, é necessário que se reflita sobre o lugar onde o conhecimento vai ser concebido, sobre quais conceitos sustentam uma proposta de educação das relações raciais, em que base didático-pedagógica práticas educativas emancipatórias serão possíveis, além das estruturas reais e necessárias para que esse processo se desencadeie. Anunciamos, por fim, um plano de ação que contempla a concepção de educação que coletivamente, foi construída. (BRASIL, 2006, p. 143).

A partir do texto das Orientações e Ações para a Educação das Relações Étnico-raciais, percebemos mais ainda como o diálogo pautado na coletividade é necessário. Contudo,

propor diretrizes para se viabilizar a implementação da Lei nº 10.639/2003 na educação quilombola é um exercício de buscar os conceitos, não apenas na

sua fora teoria mais na perspectiva de que ele solidifique uma proposta político-pedagógica que possibilite a educação das relações étnico-raciais (BRASIL, 2006, p.154).

Vivemos em um mundo diverso. Se olharmos, por exemplo, para o Brasil, veremos a diversidade imensa que ele carrega, no que se refere à cultura, à religiosidade, às etnias e a outros aspectos. Enfim, é um misto de vivências, ideias e concepções. Contudo, quanto mais diverso ele é, maior é a luta para conhecer o “novo”, digo novo no sentido de reconhecer a diversidade do seu povo, suas culturas, crenças, religiosidades, uma diversidade que precisa ser compreendida e respeitada.

A escola precisa adequar seus currículos à realidade, pois, só assim, conseguiremos desenvolver um trabalho que contemple esse universo diverso, chamado de educação escolar. Para que isso aconteça, um dos passos primordiais da escola consiste em ouvir a comunidade local onde está inserida e trabalhar em conjunto com a família.

O diálogo precisa acontecer entre esse coletivo, a escola e as realidades sociais, para formar professores reflexivos e que tenham esse leque de culturas, principalmente as que são negadas e silenciadas nos currículos, pois tratar da diversidade é um compromisso que a educação deve assumir. Porém, de acordo com Gomes (2012), embora essas questões sejam percebidas, é preciso considerar que existem mudanças no trabalho voltado para a diversidade, ainda que seja de forma muito lenta. Percebe-se que a força das culturas consideradas negadas e silenciadas nos currículos vem aumentando, cada vez mais, nos últimos anos.

No campo do currículo, tais demandas também têm encontrado lugar na medida em que esse já se indaga, sobre os limites e as possibilidades de construção de um currículo intercultural, o lugar da diversidade, nos discursos e práticas curriculares, o peso das diferenças na relação entre currículo e poder, entre outros (GOMES, 2012, p.106).

Como podemos verificar no posicionamento da autora sobre o currículo escolar, ele precisa se adequar às realidades locais, trabalhando numa perspectiva intercultural que abrace a diversidade.

Ao ressignificar os currículos das escolas que estejam em consonância com a política educativa voltada para a Educação Escolar Quilombola, que esteja de acordo com o que está posto nas diretrizes curriculares para essa modalidade educacional, um dos fatores importantes que carece de ressignificação e continuidade diz respeito à formação continuada dos professores, que deve ser de forma contínua. Contudo, é

preciso pensar numa formação continuada que busque compreender a Educação Escolar Quilombola.

O educador começa a encontrar o real sentido de suas práxis pedagógicas quando conhece e valoriza seus educandos e o território em que eles se encontram inseridos, na partilha de semelhanças e diferenças de saberes. A Lei 10.639/2003, desde sua sanção, prevê a formação continuada dos professores, porém, na prática, nem sempre isso acontece, embora saibamos que essa formação continuada é necessária, pois são questões que devem ser trabalhadas em sala de aula, com as quais muitos educadores não tiveram contato em relação a esses conhecimentos. A respeito da inserção do tema étnico-racial nos cursos de formação de professores tanto inicial como continuada, Santos (2018) assevera:

É indispensável para a construção de um educador reflexivo, para a aquisição de competências docentes que os permitam avaliarem e reavaliarem suas práticas pedagógicas, possibilitando a seleção de conteúdos e metodologias que valorizem a diversidade e promovam a opção por caminhos que visem a solução dos conflitos, em especial os de motivação étnica em sala de aula. (Santos, 2018, p. 95).

Compreendemos que, na formação dos professores, é imprescindível debater sobre a questão quilombola no campo da educação, porque muitos docentes que estão no cotidiano da sala de aula de uma escola quilombola não tiveram, na graduação e ao longo da vida, conhecimentos sobre a história e a cultura afro-brasileira e africana, nem mesmo sobre o território quilombola. Por esse motivo, esse debate é fundamental na formação continuada.

Nesse tipo de formação, é importante debater a respeito das Diretrizes Curriculares para a Educação Escolar Quilombola, pois a maioria das escolas situadas em territórios quilombolas e/ou as que estão fora deles, ou seja, as instituições que recebem alunos vindos dessas comunidades também são consideradas escolas quilombolas, apesar de várias não se reconhecerem como tal. Isso acontece porque desconhecem o que está posto na legislação. Porém a formação desses docentes deve basear-se no contexto em que a maioria deles está inserida, tendo em vista que não são da comunidade quilombola e desconhecem totalmente essa realidade.

O desconhecimento pode reforçar o preconceito e a discriminação, assim como atos de racismo, desde os que envolvem a cor da pele até a forma como são pronunciadas algumas palavras dentro do quilombo. De acordo com Silva (*apud* Miranda, 2018), em relação ao tratamento conferido pela escola à linguagem de

estudantes de uma comunidade quilombola, a tonalidade de sua pele e suas linguagens eram, frequentemente, alvo de discriminação.

Conhecer a comunidade escolar e local onde a instituição está inserida é fundamental. A interação escola/comunidade e a troca de saberes são o primeiro passo para compreender como são as vivências e poder contribuir para a construção identitária dos alunos que ali estão, para que se sintam valorizados e inseridos no espaço escolar.

Na sala de aula, um aspecto que pode contribuir para trabalhar nesse sentido é a proposta interdisciplinar, pois o trabalho pedagógico deve ser pensado com e para o coletivo, por meio do diálogo dos profissionais, e as áreas do conhecimento, na perspectiva interdisciplinar, com um olhar crítico e social, valorizando as contribuições de cada área do conhecimento para a educação.

Para que esse trabalho ocorra, é preciso haver uma interação de saberes entre as diferentes disciplinas que dialoguem positivamente e que os professores compreendam que é importante trabalhar na perspectiva interdisciplinar e o progresso que pode trazer para o processo ensino e aprendizagem.

O trabalho pedagógico numa perspectiva interdisciplinar, evoca abertura evoca abertura ao diálogo entre as áreas do conhecimento que supere a fragmentação das disciplinas [...]. Aliar a interdisciplinaridade ao trabalho docente somente é possível quando o professor compreende as possibilidades que esse eixo integrador pode oferecer ao ensino e a aprendizagem (SANTOS, 2018, p.102).

A formação dos professores das escolas quilombolas deve levar em consideração as especificidades locais, porque esses territórios são dotados de pessoas com vivências específicas. Portanto, deve-se valorizar e trabalhar o contexto local, no que se refere aos modos de vidas desses povos, às manifestações culturais, às tradições e à memória coletiva dos idosos, que são excelentes griots e têm conhecimentos que vêm perpassando um processo geracional e que contribuem enriquecedoramente com a práxis pedagógica.

A demanda de professores inseridos nesses territórios é enorme. E como a maioria desses educadores não é da comunidade onde a instituição está inserida, o processo fica mais lento quanto à valorização de sua cultura e do seu povo. Assim, a formação continuada desses professores deve ser voltada para a educação escolar quilombola, pois ninguém ensina o que não sabe, é preciso aprender para ensinar e poder alcançar uma aprendizagem de boa qualidade. Em relação a essa realidade

nos territórios e em escolas quilombolas, Ries (2016) aponta o que tem percebido de acordo com suas pesquisas:

A esse respeito, em algumas pesquisas realizadas em escolas inseridas em Quilombos, o que presenciamos foi a contratação de profissionais que não são quilombolas, e nem moram nas respectivas comunidades nas quais trabalham. Além disso, não há participação da comunidade na elaboração dos planejamentos das escolas, sendo que a maioria não possui um Projeto político Pedagógico. Esse aspecto pode prejudicar a inclusão de conteúdos que tratem das especificidades das comunidades no cotidiano escolar, como suas origens e memórias, tradições culturais, sociais, lutas e mobilizações políticas etc. (REIS, 2016, p. 132).

Em Caiana dos Crioulos, frequentemente se contratam profissionais de fora da comunidade, apesar de ali haver pessoas capacitadas. Essa é uma das pautas da comunidade, em suas lutas, para que sejam efetivadas políticas públicas que visibilizem esses profissionais e lhes deem oportunidades de mostrar seus talentos. Certamente a escola só tende a ganhar com esses conhecimentos somados.

Nas reuniões comunitárias em Caiana, sempre se debate sobre a efetivação de cotas para os quilombolas por meio dos concursos públicos do município. Porém seria preciso criar uma lei municipal que fosse aprovada pela Câmara de Vereadores e focasse numa educação voltada para a diversidade e as especificidades locais. Isso se justifica porque o Brasil é um país racista, e os negros tiveram seus direitos negados na sociedade. Portanto, é preciso desconstruir esses estereótipos e trabalhar pela igualdade de direitos na prática. O trabalho com a diversidade é dever de todos nós, cidadãos e cidadãs.

É preciso pensar urgentemente em uma formação continuada para professores que seja voltada para os saberes e fazeres da comunidade quilombola e vise trabalhar em cinco eixos: 1- A identidade; 2- Os saberes e fazeres da comunidade; 3- A valorização desses saberes; 3- A memória social do Quilombo; 4- As expressões culturais que são elaboradas dentro do território quilombola, frutos de um saber comunitário; e 5- A valorização das pessoas da comunidade.

O saber comunitário desenvolvido na comunidade quilombola é um conhecimento cuja memória o vai construindo para os professores que visam a uma educação voltada para esses saberes e precisam pensar nas subjetividades das crianças a partir das experiências de vida que elas trazem do seu território. Logo, é importante que o professor em formação continuada que vai atuar no quilombo

valorize a memória social do povo quilombola e procure aprender, entender, valorizar e problematizar esse conhecimento.

Isso envolve aspectos como, por exemplo, procurar conhecer o que a comunidade produz, quais os tipos de conhecimento que fazem parte de sua história, suas expressões e manifestações culturais, rezas e ritos desenvolvidos na comunidade como um valor social, cultural e educativo. Como professora nascida e criada dentro da comunidade, uma das líderes e militante do movimento negro, percebo que são fatores primordiais para que a educação quilombola seja efetivada na prática de verdade, pois não basta pensar nas políticas educacionais, mas também entrelaçar essas políticas com o conhecimento que a comunidade detém.

5 EDUCANDO E FORMANDO SOBRE OS SABERES E AS TRADIÇÕES EM CAIANA DOS CRIoulos

Neste capítulo, apresentaremos as narrativas dos participantes da pesquisa, a fim de compreender suas trajetórias e desafios para o desenvolvimento das relações étnico-raciais na perspectiva de uma educação escolar quilombola. Dialogaremos acerca dos saberes e das tradições em Caiana dos Crioulos e suas contribuições com a formação de professores, no que se refere a essa modalidade educacional. Por fim, apresentaremos uma proposta metodológica, ou seja, o produto desta pesquisa - um Caderno Pedagógico intitulado 'Práticas culturais: saberes e fazeres do quilombo no cotidiano escolar'.

5.1 Saberes da tradição na Educação escolar quilombola

*O bojo do meu zabumba
É feito da macaíba.
Donde tu vens, menina?
Eu venho lá da Paraíba!
O bojo do meu zabumba
É feito da macaíba.
Dónde tu vens, menina?
Eu venho lá da Paraíba!*

(Coco de roda de Caiana dos Crioulos, S/D).

A epígrafe em tela enfatiza um coco de roda de Caiana dos Crioulos, que faz parte das práticas culturais dos coquistas e das cirandeiras e retrata os saberes das tradições quilombolas caienses que marcam a historicidade do povo da comunidade.

Como quilombola, professora da educação básica e por ter atuado na escola do meu quilombo durante oito anos, percebo o quanto é necessário um olhar para a educação escolar quilombola, um trabalho que se volte para sua cultura, seus saberes, fazeres e modos de viver na sociedade, principalmente, no território onde estão inseridos. A educação escolar quilombola é um desafio, mas é possível, basta querer, compreender e fazer acontecer.

Nos territórios quilombolas, as histórias de vida e os saberes da tradição são contribuintes significativos, principalmente para a construção identitária dos quilombolas que devem ter continuidades na escola, e para isso, a escuta é essencial. Ouvir os idosos da comunidade é muito importante, pois são pessoas que têm um conhecimento grandioso a respeito do lugar e suas vivências. Os griots são pessoas

muito importantes dentro dos quilombos, respeitadas e valorizadas. Desde crianças, as pessoas do quilombo são ensinadas a respeitar os mais velhos e os griots, ou seja, os contadores de histórias, que fazem parte da educação familiar, e seus ensinamentos. Santos (2018) nos relata que os griots são figuras onipotente nas estruturas sociais e que eles “não precisam nem de papel nem de caneta, mas apenas da memória, para desempenhar um papel importante dentro das comunidades quilombolas” (SANTOS, 2018, p. 30).

Muitas vezes, o povo local não percebe o quanto são valiosos seus conhecimentos e ensinamentos. Talvez isso ocorra por nunca terem sido valorizados e acabam naturalizando a situação, achando que isso é “normal”, mas não é. A cultura de um povo precisa ser valorizada, e a escola deve conhecer esse fator e desenvolver um trabalho focado nessa valorização, que possa dar visibilidade a essas questões de forma humanizada.

Durante todo o processo de entrevista com os idosos da Comunidade, percebemos que eles acreditam que seus conhecimentos e ensinamentos devem ser ensinados pelos professores aos alunos em sala de aula. Em seus semblantes, vê-se tamanha felicidade, e o quanto eles se sentiram valorizados por poder contribuir. Dona Francisca acredita que os conhecimentos do quilombo e as histórias precisam ser ensinadas na escola para as crianças aprenderem. Isso ficou nítido em sua resposta, quando perguntamos o que ela achava de as crianças da escola aprenderem sobre os conhecimentos da Comunidade.

É que nem eu já disse as menina mais de uma vez, pra que essas meninas não aprendem essas histórias véia meu pai do céu, mais num tem quem ensine neguinha, o povo agora só quer tudo é novo. O povo num gosta de nada véi né? Cumade Dite tem aquelas coisas dos véi né? O povo diz que cumade Dite é uma bestada. Diz que cumade Dite é besta, porque cumade Dite diz tanta história. Não, dona Dite só diz história véia, mais história véia é a que é boa, né neguinha? (FRANCISCA BELÍZIA DA SILVA, 2020).

Dona Francisca entende que esses conhecimentos precisam ser apresentados e ensinados na escola, mas há certa resistência por parte dos mais novos. Pensando por esse pressuposto, reforçamos a urgência para esses conhecimentos e ensinamentos adentrarem os espaços escolares, pois, quando os mais novos virem a escola valorizando sua cultura e histórias de vida, vão se orgulhar de seu pertencimento étnico-quilombola e não mais irão se negar a aprender, e sim contribuir com a transmissão desses saberes.

Ao lançar essa mesma pergunta para Dona Edite, que foi reconhecida mestra em cultura do estado da Paraíba, é parteira tradicional e mestra do Grupo de Ciranda e Coco de Roda “Brilho do Coco” de Caiana dos Crioulos, quando o assunto é voltado para as crianças da escola aprenderem sobre os conhecimentos da Comunidade, percebemos que sua resposta se assemelha à de Dona Francisca, que diz:

É muito importante, agora só que elas num querem. [...]. É muito importante, mas fai que nem diz o ditado elas falam: Haaa, isso foi coisa de antigamente, coisas dos idosos, isso aí num cabe mais a gente não. Muitas delas dá essa resposta né. (EDITE JOSÉ DA SILVA, 2020).

O posicionamento de Dona Edite assemelha-se ao de Dona Francisca, porquanto as duas percebem isso quanto aos mais novos da localidade, o que não acontece apenas em Caiana dos Crioulos, é uma realidade de outras comunidades quilombolas e de outros territórios tradicionais do Brasil. Assim, embora as famílias vivenciam suas vivências em grupo, dentro do território, a escola precisa dar continuidade a esses saberes.

Muitas vezes, o “novo” gera um impacto de primeira, não que os conhecimentos tradicionais sejam demarcados pela contemporaneidade, pois eles sempre estiveram postos desde que mundo é mundo, como diz o ditado popular. Dizemos “novo”, no sentido de ser colocados em prática e ensinados na sala de aula como realmente deve ser feito.

É preciso romper os paradigmas e dar espaço e visibilidade às questões étnico-raciais e tradicionais, como forma de contribuir para um país mais humanizado, onde negros e negras possam se orgulhar do que são. O recuo em não querer pertencer ou pertencer e não orgulhar-se nasceu da negação e da crueldade da sociedade brasileira contra a população negra, de uma sociedade onde o racismo é estrutural. Portanto, é preciso desconstruir isso, e a escola deve se responsabilizar e fazer sua parte.

Caiana dos Crioulos teve uma educação escolar precarizada, e a maioria dos idosos não teve a oportunidade de frequentar a escola. Esse caminhar não está tão distante de nós, pois, só em 2001 foi fundada a Escola Firmo Santino da Silva, cuja estrutura física deu condições para que as crianças que, antes, estudavam nas salas das casas de alguns moradores, embaixo das árvores ou nas casas de farinha permanecessem. Ao se lembrar dos tempos de estudo de antigamente e como está

hoje em dia, o Senhor José Pereira e as Senhoras Francisca e Edite nos falam o seguinte:

As crianças estudavam, estudavam nas casas ... nas casas assim[...]cumade Rita de Zé Santino era uma professora, Biu o marido de cumade Sufia era outro professor, Santo ali do carço, tu não conhecestes Santo não, né? Ele morava ali perto de Girico, ele também era professor, eu mesmo estudei com ele. Era, minha fia aqui num tinha estudo, ai que chegou essas escola do governo o povo tudo tá estudando de graça, né? Porque naquela época só estudava que pagasse. Por aqui mesmo, nunca fui pra cidade estudar. O povo tá indo agora. (FRANCISCA BELÍSIA DA SILVA, 2020).

Percebemos, através de Dona Francisca, que, além da precariedade estudantil da época, as poucas pessoas que conseguiam estudar, por alguns dias ou meses, era de forma particular. Uma pessoa da comunidade que sabia ler e escrever contribuía, de forma significativa, passando seus conhecimentos para os demais, que se dispunham a aprender e, em troca, recebia alguns trocados pelos ensinamentos passados. Sobre isso, veja-se esta fala de Seu José Pereira sobre sua vida estudantil:

[...], eu num estudava, eu num ia, num ia nunca na escola. Antigamente tinha escola mas eu num ia a gente num passava nem perto. No meu tempo mesmo eu num sabia nem o que era uma escola. Adepois de eu grande, grandão, já um bicho já véi, foi que chegou uma escola aqui na Caiana aí eu resolvi ir. Antes disso não. Era difícil demais, o caba num deixava o caba ir pra lá não. [...]. Hoje é uma coisa boa a escola, agora o caba só não aprende porque num quer. (JOSÉ PEREIRA DE LIMA IRMÃO, 2020).

A fala de Seu José Pereira demonstra que a maioria das pessoas só iam à escola quando adultas. Quando o assunto é a questão da escolaridade antes e hoje no Quilombo, Dona Edite diz o seguinte:

Era muito difícil as crianças estudar antigamente, quando as pessoas ia estudar já tava tudo já adulta, que os pais num deixava ir mesmo, era tudo pros roçados, num deixava ir. Cumade Lú minha irmã, ela foi pra escola, ela aprendeu ler um pouco mas ela ia pra escola depois dela adulta, [...]. Lu ainda foi pra escola, mas essas escolas num tinha energia, aqui num tinha recursos pra comprar querosene, cumade Lu ia pra escola, quando ela chegava em casa ela quebrava cimente de carrapateira que tinha muito, e enfiava num talo de paia, botava fogo pra fazer os trabaio da escola dela de noite, por falta de luz que num tinha.[...] Hoje a educação ta dando na cara mas ninguém sabe aproveitar, porque hoje em dia tem de tudo mas o pessoa faz que nem o ditado, é muitos estudar e poucos a se interessar. (EDITE JOSÉ DA SILVA, 2020).

Percebemos, nas falas de Dona Francisca, de Seu José e de Dona Edite, que eles sentiam vontade de estudar mais não tiveram oportunidades, pois as coisas eram

muito difíceis de conseguir, na infância e na juventude, e viviam mais para ajudar seus pais no trabalho na roça para ajudar na sobrevivência da família. A maioria só conseguiu ler e escrever um pouco na vida adulta, mas com muito sacrifício; outros só aprendera, a escrever seus nomes.

A vida escolarizada em Caiana dos Crioulos nunca foi fácil. Nem sempre, os caianenses conheceram seus direitos, e isso foi acontecendo com o passar dos anos, a partir do reconhecimento como um território quilombola. Em 2005, muita coisa foi se modificando, e a busca por políticas públicas de reparação e inclusão foi se tornando cada vez mais persistente, e Caiana foi conhecendo muitas pautas de sua população, da comunidade e de seu pertencimento étnico. Ao perguntar sobre o que entendiam por comunidade quilombola e a vida no quilombo, obtivemos as seguintes respostas:

[...] antigamente nós num sabia que era quilombola. Nós era só a comunidade, que faz que nem o ditado, que nós é uma comunidade muito prestativa, porque era todo mundo irmão do outro, era como que fosse tudo irmão mesmo, porque as pessoas ajudava as pessoas idosas, ajudava aquelas pessoas mais novas, que nem diz o ditado, tinha muita atenção as pessoas mais novas, a educação era muito bonita, muito boa, faz que nem diz o ditado, nói vivia aqui numa perfeita união. Ninguém passava necessidade, só que tava todo mundo junto e assim era a nossa comunidade. Hoje eu tou aceitando ser quilombola, faz que nem o ditado, sou quilombola, me assumo negra, antigamente faz que nem diz o ditado era negro puro, num se misturava branco com preto. Os pais da gente sempre falava que a gente... que panela procurava os seus testos a gente num podia casar com rapaz branco, era tudo negro. (EDITE JOSÉ DA SILVA, 2020).

Ao falar sobre o quilombo, Dona Edite disse que sempre existiu solidariedade entre as pessoas, que todos costumavam se ajudar e que o respeito entre elas também sempre prevaleceu. Também referiu que o processo de se entender como uma pessoa quilombola foi acontecendo gradativamente, por meio dos conhecimentos que foram adquirindo. De acordo com Rodrigues e Santos (2015, p.15539), nas comunidades, a principal característica é o trabalho pelo bem comum, tudo é voltado para a coletivo. Com Dona Olívia, não foi diferente. Ainda sobre a mesma questão, ela nos contou:

Eu acho que uma comunidade quilombola, que eu não entendia essas coisas, mas depois de muitas informações do povo, é uma classe de gente negro que foi fugido de outro canto e situou-se ali. Eu gosto de ser, se eu sou, pra onde vou fugir. (OLÍVIA JOSEFA DA SILVA, 2019)

Nas colocações de Dona Edite e de Dona Olívia Josefa da Silva, elas disseram que os conhecimentos sobre como se reconhecer como quilombolas foi um processo de aprendizagem, que foi sendo construído. É assim que os quilombolas vão

construindo sua identidade étnica, gradativamente, compreendendo suas raízes e as questões sociais e culturais, com um olhar sobre suas ancestralidades e encontrando-se e se reconhecendo no mundo. De acordo com Gomes, ao se referir às questões do pertencimento identitário dos negros e negras brasileiros, a autora enfatiza:

Assim, como em outros processos identitários, a identidade negra se constrói gradativamente, num processo que envolve inúmeras variáveis, causas e efeitos, desde as primeiras relações estabelecidas no grupo social mais íntimo, em que os contatos pessoais se estabelecem permeados de sanções e afetividade e no qual se elaboram os primeiros ensaios de uma futura visão de mundo. Geralmente tal processo se inicia na família e vai criando ramificações e desdobramentos a partir das outras relações que o sujeito estabelece. A identidade negra é entendida, aqui, como uma construção social, histórica, cultural e plural. Implica a construção do olhar de um grupo étnico/racial ou de sujeitos que pertencem a um mesmo grupo étnico/racial sobre si mesmos, a partir da relação com o outro. Construir uma identidade negra positiva em uma sociedade que, historicamente, ensina ao negro, desde muito cedo, que para ser aceito é preciso negar-se a si mesmo, é um desafio enfrentado pelos negros brasileiros. (GOMES, 2003, p.171).

A fala da autora nos confirma o quanto é desafiador ser negro/a no Brasil e que a afirmação do pertencimento identitário, muitas vezes, perpassa várias fases, até que o indivíduo se autoafirme. A escola precisa estar atenta a essas questões e contribuir com a formação da identidade étnica das crianças. A construção das identidades vai emergindo e constituindo-se gradativamente, por meio de um processo social, e a construção da identidade negra passa por esse mesmo processo de construções pessoais e sociais. Nesse sentido, a cultura e a história de um povo são contribuintes fundamentais para essa construção. Para Rodrigues e Santos (2015),

a garantia do direito à educação de qualidade para todos e cada um dos sujeitos implica o exercício da convivência e do respeito à pluralidade cultural, essa função cabe prioritariamente à escola, enquanto espaço de relacionamento entre os diferentes, de forma promover a interação, o respeito mútuo e a convivência na diversidade. (RODRIGUES E SANTOS, 2015, p. 15544).

Muitos negros e negras não se sentem inseridos nesse pertencimento étnico e negam sua identidade. Isso acontece porque nos ensinam, desde cedo, que, para sermos aceitos em um grupo considerado “padrão” na sociedade brasileira, tínhamos que esquecer quem somos e parecer, o máximo possível, com determinado grupo, nesse caso, a “branquitude”. Assim, os negros foram tendo que ignorar suas raízes negando-se a si mesmo. É aí que entra a escola, que trabalha para ressignificar essa

pauta, contando e mostrando a real história do povo negro de forma positiva, dando visibilidade e lugar de fala a essa população.

No que diz respeito à formação docente, todos compreendem que os professores devem ser bem capacitados para exercer uma excelente prática pedagógica. Mas quais são as pautas que realmente estão inseridas nos cursos de formação iniciais e continuadas dos professores? É preciso ter um olhar aguçado quanto a isso. Será que as pautas raciais, culturais e de gêneros fazem parte desses currículos de formação docente? As formações de professores precisam debater sobre as pautas raciais, culturais e sociais e desenvolver ações para os cotidianos dos alunos, principalmente, onde a escola está inserida, porque os professores precisam ter um conhecimento amplo sobre o cotidiano escolar, dos alunos e do lugar onde a escola está localizada.

Ao refletir sobre a educação escolar quilombola, precisamos estar atentos a todas essas questões. Ao questionar sobre se era diferente ou não ser professor em uma escola quilombola e em outras não quilombolas, o Professor Diocélio compreende que sim:

[...] difere, e nós teríamos... ser professor de uma escola quilombola hoje no Brasil é algo importante, um legado bacana, tem um diferencial sim. Eu costumo dizer até o seguinte, que o quilombo é a lei 10.639, porque eu digo isso, com relação a cultura que está presente. É diferente nós trabalhar os o étnico- racial de um modo geral em outra escola. Pois aqui ele é a lei, é a cultura própria, o professor é quem tem que ir aprimorando, estar buscando que isso deveria ser feito inclusive pelas secretarias de educação, o professor que fosse trabalhar na escola quilombola teria que ter um diferencial. Ter cursos de formação na área. Ainda não temos ainda, nós temos porque buscamos independente, mas a secretaria ela não tem esse projeto, então cada um tem sua formação que buscou, particularmente para se inserir na própria escola né, e isso é diferente. Eu gosto, tem a questão do meu legado na escola, de mais de dezoito anos trabalhando na escola, quando a gente veio trabalhar na escola não sabia nem o que era cultura quilombola e nem étnico- racial, essas palavras ainda nem existia a duas décadas atrás, e se existiam a gente não tinha conhecimento porque a gente saía técnico para lecionar, mas no geral, no contexto geral de educação do Brasil. Então chegando na comunidade quilombola a gente ver que tem todo um diferencial, aonde o professor tem que caminhar e trilhar. Isso quem me deu essa experiência foi a convivência com a própria comunidade. (DIOCÉLIO OTÍLIO BEZERRA, 2019).

Em sua narrativa, o Professor Diocélio Otílio Bezerra demonstra que compreende que é necessário um trabalho relacionado à cultura local, à realidade quilombola. Porém isso ainda não é trabalhado pelas Secretarias de Educação e é mais um trabalho de ação educativa dos professores. Ele menciona algumas

mudanças em suas aprendizagens em relação à pauta racial e quilombola, pois, quando chegou à escola da comunidade, há dezoito anos, desconhecia completamente essas pautas e percebe que faltam cursos voltados para a formação dos professores.

Em suas colocações, o professor deixa clara a importância da escuta e da convivência com a comunidade local para esses aprendizados, quando menciona suas experiências em compreender a cultura quilombola com a própria comunidade. “Isso quem me deu essa experiência foi a convivência com a própria comunidade” (DIOCÉLIO OTÍLIO BEZERRA, 2019, grifos nossos). Quando dialogamos sobre essas mesmas questões, a Professora Josefa de Lourdes referiu:

Olha, ser uma professora em uma escola Quilombola era justamente isso você trabalhar com a comunidade as raízes dessa comunidade, né que é coisa que não acontece. Não acontece, a gente teria que trazer um pouco a realidade, contar um pouco a história deles né, eu acho que deveria ser um pouco diferente, os conteúdos deveriam ser diferentes, pelos menos introduzindo a origem deles né. (JOSEFA DE LOURDES DE SOUSA OLIVEIRA E SILVA, 2020).

A Professora Josefa de Lourdes de Sousa Oliveira e Silva compreende a importância de ser professora em uma escola quilombola e trabalhar a cultura da comunidade. Porém sabe que, na prática, isso não acontece, porque há uma ausência do cotidiano e das histórias do quilombo no ambiente escolar. Quanto aos conteúdos, entende que deveriam introduzir a origem/raízes dos quilombolas locais.

Constatamos que os dois professores percebem essa necessidade. Suas narrativas nos fazem perceber mais ainda que não há trabalho coletivo na escola voltado para as questões culturais e étnico-raciais. E essas necessidades, que deveriam ser vistas e ressignificadas pelo coletivo da escola, acabam sendo pauta de alguns professores, que buscam compreender e trabalhar essas questões individualmente em suas salas de aula.

A maioria dos professores das comunidades quilombolas e que estão inseridos em escolas quilombolas são pessoas que experienciam outras realidades, vivenciam outros contextos, e que, na maioria das vezes, não compreendem o que realmente são um território e uma escola quilombola e aprendem na prática vivenciando com a comunidade local essas aprendizagens, que vão contribuindo com seu fazer pedagógico. A Professora Marta deixa visível essa realidade em suas narrativas, quando fala:

Bem, eu até antes de trabalhar em Caiana, não tinha conhecimento do que era uma escola Quilombola, mas a partir do momento que comecei a trabalhar, fui estudando e percebi que[...] é assim, é diferente, não nos conteúdos, né nos conteúdos que são... no município inteiro são os mesmos conteúdos, mas a gente trabalha de forma diferente porque trabalha a lei 10.639, e a gente trabalha assim, a identidade do aluno para que ele se reconheça negro, e conheça seus direitos, então a gente trabalha isso aí. E até então, antes de eu trabalhar na escola eu não me via como uma pessoa negra, não é que eu tivesse vergonha de ser negra, mas assim, eu não tinha essa percepção, essa percepção do que é uma pessoa ser negra, e querer ter seus direitos e querer ter seus deveres, eu aprendi muito com a escola Firmo Santino (MARTA ANDRADE DOS SANTOS, 2020).

A partir do posicionamento da Professora Marta Andrade dos Santos, compreendemos que, ao trabalhar as questões culturais, baseadas na realidade dos alunos, as pautas raciais, como pertencimento étnico identitário, contribuem não só para a construção da identidade negra da criança como também do/a próprio/a professor/a. Como já foi mencionado anteriormente, a construção da identidade negra é um processo que vai ocorrendo gradativamente, e à medida que o/a professor/a negro/a vai tendo contato com essas aprendizagens, vai compreendendo sua história no mundo, suas origens e raízes e seu pertencimento identitário.

O trabalho voltado para as memórias do quilombo contribui positivamente para se inserir essa realidade no ambiente escolar, e os professores também percebem isso. Para a Professora Marta Andrade, por meio do trabalho voltado para as memórias dos idosos do quilombo, os alunos podem conhecer seus direitos perante a sociedade e desenvolver a criticidade. “[...], a partir do trabalho eles vão se conscientizando e vão tendo mais aquela força né, de querer lutar pelos seus direitos, vão crescer adultos conscientes e críticos né?!” (MARTA ANDRADE DOS SANTOS, 2020, grifos nossos).

Ao discutir sobre esses aspectos, a Professora Josiane Brito do Nascimento e Sousa também compreende a importância da memória e das histórias da comunidade nas salas de aula, pois é quando as crianças passarão a entender seus antepassados e a buscar o que deve ser feito para que essas memórias permaneçam vivas no quilombo.

Com certeza, é onde elas vão aprender as histórias, aprender o que foi que aconteceu com o seu passado, ou seus antepassados, a partir daí construir, tirar suas próprias conclusões ou ver o que pode ser feito o que pode perdurar, o que deve, quais as melhorias que deve fazer para que essas memórias continuem viva na comunidade. (JOSIANE BRITO DO NASCIMENTO E SOUSA,2020).

A partir dos ensinamentos em sala de aula, os conhecimentos das memórias locais vão se tornando cada vez mais consistentes. Santos (2015, p. 89) afirma que “o importante é perceber que cada vez que uma memória está relativamente constituída, ela efetua um trabalho de manutenção, de coerência, de unidade e também de continuidade da organização”. Para o autor, esses momentos não ocorrem à toa:

Tais momentos não ocorrem à toa, são objetos de investimentos extremamente custosos em termos políticos e em termos de coerência, de unidade, portanto, de identidade do grupo e/ou da organização. Como sabemos, são nesses momentos que ocorrem as cisões, a criação e as (re)significações sobre um fundo heterogêneo de memória ou de fidelidade à memória antiga, com novos agrupamentos ou novas leituras em contextos. Na comunidade, essa manutenção é feita pela juventude, no seu caráter cotidiano de ler o passado pelas narrativas dos mais velhos. (SANTOS, 2015, p.89).

Como percebemos na fala do autor, as narrativas dos mais velhos são muito importantes na comunidade para que a juventude possa entender suas vivências e saber quem são a partir dos conhecimentos que vão passando pela comunidade em um processo geracional. Além de serem importantes para a comunidade, as narrativas têm um fundamento bastante significativo, são importantes para sociedade e uma forma de compreendermos de onde viemos e de que o respeito à diversidade é imprescindível.

Tardif (2000) enfatiza que os saberes profissionais dos professores vão sendo adquiridos através do tempo, e que boa parte do que eles sabem sobre o ensino e seu papel como docentes. Para ele, o trabalho dos professores se manifesta através de toda uma bagagem de conhecimentos anteriores, de crenças, de representações e de certezas sobre a prática docente, e que isso continua forte durante muito tempo:

[...] os saberes profissionais dos professores são temporais, ou seja, são adquiridos através do tempo. Os alunos passam pelos cursos de formação de professores sem modificar suas crenças anteriores sobre o ensino. E, quando começam a trabalhar como professores, são principalmente essas crenças que eles reativam para solucionar seus problemas profissionais. [...]. Os saberes profissionais também são temporais no sentido de que os primeiros anos de prática profissional são decisivos na aquisição do sentimento de competência e no estabelecimento das rotinas de trabalho, ou seja, na estruturação da prática profissional. Ainda hoje, a maioria dos professores aprendem a trabalhar na prática, às apalpadelas, por tentativa e erro. [...]; são temporais pois são utilizados se desenvolvem no âmbito de uma carreira, isto é, de um processo de vida profissional de longa duração do qual fazem parte dimensões identitárias dimensões de socialização profissional, bem com fases e mudanças (TARDIF,2000, p.13e 14).

Compreendemos, a partir da fala do autor, que, se esses saberes vão sendo adquiridos gradativamente, podemos pensar em um trabalho de formação docente que possa ressignificar essa prática em muitas questões e trazer novas aprendizagens. Por essa razão, é importante fazer um trabalho de formação docente focado nas relações étnico-raciais, para que os professores sejam conhecedores e que essa temática possa fazer parte diariamente de seus planejamentos e suas práticas pedagógicas.

A Lei 10.639/2003 foi sancionada há 18 anos, todavia ainda é ausente em muitos estabelecimentos escolares. Ao tratar sobre os cursos de formação voltados para as relações étnico-raciais que contemplam essa legislação e as Diretrizes Curriculares para a Educação Escolar Quilombola, se conheciam ou já haviam feito algum curso voltados para elas, a Professora Josefa de Lourdes nos contou o seguinte:

Bem, eu conheço. Dizer pra você agora, é... relatar um pouco pra falar da valorização do negro né, que é a lei, é justamente essa, tanto o negro como os indígenas né, pra justamente pra se trabalhar, a lei é essa né? Pra que incluía no currículo o africano e o indígena né, mas falar muito eu não sei não. As diretrizes curriculares não, não. [...]. Tem? Eu sei a lei, as diretrizes eu não li ainda, por sinal até que você puder me fornecer esse material, as diretrizes eu não olhei, eu sei a lei né, que é a partir de 93... que é de 2003, que é justamente pra gente trabalhar. Não, mas eu fiz um curso de religiosidade, naquele curso, que eles vieram eu fiz, Waldecir, esse curso eu fiz, foi muito bom né, foi a partir daí que a gente tomou conhecimento de algumas coisas, se a Diretriz tava ali eu não lembro, eu vou até dar uma olhada no material que eu tenho. (JOSEFA DE LOURDES DE SOUSA OLIVEIRA E SILVA, 2020).

No que diz respeito a essa pauta, a Professora Ana Paula Herculano Lopes enfatiza:

É uma lei que inclui o estudo da história e cultura quilombola na escola. Não fiz nenhum curso sobre essas diretrizes. Nas aulas a temática é contextualizada com os conteúdos. Procuro relacionar aos conteúdos e projetos propostos através de diálogos com as crianças, da música, danças e histórias. (ANA PAULA HERCULANO LOPES, 2020).

Nas narrativas das professoras, percebemos que realmente há uma lacuna muito grande na prática pedagógica acerca dos conteúdos que contemplam a legislação e as Diretrizes Curriculares para a Educação Escolar Quilombola mais ainda. E não é apenas com essas professoras que isso acontece. Outras também demonstraram isso em suas narrativas. Algumas vezes, os professores conhecem ou já ouviram falar sobre a Lei 10.639/2003, mas quando o assunto se volta para as

Diretrizes Curriculares para a Educação Escolar quilombola, a maioria desconhece completamente. De acordo com esse pressuposto, a Professora Marta Andrade nos diz o seguinte:

Eu já fiz um curso das religiões étnico- raciais, eu não sei se... eu acredito que tem a ver né com a lei 10.639, porque é tudo voltado para a negritude, para o negro, mas era das religiões. As diretrizes não. (MARTA ANDRADE DOS SANTOS, 2020).

Na narrativa da Professora Marta, nota-se que ela tem certo conhecimento sobre a legislação, porém não conhece as diretrizes. O mesmo acontece com a Professora Josiane Brito do Nascimento e Sousa, quando nos afirma ter feito um curso de formação oferecido pela Prefeitura Municipal, mas que não se lembra se houve algo relacionado às Diretrizes Curriculares para a Educação Escolar Q As comunidades quilombolas:

Sim. Sim, nós fizemos, é... houve um período em que a prefeitura municipal desenvolveu um trabalho, existiu um curso em que os professores puderam participar, eram etapas e que tratava justamente da lei, para que os professores pudessem ter um suporte para trabalhar em sala de aula... acho que 2012 mais ou menos. As diretrizes não lembro. (JOSIANE BRITO DO NASCIMENTO E SOUSA, 2020).

A escola precisa desenvolver o trabalho na prática, e os conhecimentos adquiridos pelos professores precisam ser desenvolvidos em sala de aula. Mas, para isso, eles devem ser bem capacitados, razão por que precisam de formação continuada. De acordo com o Professor Diocélio Otílio Bezerra, há certo conhecimento sobre a lei. Anos atrás, houve um curso um curso no município, mas esses aprendizados devem ser inseridos nos Projetos Político-pedagógicos das escolas e desenvolvidos pelos professores em sala de aula.

Sim, a gente tem conhecimento sim, a gente fez um curso aqui em Alagoa Grande faz, foi em 2010 aonde a gente trabalhou toda a cultura e a história da, do negro, capacitando você justamente pra trabalhar com essa cultura né, com a parte pedagógica de hoje. Agora eu volto a dizer, precisa ser sentido e no próprio projeto político pedagógico da escola que contempla né, por que uma coisa é a escola ter um projeto bonitinho feito lá e como se trabalhar e etc., e outra coisa é o professor inserir isso na sua aula, então pra isso precisa se sentar, direção e professores e a consciência de cada professor também porque a gente sabe que tem alguns que não tem essa consciência e essa capacidade para trabalhar, graça a vivência em caiana durante esse período, eu não tenho nenhuma dificuldade de trabalhar o currículo que corresponde a lei 10.639 (DIOCÉLIO OTÍLIO BEZERRA, 2019).

Na narrativa do professor, observamos que os conhecimentos acerca do lugar foram adquiridos durante a convivência com os alunos na comunidade. Perguntamos-lhe se já havia presenciado alguma cena de preconceito ou racismo na sala de aula, e ele respondeu:

[...] eu particular, assim, de eu ter presenciado eu não digo que teve cena não. Eu não caracterizo essas cenas de preconceito não. Eu acho que a comunidade ela vive tranquila com relação a isso dentro das escolas mesmo esses alunos que são inseridos o que a gente já observou de tantos anos é que o aluno as vezes eles não se aceitam né como nós temos um caso lá de um garoto, e assim, mas aquilo foi um estereótipo que ele ouvia, ou de televisão ou de rádio ou de casa ou de família, ou ele sofria dentro da comunidade e se achava feio por ser negro por ser preto e é aí onde entra o papel da escola trabalhar isso também de outro seguimento que haja necessidade para que esse aluno aceite sua negritude, sua origem, entender o que é ser afro descendente, entender o que são as etnias tudo isso é um papel que a escola tem que fazer sim se caso acontecer alguma cena relacionado a isso né, e criança mesmo que a gente às vezes taxe de algumas brincadeiras que elas tem, traga algum estereótipo de preconceito, mas criança é criança então a gente também não pode levar ao pé da letra isso mas deve-se trabalhar sim, esses tipos de brincadeiras, né, de uma criança com a outra para que eles saibam até onde vai o limite, e a permissão de um brincar com o outro [...]. (DIOCÉLIO OTÍLIO BEZERRA, 2019).

Precisamos admitir que o preconceito racial deve ser trabalhado em sala de aula, porque muitos acreditam que é brincadeira, como podemos ver nesta fala do professor: “Mesmo que a gente às vezes taxe de algumas brincadeiras que elas tem, traga algum estereótipo de preconceito, mas criança é criança, então, a gente também não pode levar ao pé da letra isso” (DIOCÉLIO OTÍLIO BEZERRA, 2019), mas não é.

As pessoas negras que passam por essa situação carregam marcas para sempre. Muitas delas não conseguem se reerguer, negam sua identidade, não conseguem se expressar, tentam mudar o corpo, o cabelo e tantas outras coisas para se aproximar do “padrão” imposto pela branquidade, por causa de uma cena de racismo vivenciada. E como isso se inicia na infância, e na infância que precisamos iniciar um trabalho de desconstrução do preconceito e da discriminação.

Outros docentes também fazem essa mesma interpretação, pois não veem pelo lado racista, mas como algumas brincadeiras das crianças os fatos ocorridos em sala de aula. Veja-se o depoimento da Professora Josiane Brito do Nascimento e Sousa sobre o mesmo questionamento:

Existem as brincadeiras é... não tem como fugir né, existem as brincadeiras infantis, as brincadeiras que os meninos fazem de forma, não sei se apenas repetem se ... mas o cabelo de bucha o cabelo de bombрил, existe sim esses tipos de brincadeiras, que você conversa, que você fala, mas existe (JOSIANE BRITO DO NASCIMENTO E SOUSA, 2020).

A Josefa de Lourdes de Sousa Oliveira e Silva ressaltou que nunca presenciou cenas de preconceito na escola da comunidade:

[...] pelo menos é assim, uma das coisas que eu gosto, que é assim... que eles não têm esse preconceito, mesmo, claro...mesmo que a menina é branca e eles a maioria, quer dizer que eu tenho uma na sala branca, o resto tudo são negros, eles poderiam ter discriminação com eles que nem mesmo isso, e entre eles eu não vejo, nunca vi. Esses anos todinho que eu trabalho em Caiana nunca vi (JOSEFA DE LOUDES DE SOUSA OLIVEIRA E SILVA, 2020).

A Escola Firmo Santino também recebe uma demanda de alunos que não são quilombolas. Por essa razão, as crianças devem ser incentivadas a respeitar as diferenças umas das outras e valorizar as culturas e as formas de viver. Também devem saber que racismo é crime inafiançável. O Brasil é um país miscigenado, e todos fazemos parte dessa mistura.

As narrativas dos professores denotam que essas questões devem ser debatidas nos cursos de formação. Algo que também ficou perceptível em suas falas, é que o município onde a escola está inserida já fez uma capacitação voltada para a Lei 10.639/2003, mas não houve continuidades nas formações, pois a última foi feita há mais de dez anos. Quanto aos professores que vêm de outros municípios, estão inseridos na escola do quilombo, em suas narrativas está claro, essas formações não existem.

A formação continuada – como o próprio nome diz- deve ser contínua, porque, diariamente, precisamos aprender e reaprender um apanhado de coisas em nossas vidas, de acordo com o tempo que estamos vivendo baseado na realidade dos professores e dos alunos. Se, na formação inicial, os professores não tiveram oportunidade de conhecer certo assunto, pauta ou realidade, através da formação continuada, ele pode adquirir esse conhecimento. Porém, quando isso não acontece, muitos deixam de desenvolver um trabalho em que as questões sociais, culturais e raciais sejam abordadas, e é isso que acontece em muitas escolas - o trabalho coletivo se enfraquece, e as pautas voltadas para a diversidade do povo brasileiro passam a ser um trabalho individualizado de um professor ou outro.

Quando perguntamos se a escola desenvolve algum projeto voltado para as tradições culturais da comunidade, alguns dos professores disseram que sim, e

outros, que isso só acontece na Semana da Consciência Negra. Sobre isso, a Professora Josefa de Lourdes de Sousa Oliveira e Silva afirma:

A única coisa que a gente trabalha né, é a questão da Consciência negra, é o único momento que a gente trabalha a origem deles, o trabalho todo é nesse período. [...]. Eles participam dessas atividades, aceitam, eles aceitam, a gente não tem problemas a mostrar pra eles tudo isso não. (JOSEFA DE LOURDES, DE SOUSA OLIVEIRA E SILVA, 2020).

Percebemos que o trabalho se volta mais para o mês de novembro, o mês alusivo à consciência negra, pois isso é citado por mais de um professor. A Professora Ana Paula Herculano Lopes nos afirma que a escola trabalha e cita a Semana da Consciência Negra como um projeto forte desenvolvido pela escola que contempla a cultura da comunidade.

Consciência negra como um projeto forte na comunidade que desenvolve apresentações culturais como a ciranda e outras danças de origem africana. As crianças interagem bem das atividades, acredito que nas séries posteriores e com mais idade o interesse em estudar esse tema seja mais forte. Isso também dependerá da continuação do trabalho realizado na escola e nas salas de aula que instiguem a criança a conhecer sua história e valorizá-la. (ANA PAULA HERCULANO LOPES, 2020).

Já a Professora Marta Andrade dos Santos assim se expressa sobre o assunto:

[...], trabalhamos projetos, desde que trabalho lá trabalhamos com projetos, temos a ...o trabalho com a cultura negra né, no caso, temos a semana da consciência negra, a gente trabalha a semana inteira, não só durante a semana da consciência negra, mas assim, a gente trabalha o ano inteiro e durante a semana a gente ...é socializa né? Recebemos visitantes na escola para falar sobre a cultura negra, então a gente tá sempre trabalhando. (MARTA ANDRADE DOS SANTOS, 2020)

De acordo com a narrativa da professora, como exemplo de socialização das atividades, trabalha-se o ano inteiro a Semana da Consciência Negra. As narrativas das professoras demonstram que ainda existem lacunas, quanto ao desenvolvimento do trabalho, que esteja de acordo com o que preconizam a Lei 10.639/2003 e as Diretrizes Curriculares para a Educação Escolar Quilombola.

Percebemos, também, que, embora o trabalho não seja feito como deve, na prática, ele também não é totalmente ausente da realidade dessa escola. Porém é preciso compreender que o trabalho voltado para as relações étnico-raciais precisa fazer parte do nosso dia a dia de sala de aula, e não, somente em algumas datas (comemorativas) do ano, para não folclorizar a cultura do povo negro e quilombola.

Ainda sobre esse assunto, o Professor Diocélio Otílio Bezerra também nos afirma que a escola desenvolve um projeto, mas, sob seu ponto de vista, deveria ser eficaz e que pudesse até servir de espelho para outras instituições. No entanto, na prática, isso não acontece. Para ele, esse projeto só é trabalhado por alguns professores que têm consciência de que é importante que esse tema seja desenvolvido na escola, e não, por todos os professores. Isso é perceptível nesta sua fala:

[...] não resta dúvidas, deveria ter mais na realidade, nós deveríamos ter um projeto eficaz na escola que quando o professor chegasse em outras comunidades, de outras escolas se espelhassem nela. Aquele projeto único independente de gestão de A e de B, está lá, escola e comunidade unida, infelizmente ainda não tem essa eficácia dessa forma. Mas, nós temos sim os projetos, eles acontecem, nós temos o que é ligado a comunidade diretamente que é o projeto da consciência Negra que acontece em geral na comunidade e isso é trabalhado dentro das escolas, mas se você perguntar, é trabalhado por unanimidade aquele projeto por todos os professores como deveria ser, não, não é. Mas nós professores, que temos a consciência, constantemente é inserido no plano de aula, a questão dos projetos aproveitando a cultura local, e dando os exemplos: a cada semana que você vai trabalhando e mês, vai surgindo. Eu que já trabalho com o 5º ano já faz alguns anos a gente vai adequando isso a comunidade. Exemplo: Que os próprios livros didáticos por exemplo, eles trazem exemplo lá de São Paulo, de Recife, do Rio de Janeiro, a gente faz, adequa esses exemplos a realidade local, a cultura, e a escola ela trabalha sim. Com deficiência, as vezes, até com falta de material didático também mas tem trabalhado sim, os alunos são conscientes da sua origem, da sua história e dessa sua origem negra afro descendentes. (DIOCÉLIO OTÍLIO BEZERRA, 2019).

Trabalhar na perspectiva de considerar a realidade do aluno é libertador, e tanto os professores quanto os alunos podem aprender nessa troca de experiências, e a escola só tem a ganhar. Para Freire (1986, p.46), “A educação libertadora é fundamental, uma situação na qual tanto os alunos como os professores devem ser os sujeitos cognitivos, apesar de serem diferentes.” Para o autor,

[...] os professores devem ter algumas indicações, sobre como os alunos estão compreendendo sua própria realidade, de maneira diferente da realidade do professor, [...], saber quais são algumas das principais expectativas dos alunos, quando chega para essa aula. (FREIRE E SHOR, 1986).

Considerar os conhecimentos prévios dos alunos, compreender suas vivências e experiências para além dos bancos escolares e saber seu ponto de vista sobre a realidade que os cerca, seus medos, angústias e perspectivas são formas de ressignificar a prática pedagógica dos professores. Ao perguntarmos sobre a escola, ou seja, sobre o coletivo e o desenvolvimento de projetos voltados para a realidade

da comunidade onde a escola está inserida, as respostas não se distanciaram muito quando perguntamos se esse/a professor/a tinha uma prática educativa que contemplasse as relações étnico-raciais e a cultura do quilombo. Se a resposta fosse positiva, como era a interação das crianças com essas atividades. A Professora Josefa de Lourdes de Sousa Oliveira e Silva nos relatou o seguinte:

Como eu disse a você, tudo que a gente trabalha, é no período da Consciência Negra, é que a gente trabalha mais, mas outro período são João a gente ainda tenta alguma coisa, mas , é mais na consciência negra. Durante o ano todinho, é isso que eu sinto falta, porque era isso que a gente deveria ter capacitação, quem fosse pra Caiana deveria ter a capacitação pra trabalhar lá, eu acho que era isso que deveria ter. Porque as pessoas fazem assim, jogam qualquer pessoa, hora, a pessoa as vezes nem quer ir , levam como castigo, aí já vai com má vontade, aí fica difícil né, que a gente deveria ser preparado, a gente deveria ser conhecedor da lei, das Diretrizes e a gente deveria começar a trabalhar na primeira semana que a gente entrasse em sala de aula, a gente já deveria ter o currículo. Olhe o que a gente vai trabalhar durante o ano todinho, são esses temas aqui, em cima desses temas a gente trabalhava a gramática a ortografia, tudo o que tinha direito, mas o problema da gente Luciene, é a gente não ter bagagem, a gente não tem conteúdo, a nível de criança, a gente tinha uns livros que eu até emprestei a Érica , mas ela já trouxe de volta, são livros que falam do Quilombo de Ribeirinho, de...houmm meu Deus, não é a minha realidade, a gente teria que trabalhar o quilombo aqui, e não lá, não sei nem de onde, de Minas gerais, sei lá, que é o Ribeirinho que o livro trás. O livro não traz a realidade da Paraíba, o livro não traz a realidade de Alagoa Grande, era isso que deveria ser eito, material justamente pra ser trabalhado. (JOSEFA DE LOUDES DE SOUSA OLIVEIRA E SILVA, 2020).

A partir da narrativa da professora, compreendemos que ela entende que é ausente, que o trabalho só é desenvolvido na Semana da Consciência Negra e que vai tentando fazer de acordo com o que vai conseguindo. Cita o problema da inexistência de materiais didáticos que contemplem a realidade da escola e dos alunos e a existência de materiais que se voltam apenas para outras realidades distantes. Ao falar sobre a participação das crianças nessas atividades quando desenvolvidas, a Professora Josefa de Lourdes acrescentou:

Eles participam. Eles participam dessas atividades, aceitam, eles aceitam, a gente não tem problemas a mostrar pra eles tudo isso não. A gente não tem problemas não, eles aceitam numa boa, eles participam, eles interagem né, agora é claro que tem aqueles que ficam... assim são muito acanhados ainda, assim são muito acanhados principalmente alguns meninos que tem até um certo dom pra coisa, pra algumas atividades, mas eles se retraem, eu num sei, assim, eu num sei se eles...eles deveriam ser mais como é que se diz? Eu queria que eles fossem mais ativos com relação a origem deles, com relação a essa coisa do Quilombola. Que eles voltassem a participar, que eles num deixassem morrer essa tradição, se depender deles não vai pra frente. (JOSEFA DE LOUDES DE SOUSA OLIVEIRA E SILVA, 2020).

A Professora Josiane Brito do Nascimento e Sousa nos afirmou que trabalha e que as crianças gostam muito de atividades voltadas para a realidade delas no quilombo.

Sim, eu trabalho, é... basicamente na, durante as aulas e algumas datas comemorativas, através de músicas de histórias, de apresentações. [...]; elas gostam, elas participam, elas desenvolvem as atividades assim, com gosto, você percebe que elas gostam, principalmente a contação de histórias (JOSIANE BRITO DO NASCIMENTO E SOUSA, 2020).

Sobre a realidade da sua sala de aula, a Professora Marta disse que trabalha as tradições culturais, que seus alunos gostam e que nunca presenciou uma cena de racismo em sua sala de aula.

As tradições culturais a gente trabalha né geralmente nas épocas...na época de festejos, no caso a ciranda como eu fazia com minhas outras turmas, no caso das danças, a gente trabalha nesses momentos e apresentava nas festividades. [...]. A turma participa quase todos e são bem ativos e consciente do que faz (MARTA ANDRADE DOS SANTOS, 2020).

Percebemos, também, que há professores que já têm certa proximidade e familiaridade com o tema, como o Professor Diocélio Otílio Bezerra, que disse que adora trabalhar o assunto:

Ah...isso aí é fantástico, adoooo!!! É a gente trabalha com vídeos inclusive eu pego os próprios vídeos da comunidade, das danças, dos eventos que acontece, trazemos para a sala de aula e mostramos. Geralmente a cada quinze dias a gente faz uma aula diferente com relação a sair daquele tradicional quadro de giz boca e livro. Então a gente prepara um sala feito um cineminha e a gente vai apresentando ali a cultura, da capoeira, das danças afros, enfim tudo relacionado a afro descendente a gente vai mostrando inclusive também a parte da religiosidade em que eu sou especialista e a gente mostra essa diversidade como um todo né, dentro das religiões de matriz africana como de matriz portuguesa, e enfim as religiões que tem, tanto da umbanda, do candomblé, as vertentes do cristianismo nas aulas de ensino religioso que tem no município de formação humana coo além queira chamar que nós temos uma aula semanal então a gente sempre dá é uma área que eu gosto e me fascino que são os estudos das religiões e agente traz gradativamente de acordo com a faixa etária do aluno tentando mostrar a ele essa diversidade religiosa que tem e o respeito a cada uma das religiões. (DIOCÉLIO OTÍLIO BEZERRA, 2019).

A partir das narrativas dos idosos e dos professores, no processo das entrevistas, trabalhamos, nas oficinas de capacitação, com atividades que ajudassem a desenvolver a prática pedagógica dos docentes. Todas as oficinas que aconteceriam de forma presencial foram adaptadas para online em virtude da pandemia do covid 19.

Foram sete momentos. O primeiro foi feito individualmente, com cada idoso e cada um dos professores, em que informamos sobre a nova metodologia que seria aplicada nas oficinas pedagógicas por causa da pandemia. O segundo momento foi marcado por um encontro virtual com os professores, o gestor e a adjunta da escola para explicar como as oficinas iriam acontecer, os horários de duração e os melhores dias de formação, de acordo com a disponibilidade de todos os professores. Iniciamos com a aplicação das oficinas pedagógicas que duraram cinco dias.

A escola desempenha um papel fundamental no combate ao preconceito, pois participa da formação das pessoas como cidadãos e deve estar sempre preocupada em não produzir estereótipos. Na sociedade, principalmente no que diz respeito ao campo educacional, precisamos pensar em uma educação para além do geral, uma forma educativa que pense em políticas públicas a partir da perspectiva interseccional, ou seja, que envolva raça, classe, orientação sexual etc. e, dentro desse conjunto, um trabalho que atenda às especificidades de cada um.

É nessa perspectiva que esse trabalho com a educação para as relações étnico-raciais contempla o território de quilombo, a partir de proposta de inclusão dos saberes e fazeres do Quilombo Caiana dos Crioulos, na prática escolar da Escola Firmo Santino da Silva, como forma de propiciar o aprendizado dos educandos dessa escola e oportunizar um currículo contextualizado sobre os povos e a comunidade tradicionais e seus conhecimentos.

As oficinas pedagógicas realizadas com o corpo docente dos anos iniciais do Ensino Fundamental contribuíram para formar docentes da escola para o aprendizado da memória social da comunidade, dando condições para que desenvolvam, na prática educativa escolar, conhecimentos educativos que se voltem para as especificidades dessa população, pois, atualmente, o maior desafio da escola é incluir o trabalho na prática com as questões étnico-raciais. Para isso, deve ressignificar todo esse contexto, visto que, durante muito tempo, foram negados aos povos de quilombos a inclusão de seus conhecimentos no ambiente escolarizado e o direito de conhecerem na escola a própria história.

É fundamental, portanto, desenvolver uma prática de educação inclusiva que atenda às diversidades, para que possamos construir uma sociedade mais justa, igualitária e equânime. A primeira oficina que foi desenvolvida teve como formadores os idosos participantes da pesquisa acompanhados pela pesquisadora, que ministrou as demais. O tema da primeira oficina foi 'Narrativa dos idosos de Caiana dos

Crioulos', que objetivou conhecer as narrativas de vida dos idosos de Caiana dos Crioulos através de suas memórias. Para isso, foram elencados os seguintes objetivos específicos: Valorizar os conhecimentos dos idosos locais, pois contribuem para a prática educativa; e Conhecer a história de vida dos idosos de Caiana dos Crioulos.

Nessa oficina, os idosos participantes da pesquisa, através de uma transmissão ao vivo, na Escola Firmo Santino da Silva, pela plataforma do Google Meet, realizaram essa oficina para os professores, que estava participando de suas casas. Cada um dos idosos contou suas histórias de vida, apresentou à comunidade como é viver em um quilombo, as tradições de Caiana e a história de lutas sobre suas perspectivas. Foi um momento muito lindo, em que os professores tiveram contato, mesmo de forma virtual, com os idosos da comunidade e puderam interagir e fazer perguntas. Já os idosos se sentiram valorizados e felizes por estarem ali, formando professores a partir dos seus conhecimentos e de suas histórias de vida.

Figura 36: Momento da primeira oficina



Fonte: Acervo pessoal de Luciene Tavares

O fato de as histórias de vida dos idosos de Caiana dos Crioulos serem compartilhadas com os professores da Escola Firmo Santino da Silva é muito significativo e uma forma de valorizar seus saberes e a cultura local, que também contribuem para o processo de formação dos professores e a Educação Escolar Quilombola.

Figura 37: Momentos da primeira oficina



Fonte: Acervo pessoal de Luciene Tavares.

Conhecer as narrativas de vida dos idosos de Caiana dos Crioulos e suas vivências na comunidade é muito importante para a formação continuada dos professores, principalmente no contexto da educação escolar quilombola. Tardif (2018) assevera que

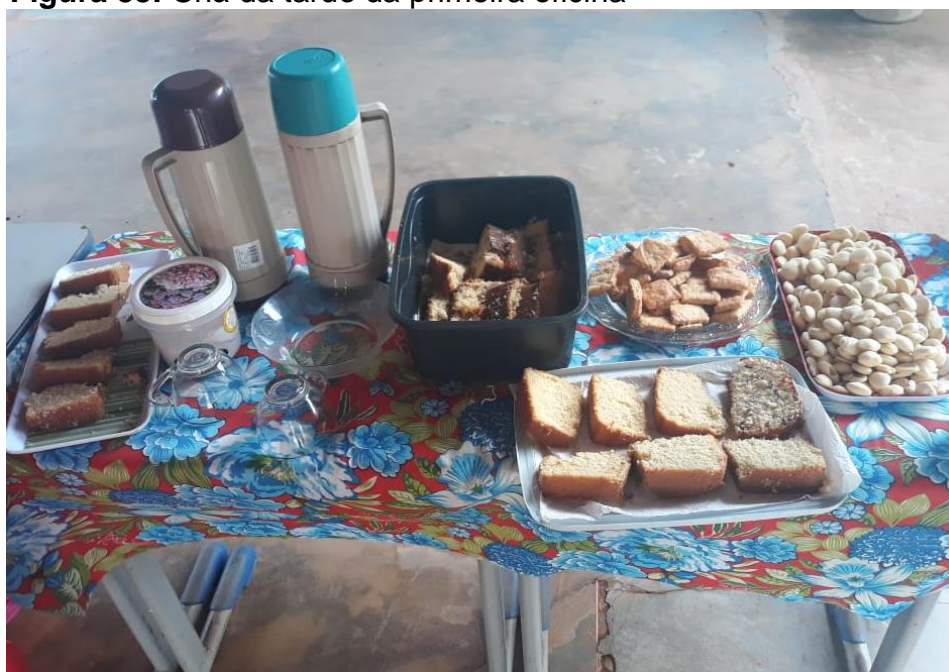
o docente raramente atua sozinho. Ele se encontra em interação com outras pessoas a começar pelos alunos. A atividade docente não é exercida sobre um objeto, sobre um fenômeno a ser conhecido ou uma obra a ser produzida. Ela é realizada concretamente numa rede de interações com outras pessoas, num contexto onde o elemento humano é determinante e dominante e onde estão presentes símbolos, valores, sentimentos, atitudes, que são passíveis de interpretação e decisão que possuem geralmente, um caráter de urgência. Essas interações são mediadas por diversos canais: discursos, comportamentos, maneiras de ser, etc. elas exigem, portanto, dos professores, não um saber sobre o objeto de conhecimento nem um saber sobre uma prática e destinado principalmente a objetiva-la, mas a capacidade de se comportarem como sujeitos, como atores e de serem pessoas em interação com pessoas (TARDIF, 2018, pp. 49 e 50).

A partir da fala do autor, pode-se afirmar que a interação dos professores com a comunidade onde a escola está inserida é necessária para compreender essas experiências vividas e contribuir com a formação educativa de seus alunos em sala de aula de acordo com o meio em que eles estão inseridos. Trabalhar a partir das memórias dos idosos de um lugar é poder lhes transmitir ensinamentos, para que possam continuar transmitindo seus saberes para as gerações futuras, e contribuir para valorizar os saberes dos idosos locais, suas experiências e vivências, como

também para afirmar a identidade dos alunos e enriquecer a práxis pedagógica dos docentes.

Esse momento foi marcado por diversas aprendizagens. Ao finalizar a oficina, no final da tarde, fizemos uma roda de diálogo e tomamos um chá de ervas medicinais, como é de costume acontecer em Caiana dos Crioulos. Momentos depois, partilhamos uma lembrancinha com cada um dos participantes.

Figura 38: Chá da tarde da primeira oficina



Fonte: Acervo pessoal de Luciene Tavares.

Além do chá da tarde, para agradecer a cada um dos idosos que se dispuseram a estar naquele momento, contribuindo com a questão formativa dos professores, entregamos a cada um deles uma lembrancinha: bonecas e bonecos de pano, todos negros, cada um com seus respectivos nomes bordados, para que pudessem se sentir representados.

Figura 39: Imagens das lembrancinhas do idosos na primeira oficina



Fonte: Acervo pessoal de Luciene Tavares.

A entrega das lembrancinhas também foi um momento contagiante, em que todos puderam expressar a felicidade do momento vivido ao som de altas gargalhadas, muito coco cantado e muita ciranda.

Figura 40: Mestre Edite José da Silva - Momento da primeira oficina



Fonte: Acervo pessoal de Luciene Tavares.

Foram emocionantes os momentos da oficina, um verdadeiro aprendizado para todos os que participam. As histórias contadas nas vozes dos idosos caianenses

marcam toda a trajetória de vida dentro do quilombo, onde a oralidade é algo muito vivo e precisa ser preservada.

Figura 41: Dona Severina da Silva com sua lembrancinha



Fonte: Acervo de Luciene Tavares

A segunda oficina temática - **Práticas Culturais: saberes e fazeres do Quilombo no cotidiano escolar** - teve o objetivo geral de 'Conhecer o Território Quilombola Caiana dos Crioulos, e como objetivos específicos, 'Conhecer a história do surgimento da comunidade e as formas de organização social de seu povo.

Nessa oficina, os professores conheceram e viram, nas imagens, vários aspectos da Comunidade Quilombola Caiana dos Crioulos, como, por exemplo, como surgiu; como foi reconhecida pela Fundação Cultural Palmares; a titulação do Território e as formas de sobreviver no quilombo, como: agricultura de subsistência, manifestações culturais, saúde, Educação e desenvolvimento social. Conheceram também os rituais de nascimento, batizado, casamento, morte, os pontos históricos da comunidade e os trabalhos desenvolvidos pela Associação de Moradores e a ONG que é a Organização de Mulheres Negras de Caiana - OMNC.

De acordo com a Professora Josiane, o material produzido foi uma coisa muito boa, um encantamento, pois foi professora e hoje está do outro lado como aluna, nas oficinas pedagógicas, aprendendo os conhecimentos acerca da comunidade. Segundo ela, o fato de a escola poder ficar com o material é muito bom: "O fato da gente poder ficar com isso na escola, para que outras pessoas também possam ver,

possam trabalhar, possam ter acesso é muito bom... (JOSIANE BRITO, 2021, grifo nosso). É importante buscar e compreender os conhecimentos prévios dos docentes sobre o lugar e como eles veem a realidade de cada indivíduo presente ali. Segundo Santos (2018),

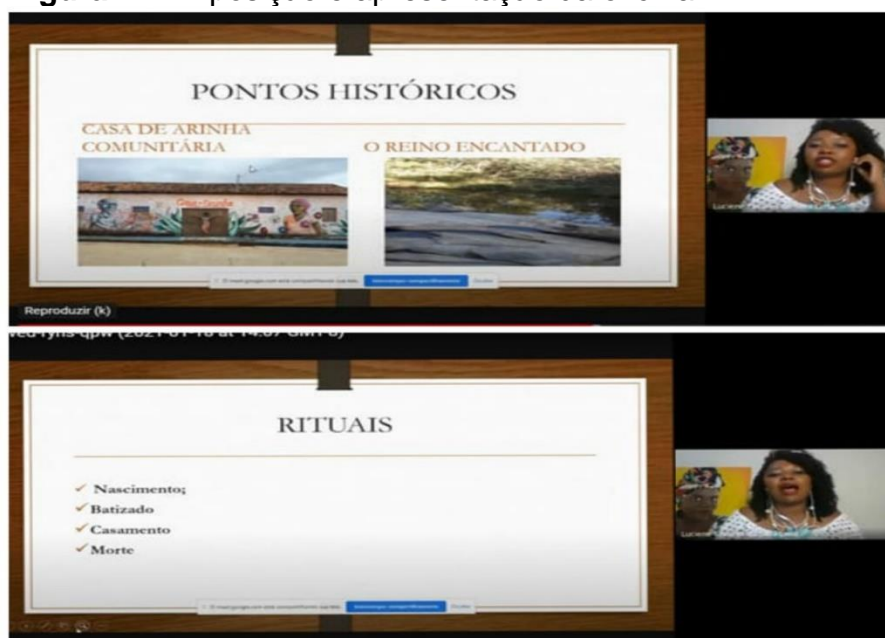
para compreender os saberes que fundamentam as práticas docentes, faz-se necessário compreender o que eles pensam e de que forma esse pensar, esse saber se apresenta no cotidiano do seu fazer pedagógico. [...]. Portanto educar para as relações étnico- raciais a escola pressupõe que seu ensino seja direcionado para ações de combate às práticas discriminatórias dentro da escola por seus diversos atores[...]. (SANTOS, 2018, p.121 e 122).

A partir desse pressuposto, para compreender que o conhecimento que foi adquirido pelos professores acerca do quilombo vai sendo absorvido e socializado gradativamente, é importante que cada um dos docentes reconheça que é importante socializar esses conhecimentos em sala de aula e fora dela. No decorrer das oficinas, os professores faziam suas colocações e tiravam dúvidas. Enfim, houve bastante interação. A Professora Marta Andrade dos Santos, em uma de suas falas, parabenizou-nos pelo trabalho e se sentiu contemplada nas realidades expostas:

Quero lhe parabenizar pelo excelente trabalho, enquanto você falava passou um filme pela minha cabeça lembrando minha infância, tudo o que você falou eu vivi quando eu era criança, quando eu morei na Zona Rural, inclusive em Caiana eu descobri que eu sou Quilombola né, que antes eu nem sabia que lá minha comunidade também é quilombola pois é. Eu revivi a minha infância quando tu estavas falando, tudo, muito obrigada mesmo por lembrar isso, foi muito válido. (MARTA ANDRADE DOS SANTOS, 2021).

A narrativa da Professora Marta nos fez compreender mais ainda como as histórias de vida e a história de um lugar são marcantes em nossas vidas e que trabalhar as questões de pertencimento étnico não contribui somente para formar a identidade dos alunos, mas também dos próprios professores. Eis sua fala: “Inclusive, em Caiana, eu descobri que eu sou Quilombola” (MARTA ANDRADE DOS SANTOS, 2021, grifo nosso).

Figura 42: Exposição e apresentação da oficina 2³



Fonte: Acervo pessoal de Luciene Tavares.

A terceira oficina temática - **Educação escolar quilombola e a formação docente** - teve como objetivo geral ‘conhecer a história da educação escolar quilombola e como objetivos específicos: ‘dialogar acerca das políticas educacionais’ e ‘trabalhar a questão da identidade afro-brasileira e quilombola. Foi um momento bastante significativo, porquanto alguns professores ainda não conheciam essa modalidade educacional.

Nessa oficina, inicialmente, apresentamos um panorama geral sobre os territórios quilombolas, para adentrar o contexto do surgimento da educação escolar quilombola. Para isso, perguntamos o que é a educação escolar quilombola; como surgiu e a quem se destina. Também apresentamos os questionamentos que essa educação traz sobre o currículo escolar, o material didático, a arquitetura, a alimentação e a reivindicação para se incluir o tema na formação dos professores. Depois dessa compreensão, apresentamos, através de slides com fotografias, como desenvolver, na prática de sala de aula, atividades que contemplem essa modalidade educacional, para cada um dos professores compreenderem que não é uma coisa distante da nossa realidade e que é possível, basta querer.

³ A qualidade da imagem está em baixa resolução pois foram feitas a partir de capturas de tela, devido ao período da Pandemia de Covid-19 nossas oficinas ocorreram no modo remoto.

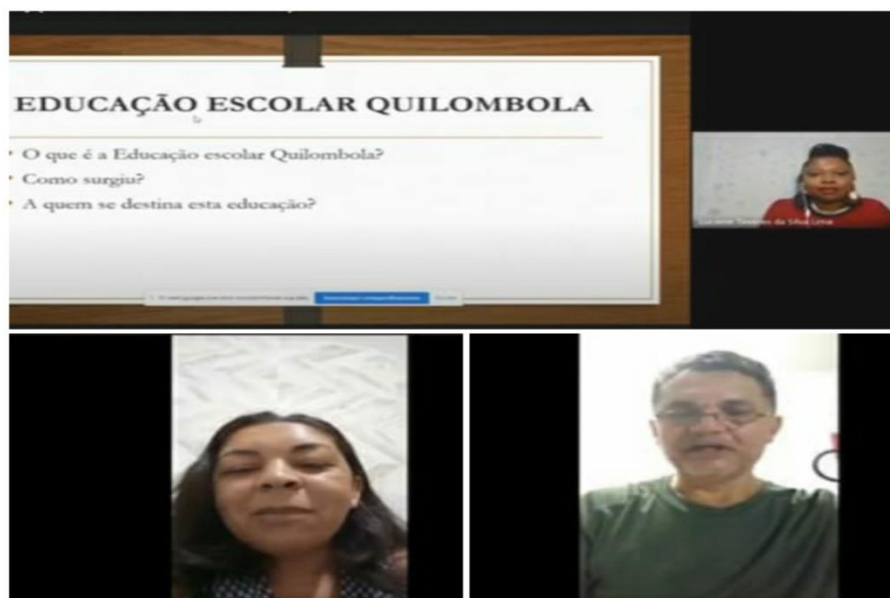
De acordo com o Professor Diocélio Otílio Bezerra, trabalhar as relações étnico-raciais, desde a criação da Lei 10.639/2003 e o trabalho voltado para a educação escolar quilombola fica à mercê dos professores, pois não há um conjunto, uma coletividade. E ao invés de ser algo para se trabalhar em todas as disciplinas, em sua visão, seria melhor se tivesse implantado uma disciplina específica para esse contexto.

No contexto Geral da Educação Quilombola, a gente sabe que a comunidade Indígena ela está bem mais na frente, ela já tem o seu currículo escolar com suas diretrizes aplicadas né. Nos ainda não temos um livro específico, com os assuntos específicos para os quilombos. [...], quando surgiu a lei 10.639/2003, o ensino étnico – racial de um modo geral e quilombola também, se tem feito, se o Ministério da Educação tivesse colocado como disciplina, inserido como disciplina, eu no meu ponto de vista de historiador, eu acredito que nós teríamos tido mais êxito, mas como a lei ela determina para ser inseridas o assunto do étnico – racial dentro das disciplinas, então fica muito a critério do professor fazer isso ou não. Se nós tivéssemos a história I e II, história étnico- racial, colocaria o nome da disciplina, história étnico Racial no Geral e Quilombola, e estudos quilombolas, então teria a disciplina obviamente, nós teríamos acabado com toda essa problemática de hoje, entretanto nós não temos, por não termos livros e assuntos Para- didáticos, para trabalharmos vai sempre ficar a critério do professor querer trabalhar, querer fazer ou não. Até independente, se nós tivéssemos um consenso em massa de equipe pedagógica...de secretaria e de professor, se um desses contexto não funcionar os demais também não funciona, e o professor queiramos ou não ainda é aquela chave mestre, de executar ou não independente de pedagogo, independente de secretaria, independente de gestão. Se ele quiser fazer ele faz, se ele não quiser fazer ele não faz, então fica muito a esse critério do professor. E nós precisaríamos de fato de um material. [...], é simples não tem bicho de sete cabeça o polivalente pode inserir aos assuntos nas aulas de histórias normais [...]. (DIOCÉLIO OTÍLIO BEZERRA, 2021).

Fazer um trabalho que contemple a educação escolar quilombola não é coisa do “outro mundo”. Podemos ter como ponto de partida elementos que se inserem na realidade dos alunos – a comunidade onde a escola está inserida. De acordo com Macêdo *et al.* (2017, p.116), “é urgente superar as propostas de educação impostas às escolas quilombolas, para elaborar propostas diferenciadas e referenciadas”. Os autores entendem que é necessário partir de dentro das comunidades quilombolas, onde os conteúdos escolares estejam em consonância com os saberes e as práticas dos sujeitos envolvidos.

Figura 43: Momentos da oficina⁴

⁴ A qualidade da imagem está em baixa resolução pois foram feitas a partir de capturas de tela, devido ao período da Pandemia de Covid-19 nossas oficinas ocorreram no modo remoto.



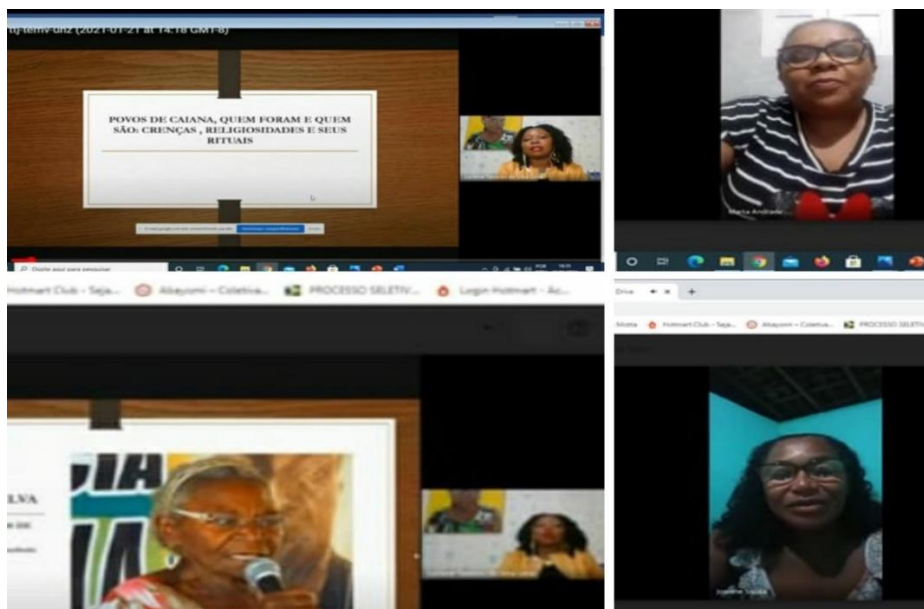
Fonte: Acervo pessoal de Luciene Tavares.

O objetivo geral da quarta oficina temática: **Povos de Caiana - quem foram e quem são: crenças religiosidades e seus rituais** – foi de ‘conhecer ‘quem foram e quem são os quilombolas de Caiana dos Crioulos, e os objetivos específicos foram os seguintes: ‘aprender como são desenvolvidos os rituais e valorizar suas crenças e religiosidades’ e ‘conhecer a história de Firmo Santino da Silva e dos demais líderes e suas contribuições para a comunidade’.

Nessa oficina, apresentamos pessoas que fizeram e fazem história em Caiana dos Crioulos, líderes que sempre estiveram na luta por formas de sobreviver e pelos direitos dos quilombolas caianenses. Trouxemos para o conhecimento dos professores, por exemplo, a história de João José da Silva, conhecido popularmente por João Teió, que contribuiu com a construção do Relatório de Identificação da Comunidade, e a história de Edite José da Silva, que é quilombola de Caiana e Mestre em Cultura do estado da Paraíba, como tantas outras histórias de líderes locais.

Figura 44: Momentos da oficina⁵

⁵ A qualidade da imagem está em baixa resolução pois foram feitas a partir de capturas de tela, devido ao período da Pandemia de Covid-19 nossas oficinas ocorreram no modo remoto.



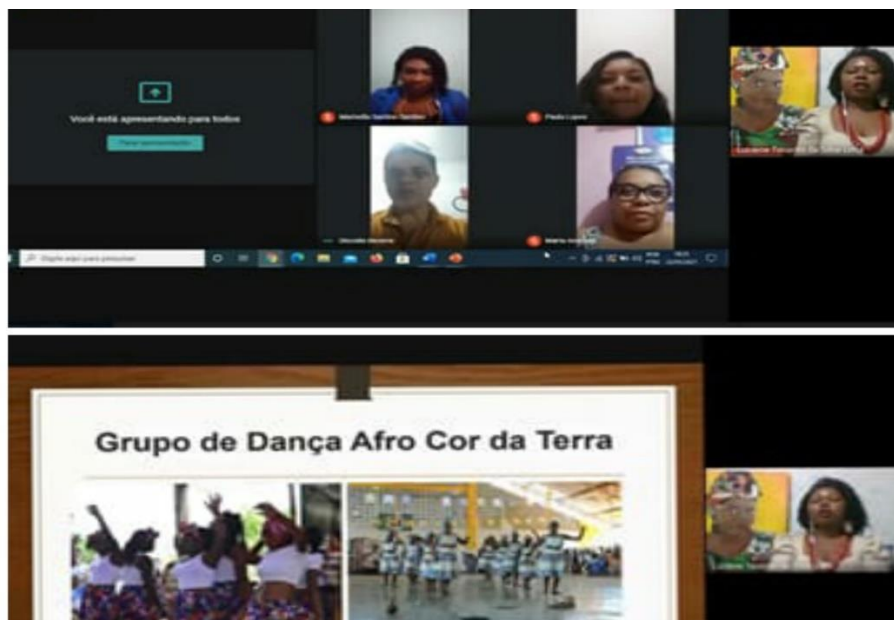
Fonte: Acervo pessoal de Luciene Tavares.

A quinta oficina temática: **Coco de roda e ciranda: vivenciando Caiana, cultura, tempero e sabores**, objetivou ‘conhecer o projeto Vivenciando Caiana dos Crioulos’ e ‘reconhecer o coco de roda e a ciranda como pertencimento identitário dos quilombolas de Caiana’. Os objetivos específicos consistiram em ‘conhecer o projeto Vivenciando Caiana e a importância da ciranda e do coco de roda para a Comunidade Caiana dos Crioulos’; ‘compreender a importância da dança e da musicalidade da ciranda e do coco de roda’; ‘mapear os pontos históricos da comunidade e as comidas típicas locais’; ‘aprender a fazer um calendário gastronômico das comidas do Quilombo’; e ‘conhecer atividades que podem ser desenvolvidas na sala de aula que contemplem a Lei 10.639/2003 e as Diretrizes Curriculares para a Educação Escolar Quilombola’.

Nessa oficina, falamos sobre a origem do coco de roda, da ciranda e dos instrumentos que fazem parte do mesmos, da quantidade dos grupos existentes em Caiana dos Crioulos, quando surgiram e como estão organizados, as formas de dançar, as letras de suas músicas e apresentamos o projeto ‘Vivenciando Caiana’, todos os grupos culturais existentes na comunidade, a culinária local e a forma de prepará-la para a comida quilombola caianense.

Figura 45: Imagem de Momentos da oficina⁶

⁶ A qualidade da imagem está em baixa resolução pois foram feitas a partir de capturas de tela, devido ao período da Pandemia de Covid-19 nossas oficinas ocorreram no modo remoto.



Fonte: Acervo pessoal de Luciene Tavares.

Depois desse momento, apresentamos um caderno com várias atividades que os professores podem desenvolver acerca da educação escolar quilombola, principalmente voltadas para a realidade de Caiana dos Crioulos com seus alunos em sala de aula. Todos os professores envolvidos na pesquisa ficaram muito satisfeitos por fazerem parte dela e, principalmente, com o que aprenderam durante as oficinas pedagógicas. Sobre isso, veja-se a fala da Professora Ana Paula Herculano Lopes:

Pra mim tá sendo novo né, como eu sou de Alagoa Nova, então é tudo novo, é uma realidade bem diferente, e tudo o que você falou ai pra gente nessa noite vai ser muito importante para o meu trabalho na escola. [...], algumas coisas eu já sabia, mais com apenas 2 anos de trabalho na Firmo Santino ainda é pouco, eu tenho muito o que aprender, que conhecer, para poder realizar mesmo um trabalho, efetivamente voltado a comunidade, né. [...], pra mim tá sendo fantástico, todo esse conhecimento que você passou, e eu quero conhecer cada vez mais, você está de parabéns viu, obrigada por dar essa oportunidade pra gente, principalmente para mim que sou de uma realidade completamente diferente, de Caiana, né? (ANA PAULA HERCULANO LOPES, 2021).

Considerando a narrativa da professora, compreendemos que uma pesquisa que se volta para a realidade dos alunos e que contribui com a formação continuada dos professores, no âmbito de uma educação escolar quilombola, só tem a contribuir com o ambiente escolarizado. A Professora Josefa de Lourdes disse essa foi a primeira vez que viu um trabalho na escola da comunidade voltado para prática pedagógica dos professores da escola:

Eu estou encantada, porque é a primeira vez na minha vida de trabalho em Caiana, a gente vai ter algo genial, porque a gente tinha dificuldades de desenvolver um trabalho porque a gente não tinha recursos, recursos que eu digo na questão de um material [...]. (JOSEFA DE LOURDES DE SOUSA OLIVEIRA E SILVA, 2021).

Contribuir com a educação das crianças quilombolas e com seu pertencimento identitário deve ser um dos principais objetivos dos professores. Os conhecimentos valiosos acerca do território que essas crianças levam ao adentrar a escola podem ser somados com os conhecimentos dos professores e se tornarem valiosos. Essa é uma forma de valorizar toda a diversidade étnica e cultural do nosso país.

5.2 O produto apresentado

Apresentaremos, a seguir, o produto final de nossa pesquisa, que é um caderno pedagógico intitulado 'Práticas culturais: saberes e fazeres do quilombo no cotidiano escolar'. Esse produto faz parte das exigências do Mestrado Profissional do Programa de Pós-graduação em Formação de Professores da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB) para obtenção do grau de Mestra.



CADERNO PEDAGÓGICO

**PRÁTICAS CULTURAIS: SABERES E
FAZERES DO QUILOMBO NO
COTIDIANO ESCOLAR**

**Mestranda: Luciene Tavares da Silva Lima
Orientadora: Prof^ª. Dr^ª Patrícia Cristina de Aragão**

**Campina Grande- PB
Agosto -2021**





Produção de conteúdo e edição

Autora: Luciene Tavares da Silva Lima
Orietadora: Patrícia Cristina de Aragão

Produto Educacional
Mestrado em Formação de Professores



AS AUTORAS



Luciene Tavares da Silva Lima, é graduada em Pedagogia pela Universidade Estadual Vale do Acaraú- UVA, pós- Graduada em Psicopedagogia pela Faculdades Integradas de Patos- FIP e Mestre pelo Programa de Pós Graduação em Formação de Professores da Universidade Estadual da Paraíba- UEPB




Patrícia Cristina de Aragão, é graduada em Psicologia pela Universidade Estadual da Paraíba (1989) e em História pela Universidade Federal da Paraíba (1990), Mestrado em Economia pela Universidade Federal da Paraíba (2001) e Doutora em Educação pela Universidade Federal da Paraíba (2007). Atualmente é professora titular da Universidade Estadual da Paraíba e atua no Curso de História, no Mestrado Profissional em Formação de Professores e no Mestrado de Serviço Social. Tem experiência na área de História e Educação, com ênfase em Ensino de História, prática pedagógica e Formação de Professor. Atuando principalmente nos seguintes temas: Cultura Juvenil, História e Cultura Afro-Brasileira, Literatura de Cordel, Interculturalidade, ensino de História, História da Educação, Migrações, Formação de Professor e Educação do Campo. É Membro do Núcleo de Estudos Afro-brasileiro e Indígena Neabi – UEPB.

APRESENTAÇÃO

A escola desempenha um papel fundamental no combate ao preconceito, pois participa da formação das pessoas como cidadãos e deve estar sempre preocupada em não produzir estereótipos. Na sociedade, e principalmente no que diz respeito ao campo educacional, precisamos pensar em uma educação para além do geral, uma forma educativa que pense políticas públicas a partir da perspectiva interseccional, considerando raça, classe, orientação sexual etc., e dentro desse conjunto um trabalho que atenda às especificidades de cada um.

É nessa perspectiva que esse trabalho com a educação para as relações étnico-raciais, contempla o território do quilombo, a partir de proposta de inclusão dos saberes e fazeres do Quilombo Caiana dos Crioulos na prática escolar da Escola Firmo Santino da Silva, como forma de propiciar o aprendizado dos educandos dessa escola e oportunizar um currículo contextualizado sobre os povos, comunidade tradicionais e seus conhecimentos.

Este caderno contribui para formar docentes da escola para o aprendizado da memória social da comunidade, dando condições de possibilidade, para que desenvolvam, na prática educativa escolar, os conhecimentos educativos que se voltem para as especificidades dessa população, pois, hoje o maior desafio da escola é de incluir o trabalho na prática com as questões étnico-raciais. Por essa razão, precisamos trabalhar para ressignificar todo esse contexto, visto que, durante muito tempo, foram negados aos povos dos quilombos a inclusão de seus conhecimentos no ambiente escolarizado, e o direito de conhecerem na escola a própria história. Chegou a hora de dar a largada e partir para a prática de uma educação inclusiva, que atenda a diversidade, para que assim possamos construir uma sociedade mais justa, igualitária e equânime.



Este caderno pedagógico é o produto educacional da dissertação intitulada: 'Memórias e Saberes de Caiana dos Crioulos na Formação de professores: modos e formas de aprender na educação quilombola', apresentada ao Programa de Pós- Graduação em Formação de Professores da Universidade Estadual da Paraíba- UEPB, que buscou investigar, na Comunidade Caiana dos Crioulos - Alagoa Grande /PB, como a memória e os saberes da tradição local, desenvolvem práticas educacionais que possibilitam a aprendizagem no contexto da educação quilombola.

Este Caderno pedagógico tem o objetivo de apresentar propostas de ações pedagógicas com orientações que se voltem para o trabalho das memórias do Quilombo Caiana dos Crioulos, para uma prática educativa enriquecedora, em que o trabalho com uma educação na perspectiva antirracista e inclusiva dos conhecimentos comunitários seja contemplada.

SUMÁRIO

A EDUCAÇÃO ESCOLAR QUILOMBOLA E A PRÁTICA EDUCATIVA DO/A PROFESSOR/A.....06

CAIANA DOS CRIoulos: UM PEDACINHO DA ÁFRICA NO BRASIL.....08

CARTOGRAFIAS CULTURAIS DE CAIANA DOS CRIoulos.....23

POVOS DE CAIANA: QUEM SOMOS?.....38

MUSICALIDADES, VERSOS E POESIAS: NESTE CHÃO, A POEIRA DO COCO SOBE ENQUANTO O DIA ENRADIA.....52

ATIVIDADES PROPOSTAS.....67

A EDUCAÇÃO ESCOLAR QUILOMBOLA E A PRÁTICA EDUCATIVA DO/A PROFESSOR/A

A Educação Escolar Quilombola é uma modalidade educacional que surgiu no ano de 2010, no eixo 06 da Conferência Nacional de Educação (CONAE), que tratava da diversidade e da inclusão. Foi uma demanda do Movimento Social Negro e Quilombola, ao perceber que já se passava da hora de haver uma modalidade de educação que tratasse das especificidades da população quilombola. É uma educação que se destina a todos os alunos oriundos dos territórios quilombolas, dentro ou fora dele.

De acordo com as deliberações dessa conferência, atendendo ao Parecer CNE/CEB nº 7/2010 e à Resolução CNE/CEB nº 4/2010, que instituem as Diretrizes Curriculares Nacionais gerais para a Educação Básica e tendo em vista a indicação CNE/CEB nº 2/2010, foi instituído pela Câmara de Educação Básica do Conselho Nacional de Educação, por meio da portaria CNE/CEB nº 5/2010, uma comissão que foi responsável por elaborar as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola. Fizeram parte dessa comissão os conselheiros Aldeum Hilário Sauer, Cléia Brandão Alvarenga Craveiro, Nilma Lino Gomes (relatora), Raimundo Moacir Mendes Feitosa, e Rita Gomes do Nascimento (Presidente), como também foi assessorada por Maria da Glória Moura (UnB), na condição de consultora e especialista no assunto.

A Educação Escolar Quilombola, traz um questionamentos sobre: Currículo escolar, material didático, arquitetura, alimentação e reivindica a inclusão da temática racial na formação dos professores.

Uma educação que seja pautada nas tradições, nas memórias coletivas, línguas oriundas, nos marcos civilizatórios, etc.

ESCOLA QUILOMBOLA

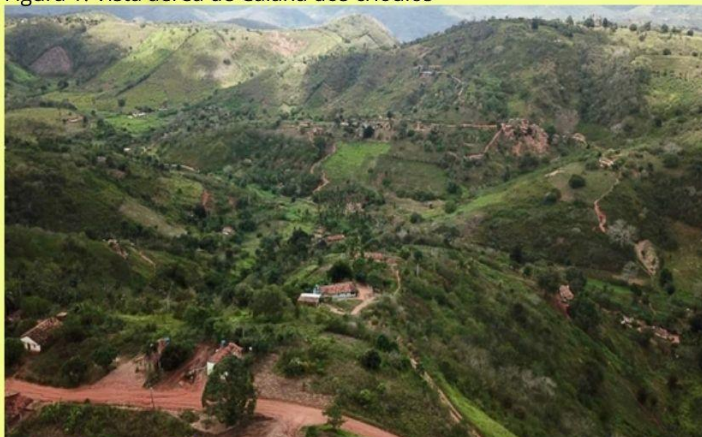
Escola quilombola é toda escola localizada em territórios quilombolas, e escolas que recebem alunos oriundos de Territórios Quilombolas, situadas nas comunidades ou não.

A PRÁTICA EDUCATIVA DO PROFESSOR

Desenvolver um trabalho pedagógico que contemple a população quilombola, não é um “bicho de sete cabeças”, basta atentar-se para as vivências, as realidades da vida de seus alunos, da comunidade onde os mesmos estão inseridos, e com isso efetuar, na prática, conteúdos e atividades que estejam de acordo com as especificidades dessa clientela

2. CAIANA DOS CRIoulos: UM PEDACINHO DA ÁFRICA NO BRASIL

Figura 1: Vista aérea de Caiana dos crioulos



Fonte: Palmarí de Lucena

A Comunidade Caiana dos Crioulos, fica localiza-se em uma serra, no município de Alagoa Grande- PB, na microrregião do brejo paraibano, a 12 km de distância da sede do município, em uma estrada de barro com acesso precário e dificultoso, que liga Alagoa Grande ao município de Massaranduba-PB. O acesso à comunidade é feito através da BR 101, que sai de João Pessoa para Natal, e segue posteriormente, pela BR 230 em direção a Campina Grande. Foi reconhecida pela Fundação Cultural Palmares (órgão que reconhece esses Territórios) em maio do ano 2005. Foi o 13º legítimo Quilombo a ser reconhecido do Brasil, porém o percurso para obter esse reconhecimento iniciou-se desde 1988, quando a Associação de Moradores da comunidade se juntou e escreveu uma carta à Fundação Cultural Palmares para reconhecer o Território como tal.

Das 42 comunidades quilombolas existentes no estado da Paraíba, é a maior, tanto em questão territorial, quanto populacional.

Não se sabe exatamente como surgiu a comunidade. Existem várias versões. Uns dizem que foi através de um casal que veio fugido de um navio que aportou na Bahia da Traição, outros contam que foram negros que vieram fugidos do massacre do Quilombo dos Palmares, há uma outra história que vieram do município de Areia. Há, ainda, uma versão que diz que Caiana era um escravo que trabalhava na fazenda vizinha, conhecida como a fazenda do Sapé, dos senhores Arruda Câmara, e vivia inconformado com sua situação e de seus irmãos negros, e acabou fugindo mundo a fora, retornando após a suposta abolição da escravatura.

Apesar de se se encontrarem diversas histórias sobre seu surgimento, a verdade que sabemos é que pelos relatos dos mais antigos, a comunidade já tem mais de três séculos de existência, uma história encantadora e um verdadeiro Patrimônio Cultural do estado da Paraíba. Em 2020, Caiana dos Crioulos havia 118 famílias residindo na comunidade, porém esse não é um número fixo, visto que as famílias saem e retornam frequentemente do Território, e isto acontece devido o município e a localidade não oferecerem oportunidades de trabalhos para que as famílias permaneçam lá. A maior parte da população de Caiana dos Crioulos, reside hoje em um bairro chamado de Guaratiba, situado no Município de Santa Cruz no Rio de Janeiro.

Apesar de a Comunidade ser reconhecida pela Fundação cultural Palmares, como Comunidade Quilombola, Caiana só conseguiu obter a titularidade das terras (Território Quilombola), em 2020. A primeira parte da emissão da posse ocorreu no dia 03 de fevereiro, e a segunda, em 29 de julho desse mesmo ano. A comunidade já lutava por essa conquista há mais de 20 anos.

Figura 2: Emissão da posse da terra da Comunidade Caiana dos Crioulos



Fonte: Acervo pessoal de Luciene Tavares

A posse da terra, foi um momento muito esperado pela comunidade, e por esse motivo, grandes comemorações aconteceram no local, com direito a poesias e muita ciranda.

Figura 3: Comunidade festejando depois da posse



Fonte: Acervo pessoal de Luciene Tavares

Modos e formas de sobreviver

Em Caiana dos Crioulos, a principal forma de sobrevivência é o trabalho na agricultura. Sua cultura de subsistência são as plantações de : milho, fava, feijão, mandioca, guandu etc. Várias famílias são beneficiárias de programas do governo federal, como o bolsa família, e poucas pessoas são funcionários públicos. Geralmente os homens trabalham fora, como no Rio de Janeiro, em Recife, Campina Grande e na capital da Paraíba, João Pessoa.

Figura 4 : Plantações de hortaliças na comunidade



Fonte: Maria dos Anjos

Religiosidades

A Comunidade Quilombola Caiana dos Crioulos, tem uma diversidade Religiosa muito grande. A maioria das pessoas se denominam católicas, outras, protestantes e também um número elevado de pessoas que são das religiões afro-brasileiras, como a Umbanda, o Candomblé e a Jurema.

É comum, na comunidade, a realização de procissões, novenários e terços, uma tradição muito antiga na comunidade, principalmente no que se refere ao mês de maio. Até hoje, os cânticos cantado são os mesmos deixados por gerações anteriores na comunidade.

A comunidade conta com uma Igreja Católica, que é a Capela de Santa Luzia, uma igreja evangélica, a Assembleia de Deus, também havia um terreiro onde eram executados os cultos afros, porém foi desativado pelo falecimento do Babalorixá responsável pelo local. Hoje em dia, os cultos afros- brasileiros são realizados nas casas de alguns moradores.

Figura 5: Capela de Santa Luzia



Fonte: Acervo pessoal de Luciene Tavares

A Capela de Santa Luzia foi fundada no ano de 1981, por iniciativa dos próprios moradores da comunidade, porque se necessitava de um templo religioso. Nela realizam-se missas e celebrações, como encontros religiosos do Catolicismo. Antes de sua existência as missas eram celebradas em uma pequena sala, onde hoje funciona o Centro de Referência e Assistência Social- CRAS da comunidade. Para construir a capela, os moradores fizeram mutirões, e o material foi produzido na própria comunidade, desde a fabricação dos tijolos. Sempre que terminava a missa, uma equipe se organizava para já ir colocando os materiais no local para serem utilizados. Na época de fundação da Capela, o Pároco dirigente era o Padre Cornélio.

Quando a Capela foi fundada, o Pároco dirigente era o Padre Cornélio. Nessa época a missas eram celebradas nas segundas-feiras, e outras comunidades circunvizinhas faiam parte desse momento, como: Caiana do Agreste, Imbira, Sapé de Julião Engenhoca, Chã do Balsamo etc. Porém, hoje em dia, acontecem missas duas vezes ao mês, no 1º e no 3º domingos de cada mês. Atualmente dirigidas pelo Padre Paulo.

A capela é muito bonita por dentro e por fora e é um local muito espiritualizado e aconchegante para todos os fiéis.

Figura 6: Imagem interna da Capela Santa Luzia



Fonte: Acervo pessoal de Luciene Tavares

A Assembleia de Deus

Figura 7: Imagem externa da Assembleia de Deus



Fonte: Gerlane Salvino

A Assembleia de Deus de Caiana dos Crioulos, foi fundada no ano de 2005. Antes de ser construída, os cultos eram realizados em uma casa. A construção da Assembleia de Deus foi de iniciativa do Pastor José Carlos, que contou com a ajuda de outros pastores para isso.

Atualmente, é dirigida pelo Pastor Josival Messias, e os cultos são realizados aos domingos e terças-feiras.

A Casa do Senhor José Guilherme

Figura 8: Casa do rezador José Guilherme



Fonte: Acervo pessoal de Luciene Tavares

A casa do Senhor José Guilherme, mais conhecido popularmente como o rezador Zé Guilherme, é um dos locais mais antigos da comunidade, onde eram celebrados os cultos afros -brasileiros. Está desativado por conta do falecimento do Babalorixá, que era o responsável pelo local. Mas os cultos continuam sendo ministrados nas casas de alguns moradores.

A casa de farinha comunitária

Figura 9: casa de farinha



Fonte: Acervo pessoal de Luciene Tavares

A casa de farinha comunitária foi fundada no ano de 1988. Antes já existiam duas casas de farinha, porém de domínio privado. Por essa razão, para fazer suas farinhadas, os moradores precisavam fazer um acordo com os donos. Em troca pagavam parte da farinha produzida.

Foi pensando em solucionar esse problema que alguns moradores da comunidade se juntaram-se e levaram a pauta para ser discutida na assembleia da Associação de moradores na época. Um dos objetivos seria de construir uma casa de farinha, o que foi aceita pela assembleia geral, e os próprios moradores se reuniram fizeram um mutirão para construí-la.

O Cruzeiro

Figura 10: O Cruzeiro



Fonte: Acervo pessoal de Luciene Tavares

O cruzeiro de Caiana dos Crioulos foi implantado no dia 13 de outubro de 1996, durante uma missão que ocorreu de 06 a 13 desse mesmo mês e ano na Comunidade, organizada pelas missionárias da época, que eram Nenen de Zé Teodósio, Maria das Neves e Nilza, juntamente com uma equipe de outros missionários de fora. É um local bem visitado pelos católicos das comunidades, principalmente para realizar de procissões, onde na Semana Santa tem bastante visibilidade. Da vista onde está localizado o Cruzeiro, vê-se, além de Caiana dos Crioulos, a comunidade Caiana do Agreste e parte da Cidade Alagoa Grande.

O Reino Encantado

Figura 11: Pedra do Reino Encantado



Fonte: Acervo pessoal de Luciene Tavares

Dentre todas as belezas de Caiana dos Crioulos, destaca-se o Reino Encantado, um lugar lindo, cheio de mistérios e encantos. Também é conhecido como Reinado ou Pedra do Reino. É a maior lenda da comunidade. No meio da mata, encontra-se um lajedo enorme de pedras, onde está grafada uma frase gigantesca com escrituras rupestres. Aí está o mistério: reza a lenda que, se alguém decifrar o que nela está escrito o lugar vira uma cidade encantada.

Figura 12: Escrituras Rupestres na Pedra do Reino Encantado



Fonte: Acervo pessoal de Luciene Tavares

Além da frase, há vários acontecimentos no local. Pessoas contam que já avistaram carros, apesar de só se chegar ao pé e com muito sacrifício; botas de ouro entre outras. As inscrições grafadas na pedra do Reino encantado são antigas e não se sabe o ano de seu surgimento e nem quem as escreveu. Contam idosos da comunidade que foram escrituras grafadas pelos indígenas que apareciam no local. O local é muito visitado, e muitos pesquisadores já tentaram desvendar os mistérios do reino, que continua sendo um verdadeiro enigma

Figura13: Visitantes no Reino Encantado



Fonte: Acervo pessoal de Luciene Tavares

A Associação dos Moradores de Caiana dos Crioulos

Figura14: Imagem externa do prédio da Associação de Moradores



Fonte: Acervo pessoal de Luciene Tavares

A Associação de Moradores de Caiana dos Crioulos foi fundada no dia 03 de março do ano de 1986. Para construí-la, alguns moradores da comunidade se reuniram, com o objetivo de buscar apoio para alguns projetos de desenvolvimento e melhorias da comunidade. Também se juntaram a ele dois extensionistas: Paulo Luiz dos Santos e Roberto Luiz de Oliveira. A Associação de Moradores de Caiana dos Crioulos, foi fundada pelos seguintes líderes comunitários: José Luiz da Silva (Presidente), João Manoel do Nascimento (Vice-presidente), Maria Augusta Benvinda (Secretária), José João da Silva (Tesoureiro) e José Francisco da Silva (Conselheiro). Desse período até os dias atuais, várias pessoas da Comunidade já passaram pela presidência da associação.

Inicialmente a associação se reunia em um pequeno salão comunitário construído pela própria comunidade, que ficava próxima a capela de Santa Luzia. No ano de 2007, a comunidade recebeu um salão comunitário, um projeto do Banco do Brasil, onde hoje se realizam as assembleias da associação. O prédio é bem amplo e dispõe de um salão de reuniões, sala de informática com computadores e impressora, um dormitório, uma cozinha, banheiros internos e externos, uma varanda e ainda uma cisterna para captar água. Nas reuniões que acontecem uma vez por mês, as pessoas dialogam para tratar questões da comunidade e encontrar possíveis soluções.

ORGANIZAÇÃO DE MULHERES NEGRAS DE CAIANA - OMNC

Figura 15: Sede da OMNC



Fonte: Acervo pessoal de Luciene Tavares

A Organização de Mulheres Negras de Caiana - OMNC é uma Ong não governamental que foi fundada no ano de 2005, e trabalha para desconstruir o racismo e resolver questões voltadas à saúde da população negra, sobretudo das mulheres Negras. É composta de um grupo de mulheres da comunidade na qual frequentam jovens e idosas.

A OMNC surgiu a partir de um trabalho desenvolvido pela Organização de Mulheres Negras na Paraíba (Bamidê), que é parceira até os dias atuais.

A ong desenvolve vários trabalhos na comunidade, para fortalecer a juventude e as mulheres negras, assim como todas as mulheres são ativistas que participam dos encontros formativos para melhorar e eetivar políticas públicas para a comunidade.

3 CARTOGRAFIAS CULTURAIS DE CAIANA DOS CRIoulos

Caiana dos Crioulos é rica em manifestações culturais, desde o coco de roda à capoeira. Uma de suas maiores manifestações são o coco de roda e a ciranda. Existem dois grupos de ciranda nessa comunidade: 'Brilho do Coco', coordenado pela mestra Edite do coco, e o 'Desencosta da Parede' coordenado pela Mestra Cida.

Grupo de Ciranda e Coco de Roda Brilho do Coco- Mestra Edite

Figura 16: Grupo de Ciranda e Coco de Roda Brilho do Coco



Fonte: Acervo pessoal de Luciene Tavares

O Grupo de Ciranda e Coco de Roda Brilho do coco, é o mais antigo do Quilombo, com, aproximadamente, três décadas de existência`.

As vestimentas das cirandeiras e dos tocadores são todas costuradas a mão pela mestra Edite, com bastante zelo e cuidado.

Atualmente o grupo tem 22 componentes, entre jovens, idosos e crianças- 18 mulheres e quatro homens que preservam a tradição desde seus antepassados.

Grupo de Ciranda e Coco de Roda Desencosta da Parede- Mestra Cida

Figura 17: Grupo de Ciranda e Coco de Roda Desencosta da Parede



Fonte: Acervo do vivenciando Caiana dos Crioulos

O grupo de Ciranda e Coco de Roda, iniciou nos anos 2000 e, é coordenado por uma das líderes da comunidade, Severina Luzia, conhecida popularmente como Mestra Cida. O grupo se apresenta dentro e fora da comunidade, e desde que foi fundado, roda o Brasil levando sua cultura e seu legado, com o som da zabumbada. Já Gravaram dois CDs e um DVD.

Grupo de Dança Afro Cor da Terra

Figura 18: Grupo de Grupo de Dança Afro Cor da Terra



Fonte: Acervo do Vivenciando Caiana dos Crioulos

O Grupo de Dança Afro 'Cor da Terra' surgiu no ano de 2002, quando o Professor Geóstenys de Melo, que, na época, trabalhava na Escola Firmo Santino, ao perceber as habilidades com as danças e as manifestações culturais da comunidade, teve a iniciativa de juntar um grupo de jovens e crianças para formar um grupo de dança afro, com o objetivo de mostrar e valorizar a cultura afro presente em Caiana dos Crioulos, o qual foi chamado, inicialmente, Grupo Afro Negra Axé. No ano seguinte, o grupo passou a ser coordenado pela professora de dança Ana Cristina, que fazia parte do Teatro da cidade e se integrou a um projeto social na comunidade, que teve a iniciativa de mudar seu nome para 'Grupo Giro'. Porém, mais adiante, o grupo ficou sem coreógrafos para montar suas coreografias, e algumas meninas haviam deixado a equipe porque se casaram e foram morar no Rio de Janeiro.

Foi a partir desse momento que o grupo de dança afro passou a ser coordenado por duas integrantes: Valdízia Maria e Luciene Tavares, que semanalmente, ensaiavam em casa, e nos finais de semana, juntavam toda equipe para ensinar os passos. Foi assim que o grupo de Dança afro Cor da terra foi galgando seus passos e ganhando espaço. Na comunidade nos momentos de festividades, fazem referencia às suas africanidades ancestrais, através das danças, assim como o coco de roda, e a ciranda, a dança afro e tanto outros batuques. Também é possível reafirmar a resistência quilombola. Essa é uma forma de enfrentar o racismo vivido pela sociedade. Além da comunidade, o 'Cor da Terra' faz apresentações externas. Atualmente tem 15 integrantes, todas mulheres, e está sob a coordenação da Professora Luciene Tavares, um quilombola da própria comunidade, que, além de ser uma profissional da área da educação une a parte educativa a cultura local.

Figura 19: Apresentação do grupo no 1º Festival de Culturas Quilombo Da Paraíba- Caiana dos Crioulos



Fonte: Acervo pessoal de Luciene Tavares

O 'Cor da Terra', além da dança, trabalha com a música e o teatro. Apresenta peças, poesias e fazem ecoar suas vozes através do canto, o que deixa a apresentação mais bela. Procura sempre trazer, debater sobre as questões sociais, principalmente no que diz respeito à resistência negra e quilombola.

Figura 20 :Grupo de Capoeira Badauê



Fonte: Acervo pessoal de Luciene Tavares

O grupo de capoeira Badauê, de Caiana dos Crioulos, iniciou-se no ano de 1992, coordenado pelo Mestre Wellington Casinha. Foi organizado um grupo de jovens na época. Sempre havia um dos alunos da comunidade para organizar a equipe, ou seja, fazer parte dessa coordenação. Era uma pessoa do local que seria responsável por organizar e mobilizar os demais.

Passaram por esse caminhar alguns jovens da comunidade, como: José João do Nascimento (Chico), Édson (Eca), Ednilson (Bidé), Carlos José e José Alcides (Paulinho). Todos eles eram pessoas da comunidade que estavam diretamente na organização da equipe com o Professor Wellington. Atualmente, o Grupo de Capoeira é coordenado por Antônio, conhecido como Totinha. O instrutor Totinha é um jovem quilombola de Caiana dos Crioulos que está à frente da equipe desde o ano de 2008. A palavra badauê significa batuque, e essa capoeira não existe apenas na Comunidade, é uma associação que foi criada nos anos 80 pelo Mestre Sabiá e tem diversas ramificações, ou seja, diversos grupos que pertencem ao badauê. Por volta de 1985, foi registrado concretamente como pertencente à capoeira Badauê, porque, antes, pertencia à capoeira Palmares, e foi nessa época que Marcos Antônio Batista (Mestre Sabiá) teve a iniciativa de criar a Associação Cultural de Capoeira Badauê. Os instrumentos utilizados na capoeira são: berimbau, atabaque, pandeiro, agogô, baqueta, dobrado e caxixi. O atabaque nem sempre esteve presente na capoeira, era um instrumento usado nos Terreiros, e seu batuque forte ecoava lindamente. Hoje em dia, além dos Terreiros, ele também solta o som nas grandes rodas de capoeira.

Figura 21: Grupo de Capoeira Badauê - instrumentos utilizados na capoeira



Fonte: <https://br.pinterest.com/pin/540643130251491877/>

O Coco de Roda

Ococo é uma dança originada do Nordeste brasileiro. É uma mistura da população negra com o indígena. Existem vários tipos de coco, como: embolada, coco do sertão, entre outros, porém iremos enfatizar aqui o chamado coco de roda. A música em coro, o batuque do zabumba e os sons do triângulo e do ganzá fazem o coco de roda ecoar nos ouvidos e encantar quem está por perto. Apresentado em círculo, essa dança traz à memória o sentido da coletividade, quando o coquista puxa o coco e os demais integrantes enaltecem suas vozes, respondendo em coro as músicas que traz em suas letras, narrativas de vida ou um acontecimento do momento.

Assim como existem vários tipos de coco, existem muitas forma de dançar, porém algo comum entre ambos é que o sentido da coletividade sempre está presente, e a memória nos remete aos jeitos dos quilombos e suas formas de se organizar. Percebemos, em várias letras cantadas, processos vividos nos trabalhos duros, nas plantações e nos afazeres domésticos que nos fazem lembrar como isso era realizado. No coco de roda de Caiana dos Crioulos, a batida do zabumba é acelerada, e a movimentação dos pés acompanha esse ritmo.

Instrumentos utilizados no coco de roda

Para as rodas de coco, costumam-se utilizar três instrumentos: o zabumba, o triângulo e o ganzá.

Figura 22: Instrumentos usados no coco de roda



Fonte: Imagens do google

Ciranda

A ciranda também se originou no estado de Pernambuco. Inicialmente, as rodas de ciranda eram feitas nos terreiros das casas ou em pequenas pontas de rua, e os mestres cirandeiros puxavam as canções. Mas, aos poucos, isso foi se modificando devido ao patamar gigantesco que a ciranda foi tomando com o passar dos anos. Nas décadas de 1960/1970, por exemplo, a ciranda já ganhara outros espaços e palcos, e não mais apenas os terreiros, pois também passaram a contemplar bares, clubes, restaurantes, locais frequentados por muitos turistas, e assim foi se estendendo.

Os instrumentos utilizados na ciranda são: caixa, zabumba, triângulo, ganzá e prato.

Figura 23: Instrumentos utilizados na ciranda



Fonte: Imagens do Google

Projeto Vivenciando Caiana dos Crioulos

O Vivenciando Caiana é um projeto voltado para o turismo rural quilombola de base comunitária. Foi criado em 2016, quando líderes da Comunidade se reuniram com algumas pessoas da cidade de Alagoa Grande que compõem um grupo chamado de 'Articulações Sociais de Alagoa Grande', um grupo informal que tem o objetivo de tratar das questões sociais do município e se juntou a ideia com líderes da comunidade de tocar a questão do Turismo dentro do território quilombola, visando contribuir com as pessoas da comunidade. No momento do encontro, marcaram presença algumas líderes da comunidade, como: Elza (agente comunitária de saúde), Professora Maria das Dores (Neide – Quilombola local), e pela Professora Luciene Tavares (professora da Escola Firmo Santino na época); da cidade, estiveram presentes as Professoras Lúcia de Fátima (que foi gestora da escola supracitada); o Professor Gustavo (Guto – professor da cidade), Nazareno Félix (Membro do Banco do Nordeste) e Marcelo Félix (da empresa de Internet local Avexado.com).


Foi uma reunião, em que pudemos fazer nossas colocações e apontar seus objetivos para o desenvolvimento da comunidade quilombola e trabalhar para desconstruir o racismo perante a sociedade. Nesse momento, foi marcada uma reunião na comunidade, que aconteceu em uma das salas da Escola Firmo Santino da Silva, cuja gestora, na época, era a Professora Josiane Brito do Nascimento e Sousa.

A segunda reunião foi marcada por outros líderes da comunidade que se juntaram ao grupo para dar início ao projeto. Nela estiveram presentes: Elza, Severina Luzia (Cidana época, presidente da associação), Lourdes (auxiliar de serviços gerais da Escola Firmo Santino), a Professora Maria das Dores (Neide), Edite José da Silva (Coordenadora do Grupo de Ciranda Brilho do Coco da Mestra Edite do Coco); e pela Professora Luciene Tavares. Da cidade, participaram: as Professoras Lúcia de Fátima e Josiane Brito (a primeira, anterior gestora da escola supracitada, e a última, a atual naquele ano); o Professor Gustavo (Guto – professor da cidade), Nazareno Félix (Membro do Banco do Nordeste) e Marcelo Félix (da empresa de internet local Avexado.com).

Figura 24: Momento cultural do Vivenciando Caiana



Fonte: Acervo de Luciene Tavares



O 'Projeto Vivenciando Caiana' promove o desenvolvimento cultural, econômico e social da Comunidade Caiana dos Crioulos e valoriza todos os saberes tradicionais, a memória e a identidade dos quilombolas. Antes de acontecer o primeiro evento, houve uma trilha-teste para a Pedra do Reino Encantado, um dos maiores encantos do mesmo, para garantir o sucesso das idas dos visitantes ao lajedo.

Figura 25: Trilha ao Reino Encantado



Fonte: Rogério Freitas Lira

A trilha ao Reino Encantado é feita contando-se histórias. É conduzida por condutores quilombolas.

Figura 26: Condutores Cida e Antônio com os visitantes - Trilha ao Reino Encantado



Fonte: Rogério Freitas Lira

O coco de roda, a ciranda e os cânticos são energizantes no 'Vivenciando Caiana'. Por essa razão, os caienenses fazem os batuques dos tambores e os zabumbas ecoarem lindamente.

Figura 27: Momento Cultural 'Vivenciando Caiana'



Fonte: Acervo do 'Vivenciando Caiana'

Na verdade, Caiana dos Crioulos sempre desenvolveu esse trabalho de turismo desde seus antepassados, porém o visitante chegava à comunidade, e seus líderes os acompanhavam. Assim, eles conheciam todo o território e usufruíam dele, mas iam embora sem deixar nada para a comunidade, nem mesmo uma fotografia das tantas que haviam tirado como lembrança para os quilombolas locais. Isso aconteceu durante muitos anos, e já estava passando da hora de a Comunidade despertar e mudar essa realidade. Em conjunto, pensou-se em investir no turismo rural para as famílias da comunidade adquirirem uma renda por meio dele, a fim de que seus jovens não se evadissem tanto para outras regiões, como a Sudeste, o que é mais corriqueiro acontecer.

4 POVOS DE CAIANA: QUEM SOMOS?

Líderes quilombolas: Quem foram, quem são?

JOÃO JOSÉ DA SILVA

Figura 28: João José da Silva



Fonte: Acervo pessoal de Luciene Tavares

João José da Silva, conhecido popularmente como João Teió, nasceu em 20 de maio de 1924. Filho de Belísia Francisca da Conceição e José Teodósio, nasceu e foi criado na Comunidade Quilombola Caiana dos Crioulos. Foi casado com, Maria Josefa da Conceição, de quem ficou viúvo logo cedo, e, tempos depois, casou-se novamente com a Senhora Maria Feliciano Tavares da Silva.

O Senhor João Teió foi um dos pioneiros a compor a primeira Bandinha de Pífano da Comunidade, que era coordenada por seu Pai, José Teodósio, conhecido como Zé Teió, e na qual tocava zabumba.

A bandinha de Pífano que Seu João Teió integrava

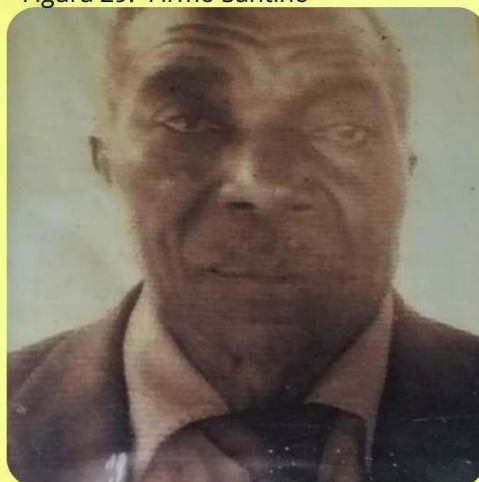
Por volta do anos 1940, já existia, em Caiana dos Crioulos, um grupo de homens que tinham habilidades para tocar vários instrumentos musicais, o qual foi organizado por José Teodósio, conhecido popularmente como Zé Teió. Além dele, faziam parte do grupo o Mestre Zé Teió, Augusto, Zé Punário e Cazusa. Depois que Zé Punário faleceu, Zé Teió colocou seus três filhos, João, Antônio e Manuel, para integrarem a equipe. Essa foi a primeira bandinha de pífano fundada na Comunidade.

Além de compor a Bandinha de Pífano, ele também contribuiu para elaborar o Relatório de Identificação e Demarcação do Território Quilombola da Comunidade Caiana dos Crioulos, por ser um dos líderes mais idosos e bem informados da época.

João Teió ajudou muito a Comunidade Caiana dos Crioulos, que sofreu uma grande perda, porque ele teve problemas de saúde e perdeu os movimentos das pernas. Faleceu no dia 10 de maio do ano 2012, na cidade de Alagoa Grande. Hoje restam seus ensinamentos e seu legado na resistência do povo quilombola.

FIRMO SANTINO DA SILVA

Figura 29: Firmo Santino



Fonte: Marinélia Nascimento

Firmo Santino foi mestre da Bandinha de Pífano Cabaçal. Foi um líder bem conhecido e respeitado dentro e fora da comunidade, e não é à toa que a escola da traz seu nome em homenagem a esse Mestre. O Mestre Firmo Santino da Silva nasceu no dia 12 de junho de 1913, na Comunidade Quilombola Caiana dos Crioulos. Era filho de Josefa Maria da Conceição. Casou-se com Etelvina, com quem teve 12 filhos, porém quatro morreram. Faleceu no dia 22 de abril de 1995.

Depois da morte de Firmo Santino e de outros integrantes, a Bandinha Cabaçal teve seu fim, pois esse dom não foi passado para as novas gerações. Algumas pessoas conheciam um pouco sobre o instrumento tocado pelo Mestre Firmo Santino, porém era coisa pouca e era preciso mais habilidades para levar a Bandinha adiante. Anos depois, o Mestre Zuza, que sabia tocar um pouco o instrumento, montou uma bandinha, que foi finalizada depois de sua morte.

Hoje só restam as lembranças na memória da comunidade e o sonho de montar uma nova bandinha para reafirmar o carinho e a emoção vivida pelas gerações que as antecederam. O pífano ainda continua sendo fabricado, mas distante do território, pois José, o neto de Firmo Santino, que mora no Rio de Janeiro, aprendeu com seu avô e carrega esse legado até hoje. Ele fabrica os pífanos e manda para a comunidade onde são vendidos nos eventos. José também aprendeu tocar pífano com seu avô, porém foi um dos jovens que teve de ir para o Rio de Janeiro logo cedo, em busca de trabalho, já que a comunidade não dá o suficiente para adquirir renda para as famílias.

JOANA PAULINA DA CONCEIÇÃO


Figura 30: Joana Paulina



Fonte :Marieneide Caetano

Joana Paulina da Conceição nasceu em 1914. Casou-se com o Senhor Ursulino Sebastião Caetano e era conhecida popularmente como Joana Pola ou Mãe Joana. Nasceu e se criou na comunidade.

Uma senhora muito habilidosa, cujos trabalhos artesanais eram feitos com material extraído da bananeira e com argila.



Quase todos os caienenses a chamavam de mãe Joana. Sua casa continua no centro da comunidade, em frente à casa de farinha comunitária. Foi um lar muito receptivo para quem adentrava o Quilombo. Era católica, tinha um carinho enormes pelos padres que chegavam à capela da comunidade, e em todas as missas, sentava-se em volta do altar. Seu jeito singelo aparecia também na forma de abençoar as pessoas, pois, sempre que alguém pedia sua bênção, ela abençoava de forma diferenciada, com uma palavra de conforto e carinho para cada pessoa.


EDITE JOSÉ DA SILVA

Figura 31: Mestra Edite



Fonte: Acervo fotográfico do Vivenciando Caiana

Edite José da Silva nasceu em 08/10/1944, na Comunidade Caiana dos Crioulos, onde vive até hoje. Filha de José Antônio da Silva e Maria Ana da Conceição, casou-se aos 19 anos de idade com o Senhor Manuel dos Santos Silva, com quem teve 23 filhos, 11 dos quais - dez homens e uma mulher - estão vivos. Tem 30 netos e oito bisnetos. Dona Edite é Mestra em Cultura da Paraíba, coordenadora do grupo de ciranda e coco de roda 'Brilho do Coco', da Mestra Edite, e integra a OMNC. É auxiliar de serviço gerais da Escola Firmo Santino da Silva, mas exerce a função de merendeira. É uma griot (contadora de histórias), parteira tradicional, rezadeira e luta pelos direitos da população e das mulheres negras.



Nas horas vagas, Mestra Edite faz artesanato com material de cipó e diversas bonecas de pano. Gosta de recitar versos e poesias, o que encanta as pessoas que a escutam.

SEVERINA LUZIA DA SILVA

Figura 32: Severina Luzia



Fonte: Acervo fotográfico do Vivenciando caiana

Severina Luzia da Silva , conhecida como Cida, nasceu em 28 de agosto de 1967, nasceu na Comunidade Quilombola Caiana dos Crioulos, onde também foi criado. Cursou o Ensino Médio em Alagoa Grande e, na comunidade, coordena o 'Grupo de Ciranda e Coco de Roda Desencosta da Paredé', em que também canta e dança.

Foi presidente da Associação de Moradores de Caiana dos Crioulos por diversos anos. Dedicar-se à cultura local e busca ativamente, na militância, melhores condições de vida para os jovens quilombolas e toda a população caiense.


ELZA URSULINO DO NASCIMENTO SILVA

Figura 33: Elza Ursulino



Fonte: Acervo Fotográfico Quilombo Caiana dos Crioulos

Elza Ursulino do Nascimento nasceu no dia 15 de janeiro de 1974 e é filha de Noemi Ursulino do Nascimento e de Ulisses Quirino do Nascimento. Nasceu e foi criada na comunidade, casou-se aos 19 anos com José dos Santos Silva Segundo, com quem tem quatro filhos: dois homens e duas mulheres. Elza cursou o Ensino Médio completo, é agente comunitária de saúde da comunidade há 26 anos, e coordenadora da Organização de Mulheres Negras de Caiana dos Crioulos (OMNC). É integrante do Grupo de Ciranda e Coco de Roda da Mestre Edite, do Brilho do Coco, coordena o Projeto Vivenciando Caiana dos Crioulos e luta pelos direitos das mulheres negras.



No que diz respeito à saúde da população negra, tem um conhecimento muito vasto sobre as plantas medicinais e faz um trabalho voltado para a Organização de Mulheres Negras. Foi uma das primeiras pessoas da comunidade a dirigir o olhar para o turismo rural, pois implantou a culinária do quilombo ao abrir um pequeno bar, na época, que recebeu o nome de Bar Quilombo Saudável, onde todos os visitantes e a própria comunidade podiam se alimentar. Além da alimentação, ela resolvia questões sobre a permanência na comunidade de quem resolvia passar mais de um dia e abria as portas de sua casa para acolhê-los. Elza também faz um trabalho voltado para a culinária quilombola local, fabricando deliciosas cocadas com sabores e cores diversas, principalmente voltadas para a medicina natural.

ANTÔNIO DO NASCIMENTO OLIVEIRA

Figura 34: de Antônio



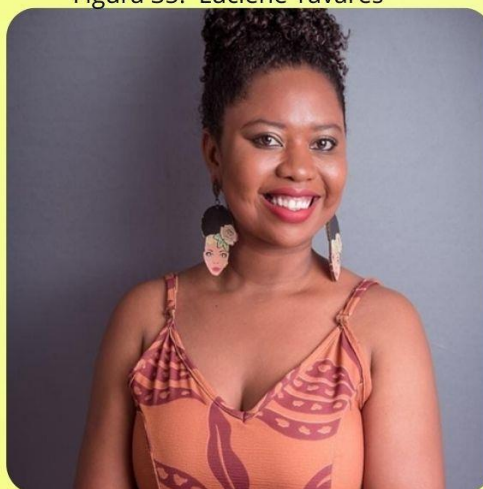
Fonte: Acervo fotográfico do Vivenciando caiana

Antônio Nascimento Oliveira, conhecido popularmente como Totinha, nasceu no dia 11 de junho do ano de 1986. É filho de Severino Simão de Oliveira e Maria do Nascimento de Oliveira. É formado em Pedagogia e católico.

Desde jovem, Antônio já era ativista e está sempre lutando por melhorias para a juventude quilombola. Já trabalhou nos anos iniciais da Educação Básica e é fortemente ligado à cultura negra e quilombola. Coordena o Grupo de Capoeira Badauê da comunidade, do qual é instrutor, e integra o grupo de ciranda e coco de roda 'Brilhado Coco', da Mestra Edite.

LUCIENE TAVARES DA SILVA LIMA

Figura 35: Luciene Tavares



Fonte: Júlio Teotônio

Luciene Tavares da Silva Lima, nasceu em 04 de agosto de 1989 na comunidade Quilombola Caiana dos Crioulos. Filha de João José da Silva e Maria Feliciano Tavares da Silva. Nasceu e se criou na comunidade, foi aluna da escola Firmo Santino da Silva, na qual foi representante das turmas que estava inserida.

Luciene Tavares, fez o Magistério na escola Normal Estadual Oswaldo Trigueiro de Albuquerque Mello, em Alagoa Grande, é Graduada em Pedagogia pela Universidade Estadual Vale do Acaraú- UVA, Pós - Graduada em Psicopedagogia pela Faculdades Integradas de Patos- FIP e Mestranda em Formação de Professores pela Universidade Estadual da Paraíba - UEPB.

Em 2010 passou a integrar o corpo docente da Escola Firmo Santino da Silva, onde foi professora de diversas turmas dos anos iniciais do ensino Fundamental, atuando assim até 2016, em 2017 esteve gestora desta mesma instituição. Desde criança frequenta os espaços de militância, na comunidade é Coordenadora do grupo de Dança afro "Cor da Terra" e do "Projeto Vivenciando Caiana dos Crioulos", também é integrante da OMNC- Organização de Mulheres Negras de Caiana, uma Ong que tem parceria com a Bamidelê - Organização de Mulheres Negras na Paraíba. Além do campo Educacional une a cultura do seu lugar, canta, dança, escreve poesias e se dedica profundamente a esses setores.

**5 MUSICALIDADES, VERSOS E POESIAS: NESTE CHÃO A POEIRA DO
COCO SOBE ENQUANTO O DIA ENRADIA**

Cocos de Roda Caiana dos Crioulos

O bojo do meu zabumba

O bojo do meu zabumba é feito da macaíba.
De onde tu vens menina?
Eu venho lá da Paraíba! (BIS 4)

2.Sábado esse eu não sambei

Sábo esse eu não sambei
Sábo agora eu vou sambar
Eu moro em Alagoa Grande
Do outro lado de lá. (bis)

Sábo esse eu não sambei
Sábo agora eu vou sambar
Mas eu moro lá em Caiana
Do outro lado de lá. (bis)

Sábo esse eu não sambei
Sábo agora eu vou sambar
Eu moro em Alagoa Grande
Do outro lado de lá. (bis)

3. Tesourinha

Tesourinha, tesoura;
Hô tesourinha, tesoura;
A tesoura corta o pano
Segura aiá. (bis)

Tesourinha, tesoura;
Hô tesourinha, tesoura;
A tesoura corta o pano
Segura aiá. (bis)

4. Mela melão

Hô mela melão;
Sabiá !
Estão tudo bandoleira;
Sabiá!
As meninas de hoje;
Sabiá !
Estão tudo bandoleira ;
Sabiá! (bis)

Hô mela melão;
Sabiá !
Estão tudo bandoleira;
Sabiá!
As meninas de hoje;
Sabiá !
Estão tudo bandoleira ;
Sabiá! (bis)

5. A chuva chovendo

Olha a chuva chovendo
A goteira pinando
Mamãe abre a porta
Que eu tou me molhando! (bis)

Eu tou, eu tou;
Eu tou me molhando. (bis)

Olha a chuva chovendo
A goteira pinando
Mamãe abre a porta
Que eu tou me molhando!

Eu tou, eu tou;
Eu tou me molhando. (bis)

6. Dá no Nêgo

Ô dá no Nêgo, dá no Nêgo
Ô no Nêgo você não dá!
Joga bola para cima
Joga bola para baixo
Você diz que dá no Nêgo
No Nêgo você não dá! (bis)

Ô dá no Nêgo, dá no Nêgo
Ô no Nêgo você não dá!
Joga bola para cima
Joga bola para baixo
Você diz que dá no Nêgo
No Nêgo você não dá! (bis)

7. Pisei na Pedra

Eu pisei na pedra
A pedra gemeu
A água tem veneno, ô morena
Quem bebeu morreu. (Bis)

Quero bem;
Quero bem;
Quero bem;
Mas não posso te amar. (bis)

Eu pisei na pedra
A pedra gemeu
A água tem veneno, ô morena
Quem bebeu morreu. (Bis)

Quero bem;
Quero bem, iá, iá ;
Quero bem,
Mas não posso te amar. (bis)

8. Meu caminhão se quebrou

Meu caminhão se quebrou-se
E como é que eu vou viajar?
Eu quero ver roseira
Quero ver rodar! (bis)

Eu comprei meu caminhão
Foi prá viajar prá Natal
Eu quero ver roseira
Quero ver rodar! (bis)

Meu caminhão se quebrou-se
E como é que eu vou viajar?
Eu quero ver roseira
Quero ver rodar! (bis)

Aluguei meu caminhão
Foi prá viajar prá Natal
Eu quero ver roseira
Quero ver rodar! (bis)

Mas meu caminhão se quebrou-se
E como é que eu vou viajar?
Eu quero ver roseira
Quero ver rodar! (bis)

9. Eu vi meu bumba, êh!

Eu vi meu bumba, hê
Eu vi meu bumba ah!
Eu vi o meu amor;
Que foi- se embora e me deixou

A saudade é de Heloísa;
Saudade tem compaixão;
A saudade é quem maltrata dentro do meu coração! (bis)

Eu vi meu bumba, hê
 Eu vi meu bumba ah!
 Eu vi o meu amor;
 Que foi- se embora e me deixou

A saudade é de Heloísa;
 Saudade tem compaixão;
 A saudade é quem maltrata dentro do meu coração! (bis)

10. Sereno de amor

Sereno de amor
 Sereno de amar;
 Por causa do ciúme meu amor quer me deixar
 Serenou, serená!

Da minha casa prá sua
 Tem um riacho no meio;
 Tu de lá dá um suspiro;
 Eu de cá suspiro e meio;
 Serenou, Serená!

Sereno de amor
 Sereno de amar;
 Por causa do ciúme meu amor quer me deixar
 Serenou, serená! (bis)

Da minha casa prá sua;
 Quem achar um lenço é meu;
 Dobrado em quatro pontas;
 Foi meu amor quem me deu!
 Serenou, serená.

Ciranda de Caiana dos Crioulos

A lavadeira

A lavadeira que lavava minha roupa;
 Tá quase louca de procurar;
 Ela lavava na palha da cana;
 Na cana Caiana
 No canaviá!
 Ela lavava, na palha da cana,
 Na cana caiana ;
 No canaviá! (bis)

A lavadeira que lavava minha roupa;
 Tá quase louca de procurar;
 Ela lavava na palha da cana;
 Na cana caiana
 No canaviá!
 Ela lavava, na palha da cana,
 Na cana caiana ;
 No canaviá! (bis)

2. Morena Jardineira

Morena jardineira;
 O que vinhesse ver?
 Eu vim dançar ciranda;
 Vim namorar com você! (bis)

Morena jardineira;
 O que vinhesse ver?
 Eu vim dançar ciranda;
 Vim namorar com você! (bis)

3. Eu vi cantar o sabiá na bananeira

Eu vi cantar o sabiá na bananeira amor;
Na bananeira eu vi o sabiá cantar! (Bis)

Til, tiu, til, til, canta, canta sabiá;
Til, til, til, til, como é lindo o seu cantar . (bis)

4. Viuvinha

Viuvinha não chore não;
Viuvinha não vá chorar;
Viuvinha não chore não;
Que seu amor torna a voltar! (bis)

Eu plantei, mas não nasceu
Semente de macaçar;
Namorar contigo eu quero;
Só não quero é me casar!

Viuvinha, não chore não;
Viuvinha, não vá chorar;
Viuvinha, não chore não;
Que seu amor torna a voltar! (bis)

Eu vim lá de Caiana;
De todo o meu coração;
Para agradecer todo mundo;
E a toda população!

Viuvinha, não chore não;
Viuvinha, não vá chorar;
Viuvinha, não chore não;
Que seu amor torna a voltar! (bis)

Eu passei na sua casa;
Pedi água prá beber;
Não foi cede, não foi nada;
Foi vontade de te ver!

Viuvinha, não chore não;
Viuvinha, não vá chorar;
Viuvinha, não chore não;
Que seu amor torna a voltar! (bis)

Mandei fazer um vestido;
E fizeram de babado;
Quando eu visto esse vestido;
Não me falta namorado!

Viuvinha, não chore não;
Viuvinha, não vá chorar;
Viuvinha, não chore não;
Que seu amor torna a voltar! (bis)

5. O retrato de Creusa

Eu tirei, retrato de Creusa
Mas ela tava escorada na janela.
O retrato saiu com uma mancha;
Mas era a trança do cabelo dela. (bis)

Eu tirei, retrato de Creusa
Mas ela tava escorada na janela.
O retrato saiu com uma mancha;
Mas era a trança do cabelo dela. (bis)

6. Rosa

Rosa, ô Rosa!
Moça formosa
Não tá vendo eu lhe chamar? (Bis)

Um bacurau;
Foi numa festa no céu;
Sem camisa, sem chapéu;
Sem meia , sem paletó!
Ele avuou, engalhou-se na cortina;
Caiu de perna prá cima;
Dizendo amanhã eu vou!

Rosa, ô Rosa!
Moça formosa
Não tá vendo eu lhe chamar? (Bis)

7. Relógio de Parede

Meu relógio de parede;
Está de ponteiro atrasado;
Vou dar corda a meu relógio;
Quem tem amor tem saudades!

Agora sim;
Agora se alegrou;
Eu tava cantando só;
Chegou meu amor, chegou! (bis)

Meu relógio de parede;
Está de ponteiro atrasado;
Vou dar corda a meu relógio;
Quem tem amor tem saudades!

Agora sim;
Agora se alegrou;
Eu tava cantando só;
Chegou meu amor, chegou! (bis)

8. Loirinha

Pra onde tu vais, loirinha?
Eu vou!
Volte pra trás, loirinha;
Eu também vou!

Papai não quer
Que eu me case com você;
Loirinha tão bonitinha;
Faz a gente enlouquecer! (Bis)

Pra onde tu vais, loirinha?
Eu vou!
Volte pra trás, loirinha;
Eu também vou!

Papai não quer
Que eu me case com você;
Loirinha tão bonitinha;
Faz a gente enlouquecer! (Bis)

9. Velho cirandeiro

Eu sou, um velho cirandeiro;
Vivo sofrendo igual um peixe no mar;
Se eu fosse um boneco de louça;
As moças queriam me beijar. (bis)

Eu sou, um velho cirandeiro;
Vivo sofrendo igual um peixe no mar;
Se eu fosse um boneco de louça;
As moças queriam me beijar. (bis)

10. Adeus, meu povo!

Adeus, meu povo,
Que eu á vou-me, embora.
Uma despedida;
Todo mundo chora! (bis)

Adeus, meu povo,
Que eu á vou-me, embora.
Uma despedida;
Todo mundo chora! (bis)

Adeus, meu povo,
Que eu á vou-me, embora.
Uma despedida;
Todo mundo chora! (bis)

Poesias

CAIANA DOS CIOULOS
Autora: Luciene Tavares

Um lugar lindo contagiante;
Chega dá gosto estar;
Suas paisagens radiantes;
É gostoso apreciar.

Vem dos seus antepassados;
Com histórias a contar;
O povo que aqui viveu;
Tinha muito a nos falar.

Mas, o que aqui estão;
Posso até vir recitar;
O que temos é gratidão;
Das memórias a revelar.

Comunidade quilombola;
Do município de Alagoa Grande;
Fica na Zona Rural;
Do estado da Paraíba;
Um Patrimônio Cultural.

Chegou a ter no passado;
Cerca de dois mil habitantes;
De onde vieram não se sabe;
Um mistério interessante.

Uns dizem que viemos de Palmares;
Mamanguape é outra averiguação;
Tem até outra que diz que viemos de Areia;
Do passado até agora fica a interrogação

De luta, força e garra;
Negros de muita resistência;
Temos força de vontade;
Valorizamos nossa crença.

Nossa herança cultural;
Nosso legado, aonde vamos;
Terços, novenas e festas;
Aqui sempre estejamos.

Aqui festa de casamento;
Tem duração de três dias;
Sexta, sábado e domingo;
Com bastante alegria.

A Caiana é um paraíso;
Orgulho para quem nela estar;
Aqueles que um dia veio;
Ficou com pena de voltar.

Aqui vou finalizando;
Pois tenho muito a falar;
Se for contar toda história;
Não há papel que caberá.
Despeço-me com orgulho;
Tendo um convite a fazer;
Se não conheces a Caiana;
Então venhas conhecer.

CAIANA DOS CRIoulos E SEUS RITUAIS

Autora: Luciene Tavares

Me trouxeram de lá;
Por aqui eu fiquei;
Minhas origens tranquei
Mas deixar, não deixei.
Serão sempre lembradas
Com bravura e ternura
Lutarei com fervura
Nessa minha Jornada!
Um canto novo, um louvor;
Mesmo na hora da dor
Iremos sempre entoar.
Fomos tratados como animais;
Não respeitaram meus ancestrais;
Mas somos pura resistência;
Na luta, na dor ou na crença;
Um legado aonde vamos;
No quilombo aonde estamos;
Este chão é meu lugar!



ATIVIDADES PROPOSTAS

Mestranda: LUCIENE TAVARES DA SILVA LIMA
Orientadora: Prof^a. Dr^a. PATRÍCIA CRISTINA DE ARAGÃO



ATIVIDADES PROPOSTAS

As atividades propostas contidas neste caderno servirão como base para subsidiar as práticas dos professores, que poderão desenvolvê-las com seus alunos em sala de aula, voltando-se para as relações étnico-raciais e a Educação Escolar Quilombola, dentro da realidade em que os alunos se encontram inseridos.

Elas conterão o passo a passo do percurso de seu desenvolvimento.



CAIANA DOS CRIoulos, UM PEDACINHO DA ÁFRICA NO BRASIL



FONTE: Palmai

Nesta atividade, os alunos aprenderão como surgiu comunidade Caiana dos Crioulos.

OBJETIVO: Conhecer a história do surgimento da comunidade.

1º ATIVIDADE

O professor fará uma roda de conversa com os alunos sobre o surgimento da comunidade, para buscar seus conhecimentos prévios sobre o assunto.

Serão levantadas algumas questões como:

Alguém sabe ou já ouviu falar sobre a história do surgimento da comunidade?

O que é uma comunidade quilombola? Como é viver em Caiana dos Crioulos?

Quais manifestações culturais existem aqui na comunidade? No decorrer das falas dos alunos, serão feitas anotações para trabalhar os assuntos partindo do que já se sabe.

OBS: O professor poderá adaptar esta atividade de acordo com a realidade de sua sala de aula.

2ª ATIVIDADE

O(a) professor(a) entregará para a turma o texto acerca do surgimento da Comunidade Caiana dos Crioulos. Todos farão uma leitura silenciosa e, em seguida, uma leitura “deleite” (compartilhada), para compreender bem mais como surgiu a comunidade.

OBS: O professor poderá adaptar esta atividade de acordo com a realidade de sua sala de aula.

CAIANA DOS CRIoulos

As comunidades quilombolas são espaços de memória e de construção de saberes, que são reinventados através dos tempos, pois os saberes de gerações anteriores são ressignificados na contemporaneidade e trazem outras perspectivas. Por isso é preciso repensar a ideia de quilombo e de Educação Escolar Quilombola, a partir do reconhecimento desses espaços na educação, tendo em vista suas



histórias, narrativas e repertórios que fazem parte da constituição quilombola.

Sobre a origem da comunidade, são produzidas várias narrativas e versões. Uns dizem que foi através de um casal que veio fugido de um navio que aportou na Bahia da Traição; outros contam que foram negros que vieram fugidos do massacre do Quilombo dos Palmares; dizem, ainda, que vieram do município de Areia e que Caiana era um escravo que trabalhava na fazenda vizinha, conhecida como Fazenda do Sapé, dos Senhores Arruda Câmara. Caiana vivia inconformado com sua situação e a de seus irmãos negros, fugiu mundo afora e só voltou depois da suposta abolição da escravatura. Ferreira (2016), ao falar sobre a origem dessa comunidade, enfatiza:

São muitas as histórias sobre a formação do quilombo Caiana dos Crioulos que é diretamente ligada à antiga fazenda Sapé, da família Arruda Câmara. Há quem afirme que os primeiros negros chegaram à região atual Caiana em meados do século 18, subindo o curso do Rio Mamanguape. Fugiam de uma rebelião na qual se recusaram à escravização ainda durante o desembarque do navio negreiro na chamada Bahia da Traição, litoral norte da Paraíba. Outra versão fala da chegada de negros no atual Município de Alagoa Grande fugidos do massacre no quilombo dos Palmares, no período do final do século 17. Essa, inclusive, seria a razão de existir uma localidade Rural chamada Zumbi, no município. É possível, ainda que, Caiana tenha sido formada por descendentes de escravizados no município vizinho, Areia, e libertos antes da assinatura da lei Áurea de 1888. (FERREIRA, 2016, p.3).

O acesso à comunidade é feito através da BR 101, que sai de João Pessoa para Natal, e segue pela BR 230 em direção a Campina Grande. Foi reconhecida pela Fundação Cultural Palmares (órgão que reconhece esses territórios), em maio do ano 2005. Foi o 13º quilombo legítimo reconhecido no Brasil. Porém o percurso para obter esse reconhecimento iniciou-se desde 1988, quando a Associação de Moradores da comunidade se juntou e escreveu uma carta para a Fundação Cultural Palmares para reconhecer o território como tal. Das 42 comunidades quilombolas existentes no estado da Paraíba, é a maior, tanto em território quanto em população.

É uma comunidade que preserva seus costumes e tradições de geração em geração. Desde os coloridos das roupas, dos lenços aos turbantes, novenas, festividades e danças, como: o coco de roda, a ciranda, a capoeira, o maculelê, os grupos de dança afros e seus rituais. Os filhos cultuam da mesma forma como seus pais, avós, bisavós e gerações faziam.

A comunidade tem, atualmente, 118 famílias. A depender da época, esse número aumenta ou diminui, porque a maior parte está situada em uma comunidade chamada Pedra de Guaratiba, localizada no Rio de Janeiro, no município de Santa Cruz.

Essa evasão ocorre porque, na comunidade, a fonte de renda da maioria das pessoas vem do trabalho na lavoura e na agricultura, e a cultura de subsistência é a plantação de feijão, fava, milho, mandioca e algumas verduras e legumes. Porém, quando o inverno não está favorável, dar para ter um subsídio bom para a família, e a maioria parte para outros locais em busca de condições de vida melhores.

Além da Região sudeste, existem famílias da comunidade espalhadas pela Região Norte, como nos estados de Rondônia e Roraima, e aqui na Paraíba, no município de campina Grande, na capital, João Pessoa, e em Alagoa Grande, na zona urbana, onde a comunidade está localizada e onde vive parte dos moradores. Pode-se dizer que vivem tanto na zona rural (no quilombo) quanto na urbana (cidade), pois a maioria tem casa nos dois espaços, devido às condições precárias na época de chuvas, que deixa a comunidade praticamente sem acesso à cidade.

(LIMA Luciene Tavares da Silva. Memórias e Saberes de Caiana dos Crioulos na Formação de Professores: modos e formas de aprender na Educação Quilombola. Dissertação do Mestrado em Formação de Professores. UEPB. 2021).

3ª ATIVIDADE

TERRITÓRIOS QUILOMBOLAS

OBJETIVO:

Aprofundar os conhecimentos relacionado ao território em que habita.

Na terceira atividade, a turma será dividida em grupos de quatro, para discutir a respeito do texto que foi lido na aula anterior e fazer perguntas sobre ele para outro grupo da sala.

Exemplo: Como surgiu a Comunidade Caiana dos Crioulos?; O que é a Fundação Cultural Palmares?; Quantas famílias existem aproximadamente na Comunidade?, entre outras. O professor dará orientações conforme as necessidades de cada grupo.

Escolhe-se um/a aluno/a por equipe para ser o/a entrevistador/a, e outro/a para ser entrevistado/a. Os demais participarão do processo de elaboração.

4ª ATIVIDADE

"HORA DA ENTREVISTA"

A quarta atividade será chamada de 'Hora da Entrevista'. A pessoa escolhida da equipe 'A' como entrevistador/a e a pessoa da equipe 'B', que será entrevistado/a, irá dramatizar uma entrevista de TV para a turma, baseada nas questões feitas e discutidas nos grupos relacionadas ao texto trabalhado em sala.



Imagem: https://www.google.com/search?q=IMAGENS%20DE%20ENTREVISTAS%20REPORTE%20NEGRA%20desenho&tbm=isch&hl=ptBR&tbs=rimg:CVeL2cN1woBxYb0f6BoouEJb&rlz=1C1GCEA_enBR878BR878&sa=X&ved=0CBwQuIIBahcKEwiA1cSI8ZnuAhUAAAAAHQAAAAQJg&biw=1349&bih=568#imgrc=tjMa_JF06APWIM

PONTOS HISTÓRICOS DA COMUNIDADE

OBJETIVO ESPECÍFICO:

Conhecer e valorizar os pontos históricos da comunidade.

5ª ATIVIDADE

Nesta atividade, o professor, juntamente com a turma, fará uma aula campo para visitar os pontos históricos da Comunidade, como:

A casa de Firmo Santino;

A capela com suas passagens bíblicas negras; A casa de Farinha;

O Reino Encantado

Todos os alunos irão anotar ou fotografar - se preferirem - o que foi visto no passeio, pois irão escolher um dos pontos históricos para fazer uma maquete e contar a história daquele local para as demais pessoas da escola.



Imagem: <https://prezi.com/p/ofjsyurhkkz/diversidade-cultural/>

CALENDÁRIO GASTRONÔMICO

Objetivo:

Construir um calendário gastronômico das comidas típicas da comunidade, de acordo com as festividades de Caiana e das comidas que fazem parte de sua cozinha.

1º Momento

Em uma roda de conversa com a turma, os alunos colocarão as comidas típicas mais consumidas na comunidade, e o professor fará anotações.

2º Momento

Em uma cartolina, a turma irá montar, juntamente com o professor, um calendário contendo as comidas que foram apontadas pelos alunos.



Imagem: <https://brasilecola.uol.com.br/cultura/cultura-africana.htm>

RODAS DE CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS COM OS IDOSOS DA COMUNIDADE

As rodas de contação de histórias realizadas com idosos da comunidade são atividades em que os professores convidam um idoso da comunidade, cujo neto ou neta seja aluno da Escola Firmo Santino, para que eles possam contar suas histórias, a história da comunidade e o que vivenciaram em Caiana dos Crioulos.

Objetivo: Valorizar as narrativas de vida dos idosos da comunidade e suas memórias.

1º Momento

No primeiro momento, o(a) idoso (a) convidado(a) se apresenta, conta suas histórias de vida para toda a turma, e os alunos e o professor titular faz anotações.

2º Momento

Os alunos irão escrever, em uma folha de papel, como foi a experiência de ouvir as histórias contadas naquele momento pelo (a) idoso (a).

2º Momento

Os alunos irão escrever em uma folha de papel, como foi a experiência de ouvir as histórias contadas naquele momento pelo idoso(a).



Imagem: <https://www.canstockphoto.com.br/fam%C3%ADlia-africano-11513323.html>

NO VERSO E NO CANTO

Na atividade 'No verso do Canto', os professores proporcionam aos seus alunos, através do ecoar das vozes dos caienses e as letras das cirandas e dos cocos de roda desta comunidade, um momento de musicalidade, trabalhando com eles as letras das cirandas e cocos de Caiana. Também podem trabalhar a poesia e seus versos nas músicas e fazer um trabalho com a oralidade, a leitura e a escrita.

Objetivo:

Conhecer as letras da ciranda e do coco de roda de Caiana dos Crioulos, a fim de valorizá-los.



<https://br.pinterest.com/pin/14707136267872168/>

Ciranda de Caiana dos Crioulos

1.A lavadeira

A lavadeira que lavava minha roupa;
 Ta quase louca de procurar;
 Ela lavava na palha da cana;
 Na cana Caiana
 No canaviá!
 Ela lavava, na palha da cana,
 Na cana Caiana ;
 No canaviá! (bis)

A lavadeira que lavava minha roupa;
 Ta quase louca de procurar;
 Ela lavava na palha da cana;
 Na cana Caiana
 No canaviá!
 Ela lavava, na palha da cana,
 Na cana Caiana ;
 No canaviá! (bis)

2. Morena Jardineira

Morena jardineira;
 O que vinhesse ver?
 Eu vim dançar ciranda;
 Vim namorar com você! (bis)

Morena jardineira;
 O que vinhesse ver?
 Eu vim dançar ciranda;
 Vim namorar com você! (bis)

3. Eu vi cantar o sabiá na Bananeira

Eu vi cantar o sabiá na bananeira amor;
 Na bananeira eu vi o sabiá cantar! (Bis)

Til, tiu, til, til, canta, canta sabiá;
 Til, til , til, til, como é lindo o seu cantar . (bis)

Para trabalhar as letras dos cocos e das cirandas o/a professor/a deverá:

1º Momento:

Apresentá-los à turma;

2º Momento:

Pedir que os alunos apresentem novos cocos de roda e ciranda da comunidade que conhecem.



<https://br.pinterest.com/pin/14707136267872168/>

MARCAS DO MEU POVO

Na atividade 'Marcas do meu povo', será trabalhada a religiosidade. Para isso, os professores devem desenvolver atividades que as crianças possam levar de casa: como essa família apresenta a questão da religiosidade e como cada família vivencia essas marcas do povo de Caiana através da religiosidade.

Trata-se de um trabalho que contempla a diversidade religiosa local.

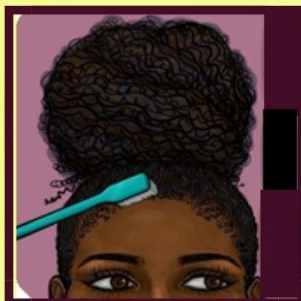
1º Momento:

O(a) professor (a) fará uma roda de diálogo com a turma acerca da diversidade religiosa e abrirá para o debate. Todos os alunos levarão suas narrativas sobre a religiosidade de suas famílias.



Imagem:<https://plenarinho.leg.br/wpcontent/uploads/2018/01/tipos-diferentes-de-religiao-1.jpg>

MEU CABELO, MINHA IDENTIDADE



Fonte: Imagem do google

Na atividade 'Meu cabelo, minha identidade', será uma atividade onde os professores trabalharão com os alunos a questão do cabelo crespo e cacheado, para assim valorizar a identidade de cada criança.

Objetivo:

Valorizar a estética negra dando ênfase ao cabelo crespo e ao cacheado.

1º momento

Apresentar para a turma os diversos tipos de cabelo, mostrando que cada um tem sua beleza



Imagens: <https://br.pinterest.com/pin/648448046334030433/>

POVOS DO MEU QUILOMBO

Na atividade 'Povos do meu Quilombo', os alunos irão conhecer alguns líderes que fizeram e fazem parte do quilombo.

Objetivo:

Conhecer a história dos quilombolas locais e contribuir para o conhecimento de novas narrativa.

1º Momento:

No primeiro momento, o/a professor/a apresentará para a turma a biografia de alguns quilombolas locais que fizeram e fazem a história desse lugar.

2º Momento:

No segundo momento, o/a professor/a pedirá a cada aluno que apresente o nome de um quilombola local que eles conhecem que também contribuem com a história da comunidade. Pode ser um parente ou um conhecido seu. Depois de escolher, escreva a biografia da pessoa escolhida.

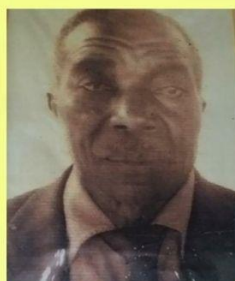
JOÃO JOSÉ DA SILVA



Fonte: Luciene Tavares

João José da Silva, conhecido popularmente como João Teió, nasceu em 20 de maio de 1924. Era filho de Belísia Francisca da Conceição e José Teodósio e nasceu e se criou na Comunidade Quilombola Caiana dos Crioulos. Foi casado com Maria Josefa da Conceição, de quem ficou viúvo logo cedo. Tempos depois, casou-se novamente com a Senhora Maria Feliciano Tavares da Silva.

Foi um dos pioneiros a compor a primeira Bandinha de Pífano da Comunidade, tocando no zabumba. Essa Bandinha era coordenada por seu Pai José Teodósio, conhecido como Zé Teió.

FIRMO SANTINO DA SILVA

Fonte: Marinélia Nascimento

Firmo Santino foi mestre da Bandinha de Pífano Cabaçal e um líder bem conhecido e respeitado, dentro e fora da comunidade. Não é à toa que a escola da comunidade traz seu nome em homenagem a esse mestre. O mestre Firmo Santino da Silva nasceu no dia 12 de junho de 1913, na Comunidade Quilombola Caiana dos Crioulos, e era filho de Josefa Maria da Conceição. Casou-se com Etelvina, com quem teve 12 filhos, porém quatro morreram e se criaram oito. Faleceu no dia 22 de abril de 1995.

JOANA PAULINA DA CONCEIÇÃO



Fonte : Marieneide Caetano

Joana Paulina da Conceição nasceu em 1914 e casou-se com o Senhor Ursulino Sebastião Caetano. É conhecida popularmente como Joana Pola ou Mãe Joana, foi nascida e criada na comunidade.

Uma senhora muito habilidosa que desenvolvia seus trabalhos artesanais, feitos com material extraído da Bananeira e também com a argila.

EDITE JOSÉ DA SILVA



Fonte: Acervo fotográfico do Vivenciando Caiana

Edite José da Silva, nasceu em 08/10/1944 na comunidade Caiana dos Crioulos onde vive até hoje. Filha de José Antônio da Silva e Maria Ana da Conceição. Casou-se aos 19 anos de idade com o senhor Manuel dos Santos Silva, com quem teve 23 filhos, onde destes, 11 são vivos, sendo 10 homens e 1 mulher. Tem 30 netos e 08 bisnetos.

Dona Edite é Mestra em Cultura da Paraíba, coordenadora do Grupo de Ciranda e Coco de Roda Brilho do Coco, da Mestra Edite, integrante da OMNC, auxiliar de serviços gerais da Escola Firmo Santino da Silva, mas exerce a função de merendeira na escola. É uma griot (contadora de histórias), parteira tradicional, rezadeira e vive lutando pelos direitos da população e das mulheres negras. Nas horas vagas, a Mestra Edite desenvolve um trabalho voltado para o artesanato, com material de cipó e diversas bonecas de pano. Gosta de recitar versos e poesias, o que encanta as pessoas que a escutam.

SEVERINA LUZIA DA SILVA



Fonte: Acervo fotográfico do
Vivenciando Caiana

Severina Luzia da Silva , conhecida como Cida, nasceu em 28 de agosto de 1967, na Comunidade Quilombola Caiana dos Crioulos, onde também foi criada. cursou o Ensino Médio em Alagoa Grande e, na comunidade, é coordenadora do grupo de ciranda e coco de roda 'Desencosta da Parede', em que canta e dança.

Foi presidente da Associação de Moradores de Caiana dos Crioulos por diversos anos. Dedicar-se à cultura local e busca ativamente por melhores condições de vida para os jovens quilombolas e toda a população caiense.

ELZA URSULINO DO NASCIMENTO SILVA



**Fonte: Acervo fotográfico do
Vivenciando Caiana**

Elza Ursulino do Nascimento nasceu no dia 15 de janeiro de 1974, onde também foi criada. É filha de Noemi Ursulino do Nascimento e de Ulisses Quirino do Nascimento. Casou-se aos 19 anos com José dos Santos Silva Segundo, com quem tem quatro filhos - dois homens e duas mulheres. Coursou o Ensino Médio completo, é agente comunitária de saúde da comunidade, há 26 anos, coordenadora da OMNC, integrante do grupo de ciranda e coco de roda da Mestre Edite, do Brilho do Coco, compõe a coordenação do Projeto Vivenciando Caiana dos Crioulos e está na militância lutando pelos direitos das mulheres negras.

ANTÔNIO DO NASCIMENTO OLIVEIRA



Fonte: Acervo fotográfico do
Vivenciando Caiana

Antônio Nascimento Oliveira, conhecido popularmente por Totinha. Nasceu no dia 11 de junho do ano de 1986.,filhos de Severino Simão de Oliveira e Maria do Nascimento de Oliveira. Formado em Pedagogia e de religião católica.

Antônio, desde cedo é um jovem ativista que está sempre na luta por melhorias da juventude quilombola, já trabalhou nos anos iniciais da educação Básica e também é fortemente ligadao cultura negra e quilombola.

LUCIENE TAVARES DA SILVA LIMA

Fonte: Júlio Teotônio

Luciene Tavares da Silva Lima nasceu em 04 de agosto de 1989, na Comunidade Quilombola Caiana dos Crioulos, onde também foi criada. Filha de João José da Silva e Maria Feliciano Tavares da Silva. Foi aluna da Escola Firmo Santino da Silva e representante das turmas em que estava inserida.

Cursou o Magistério na Escola Normal Estadual Oswaldo Trigueiro de Albuquerque Mello, em Alagoa Grande, é Graduada em Pedagogia pela Universidade Estadual Vale do Acaraú - UVA, pós-graduada em Psicopedagogia pelas Faculdades Integradas de Patos - FIP e mestranda em Formação de Professores pela Universidade Estadual da Paraíba - UEPB. Em 2010, integrou o corpo docente da Escola Firmo Santino da Silva, onde lecionou em diversas turmas dos anos iniciais do Ensino Fundamental e atuou até 2016. Em 2017, foi gestora dessa mesma instituição.

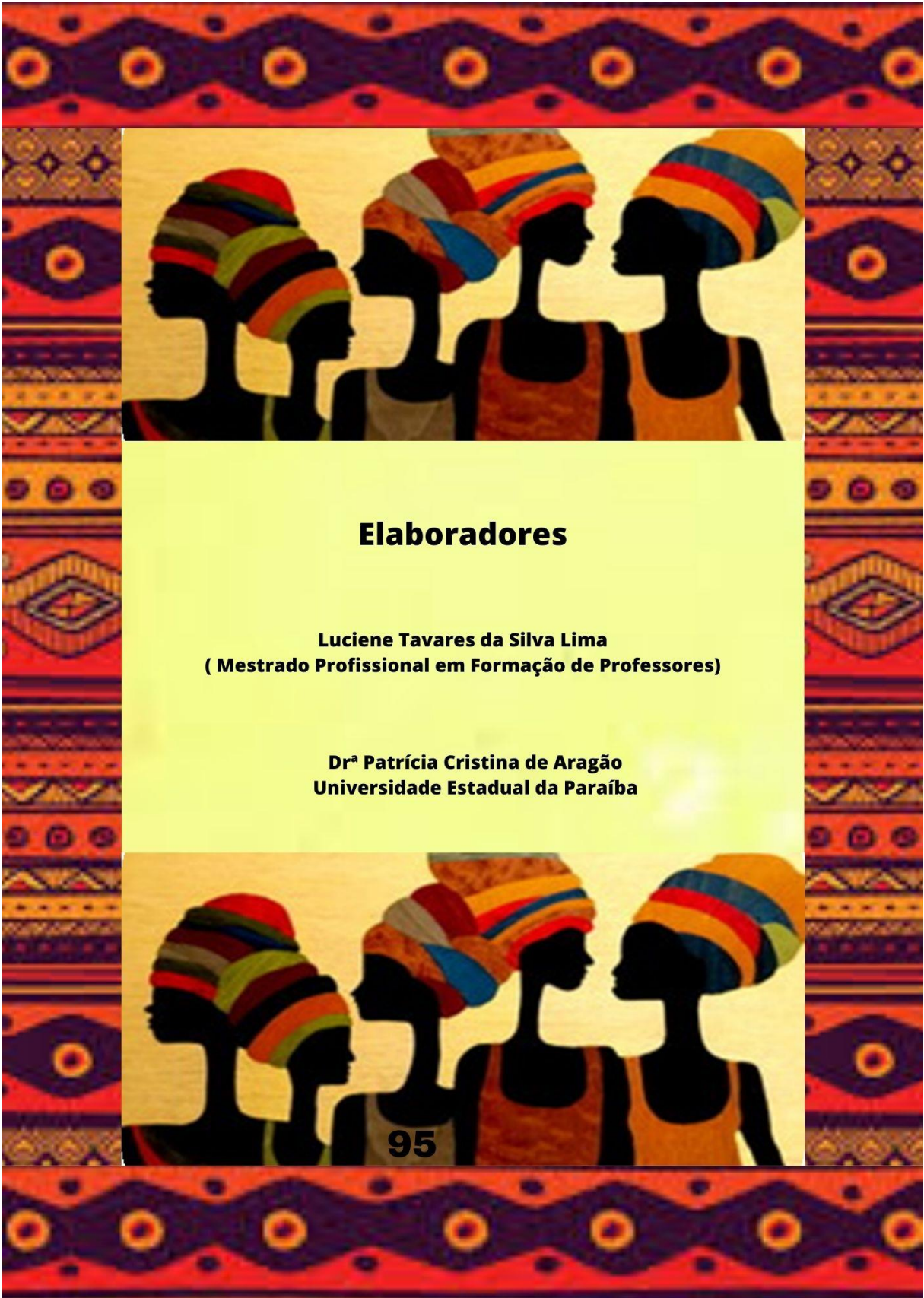
Agora é sua vez!

Escolha uma pessoa da sua comunidade que também contribui para valorizar a cultura local e escreva sua biografia.

(Nome da pessoa escolhida)



(Fotografia/Desenho)



Elaboradores

**Luciene Tavares da Silva Lima
(Mestrado Profissional em Formação de Professores)**

**Dr^a Patrícia Cristina de Aragão
Universidade Estadual da Paraíba**

REFERÊNCIAS

ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto. Memória, narrativas e pesquisa autobiográfica. História da Educação, ASPHE/FaE/UFPel, Pelotas, n.14, p. 79-95, set.2003.

BATISTA, Gláucia Aparecida. Entre causos e contos: gêneros discursivos da tradição oral numa perspectiva transversal para trabalhar a oralidade, a escrita e a construção da subjetividade na interface entre a escola e a cultura popular. Dissertação de Mestrado - Programa de Pós-Graduação da Universidade de Taubaté, área de concentração: Língua Materna. Orientadora: Profª. Drª. Vera Lúcia Batalha de Siqueira Renda Taubaté - SP-2007.

CAMPOS, Leylane Bertoldo de. Potencialidade cultural da Comunidade Quilombola de Caiana dos Crioulos para a atividade turística no brejo paraibano/ Leilane Bertoldo de Campos. João Pessoa, 2012. Monografia (Graduação em Turismo) - Universidade Federal da Paraíba - Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes.

CANDAU, Vera Maria Ferrão. Ser professor/a hoje: novos confrontos entre saberes, culturas e práticas. Porto Alegre, v.37, n.1, p.33-41, jan. /abr.2014.

CARTROGA, Fernando. Memória, história e historiografia/Fernando Cartroga. Rio de Janeiro. Editora FGV, 2015. 100p.- Coleção FGV de bolso. Série História - Inclui bibliografia. ISBN: 978-85-225-1636-0. 1. História. 2. Historiografia. I. Fundação Getúlio Vargas. II. Título. III. Série. CDD- 907.2

CASTRO, Jânio Roque Barros. As festas religiosas em louvor a São João Batista na Bahia: práticas devocionais e elementos míticos na interface sagrado/profano. IV ENECULT - Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura - 28 a 30 de maio de 2008. Faculdade de Comunicação/UFBA, Salvador-Bahia-Brasil.

CAVALCANTE, Fabiana Lopes; SILVA, Edilania de Paiva; DOURADO, Emanuela Oliveira Carvalho. Panorama da Educação Quilombola e a formação para professores a partir da Lei 10.639/2003. Fabiana Lopes Cavalcante - Universidade do Estado da Bahia - UNEB - Edilania de Paiva Silva-Universidade do Estado da Bahia - UNEB - Emanuela Oliveira Carvalho Dourado - Universidade do Estado da Bahia - UNEB Lucemberg Rosa de Oliveira - Universidade do Estado da Bahia - UNEB - Seminário Gepráxis, Vitória da Conquista- Bahia - Brasil, v. 6, n. 6, p 1236- 1250, 2017.

GOMES, Nilma Lino. Relações Étnico-raciais, Educação e descolonização dos Currículos - Currículo sem Fronteiras, v.12, n.1, pp. 98-109, Jan/Abr2012 ISSN 1645-1384

_____. Diversidade étnico-racial, inclusão e equidade na educação brasileira: desafios, políticas e práticas. RBPAAE - v.27, n.1, p. 109-121, jan./abr. 2011.

_____.Relações Étnico-raciais, educação e descolonização dos currículos - Currículo sem Fronteiras, v.12, n.1, pp. 98-109,Jan/Abr 2012 ISSN 1645-1384 (online)www.curriculosemfronteiras.org 98.Nilma Lino Gomes Universidade Federalde Minas Gerais- UFMG.

GUEDES, Elocir. NUNES, Pâmela. ANDRADE, Tatianede. O uso da Lei 10.639/03 em sala de aula. Revista Latina Americana de História. VI.2, nº.6 - Agostode 2013- Edição especial.

HALBACHS, Maurice. A Memória Coletiva. Traduzido do original francês. La Mémoire Collective (2.ª ed.). Presses Universitaires de France - Paris, França, 1968. c. 1950, Presses Universitaires de França. Tradução de Laurent Léon Schaffter.

IBERNÓN, Francisco. Qualidade do ensino e formação do professorado: uma mudança necessária/ Francisco Ibernón; (Tradução Silva na Cabucci Laite). São Paulo: Cortez, 2016.

PEREIRA, Luciana de Araújo. NAS TRILHAS DE UMA COMUNIDADE QUILOMBOLA: TRADIÇÃO, ORALIDADE, MEMÓRIA COLETIVA E IDENTIDADE. UNIVERSIDADE ESTADUAL DEFEIRA DE SANTANA - Departamento de Letras e Artes PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS LINGUÍSTICOS MESTRADO EM ESTUDOSLINGUÍSTICOS – MEL- Feira de Santana, BA/2014.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. Rio de Janeiro. vai. S.o. IO, 1992, p. 200-212.

_____. Memória, esquecimento, silêncio. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, 1989, p. 3-15.

SANTOS, Nádía Farias dos. Entre saberes e fazeres docentes: o ensino das relações étnico-raciais no cotidiano escolar. / Nádía farias dos Santos.-1.ed.-Curitiba: Appris,2018. 157p.21cm(Ciências Sociais.

SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves e. Crianças negras entre a assimilação e a negritude. Universidade Federal de São Carlos, UFSCar, São Carlos-SP, Brasil -ISSN 1982-7199 | DOI: <http://dx.doi.org/10.14244/198271991137> Revista Eletrônica de Educação,v. 9, n. 2, p. 161-187, 2015.

LIMA, Hezrom Vieira Costa. "JÁ VEIO TUDO DOS ANTEPASSADOS": festas, tradições e identidade de Caiana dos Crioulos. Revista Paraibana de História. Ano II, n.2,primeiro semestre de 2016. ANPUH-PB,Jan- jul/PP.110-137,2016.



6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

... De luta, força e garra;
 Negros de muita resistência;
 Temos força de vontade;
 Valorizamos nossa crença.
 Nossa herança cultural;
 Nosso legado, aonde vamos;
 Terços, novenas e festas;
 Aqui sempre festejamos.
 A Caiana é um paraíso;
 Orgulho para quem nela está
 Aquele que um dia veio
 Ficou com pena de voltar.
 Aqui vou finalizando,
 Pois tenho muito a falar,
 Se for contar toda história,
 Não há papel que caberá.
 Despeço-me com orgulho
 Tendo um convite a fazer,
 Se não conheces a Caiana,
 Então venhas conhecer!
 (LUCIENE TAVARES DA SILVA LIMA)

A partir das rimas dessa poesia sobre este solo que me representa e faz parte da trajetória de meu viver e onde construí minha identidade de pertença, chamado Caiana dos Crioulos, é que chegamos às considerações finais deste estudo, que nos levou a compreender a importância de desenvolver uma pesquisa voltada para as memórias quilombolas como contribuintes da formação continuada dos professores do quilombo.

A escrita deste trabalho dialoga com os saberes e fazeres do quilombo e contribui, de forma significativa, com a formação dos estudantes na educação escolar, porque, através deles, os educandos se sentem valorizados e inseridos no ambiente escolarizado.

Como uma mulher negra, quilombola, professora e pesquisadora, percebi, com base na óptica dos idosos do quilombo e suas narrativas como contribuintes para a formação docente, que é possível educar para a diversidade. Portanto, este é um estudo que contribui com o processo educativo e faz a escola desenvolver um trabalho focado nos saberes do quilombo que visa à valorização dos povos e da cultura quilombola, além de trabalhar a afirmação e a identidade negra e quilombola das crianças da escola e seu pertencimento étnico-racial.

Acreditamos que esta pesquisa, para além do município onde a escola se localiza e do Programa de Pós-Graduação em Formação de Professores, tem um alcance e relevância educacional, social, cultural e memorial; **educacional**, por tecer um diálogo acerca do processo da educação escolar com um olhar voltado para a formação docente, focada na Educação Escolar Quilombola, em que as memórias do quilombo ganham visibilidade; **social**, porque, além da visibilidade que dá às histórias do quilombo, valoriza os saberes dos caianenses, e para além do *lócus* da pesquisa, são conhecimentos que podem contribuir com outros territórios de quilombos e instituições educacionais; **cultural**, porque traz toda a trajetória de Caiana dos Crioulos, suas manifestações culturais e suas formas de organizar os momentos vividos dentro do quilombo, num processo coletivo; e **memorial**, porque trabalha com as memórias e suas possibilidades, já que é um trabalho que traz as memórias das pessoas idosas do quilombo, suas histórias de vida, vivências e experiências para serem trabalhadas na escola, que une a oralidade com o mundo escrito, deixando registradas, para que as futuras gerações possam tomar conhecimentos da história desse território, esse solo sagrado.

A escrita deste trabalho fez com que nos aprofundássemos em diversas áreas do conhecimento voltadas para as relações étnico-raciais e quilombolas e, a partir das narrativas de vida dos idosos da comunidade, ter um olhar mais compreensivo para o pertencimento identitário do povo quilombola, fazendo com que a escola possa ter essa percepção e emergir num trabalho significativo, do qual os professores, com os conhecimentos adquiridos, serão multiplicadores, e caminhar por uma sociedade mais justa e igualitária.

Isso nos possibilitou compreender que o trabalho com as memórias, que traz as vivências e as experiências do povo do quilombo para a formação das crianças da escola mediados pelos professores, contribui para manter a identidade e a memória do povo quilombola, não somente em Caiana dos Crioulos, mas também em todo o Brasil, trazendo um diálogo tão necessário, que é a Educação Escolar Quilombola e sua inserção na prática.

Este estudo nos fez perceber que o trabalho educativo é sobremaneira importante para desconstruir estereótipos e produzir um caderno pedagógico que contribuirá para a formação continuada dos docentes da Escola Firmo Santino da Silva da Comunidade Quilombola Caiana dos Crioulos, o que foi gratificante, porque

subsidiará a prática educativa dos professores e ressignificará sua práxis pedagógica, porquanto foi um material pensado visando à realidade local.

Por essa razão, compreendemos que as contribuições desta pesquisa vão além do contexto pesquisado, porque, além da parte educativa, faz com que reflitamos sobre nossas ações no dia a dia acerca dos territórios tradicionais e seu povo, ao mesmo tempo em que é um material fácil de utilizar e pode ser utilizado pelos professores tanto na escola do Quilombo quanto em outras localidades.

É preciso ter um olhar voltado para a Educação Escolar Quilombola. Para isso, é necessário ressignificar os currículos das escolas e nossa práxis pedagógica. Só assim, conseguiremos desenvolver um trabalho pautado na diversidade, em que todos sejam inseridos e contemplados. “Nossos passos vêm de longe”!

COLABORADORES

Elza Ursulino do Nascimento Silva, Josefa da Silva, Valdízia Maria Silva do Nascimento, Antônio Nascimento Oliveira, Marinélia do Nascimento Santino, Severina Maria do Nascimento, Severina Luzia da Silva, Maria de Lourdes do Nascimento Germino, Maria das Neves do Nascimento, José do Nascimento, Gerlane Salvino, e Vandileide da Silva Santos.

REFERÊNCIAS

- ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto. **Memória, narrativas e pesquisa autobiográfica.** História da Educação, ASPHE/ FaE/UFPel, Pelotas, n.14, p. 79-95, set.2003.
- ALAMAR FILHA, Edneuda Amâncio Benevides. **A Novena de Terno entre o sagrado e o profano [manuscrito]: práticas culturais no Sítio Verde entre 1981 e 2011/**Edneuda Amâncio Benevides Alamar Filha, 2011. 8f.il.:color- digitado. Trabalho de conclusão de curso (Graduação em História) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2011. Orientação: Porfa. Dra. Maria do Socorro Cipriano, Departamento de História. 1. Novena de terno.2. Prática do cre.3. Práticas culturais. I. título. 21. Ed. CDD246.7.
- BAUMAN, Zygmunt, 1925- B341c. **Comunidade: a busca por segurança no mundo atual** / Zygmunt Bauman; tradução Plínio Dentzien - Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003.
- BARROSO, Iraci de Carvalho. **Saberes e práticas das parteiras tradicionais do Amapá: histórias e memórias/** Iraci de Carvalho Barroso. Campinas, SP: [s.n.],2001. Orientador: Rago, Luzia Margareth. Dissertação (Mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas.
1. Parteiras. 2.Tradição oral. 3. Memória. 4. Parto normal. 5. Saúde da mulher - Amapá. 6. Políticas públicas - Amapá. I. Rago, Luzia Margareth. II. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. III Título.
- BATISTA, Gláucia Aparecida. **Entre causos e contos: gêneros discursivos e tradição oral numa perspectiva transversal para trabalhar a oralidade, a escrita e a construção da subjetividade na interface entre a escola e a cultura popular.** Dissertação de Mestrado - Programa de Pós-Graduação da Universidade de Taubaté, área de concentração: Língua Materna. Orientadora: Prof^a. Dr^a. Vera Lúcia Batalha de Siqueira Renda Taubaté – SP, 2007.
- BRASIL. Ministério da Educação / Secretaria da Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. **Orientações e Ações para Educação das Relações Étnico-Raciais** - Brasília: SECAD, 2006.
- BRASIL. **Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica.** Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão. Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais da Educação Básica. Brasília: MEC; SEB; DICEI, 2013.
- BRASIL. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-brasileira e Africana.** Brasília / DF - outubro - 2014.
- BRASIL. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola.** CNE/CEB Nº: 16/2012- Ministério da Educação/Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão (MEC/SECADI), Secretaria de Educação

Básica (MEC/SEB) e Conselho Nacional de Educação/Câmara de Educação Básica (CNE/CEB) / DF. RELATORA: Nilma Lino Gomes. PROCESSO Nº: 23001.000113/2010-81.-2012.

CAMPOS, Leylane Bertoldo de. **Potencialidade Cultural da Comunidade Quilombola de Caiana dos Crioulos para a atividade turística no brejo paraibano/** Leilane Bertoldo de Campos. - João Pessoa, 2012. Monografia (Graduação em Turismo) - Universidade Federal da Paraíba – Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes.

CANDAU, Vera Maria Ferrão. **Ser professor/a hoje: novos confrontos entre saberes, culturas e práticas.** Porto Alegre, v.37, n.1, p.33-41, jan. /abr.2014.

CARTROGA, Fernando. **Memória, história e historiografia/**Fernando Cartroga. Rio de Janeiro. Editora FGV,2015. 100p.- Coleção FGV de bolso. Série História). Inclui bibliografia. ISBN: 978-85-225-1636-0. 1.História.2. Historiografia. I. Fundação Getúlio Vargas. II. Título. III. Série. CDD- 907.2.

CASTRO, Jânio Roque Barros. **As festas religiosas em louvor a são João Batista na Bahia: práticas devocionais e elementos míticos na interface Sagrado / profano.** IV ENECULT - Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura - 28 a 30 de maio de 2008, Faculdade de Comunicação/UFBa, Salvador-Bahia-Brasil.

CAVALCANTE, Fabiana Lopes; SILVA, Edilania de Paiva; DOURADO, Emanuela Oliveira Carvalho. **Panorama da Educação Quilombola e a Formação para Professores a partir da Lei 10.639/2003.** Fabiana Lopes Cavalcante-Universidade do Estado da Bahia – UNEB - Edilania de Paiva Silva - Universidade do Estado da Bahia – UNEB - Emanuela Oliveira Carvalho Dourado - Universidade do Estado da Bahia - UNEB Lucemberg Rosa de Oliveira - Universidade do Estado da Bahia - UNEB - Seminário Gepráxis, Vitória da Conquista – Bahia – Brasil, v. 6, n. 6, p 1236-1250, 2017.

CESE. Projetos que mudam vidas. **Equidade racial: sistematização do Projeto de Fortalecimento Institucional.** Material publicado pela Cese em 2015 com o apoio da W.K. KELLOGG OUNDATION.

CEDRO, Marcelo. **Pesquisa social e fontes orais: particularidades da entrevista como procedimento metodológico qualitativo.** Revista Perspectivas Sociais Pelotas, Ano 1, N. 1, p. 125-135, março/2011.

COELHO, Wilma de Nazaré Baía; SOARES, Nicelma osenila Brito. **A implementação das leis nº 10.639/2003 e nº 11.645/2008 e o impacto na formação de professores.** Educ. Foco, Juiz de Fora, v.21, n. 3, p. 573-606- set. / dez. 2016.

CONCEIÇÃO, Marcio Santos da. **A (RE) Invenção de si através das narrativas autobiográficas.** – Pontos de Interrogação, v 9 n. 1, jan. - jun., p. 91-112,2019.

CRUZ, Francinete Pereira. **O lugar do turismo no Programa Brasil Quilombola - PBQ: a experiência construída no Quilombo de Ivaporunduba no Vale do Ribeira**

- **SP/ Francinete Pereira Cruz Orientador Luís Carlos Spiller.** —Brasília, 2016.1441p. Dissertação de Mestrado Profissional em Turismo. Universidade de Brasília, 2016.

DANTAS, Vianna Carolina; MATTOS, Hebe; ABREU Martha. **O negro no Brasil: trajetórias e lutas em dez aulas de História/** Carolina Vianna Dantas, Hebe Mattos, Martha Abreu (org.). 1ª ed. Rio de Janeiro: Objetiva 2012. 23cm. 166p. ISBN 978-85-390-00426-3. 1. Educação – Brasil- História. 2. Escravidão – Brasil- História.3. Nero - Brasil. 4. Movimento Sociais - Brasil. I. Dantas, Carolina Vianna, 1977- II. Mattos, Hebe III. Abreu, Martha.

DIAS, Maria Djair. **Histórias de vida: as parteiras tradicionais e o nascimento em casa.** Revista Eletrônica de Enfermagem, v. 09, n. 02, p. 476 - 488, 2007. Disponível em <http://www.fen.ufg.br/revista/v9/n2/v9n2a14.htm>.

DODEBAI Francisco R; GEIGER Amir; GONDAR Jô. **Por que memória social? /** Amir Geiger ... [et al.] ; Vera Dodebei, Francisco R. de Farias, Jô Gondar (Org.) — 1. ed. - Rio de Janeiro: Híbrida, 2016.379 p.: il.; 23 cm. — (Revista Morpheus: estudos interdisciplinares em Memória Social: edição especial, ISSN 1676-2924; v. 9, n. 15).

DUARTE, Alexandre Ambiel Barros Gil. MENEZES, Celso Vianna Bezerra de. **Antropologia da Performance: a liminaridade e as contradições do social.** Movimento 2005 (1974): 2008. FOUCAULT, Michel. 1996. A Ordem do Discurso. São Paulo: Loyola.

BOSI, Eclêa. Memória e Sociedade: lembranças de velhos. Eclêa Bosi. Universidade de São Paulo – Rosália de Castro - Poesias (tradução do galego e do espanhol). São Paulo, Ed. Nós, 1968. Cultura de massa e cultura popular: leituras de operários. Petrópolis, Vozes, 1972. Simone Weil: A condição operária e outros estudos sobre a opressão (organização e apresentação). Rio, Paz e Terra, 1979. A cultura do povo (em colaboração). São Paulo, Cortez e Moraes, 1979.

FRANCISCO, Cláudio Gonçalves. MOREIRA Kardênia Almeida. **Educar para emancipar ou emancipar para educar? E26 EDUCAÇÃO Política e Docência: formação em contextos locais/ organização Jean Mac Cole Tavares Santos...** [et al.]. - 1.ed. – Curitiba, PR: CRV,2013. 210p.

FERREIRA, José Cândido Lopes. **Quilombo Caiana dos Crioulos/** José Cândido Lopes Ferreira. – Belo Horizonte: FAFICH,2016.

FURTADO, Marcella Brasil; PEDROZA, Regina Lúcia Sucupira; ALVES, Cândida Beatriz. **Cultura, identidade e subjetividade quilombola: uma leitura a partir da Psicologia Cultural.** Universidade de Brasília, Brasília/ DF, Brasil. Psicologia e Sociedade, 26(1), 106-115. C.B.2014.

FREIRE, Paulo; SHOR, Ira. **Medo e Ousadia- O cotidiano do professor/** Ira Shor, Paulo Freire; tradução de Adriana Lopez; revisão técnica de Lólio Lourenço de Oliveira - Rio de Janeiro: Paz e Terra,1986.

GONDAR, Jô. **Por que memória social? /** Amir Geiger ... [et al.]; Vera Dodebei, Francisco R.de Farias, Jô Gondar (Org.) — 1. ed. — Rio de Janeiro: Híbrida, 2016.379

p.: il.; 23 cm. — (Revista Morpheus: estudos interdisciplinares em Memória Social: edição especial, ISSN 1676-2924; v. 9, n. 15) - Morpheus: revista de estudos interdisciplinares em memória social, Rio de Janeiro, v. 9, n. 15, 2016.

GONDAR, Jô. **Memória individual, memória coletiva e memória social.** Morpheus - Revista Eletrônica em Ciências Humanas- ano 08, número 13,2008- ISSN1676

GOMES, Flávio dos Santos. **De olho em Zumbi dos Palmares: história, símbolos e memória social/** Flávio dos Santos Gomes; coordenação: Lília Moritz Schwarcz e Lúcia Garcia – 1ª.- São Paulo: Claro enigma, 2011. ISBN 978-85-61041-1695. 1. Brasil – História. Palmares, 1630-1695. 2. Zumbi, m.1695 I. Schwarcz, Lília Moritz. II. Garcia, Lúcia. III. Título.

GOMES, Laurentino, 1956- **Escravidão: do primeiro leilão de cativos em Portugal à morte de Zumbi dos Palmares.** 1/Laurentino Gomes. – 1. Ed.- Rio de Janeiro: Globo Livros, 2019 (Uma história da escravidão no Brasil 1).

GOMES, Nilma Lino. **Diversidade Cultural, currículo e questão racial:** desafios para a prática pedagógica. IN: ABRAMOWICZ, Anete; BARBOSA, Maria de Assunção; SILVERIO, Valter Roberto (Orgs.). Educação como prática da diferença. Campinas: Armazém do Ipê (Autores Associados), 2006

GOMES, Nilma Lino. **Relações étnico-raciais, educação e descolonização dos currículos** - Currículo sem fronteiras, v.12, n.1, pp. 98-109, Jan/Abr. 2012 ISSN 1645-1384 - (online) www.curriculosemfronteiras.org 98. Nilma Lino Gomes Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG.

_____. **Diversidade étnico-racial, inclusão e equidade na educação brasileira: desafios, políticas e práticas.** RBPAE – v.27, n.1, p. 109-121, jan./abr. 2011.

_____. **Educação, identidade negra e formação de professores/as: um olhar sobre o corpo negro e o cabelo crespo.** Nilma Lino Gomes - Universidade Federal de Minas Gerais. Educação e Pesquisa, São Paulo, v.29, n.1, p. 167-182, jan./jun. 2003.

_____. **O Movimento Negro educador: saberes construídos nas lutas por emancipação/** Nilma Lino Gomes. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2017. 3ª Reimpressão, 2018. ISBN 978-85-326-5579-0. 1. Educadores 2. Movimentos Sociais 3. Negros Brasil - Condições Sociais 4. Negros – Educação 5. Sociologia Educacional I. Título.

GUEDES, Elocir. NUNES, Pâmela. ANDRADE, Tatiane de. **O uso da lei 10.639/03 em sala de aula.** Revista Latino-americana de História. VI.2, nº.6 – Agosto de 2013- Edição especial.

GUEDES, Elocir; NUNES, Pâmela; ANDRADE, Tatiane de. **O uso da lei 10.639/03 em sala de aula.** Revista Latino- Americana de História. Vol. 2, nº.6- agosto de 2013- edição especial. - PPGH-UNISINOS.

HALBACHS, Maurice. **A memória coletiva. Traduzido do original francês.** La Mémoire Collective (2.^a ed.). Presses Universitaires de France - Paris, França, 1968. c. 1950, Presses Universitaires de França. Tradução de Laurent Léon Schaffter.

IBERNÓN, Francisco. **Qualidade do ensino e formação do professorado: uma mudança necessária/** Francisco Ibernón; (Tradução Silvana Cabucci Laite). São Paulo: Cortez, 2016.

JARDIM, Juliana Gomes. **O uso da etnografia da pesquisa em Educação. XI Congresso Nacional de Educação.** EDUCERE. 2013. II Seminário Internacional de Representações Sociais, Subjetividade e Educação - SIRSSE. IV Seminário Internacional Sobre Profissionalização Docente - SIPD/CÁTEDRA UNESCO. Pontifícia Universidade Católica do Paraná. Curitiba, de 23 a 26/9/2013.

LEITE, Ilka Boaventura. QUILOMBOS E QUILOMBOLAS: CIDADANIA OU FOLCLORIZAÇÃO? **Ilka Boaventura Leite - Universidade Federal de Santa Catarina – Brasil. Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 5, n. 10, p. 123-149, maio 1999 - Quilombos e quilombolas - <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-71831999000100006>.

LIMA, Hezrom Vieira Costa. **Já veio tudo dos antepassados: história, memória e identidade étnica em Caiana dos Crioulos/** Hezrom Vieira da Costa Lima - João Pessoa, 2015. 170f.: il. Orientadora: Solange Pereira da Rocha. Dissertação (Mestrado) - UFPB/CCHLA. 1 História regional. 2. Quilombolas - Comunidade de Caiana dos Crioulos - Alagoa Grande-PB. 3. Memória. 4. Tradição. 5. Identidade étnica.

_____.” **Já veio tudo dos antepassados”: festas, tradições, e identidade de Caiana dos Crioulos.** Revista Paraibana de História. Ano II, n. 2, primeiro semestre de 2016. ANPUH-PB. Jan- jul/PP.110-137, 2016.

LLNKE, Paula Piva. **A moda, a indumentária, o traje popular e o figurino.** Paula Piva Llnke (UniCesumar) - VI Congresso Internacional de História - 25 a 27 de setembro de 2013.

MACÊDO, Dinalva de Jesus Santana. MESSENDER, Marcos Luciano Lopes. QUEIROZ, Delceles Mascarenhas. **Educação Escolar em Comunidades Quilombolas do Território de Identidade do Velho Chico - BA.** Ver. FAEEBA- Ed. E Contemp., Salvador, v.26, n. 49, p.113 a 118, maio/ago. 2017.

MARIN, Raquel Cornélio e COMIN, Fábio Scorsolini. **Desfazendo o “mau-olhado”: magia, saúde e desenvolvimento no ofício das benzedeiras.** Universidade Federal do Triângulo Mineiro, MG, Brasil. Psicologia: Ciência e Profissão Abr/Jun. 2017 v. 37 n°2, 446-460. <https://doi.org/10.1590/1982-3703002352016>.

MATTOS, CLG. **A abordagem etnográfica na investigação científica.** In MATTOS, CLG., and CASTRO, PA., orgs. *Etnografia e educação: conceitos e usos* [online]. Campina Grande: EDUEPB, 2011. pp. 49-83. ISBN 978-85-7879 190-2. Available from SciELO Books <http://books.scielo.org>.

MATOS, Wesley Santos de; EUGÊNIO, Bendito Gonçalves. **Comunidades quilombolas: elementos conceituais para sua compreensão.** PRACS: Revista Eletrônica de Humanidades do Curso de Ciências Sociais da UNIFAP <https://periodicos.unifap.br/index.php/pracs> ISSN 1984-4352 Macapá, v. 11, n. 2, p. 141-153, jul./dez. 2018. DOI: 10.18468/pracs.2018v11n2.p141-153 PRACS: Revista Eletrônica de Humanidades do Curso de Ciências Sociais da UNIFAP <https://periodicos.unifap.br/index.php/pracs> ISSN 1984-4352 Macapá, v. 11, n. 2, p. 141-153, jul./dez. 2018.

MIRANDA, S. A. de. **Quilombos e Educação: identidades em disputa.** Quilombos e Educação: identidades em disputa. Shirley Aparecida de Miranda - Educar em Revista, Curitiba, Brasil, v. 34, n. 69, p. 193-207, maio/jun. 2018.

MOREIRA, Celuta dos Santos Rosa; ALMEIDA SISSI, Severina Alves de; MOURA, Ana Aparecida; SOUSA, Rosineide Magalhães. **Rezas e benzedeadas: contribuições dos saberes tradicionais Kalunga para a educação do campo.** Facit Business and Technology Journal. J Business Techn. 28 2018;5(1):28

MOURA, Renata. **A dança afro ao encontro da Educação Popular.** Monografia apresentada como requisito para a conclusão do Curso de Especialização em Pedagogia da Arte da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre- 2010.

NACIF; Paulo Cezar Miranda. **Padrinhos, afilhados e compadres: apontamentos sobre o parentesco espiritual contraído pelo ritual católico do batismo no âmbito do Antigo Regime 1.** XXVII Simpósio Nacional de História/ Conhecimento histórico e diálogo Social – Natal - RN- 22 a 26 de julho de 2013.

NEPOMUCENO, Eric Brasil; MENDONÇA, Camila. **1888: Abolição e abolicionismos.** - O negro no Brasil: trajetórias e lutas em dez aulas de história/ Carolina Vianna Dantas, Hebe Mattos, Martha Abreu (org.). 1ª ed. Rio de Janeiro: Objetiva 2012. 23cm. 166p. ISBN 978-85-390-00426-3. 1. Educação – Brasil- História. 2. Escravidão – Brasil- História.3. Negro- Brasil. 4. Movimento Sociais- brasil. I. Dantas, Carolina Vianna, 1977- II. Mattos, Hebe III. Abreu, Martha.

NUNES. Joaquim Moreira; INFANTE, Maria. **Pesquisa-ação: uma metodologia de consultoria.** ESCOLA POLITÉCNICA DE SAÚDE JOAQUIM VENÂNCIO., org. Formação de pessoal de nível médio para a saúde: desafios e perspectivas [online]. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 1996. 224 p. ISBN 85-85676-27-2. Available from SciELO Books <http://books.scielo.org>.

OLIVEIRA, Inês Barbosa de. **Boaventura e a Educação/ Inês Barbosa de Oliveira.** 2.ed. – Belo Horizonte: Autêntica ,2008.144p. – (Pensadores e a Educação,8. ISBN 978-8-7226-193-4. 1. Educação. I. Santos, Boaventura de Sousa. I. Título. II série. 2008.

PAIVA, Ricardo de; SOUZA, Vânia Rocha Fialho de Paiva e. Relatório de Identificação: Caiana dos Crioulos - Alagoa Grande/PB. Recife, junho de 1998.

PEIRANO, Mariza. **Rituais ontem e hoje**. Coleção passo a passo. Ciências Sociais passo a passo. Direção Celso Castro. Filosofia passo a passo; Direção: Denis L. Rosenfield - Psicanálise passo a passo; Direção: Marco Antônio Coutinho Jorge. Copy right c 2003, Mariza Peirano.

PEREIRA, Luciana de Araújo. **Nas trilhas de uma comunidade quilombola: tradição, oralidade, memória coletiva e identidade**. Universidade Estadual de Feira de Santana, Departamento de Letras e Artes. Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos. Mestrado em Estudos Linguísticos – MEL; Feira de Santana, Ba/2014.

POLLAK, Michael. **Memória e identidade social**. Rio de Janeiro., vai. S.o. IO, 1992, p. 200-212.

_____. **Memória, esquecimento, silêncio**. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, 1989, p. 3-15.

REIS, Maria Clareth Gonçalves. Educação Escolar Quilombola: proposta de uma educação diferenciada. In. Revista da ABPN. v. 8, n. 19.mar. 2016 – jun. 2016, p.121-139.

ROCHA Max Silva da. SILVA, José Bezerra da. **Reflexões sobre educação escolar quilombola**. Leitura: teoria e prática, Campinas, São Paulo, v. 34, n. 68, p. 79-91, 2016.

RODRIGUES, Sebastião Alves; SANTOS, Marizete Santana dos. **Aspectos históricos e educacionais que caracterizam a comunidade quilombola de Limitão em Castro/PR: Resgate de uma cultura vivida**. Sebastião Alves Rodrigues1- UNINTER - Marizete Santana dos Santos 2- EDUCERE- XII Congresso Nacional de Educação - PUCPR. IV Seminário Internacional sobre Profissionalização Docente SIPD – Cátedra - UNESCO. EDUCERE – PUCPR 26 a 29/10/2015.

SANTOS, Nádia Farias dos. **Entre saberes e fazeres docentes: o ensino das relações étnico-raciais no cotidiano escolar**. / Nádia Farias dos Santos. 1.ed.- Curitiba: Appris,2018. 157 p. 21cm - Ciências Sociais.

SANTOS, José Luiz, dos 1949 - **O que é cultura**/ José Luiz dos Santos.- São Paulo: Brasiliense, 2005 (Coleção primeiros passos;110). 11º reimpr. da 16. Ed.de 1996 ISBN 85-11-01110- 1. Cultura. I. Título. II. Série.

SANTOS, Pedro Fernando dos. **Memórias que educam: narrativas dos velhos do quilombo de Santana - PE - para a formação da juventude e preservação dos saberes da tradição**. / Pedro Fernando dos Santos. Mossoró, RN, 2015. Orientador: Profª. Dra. Ana Lúcia Oliveira Aguiar. Dissertação (Mestrado em Educação. Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. Programa de Pós-Graduação em Educação, 2015.

SANTOS, Marciano Alves dos. **Educação Escolar Quilombola: currículo, cultura, fazeres e saberes tradicionais no Ensino de Química** - [manuscrito] / MARCIANO

ALVES DOS SANTOS. - 2018 . 81f. Orientador: Prof. Anna Maria Canavarro Benite. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Goiás, Instituto de Química (IQ), Programa de Pós-Graduação em Química, Goiânia . 2018.

SAVIANI, Dermeval, 1944 - **Pedagogia histórico-crítica: primeiras aproximações**/Dermeval Saviani11. ed. rev.— Campinas, SP: Autores Associados, 2011 (Coleção Educação Contemporânea) Bibliografia ISBN 978-85-85701-09-3 1. Autodeterminação (Educação) - Brasil 2. Educação - Brasil 3. Educação - Filosofia. 4. Pedagogia I. Título. II. Série 95-1345

SCHMIDT, Maria Luísa Sandoval; MAHFOUD, Miguel. Halbwichs: **Memória Coletiva e Experiência**. Instituto de Psicologia - USP. Psicologia USP- S. Paulo, 4 (1/2), p. 285-298,1993.

SHOR, Ira. **Medo e ousadia: o cotidiano do professor**/ Ira Shor, Paulo Freire; tradução de Adriana Lopez; revisão técnica de Lólio Lourenço de Oliveira - Rio de Janeiro: Paz e Terra,1986.

SILVA, Eldio Pinto da. **As filhas do Arco- íris**, de Eulício Farias de Lacerda: mitos, lendas e contos populares. Como elementos estruturantes do romance/ Eldio Pinto da Silva. Natal, RN, 2008.

SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves e. **Crianças negras entre a assimilação e a negritude**. Universidade Federal de São Carlos, UFSCar, São Carlos-SP, Brasil- ISSN 1982-7199 | DOI: <http://dx.doi.org/10.14244/198271991137> Revista Eletrônica de Educação, v. 9, n. 2, p. 161-187, 2015.

SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves e. SILVÉRIO, Valter Roberto. **Educação e ações afirmativas: entre a injustiça simbólica e a injustiça econômica** /organização, Petronilha Beatriz Gonçalves e Silva e Valter Roberto Silvério –Brasília: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, 2003. 270 p. : il. 1. Negros. 2. Consciência negra. 3. Desigualdades sociais. 4. Discriminação racial. I. Silva, Petronilha Beatriz Gonçalves e. II. Silvério, Valter Roberto. III. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira.

SILVA, Severino dos Ramos. **Registros de contos e cantos nas Comunidades Quilombolas do Seridó Ocidental do RN**. Trabalho de conclusão de curso na modalidade Relatório de Documentário, apresentado ao Curso de Especialização em História e Cultura Africana e Afro-brasileira da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Centro de Ensino Superior do Seridó, Campus de Caicó, Departamento de História, 2016.

SILVA, Toma Tadeu da. **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**/ Tomaz Tadeu da Silva (org.). Stuart Hall, Kathryn Woodward.9.ed.- Petrópolis, RJ: Vozes, 2009. ISBN 978-85-326-213-0. 1. Diferenças individuais 2. Identidades I. Hall, Stuart. II. Woodward, kathyn. III. Título. 00-3345 CDD-302.

SILVEIRA, Oliveira. **Vinte de novembro: história e conteúdo. Educação e ações afirmativas: entre a injustiça simbólica e a injustiça econômica**. Brasília - DF- 2003/EDITORIA | Inep/MEC – Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas

Educacionais Anísio –Teixeira. Esplanada dos Ministérios, Bloco L, Anexo 1, 4º Andar, Sala 418/CEP 70047-900 – Brasília.

SODRÉ, Muniz, 1942- **O terreiro e a cidade: a forma social negro-brasileira** / Muniz Sodré. Rio de Janeiro: Imago Ed.; Salvador, BA: Fundação Cultural do Estado da Bahia, 2002.184 pp. - (Bahia: Prosa e poesia).

SOUZA, Vânia Rocha Fialho de Paiva e; PAIVA, Ricardo de. **Relatório de Identificação Caiana dos Crioulos - Alagoa Grande /PB**. Recife, junho de 1998.

SOUZA, Francinilda Rufino de; SOUZA, Maria Lindaci Gomes de. **A arte da benzeção e a cura na memória e na identidade das mulheres das comunidades quilombolas de Caiana dos Crioulos e do Grilo**. III Seminário Nacional Gênero e Práticas Culturais: olhares diversos sobre a diferença - 26, 27 e 28 de outubro de 2011- João Pessoa /PB.

TARDIF, Maurice. **Saberes profissionais dos professores e conhecimentos universitários: elementos para uma epistemologia da prática profissional dos professores e suas consequências em relação à formação para o magistério**. Maurice Tardif. Revista Brasileira de Educação - Faculté des Sciences de l'Éducation, Université Laval. Jan/Fev/Mar/Abr. 2000 - nº. 13.

_____. **Saberes docentes e formação profissional/** Maurice Tardif.17. ed.- Petrópolis, RJ: Vozes, 2014. Bibliografia. 4ª Impressão, 2018.

VOGT, Gabriel Carvalho. **O artigo 68 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias (ADCT) como instrumento de reparação: território, identidade e políticas de reconhecimento**. Gabriel Carvalho Vogt. O Social em Questão - Ano XVII - nº 32 – 2014.

APÊNDICE A – ROTEIRO DA ENTREVISTA (Professor)



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
MESTRADO PROFISSIONAL EM FORMAÇÃO DE PROFESSORES
PESQUISADORA: LUCIENE TAVARES DA SILVA LIMA**

ROTEIRO DA ENTREVISTA

Esta entrevista faz parte de um projeto de pesquisa que tem como título “MEMÓRIA E SABERES DA TRADIÇÃO NA EDUCAÇÃO ESCOLAR QUILOMBOLA: MODOS DE EDUCAR, FORMAS DE APRENDER EM CAIANA DOS CRIoulos-PB”. A pesquisa é fruto do programa de Pós-Graduação em Formação de Professores da UEPB e está sob a orientação da professora Dr^a Patrícia Cristina de Aragão. Nosso objetivo é: Investigar na Comunidade Quilombola Caiana dos Crioulos- Alagoa Grande- PB, como a memória e os saberes da tradição local desenvolvem práticas educacionais que possibilitam a aprendizagem no contexto da educação Quilombola na Escola Firmo Santino da Silva. Os dados deste questionário, serão analisados, interpretados e irão compor o corpus da dissertação. Todo o material coletado será, portanto, guardado sob a responsabilidade da pesquisadora.

DADOS DE IDENTIFICAÇÃO

Código do Participante nº. _____

Idade: _____

Escolaridade - Curso de Graduação e Pós Graduação que concluiu: _____

Local de nascimento: _____

Tempo de atuação como docente: _____

Tempo de atuação na Escola Firmo Santino da Silva: _____

Você se considera: () Parda () Preta () Branca () Outras Qual? _____

ENTREVISTA

1- Para você o que é uma escola Quilombola? Ser professor em uma escola de Quilombo difere das outras? Por que?

2- A escola costuma desenvolver projetos que contemplem as especificidades da comunidade, como por exemplo, as tradições culturais? Se positivo cite algumas do seu conhecimento.

- 3- Como as crianças interagem e participam das atividades voltadas para as relações étnico- raciais e culturais na escola?
- 4- A escola trabalha em parceria com a comunidade local? De que forma?
- 5- Para você um trabalho voltado para as memórias e os valores da tradição Quilombola na escola contribui na formação identitária das crianças e na valorização de sua sua cultura? Por que?
- 6- Você já presenciou cenas de preconceitos envolvendo as crianças aqui na escola? De que forma?
- 7- Você conhece ou já ouviu falar acerca da Lei 10.639/2003 e das Diretrizes Curriculares para a Educação escolar Quilombola? Se positivo relate um pouco sobre. Já fez ou faz algum curso voltado para o trabalho com a mesma?
- 8- Você trabalha as tradições culturais da comunidade em suas aulas? Em que momento e de que forma?

APÊNDICE B – ROTEIRO DA ENTREVISTA (Participante da comunidade)



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
MESTRADO PROFISSIONAL EM FORMAÇÃO DE PROFESSORES
PESQUISADORA: LUCIENE TAVARES DA SILVA LIMA**

ROTEIRO DA ENTREVISTA

Esta entrevista faz parte de um projeto de pesquisa que tem como título “MEMÓRIA E SABERES DA TRADIÇÃO NA EDUCAÇÃO ESCOLAR QUILOMBOLA: MODOS DE EDUCAR, FORMAS DE APRENDER EM CAIANA DOS CRIoulos-PB”. A pesquisa é fruto do programa de Pós-Graduação em Formação de Professores da UEPB e está sob a orientação da professora Dr^a Patrícia Cristina de Aragão. Nosso objetivo é: Investigar na Comunidade Quilombola Caiana dos Crioulos- Alagoa Grande- PB, como a memória e os saberes da tradição local desenvolvem práticas educacionais que possibilitam a aprendizagem no contexto da educação Quilombola na Escola Firmo Santino da Silva. Os dados deste questionário, serão analisados, interpretados e irão compor o corpus da dissertação. Todo o material coletado será, portanto, guardado sob a responsabilidade da pesquisadora.

DADOS DE IDENTIFICAÇÃO

Código do Participante nº. _____
 Idade: _____
 Escolaridade - _____
 Local de nascimento: _____
 Tempo que mora na comunidade: _____
 Você se considera: () Parda () Preta () Branca () Outras Qual? _____

ENTREVISTA

- 1- Para você, o que é uma comunidade Quilombola? Você gosta de ser Quilombola? Por que?
- 2- O que o(a) senhor(a) lembra de como era a comunidade Caiana dos Crioulos na sua infância e juventude?
- 3- Que mudanças aconteceram na comunidade daquele tempo para agora?

- 4- Como eram os brinquedos e as brincadeiras da sua infância?
- 5- Você participa de algum grupo cultural na comunidade? Se positivo, fale da sua participação.
- 6- Quando uma pessoa nascia aqui na comunidade, como era que as pessoas faziam, o ritual? Como eram as festas de batizados?
- 7- Quando as crianças nasciam aqui na comunidade, quem eram as parteiras? Elas tomavam algum tipo de chás?
- 8- O (a) senhor (a) conhece algum rezador (a) da comunidade? Onde eles rezavam?
- 9- Como eram os rituais de namoro e noivado que o(a) senhor(a) se lembra?
- 10- Como eram as festas de casamento? Organização, local de acontecimentos da festa e onde era celebrado a cerimônia.
- 11- Quando as pessoas morriam aqui na comunidade, como que faziam os velórios? Cantavam alguns cânticos de incelências? Pode cantar um pouco?
- 12- O (a) senhor (a) conhece alguma história da Comunidade, como assombrações, alguma coisa engraçada?
- 13- Na época da sua infância e juventude, quais eram as danças que as pessoas costumavam dançar aqui na comunidade? O (a) senhor (a) lembra como eram o coco e a ciranda? Pode contar um trequinho de umas das músicas?
- 14- Hoje em dia, existem outros tipos de danças aqui na comunidade? O (a) senhor (a) conhece o grupo de Dança Afro, A capoeira e o Maculêlê daqui da comunidade?
- 15- Como eram as novenas? Havia alguma celebração na passagem do ano?
- 16- Como era celebrado a semana santa? E o mês de maio e o São João?
- 17- Como eram as roupas de antigamente aqui em Caiana? Que tipo de pano eram feitas as roupas? As pessoas usavam algum pano na cabeça?
- 18- Qual sua religião?
- 19- O (a) senhor (a), se lembra como as crianças daqui da comunidade estudavam antigamente? Elas iam estudar na cidade?
- 20- E hoje como o (a) senhor (a), ver a educação na comunidade nos dias de hoje?
- 21- O (a) senhor (a) se lembra quando a escola daqui da comunidade foi fundada?
- 22- O (a) senhor (a) participa ou já participou de alguma atividade lá na escola?
- 23- O (a) senhor (a) já participou ou já ouviu falar se a escola desenvolve algum projeto com as pessoas daqui da comunidade?

24- Na sua opinião, o (a) senhor (a), acha que as crianças da escola devem aprender sobre os conhecimentos da Comunidade? Por que?

25- Para o(a) senhor (a), qual a importância do conhecimento daqui da Comunidade lá na escola?

26- O (a) senhor (a), já sofreu na sua infância ou juventude algum preconceito por ser negra ou daqui de Caiana? E agora depois de adulta, já sofreu

27- Dos saberes que são festejados na comunidade, o (a) senhor (a) participa de algum? Qual gosta mais?

ANEXO A - PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

UNIVERSIDADE ESTADUAL DA
PARAÍBA - PRÓ-REITORIA DE
PÓS-GRADUAÇÃO E
PESQUISA / UEPB - PRPGP



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: Memória e Saberes da Tradição na Educação Escolar Quilombola: Modos de educar, formas de aprender em Caiana dos Crioulos-PB

Pesquisador: LUCIENE TAVARES DA SILVA LIMA

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 21331919.6.0000.5187

Instituição Proponente: Universidade Estadual da Paraíba - UEPB

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 3.600.357

Apresentação do Projeto:

Projeto de pesquisa intitulado "Memória e Saberes da Tradição na Educação Escolar Quilombola: Modos de educar, formas de aprender em Caiana dos Crioulos-PB", de autoria da pesquisadora Luciene Tavares da Silva Lima, sob orientação da Profª. Drª. Patrícia Cristina de Aragão, vinculada ao Mestrado de Formação de Professores da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB).

Objetivo da Pesquisa:

Investigar na Comunidade Quilombola Caiana dos Crioulos de Alagoa Grande-PB, como a memória e os saberes da tradição local desenvolvem práticas educacionais que possibilitam a aprendizagem no contexto da educação Quilombola na Escola Firmo Santino da Silva. Como objetivos Específicos: Identificar como os saberes da tradição em Caiana dos Crioulos possibilitam o desenvolvimento de práticas educativas na educação escolar; Discutir sobre a Educação Escolar Quilombola no Ensino Fundamental I e os desafios dessa educação no contexto da Comunidade Quilombola Caiana dos Crioulos através da Escola Firmo Santino da Silva; Mostrar que os saberes da tradição de Caiana dos Crioulos fazem parte da memória social deste Quilombo e que possibilitam a culminância de práticas educativas na educação escolar; Desenvolver um Caderno Pedagógico Temático de orientação escolar a partir de oficinas pedagógicas para enfatizar os saberes da tradição de Caiana dos Crioulos.

Endereço: Av. das Baraúnas, 351- Campus Universitário
Bairro: Bodocongó **CEP:** 58.109-753
UF: PB **Município:** CAMPINA GRANDE
Telefone: (83)3315-3373 **Fax:** (83)3315-3373 **E-mail:** cep@uepb.edu.br

UNIVERSIDADE ESTADUAL DA
PARAÍBA - PRÓ-REITORIA DE
PÓS-GRADUAÇÃO E
PESQUISA / UEPB - PRPGP



Continuação do Parecer: 3.600.357

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

"Esta pesquisa adequa-se a princípios científicos e éticos por prevalecer os critérios de respeito e preservação da dignidade dos atores envolvidos no estudo", bem como não envolve nenhuma situação invasiva ou de modificação dos sujeitos. Pode acarretar algum constrangimento aos participantes que podem declinar de serem entrevistados ou de responderem aos questionários, "sendo mantido o compromisso por parte da pesquisadora, da não identificação dos sujeitos da pesquisa, a garantida de confidencialidade e sigilo das informações, a retirada da participação da pesquisa a qualquer momento, e a garantia de assistência psicológica, se necessária", como informado no projeto. No que diz respeito aos benefícios, estes estão apontados no projeto de pesquisa e nós endossamos aqui: "Esta pesquisa apresenta grande contribuição para a Educação escolar Quilombola, no desenvolvimento das crianças, contribuindo na construção e afirmação de sua identidade, na valorização da cultura, respeitando toda diversidade existente, como também na formação docente, na prática pedagógica desses profissionais, para o contexto dessa modalidade educacional, nos estudos para com as relações étnico- raciais e a cultura do quilombola local. Ao mesmo tempo que traz sua contribuição também para o campo da educação e pesquisa em mestrados trazendo novos olhares para a pós-graduação brasileira, a partir da temática explorada".

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Projeto de Pesquisa bem redigido e estruturado, com clara fundamentação teórica e objetivos. Pesquisa com relevância histórica, acadêmica e social por focalizar as comunidades quilombolas paraibanas e suas tradições, mais destacadamente a Comunidade Quilombola de Caiana dos Crioulos-PB.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Todos os termos e documentos apresentados atendem às normas.

Recomendações:

Após a finalização da pesquisa, ascender o seu produto final na forma de Relatório à Plataforma Brasil.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Somos de parecer FAVORÁVEL à realização do projeto.

Considerações Finais a critério do CEP:

Endereço: Av. das Baraúnas, 351- Campus Universitário
Bairro: Bodocongó **CEP:** 58.109-753
UF: PB **Município:** CAMPINA GRANDE
Telefone: (83)3315-3373 **Fax:** (83)3315-3373 **E-mail:** cep@uepb.edu.br

UNIVERSIDADE ESTADUAL DA
PARAÍBA - PRÓ-REITORIA DE
PÓS-GRADUAÇÃO E
PESQUISA / UEPB - PRPGP



Continuação do Parecer: 3.600.357

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BASICAS_DO_PROJETO_1420314.pdf	17/09/2019 16:46:25		Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	PROJETOPESQUISA.pdf	17/09/2019 16:40:00	LUCIENE TAVARES DA SILVA LIMA	Aceito
Outros	Termovoz.pdf	17/09/2019 16:39:10	LUCIENE TAVARES DA SILVA LIMA	Aceito
Outros	Termofotosevideos.pdf	17/09/2019 16:38:42	LUCIENE TAVARES DA SILVA LIMA	Aceito
Outros	decestorescolar.pdf	17/09/2019 16:37:41	LUCIENE TAVARES DA SILVA LIMA	Aceito
Outros	secretaria.pdf	17/09/2019 16:27:38	LUCIENE TAVARES DA SILVA LIMA	Aceito
Outros	Doc4orientadora.pdf	17/09/2019 16:26:27	LUCIENE TAVARES DA SILVA LIMA	Aceito
Declaração de Pesquisadores	pesquisador.pdf	17/09/2019 16:24:34	LUCIENE TAVARES DA SILVA LIMA	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	Termomoradores.pdf	17/09/2019 16:15:35	LUCIENE TAVARES DA SILVA LIMA	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TERMOprofessor.pdf	17/09/2019 16:15:13	LUCIENE TAVARES DA SILVA LIMA	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TermoAssentimento.pdf	17/09/2019 15:46:42	LUCIENE TAVARES DA SILVA LIMA	Aceito
Folha de Rosto	folhaderosto.pdf	17/09/2019 13:03:01	LUCIENE TAVARES DA SILVA LIMA	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

Endereço: Av. das Baraúnas, 351- Campus Universitário
Bairro: Bodocongó **CEP:** 58.109-753
UF: PB **Município:** CAMPINA GRANDE
Telefone: (83)3315-3373 **Fax:** (83)3315-3373 **E-mail:** cep@uepb.edu.br

UNIVERSIDADE ESTADUAL DA
PARAÍBA - PRÓ-REITORIA DE
PÓS-GRADUAÇÃO E
PESQUISA / UEPB - PRPGP



Continuação do Parecer: 3.600.357

CAMPINA GRANDE, 25 de Setembro de 2019

Assinado por:
Dóris Nóbrega de Andrade Laurentino
(Coordenador(a))

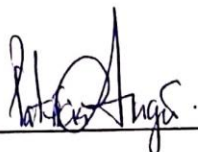
Endereço: Av. das Baraúnas, 351- Campus Universitário
Bairro: Bodocongó **CEP:** 58.109-753
UF: PB **Município:** CAMPINA GRANDE
Telefone: (83)3315-3373 **Fax:** (83)3315-3373 **E-mail:** cep@uepb.edu.br

ANEXO B – DECLARAÇÃO DE CONCORDANCIA DA ORIENTADORA**DECLARAÇÃO DE CONCORDÂNCIA COM PROJETO DE PESQUISA**

Título da Pesquisa: MEMÓRIA E SABERES DA TRADIÇÃO NA EDUCAÇÃO ESCOLAR QUILOMBOLA: MODOS DE EDUCAR, FORMAS DE APRENDER EM CAIANA DOS CRIoulos-PB

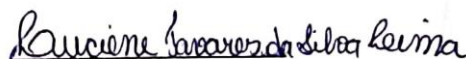
Eu, Patrícia Cristina de Aragão, Professora do Programa de Pós-Graduação em Formação de professores da Universidade Estadual da Paraíba, portador(a) do RG: _941371ssp-PB e CPF: _39523306472 declaro que estou ciente do referido Projeto de Pesquisa e comprometo-me em acompanhar seu desenvolvimento no sentido de que se possam cumprir integralmente as diretrizes da Resolução N°. 466/12 do Conselho Nacional de Saúde do Ministério da Saúde/Comissão Nacional de Ética em Pesquisa, que dispõe sobre Ética em Pesquisa que envolve Seres Humanos.

Campina Grande, 13 de setembro de 2019.



Pesquisador Responsável

Orientador



Orientando

ANEXO C – TERMO DE AUTORIZAÇÃO DA SECRETARIA DE EDUCAÇÃO DE ALAGOA GRANDE/PB

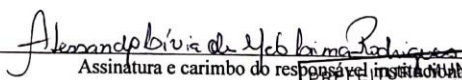


ESTADO DA PARAÍBA
PREFEITURA MUNICIPAL DE ALAGOA GRANDE
SECRETARIA DA EDUCAÇÃO
Rua Cônego Firmino Cavalcante, s/n, Centro, Alagoa Grande - PB,
Cep: 58388-000

TERMO DE AUTORIZAÇÃO INSTITUCIONAL

Estamos cientes da intenção da realização do projeto “MEMÓRIA E SABERES DA TRADIÇÃO NA EDUCAÇÃO ESCOLAR QUILOMBOLA: MODOS DE EDUCAR, FORMAS DE APRENDER EM CAIANA DOS CRIoulos-PB” na Escola Municipal de Educação Infantil e Ensino Fundamental Firmo Santino da Silva, desenvolvida pela aluna Luciene Tavares da Silva Lima do Programa de Pós-Graduação em Formação de Professores da Universidade Estadual da Paraíba sob a orientação da Profª Dra. Patrícia Cristina de Aragão.

Alagoa Grande, 21 de Agosto de 2019.


Assinatura e carimbo do responsável institucional

SECRETARIA MUNICIPAL DE
ALAGOA GRANDE - PB
SECRETARIA MUNICIPAL
DE EDUCAÇÃO

Alessandra Livia de Melo Lima Rodrigues
SECRETARIA

ANEXO D – DECLARAÇÃO DE CONSENTIMENTO DO GESTOR DA ESCOLA FIRMO SANTINO DA SILVA



ESTADO DA PARAÍBA
PREFEITURA MUNICIPAL DE ALAGOA GRANDE
SECRETARIA DA EDUCAÇÃO
ESCOLA MUNICIPAL DE ENSINO INFANTIL E FUNDAMENTAL FIRMO
SANTINO DA SILVA
Caiana dos Crioulos – Alagoa Grande – CEP: 58.388-000
Lei Municipal 707/2001 – INEP: 25117130
CNPJ: 05.100.472/0001-30

TERMO DE AUTORIZAÇÃO INSTITUCIONAL

Estamos cientes da intenção da realização do projeto intitulado “MEMÓRIA E SABERES DA TRADIÇÃO NA EDUCAÇÃO ESCOLAR QUILOMBOLA: MODOS DE EDUCAR, FORMAS DE APRENDER EM CAIANA DOS CRIoulos-PB”, desenvolvida pela aluna Luciene Tavares da Silva Lima do Programa de Pós-Graduação em Formação de Professores da Universidade Estadual da Paraíba sob a orientação da Pro^{fa} Dra. Patricia Cristina de Aragão.

Alagoa Grande, 21 de agosto de 19__.

Manuel Inimem Rodrigues Filho

Assinatura e carimbo do responsável institucional



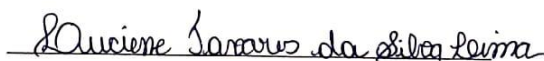
ANEXO E- TERMO DE COMPROMISSO DO PESQUISADOR**TERMO DE COMPROMISSO DO PESQUISADOR RESPONSÁVEL EM
CUMPRIR OS TERMOS DA RESOLUÇÃO 466/12 DO CNS/MS****Pesquisa: MEMÓRIA E SABERES DA TRADIÇÃO NA EDUCAÇÃO ESCOLAR
QUILOMBOLA: MODOS DE EDUCAR, FORMAS DE APRENDER EM
CAIANA DOS CRIoulos-PB**

Eu, Luciene Tavares da Silva Lima, estudante do Programa de Pós-Graduação do Mestrado Profissional em Formação de Professores da Universidade Estadual da Paraíba, portador(a) do RG: 3327139 SSP-PB e CPF: 086.214.804-92, comprometo-me em cumprir integralmente as diretrizes da Resolução Nº. 466/12 do Conselho Nacional de Saúde do Ministério da Saúde/Comissão Nacional de Ética em Pesquisa, que dispõe sobre Ética em Pesquisa que envolve Seres Humanos.

Estou ciente das penalidades que poderei sofrer caso infrinja qualquer um dos itens da referida resolução.

Por ser verdade, assino o presente compromisso.

Campina Grande - PB, 12 de Setembro de 2019.



Pesquisador (a) responsável

ANEXO F- TERMOS DOS SUJEITOS DA PESQUISA

TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA USO DE IMAGENS (FOTOS E VÍDEOS)

Eu, Sereina Maria da Silva, AUTORIZO o(a) Prof.(a) Luciene Tavares da Silva Lima, coordenador(a) da pesquisa intitulada: "MEMÓRIA E SABERES DA TRADIÇÃO NA EDUCAÇÃO ESCOLAR QUILOMBOLA: MODOS DE EDUCAR, FORMAS DE APRENDER EM CAIANA DOS CRIoulos-PB" a fixar, armazenar e exibir a minha imagem por meio de acervo digital com o fim específico de inseri-la nas informações que serão geradas na pesquisa, aqui citada, e em outras publicações dela decorrentes, quais sejam: revistas científicas, jornais, congressos, via web, entre outros eventos dessa natureza.

A presente autorização abrange, exclusivamente, o uso de minha imagem para os fins aqui estabelecidos e deverá sempre preservar o meu anonimato. Qualquer outra forma de utilização e/ou reprodução deverá ser por mim autorizada, em observância ao Art. 5º, X e XXVIII, alínea "a" da Constituição Federal de 1988.

O pesquisador responsável Luciene Tavares da Silva Lima, assegurou-me que os dados serão armazenados em meio de acervo digital e impresso sob sua responsabilidade, por 5 anos, e após esse período, serão destruídas.

Assegurei-me, também, que serei livre para interromper minha participação na pesquisa a qualquer momento e/ou solicitar a posse de minhas imagens.

Ademais, tais compromissos estão em conformidade com as diretrizes previstas na Resolução Nº. 466/12 do Conselho Nacional de Saúde do Ministério da Saúde/Comissão Nacional de Ética em Pesquisa, que dispõe sobre Ética em Pesquisa que envolve Seres Humanos.

Alagoa Grande, 16 de outubro de 2019.

Sereina Maria da Silva
Assinatura do participante da pesquisa

Luciene Tavares da Silva Lima
Assinatura e carimbo do pesquisador responsável

-Qualquer dúvida ou solicitação de esclarecimento, o (a) participante poderá contatar a pesquisador no número: (083) 991284205, no endereço Sítio Engenho Baixinha nº 635/ Área Rural – Alagoa Grande – PB.

- Ao final da pesquisa, se for do meu interesse, terei livre acesso ao conteúdo da mesma, podendo discutir os dados com a pesquisadora. Vale salientar que este documento será impresso em duas vias e uma delas ficará em minha posse.

-Desta forma, uma vez tendo lido e entendido tais esclarecimentos e, por estar em pleno acordo com o teor do mesmo, dato e assino este Termo de consentimento Livre e Esclarecido.

Alagoa Grande, 16 / 10 / 2019

Luciene Soares da Silva Lima
Assinatura do Pesquisador responsável

Selvestina Maria da Silva
Assinatura do (a) participante:

TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA GRAVAÇÃO DE VOZ

Eu, Silverina Maria da Silva, depois de entender os riscos e benefícios que a pesquisa intitulada MEMÓRIA E SABERES DA TRADIÇÃO NA EDUCAÇÃO ESCOLAR QUILOMBOLA: MODOS DE EDUCAR, FORMAS DE APRENDER EM CAIANA DOS CRIoulos-PB, poderá trazer e, entender especialmente os métodos que serão usados para a coleta de dados, assim como, estar ciente da necessidade da gravação de minha entrevista, **AUTORIZO**, por meio deste termo, a pesquisadora Luciene Tavares da Silva Lima a realizar a gravação de minha entrevista sem custos financeiros a nenhuma parte.

Esta **AUTORIZAÇÃO** foi concedida mediante o compromisso dos pesquisadores acima citados em garantir-me os seguintes direitos:

1. Poderei ler a transcrição de minha gravação;
2. Os dados coletados serão usados exclusivamente para gerar informações para a pesquisa aqui relatada e outras publicações dela decorrentes, quais sejam: revistas científicas, jornais, congressos entre outros eventos dessa natureza;
3. Minha identificação não será revelada em nenhuma das vias de publicação das informações geradas;
4. Qualquer outra forma de utilização dessas informações somente poderá ser feita mediante minha autorização, em observância ao Art. 5º, XXVIII, alínea "a" da Constituição Federal de 1988.
5. Os dados coletados serão guardados por 5 anos, sob a responsabilidade do (a) pesquisador (a) coordenador (a) da pesquisa Luciene Tavares da Silva Lima e após esse período, serão destruídos e,
6. Serei livre para interromper minha participação na pesquisa a qualquer momento e/ou solicitar a posse da gravação e transcrição de minha entrevista.

Ademais, tais compromissos estão em conformidade com as diretrizes previstas na Resolução Nº. 466/12 do Conselho Nacional de Saúde do Ministério da Saúde/Comissão Nacional de Ética em Pesquisa, que dispõe sobre Ética em Pesquisa que envolve Seres Humanos.

Alagoa Grande, 16 de outubro de 2019.

Silverina Maria da Silva

Assinatura do participante da pesquisa

Luciene Tavares da Silva Lima

Assinatura e carimbo do pesquisador responsável

**TERMO DE CONSENTIMENTO
LIVRE E ESCLARECIDO
TCLE**

Pelo presente Termo de Consentimento Livre e Esclarecido eu, Servina Maria da Silva, pleno exercício dos meus direitos me disponho a participar da Pesquisa "MEMÓRIA E SABERES DA TRADIÇÃO NA EDUCAÇÃO ESCOLAR QUILOMBOLA: MODOS DE EDUCAR, FORMAS DE APRENDER EM CAIANA DOS CRIoulos-PB"; terá como objetivo primário Investigar na Comunidade Quilombola Caiana dos Crioulos-Alagoa Grande- PB, como a memória e os saberes da tradição local desenvolvem práticas educacionais que possibilitam a aprendizagem no contexto da educação Quilombola. E objetivos secundários: Identificar como os saberes da tradição em Caiana dos Crioulos possibilitam o desenvolvimento de práticas educativas na educação escolar; Discutir sobre a Educação Escolar Quilombola no Ensino Fundamental I e os desafios dessa educação no contexto da Comunidade Quilombola Caiana dos Crioulos através da Escola Firmo Santino da Silva; Mostrar que os saberes da tradição de Caiana dos Crioulos fazem parte da memória social deste Quilombo e que possibilitam a culminância de práticas educativas na educação escolar e Desenvolver um Caderno Pedagógico Temático de orientação escolar a partir de oficinas pedagógicas para enfatizar os saberes da tradição de Caiana dos Crioulos. Declaro ser esclarecido (a) estar de acordo com os seguintes pontos:

- Ao (a) voluntário (a) só caberá a autorização para participar da pesquisa e não haverá nenhum risco ou desconforto ao (a) mesmo (a).-O (a) voluntário (a) poderá se recusar a participar ou retirar seu consentimento a qualquer momento da realização da pesquisa ora proposta, não havendo qualquer penalização ou prejuízo para o (a) mesmo (a).
- Será garantido sigilo dos resultados obtidos nesta pesquisa, assegurando assim a privacidade dos participantes em manter tais resultados em caráter confidencial.
- Não haverá qualquer despesa ou ônus financeiro aos participantes voluntários desta pesquisa científica e não haverá qualquer procedimento que possa incorrer em danos físicos ou financeiros a (ao) voluntário (a) e, portanto, não haverá necessidade de indenização por parte da pesquisa e/ou instituição responsável.

-Qualquer dúvida ou solicitação de esclarecimento, o (a) participante poderá contatar a pesquisador no número: (083) 991284205, no endereço Sítio Engenho Baixinha nº 635/ Área Rural – Alagoa Grande – PB.

- Ao final da pesquisa, se for do meu interesse, terei livre acesso ao conteúdo da mesma, podendo discutir os dados com a pesquisadora. Vale salientar que este documento será impresso em duas vias e uma delas ficará em minha posse.

-Desta forma, uma vez tendo lido e entendido tais esclarecimentos e, por estar em pleno acordo com o teor do mesmo, dato e assino este Termo de consentimento Livre e Esclarecido.

Alagoa Grande, 16 /10 /2019

Mauciane Soares da Silva Leunio
Assinatura do Pesquisador responsável

X José Renato de Lima Almeida
Assinatura do (a) participante:

TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA GRAVAÇÃO DE VOZ

Eu, José Pereira de Lima Lima, depois de entender os riscos e benefícios que a pesquisa intitulada MEMÓRIA E SABERES DA TRADIÇÃO NA EDUCAÇÃO ESCOLAR QUILOMBOLA: MODOS DE EDUCAR, FORMAS DE APRENDER EM CAIANA DOS CRIoulos-PB, poderá trazer e, entender especialmente os métodos que serão usados para a coleta de dados, assim como, estar ciente da necessidade da gravação de minha entrevista, **AUTORIZO**, por meio deste termo, a pesquisadora Luciene Tavares da Silva Lima a realizar a gravação de minha entrevista sem custos financeiros a nenhuma parte.

Esta **AUTORIZAÇÃO** foi concedida mediante o compromisso dos pesquisadores acima citados em garantir-me os seguintes direitos:

1. Poderei ler a transcrição de minha gravação;
2. Os dados coletados serão usados exclusivamente para gerar informações para a pesquisa aqui relatada e outras publicações dela decorrentes, quais sejam: revistas científicas, jornais, congressos entre outros eventos dessa natureza;
3. Minha identificação não será revelada em nenhuma das vias de publicação das informações geradas;
4. Qualquer outra forma de utilização dessas informações somente poderá ser feita mediante minha autorização, em observância ao Art. 5º, XXVIII, alínea "a" da Constituição Federal de 1988.
5. Os dados coletados serão guardados por 5 anos, sob a responsabilidade do (a) pesquisador (a) coordenador (a) da pesquisa Luciene Tavares da Silva Lima e após esse período, serão destruídos e,
6. Serei livre para interromper minha participação na pesquisa a qualquer momento e/ou solicitar a posse da gravação e transcrição de minha entrevista.

Ademais, tais compromissos estão em conformidade com as diretrizes previstas na Resolução Nº. 466/12 do Conselho Nacional de Saúde do Ministério da Saúde/Comissão Nacional de Ética em Pesquisa, que dispõe sobre Ética em Pesquisa que envolve Seres Humanos.

Alagoa Grande, 16 de outubro de 2019.

José Pereira de Lima Lima

Assinatura do participante da pesquisa

Luciene Tavares da Silva Lima

Assinatura e carimbo do pesquisador responsável

TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA USO DE IMAGENS (FOTOS E VÍDEOS)

Eu, José Pereira de Lima Simão AUTORIZO o(a) Prof.(a) Luciene Tavares da Silva Lima, coordenador(a) da pesquisa intitulada: "MEMÓRIA E SABERES DA TRADIÇÃO NA EDUCAÇÃO ESCOLAR QUILOMBOLA: MODOS DE EDUCAR, FORMAS DE APRENDER EM CAIANA DOS CRIoulos-PB" a fixar, armazenar e exibir a minha imagem por meio de acervo digital com o fim específico de inseri-la nas informações que serão geradas na pesquisa, aqui citada, e em outras publicações dela decorrentes, quais sejam: revistas científicas, jornais, congressos, via web, entre outros eventos dessa natureza.

A presente autorização abrange, exclusivamente, o uso de minha imagem para os fins aqui estabelecidos e deverá sempre preservar o meu anonimato. Qualquer outra forma de utilização e/ou reprodução deverá ser por mim autorizada, em observância ao Art. 5º, X e XXVIII, alínea "a" da Constituição Federal de 1988.

O pesquisador responsável Luciene Tavares da Silva Lima, assegurou-me que os dados serão armazenados em meio de acervo digital e impresso sob sua responsabilidade, por 5 anos, e após esse período, serão destruídas.

Assegurou-me, também, que serei livre para interromper minha participação na pesquisa a qualquer momento e/ou solicitar a posse de minhas imagens.

Ademais, tais compromissos estão em conformidade com as diretrizes previstas na Resolução N.º 466/12 do Conselho Nacional de Saúde do Ministério da Saúde/Comissão Nacional de Ética em Pesquisa, que dispõe sobre Ética em Pesquisa que envolve Seres Humanos.

Alagoa Grande, 16 de outubro de 2019.

X José Pereira de Lima Simão

Assinatura do participante da pesquisa

Luciene Tavares da Silva Lima

Assinatura e carimbo do pesquisador responsável

TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA USO DE IMAGENS (FOTOS E VÍDEOS)

Eu, Edite Foz de Silva, AUTORIZO o(a) Prof.(a) Luciene Tavares da Silva Lima, coordenador(a) da pesquisa intitulada: "MEMÓRIA E SABERES DA TRADIÇÃO NA EDUCAÇÃO ESCOLAR QUILOMBOLA: MODOS DE EDUCAR, FORMAS DE APRENDER EM CAIANA DOS CRIoulos-PIB" a fixar, armazenar e exibir a minha imagem por meio de acervo digital com o fim específico de inseri-la nas informações que serão geradas na pesquisa, aqui citada, e em outras publicações dela decorrentes, quais sejam: revistas científicas, jornais, congressos, via web, entre outros eventos dessa natureza.

A presente autorização abrange, exclusivamente, o uso de minha imagem para os fins aqui estabelecidos e deverá sempre preservar o meu anonimato. Qualquer outra forma de utilização e/ou reprodução deverá ser por mim autorizada, em observância ao Art. 5º, X e XXVIII, alínea "a" da Constituição Federal de 1988.

O pesquisador responsável Luciene Tavares da Silva Lima, assegurou-me que os dados serão armazenados em meio de acervo digital e impresso sob sua responsabilidade, por 5 anos, e após esse período, serão destruídas.

Assegurei-me, também, que serei livre para interromper minha participação na pesquisa a qualquer momento e/ou solicitar a posse de minhas imagens.

Ademais, tais compromissos estão em conformidade com as diretrizes previstas na Resolução Nº. 466/12 do Conselho Nacional de Saúde do Ministério da Saúde/Comissão Nacional de Ética em Pesquisa, que dispõe sobre Ética em Pesquisa que envolve Seres Humanos.

Alagoa Grande, 16 de outubro de 2019.

Edite Foz de Silva

Assinatura do participante da pesquisa

Luciene Tavares da Silva Lima

Assinatura e carimbo do pesquisador responsável

TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA GRAVAÇÃO DE VOZ

Eu, Edite Lore da Silva, depois de entender os riscos e benefícios que a pesquisa intitulada MEMÓRIA E SABERES DA TRADIÇÃO NA EDUCAÇÃO ESCOLAR QUILOMBOLA: MODOS DE EDUCAR, FORMAS DE APRENDER EM CAIANA DOS CRIoulos-PB, poderá trazer e, entender especialmente os métodos que serão usados para a coleta de dados, assim como, estar ciente da necessidade da gravação de minha entrevista, **AUTORIZO**, por meio deste termo, a pesquisadora Luciene Tavares da Silva Lima a realizar a gravação de minha entrevista sem custos financeiros a nenhuma parte.

Esta **AUTORIZAÇÃO** foi concedida mediante o compromisso dos pesquisadores acima citados em garantir-me os seguintes direitos:

1. Poderei ler a transcrição de minha gravação;
2. Os dados coletados serão usados exclusivamente para gerar informações para a pesquisa aqui relatada e outras publicações dela decorrentes, quais sejam: revistas científicas, jornais, congressos entre outros eventos dessa natureza;
3. Minha identificação não será revelada em nenhuma das vias de publicação das informações geradas;
4. Qualquer outra forma de utilização dessas informações somente poderá ser feita mediante minha autorização, em observância ao Art. 5º, XXVIII, alínea "a" da Constituição Federal de 1988.
5. Os dados coletados serão guardados por 5 anos, sob a responsabilidade do (a) pesquisador (a) coordenador (a) da pesquisa Luciene Tavares da Silva Lima e após esse período, serão destruídos e,
6. Serei livre para interromper minha participação na pesquisa a qualquer momento e/ou solicitar a posse da gravação e transcrição de minha entrevista.

Ademais, tais compromissos estão em conformidade com as diretrizes previstas na Resolução N.º. 466/12 do Conselho Nacional de Saúde do Ministério da Saúde/Comissão Nacional de Ética em Pesquisa, que dispõe sobre Ética em Pesquisa que envolve Seres Humanos.

Alagoa Grande, 16 de outubro de 2019.

Edite Lore da Silva

Assinatura do participante da pesquisa

Luciene Tavares da Silva Lima

Assinatura e carimbo do pesquisador responsável

**TERMO DE CONSENTIMENTO
LIVRE E ESCLARECIDO
TCLE**

Pelo presente Termo de Consentimento Livre e Esclarecido eu, Edite José da Silva, pleno exercício dos meus direitos me disponho a participar da Pesquisa “MEMÓRIA E SABERES DA TRADIÇÃO NA EDUCAÇÃO ESCOLAR QUILOMBOLA: MODOS DE EDUCAR, FORMAS DE APRENDER EM CAIANA DOS CRIoulos-PB”; terá como objetivo primário Investigar na Comunidade Quilombola Caiana dos Crioulos-Alagoa Grande- PB, como a memória e os saberes da tradição local desenvolvem práticas educacionais que possibilitam a aprendizagem no contexto da educação Quilombola. E objetivos secundários: Identificar como os saberes da tradição em Caiana dos Crioulos possibilitam o desenvolvimento de práticas educativas na educação escolar; Discutir sobre a Educação Escolar Quilombola no Ensino Fundamental I e os desafios dessa educação no contexto da Comunidade Quilombola Caiana dos Crioulos através da Escola Firmo Santino da Silva; Mostrar que os saberes da tradição de Caiana dos Crioulos fazem parte da memória social deste Quilombo e que possibilitam a culminância de práticas educativas na educação escolar e Desenvolver um Caderno Pedagógico Temático de orientação escolar a partir de oficinas pedagógicas para enfatizar os saberes da tradição de Caiana dos Crioulos. Declaro ser esclarecido (a) estar de acordo com os seguintes pontos:

-Ao (a) voluntário (a) só caberá a autorização para participar da pesquisa e não haverá nenhum risco ou desconforto ao (a) mesmo (a).-O (a) voluntário (a) poderá se recusar a participar ou retirar seu consentimento a qualquer momento da realização da pesquisa ora proposta, não havendo qualquer penalização ou prejuízo para o (a) mesmo (a).

- Será garantido sigilo dos resultados obtidos nesta pesquisa, assegurando assim a privacidade dos participantes em manter tais resultados em caráter confidencial.

- Não haverá qualquer despesa ou ônus financeiro aos participantes voluntários desta pesquisa científica e não haverá qualquer procedimento que possa incorrer em danos físicos ou financeiros a (ao) voluntário (a) e, portanto, não haverá necessidade de indenização por parte da pesquisa e/ou instituição responsável.

-Qualquer dúvida ou solicitação de esclarecimento, o (a) participante poderá contatar a pesquisador no número: (083) 991284205, no endereço Sítio Engenho Baixinha nº 635/ Área Rural – Alagoa Grande – PB.

- Ao final da pesquisa, se for do meu interesse, terei livre acesso ao conteúdo da mesma, podendo discutir os dados com a pesquisadora. Vale salientar que este documento será impresso em duas vias e uma delas ficará em minha posse.

-Desta forma, uma vez tendo lido e entendido tais esclarecimentos e, por estar em pleno acordo com o teor do mesmo, dato e assino este Termo de consentimento Livre e Esclarecido.

Alagoa Grande, 16 / 10 /2019

Raucine Soares da Silva Lima
Assinatura do Pesquisador responsável

Edite Feosa da Silva
Assinatura do (a) participante:

TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA GRAVAÇÃO DE VOZ

Eu, Francisca Belúcia da Silva, depois de entender os riscos e benefícios que a pesquisa intitulada MEMÓRIA E SABERES DA TRADIÇÃO NA EDUCAÇÃO ESCOLAR QUILOMBOLA: MODOS DE EDUCAR, FORMAS DE APRENDER EM CAIANA DOS CRIoulos-PB, poderá trazer e, entender especialmente os métodos que serão usados para a coleta de dados, assim como, estar ciente da necessidade da gravação de minha entrevista, **AUTORIZO**, por meio deste termo, a pesquisadora Luciene Tavares da Silva Lima a realizar a gravação de minha entrevista sem custos financeiros a nenhuma parte.

Esta **AUTORIZAÇÃO** foi concedida mediante o compromisso dos pesquisadores acima citados em garantir-me os seguintes direitos:

1. Poderei ler a transcrição de minha gravação;
2. Os dados coletados serão usados exclusivamente para gerar informações para a pesquisa aqui relatada e outras publicações dela decorrentes, quais sejam: revistas científicas, jornais, congressos entre outros eventos dessa natureza;
3. Minha identificação não será revelada em nenhuma das vias de publicação das informações geradas;
4. Qualquer outra forma de utilização dessas informações somente poderá ser feita mediante minha autorização, em observância ao Art. 5º, XXVIII, alínea "a" da Constituição Federal de 1988.
5. Os dados coletados serão guardados por 5 anos, sob a responsabilidade do (a) pesquisador (a) coordenador (a) da pesquisa Luciene Tavares da Silva Lima e após esse período, serão destruídos e,
6. Serei livre para interromper minha participação na pesquisa a qualquer momento e/ou solicitar a posse da gravação e transcrição de minha entrevista.

Ademais, tais compromissos estão em conformidade com as diretrizes previstas na Resolução N.º. 466/12 do Conselho Nacional de Saúde do Ministério da Saúde/Comissão Nacional de Ética em Pesquisa, que dispõe sobre Ética em Pesquisa que envolve Seres Humanos.

Alagoa Grande, 14 de outubro de 2019.

Assinatura do participante da pesquisa

Luciene Tavares da Silva Lima

Assinatura e carimbo do pesquisador responsável

TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA USO DE IMAGENS (FOTOS E VÍDEOS)

Eu, Francisca Belúcia da Silva, AUTORIZO o(a) Prof.(a) Luciene Tavares da Silva Lima, coordenador(a) da pesquisa intitulada: "MEMÓRIA E SABERES DA TRADIÇÃO NA EDUCAÇÃO ESCOLAR QUILOMBOLA: MODOS DE EDUCAR, FORMAS DE APRENDER EM CAIANA DOS CRIoulos-PB" a fixar, armazenar e exibir a minha imagem por meio de acervo digital com o fim específico de inseri-la nas informações que serão geradas na pesquisa, aqui citada, e em outras publicações dela decorrentes, quais sejam: revistas científicas, jornais, congressos, via web, entre outros eventos dessa natureza.

A presente autorização abrange, exclusivamente, o uso de minha imagem para os fins aqui estabelecidos e deverá sempre preservar o meu anonimato. Qualquer outra forma de utilização e/ou reprodução deverá ser por mim autorizada, em observância ao Art. 5º, X e XXVIII, alínea "a" da Constituição Federal de 1988.

O pesquisador responsável Luciene Tavares da Silva Lima, assegurou-me que os dados serão armazenados em meio de acervo digital e impresso sob sua responsabilidade, por 5 anos, e após esse período, serão destruídas.

Assegurou-me, também, que serei livre para interromper minha participação na pesquisa a qualquer momento e/ou solicitar a posse de minhas imagens.

Ademais, tais compromissos estão em conformidade com as diretrizes previstas na Resolução Nº. 466/12 do Conselho Nacional de Saúde do Ministério da Saúde/Comissão Nacional de Ética em Pesquisa, que dispõe sobre Ética em Pesquisa que envolve Seres Humanos.

Alagoa Grande, 14 de outubro de 2019.



Assinatura do participante da pesquisa

Luciene Tavares da Silva Lima

Assinatura e carimbo do pesquisador responsável

**TERMO DE CONSENTIMENTO
LIVRE E ESCLARECIDO
TCLE**

Pelo presente Termo de Consentimento Livre e Esclarecido eu, Francisca Belúcia da Silva, pleno exercício dos meus direitos me disponho a participar da Pesquisa “MEMÓRIA E SABERES DA TRADIÇÃO NA EDUCAÇÃO ESCOLAR QUILOMBOLA: MODOS DE EDUCAR, FORMAS DE APRENDER EM CAIANA DOS CRIoulos-PB”; terá como objetivo primário Investigar na Comunidade Quilombola Caiana dos Crioulos-Alagoa Grande- PB, como a memória e os saberes da tradição local desenvolvem práticas educacionais que possibilitam a aprendizagem no contexto da educação Quilombola. E objetivos secundários: Identificar como os saberes da tradição em Caiana dos Crioulos possibilitam o desenvolvimento de práticas educativas na educação escolar; Discutir sobre a Educação Escolar Quilombola no Ensino Fundamental I e os desafios dessa educação no contexto da Comunidade Quilombola Caiana dos Crioulos através da Escola Firmo Santino da Silva; Mostrar que os saberes da tradição de Caiana dos Crioulos fazem parte da memória social deste Quilombo e que possibilitam a culminância de práticas educativas na educação escolar e Desenvolver um Caderno Pedagógico Temático de orientação escolar a partir de oficinas pedagógicas para enfatizar os saberes da tradição de Caiana dos Crioulos. Declaro ser esclarecido (a) estar de acordo com os seguintes pontos:

- Ao (a) voluntário (a) só caberá a autorização para participar da pesquisa e não haverá nenhum risco ou desconforto ao (a) mesmo (a).-O (a) voluntário (a) poderá se recusar a participar ou retirar seu consentimento a qualquer momento da realização da pesquisa ora proposta, não havendo qualquer penalização ou prejuízo para o (a) mesmo (a).
- Será garantido sigilo dos resultados obtidos nesta pesquisa, assegurando assim a privacidade dos participantes em manter tais resultados em caráter confidencial.
- Não haverá qualquer despesa ou ônus financeiro aos participantes voluntários desta pesquisa científica e não haverá qualquer procedimento que possa incorrer em danos físicos ou financeiros a (ao) voluntário (a) e, portanto, não haverá necessidade de indenização por parte da pesquisa e/ou instituição responsável.

-Qualquer dúvida ou solicitação de esclarecimento, o (a) participante poderá contatar a pesquisador no número: (083) 991284205, no endereço Sítio Engenho Baixinha nº 635/ Área Rural – Alagoa Grande – PB.

- Ao final da pesquisa, se for do meu interesse, terei livre acesso ao conteúdo da mesma, podendo discutir os dados com a pesquisadora. Vale salientar que este documento será impresso em duas vias e uma delas ficará em minha posse.

-Desta forma, uma vez tendo lido e entendido tais esclarecimentos e, por estar em pleno acordo com o teor do mesmo, dato e assino este Termo de consentimento Livre e Esclarecido.

Alagoa Grande, 14 / 10 / 2019

Luciene Soares da Silva Lima
Assinatura do Pesquisador responsável



Assinatura do (a) participante:

TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA USO DE IMAGENS (FOTOS E VÍDEOS)

Eu, Olívia Josefa da Silva, AUTORIZO o(a) Prof.(a) Luciene Tavares da Silva Lima, coordenador(a) da pesquisa intitulada: "MEMÓRIA E SABERES DA TRADIÇÃO NA EDUCAÇÃO ESCOLAR QUILOMBOLA: MODOS DE EDUCAR, FORMAS DE APRENDER EM CAIANA DOS CRIoulos-PB" a fixar, armazenar e exibir a minha imagem por meio de acervo digital com o fim específico de inseri-la nas informações que serão geradas na pesquisa, aqui citada, e em outras publicações dela decorrentes, quais sejam: revistas científicas, jornais, congressos, via web, entre outros eventos dessa natureza.

A presente autorização abrange, exclusivamente, o uso de minha imagem para os fins aqui estabelecidos e deverá sempre preservar o meu anonimato. Qualquer outra forma de utilização e/ou reprodução deverá ser por mim autorizada, em observância ao Art. 5º, X e XXVIII, alínea "a" da Constituição Federal de 1988.

O pesquisador responsável Luciene Tavares da Silva Lima, assegurou-me que os dados serão armazenados em meio de acervo digital e impresso sob sua responsabilidade, por 5 anos, e após esse período, serão destruídas.

Assegurou-me, também, que serei livre para interromper minha participação na pesquisa a qualquer momento e/ou solicitar a posse de minhas imagens.

Ademais, tais compromissos estão em conformidade com as diretrizes previstas na Resolução Nº. 466/12 do Conselho Nacional de Saúde do Ministério da Saúde/Comissão Nacional de Ética em Pesquisa, que dispõe sobre Ética em Pesquisa que envolve Seres Humanos.

Alagoa Grande, 15 de outubro de 2019.



Assinatura do participante da pesquisa

Luciene Tavares da Silva Lima

Assinatura e carimbo do pesquisador responsável

TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA GRAVAÇÃO DE VOZ

Eu, Olívia Josefa da Silva, depois de entender os riscos e benefícios que a pesquisa intitulada MEMÓRIA E SABERES DA TRADIÇÃO NA EDUCAÇÃO ESCOLAR QUILOMBOLA: MODOS DE EDUCAR, FORMAS DE APRENDER EM CAIANA DOS CRIoulos-PB, poderá trazer e, entender especialmente os métodos que serão usados para a coleta de dados, assim como, estar ciente da necessidade da gravação de minha entrevista, **AUTORIZO**, por meio deste termo, a pesquisadora Luciene Tavares da Silva Lima a realizar a gravação de minha entrevista sem custos financeiros a nenhuma parte.

Esta **AUTORIZAÇÃO** foi concedida mediante o compromisso dos pesquisadores acima citados em garantir-me os seguintes direitos:

1. Poderei ler a transcrição de minha gravação;
2. Os dados coletados serão usados exclusivamente para gerar informações para a pesquisa aqui relatada e outras publicações dela decorrentes, quais sejam: revistas científicas, jornais, congressos entre outros eventos dessa natureza;
3. Minha identificação não será revelada em nenhuma das vias de publicação das informações geradas;
4. Qualquer outra forma de utilização dessas informações somente poderá ser feita mediante minha autorização, em observância ao Art. 5º, XXVIII, alínea "a" da Constituição Federal de 1988.
5. Os dados coletados serão guardados por 5 anos, sob a responsabilidade do (a) pesquisador (a) coordenador (a) da pesquisa Luciene Tavares da Silva Lima e após esse período, serão destruídos e,
6. Serei livre para interromper minha participação na pesquisa a qualquer momento e/ou solicitar a posse da gravação e transcrição de minha entrevista.

Ademais, tais compromissos estão em conformidade com as diretrizes previstas na Resolução Nº. 466/12 do Conselho Nacional de Saúde do Ministério da Saúde/Comissão Nacional de Ética em Pesquisa, que dispõe sobre Ética em Pesquisa que envolve Seres Humanos.

Alagoa Grande, 15 de outubro de 2019.

Assinatura do participante da pesquisa

Luciene Tavares da Silva Lima

Assinatura e carimbo do pesquisador responsável

**TERMO DE CONSENTIMENTO
LIVRE E ESCLARECIDO
TCLE**

Pelo presente Termo de Consentimento Livre e Esclarecido eu, Olívia Josefa da Silva, pleno exercício dos meus direitos me disponho a participar da Pesquisa “MEMÓRIA E SABERES DA TRADIÇÃO NA EDUCAÇÃO ESCOLAR QUILOMBOLA: MODOS DE EDUCAR, FORMAS DE APRENDER EM CAIANA DOS CRIoulos-PB”; terá como objetivo primário Investigar na Comunidade Quilombola Caiana dos Crioulos-Alagoa Grande- PB, como a memória e os saberes da tradição local desenvolvem práticas educacionais que possibilitam a aprendizagem no contexto da educação Quilombola. E objetivos secundários: Identificar como os saberes da tradição em Caiana dos Crioulos possibilitam o desenvolvimento de práticas educativas na educação escolar; Discutir sobre a Educação Escolar Quilombola no Ensino Fundamental I e os desafios dessa educação no contexto da Comunidade Quilombola Caiana dos Crioulos através da Escola Firmo Santino da Silva; Mostrar que os saberes da tradição de Caiana dos Crioulos fazem parte da memória social deste Quilombo e que possibilitam a culminância de práticas educativas na educação escolar e Desenvolver um Caderno Pedagógico Temático de orientação escolar a partir de oficinas pedagógicas para enfatizar os saberes da tradição de Caiana dos Crioulos. Declaro ser esclarecido (a) estar de acordo com os seguintes pontos:

-Ao (a) voluntário (a) só caberá a autorização para participar da pesquisa e não haverá nenhum risco ou desconforto ao (a) mesmo (a).-O (a) voluntário (a) poderá se recusar a participar ou retirar seu consentimento a qualquer momento da realização da pesquisa ora proposta, não havendo qualquer penalização ou prejuízo para o (a) mesmo (a).

- Será garantido sigilo dos resultados obtidos nesta pesquisa, assegurando assim a privacidade dos participantes em manter tais resultados em caráter confidencial.

- Não haverá qualquer despesa ou ônus financeiro aos participantes voluntários desta pesquisa científica e não haverá qualquer procedimento que possa incorrer em danos físicos ou financeiros a (ao) voluntário (a) e, portanto, não haverá necessidade de indenização por parte da pesquisa e/ou instituição responsável.


-Qualquer dúvida ou solicitação de esclarecimento, o (a) participante poderá contatar a pesquisador no número: (083) 991284205, no endereço Sítio Engenho Baixinha nº 635/ Área Rural – Alagoa Grande – PB.

- Ao final da pesquisa, se for do meu interesse, terei livre acesso ao conteúdo da mesma, podendo discutir os dados com a pesquisadora. Vale salientar que este documento será impresso em duas vias e uma delas ficará em minha posse.

-Desta forma, uma vez tendo lido e entendido tais esclarecimentos e, por estar em pleno acordo com o teor do mesmo, dato e assino este Termo de consentimento Livre e Esclarecido.

Alagoa Grande, 15 / 10 / 2019

Luciene Soares da Silva Lima
Assinatura do Pesquisador responsável


Assinatura do (a) participante:

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO-TCLE**Professor/(a)**

O (a) Senhor (a) ou você está sendo convidado (a) a participar da pesquisa intitulada "MEMÓRIA E SABERES DA TRADIÇÃO NA EDUCAÇÃO ESCOLAR QUILOMBOLA: MODOS DE EDUCAR, FORMAS DE APRENDER EM CAIANA DOS CRIoulos-PB", ". terá como objetivo primário Investigar na Comunidade Quilombola Caiana dos Crioulos- Alagoa Grande- PB, como a memória e os saberes da tradição local desenvolvem práticas educacionais que possibilitam a aprendizagem no contexto da educação Quilombola. E objetivos secundários: Identificar como os saberes da tradição em Caiana dos Crioulos possibilitam o desenvolvimento de práticas educativas na educação escolar; Discutir sobre a Educação Escolar Quilombola no Ensino Fundamental I e os desafios dessa educação no contexto da Comunidade Quilombola Caiana dos Crioulos através da Escola Firmo Santino da Silva; Mostrar que os saberes da tradição de Caiana dos Crioulos fazem parte da memória social deste Quilombo e que possibilitam a culminância de práticas educativas na educação escolar e Desenvolver um Caderno Pedagógico Temático de orientação escolar a partir de oficinas pedagógicas para enfatizar os saberes da tradição de Caiana dos Crioulos.

A pesquisa será desenvolvida na Escola Firmo Santinho da Silva, os voluntários serão abordados no horário da aula, com prévio conhecimento do professor e gestão escolar e as entrevistas serão aplicados dentro do espaço escolar.

Não haverá qualquer despesa ou ônus financeiro aos participantes voluntários deste projeto científico e não haverá qualquer procedimento que possa incorrer em danos físicos ou financeiros ao voluntário e, portanto, não haveria necessidade de indenização por parte da equipe científica e/ou da Instituição responsável.

A pesquisa adequa-se a princípios científicos e éticos por prevalecer os critérios de respeito e preservação da dignidade dos atores envolvidos no estudo. Tal pesquisa poderá acarretar riscos de ordem emocional aos participantes aos responder as entrevistas ou questionários, todavia delimitado considerando o respeito diante qualquer constrangimento ou desconforto, sendo mantido o compromisso por parte da pesquisadora da não identificação dos sujeitos da pesquisa, por consequência, a garantia de confidencialidade e sigilo das informações, a retirada da participação da pesquisa a qualquer momento e a garantia de assistência psicológica, se necessária. Tendo assegurado o direito ao ressarcimento ou indenização, no caso de quaisquer danos eventualmente produzidos pela pesquisa.

Qualquer dúvida ou solicitação de esclarecimentos, o participante poderá contatar a pesquisadora Luciene Tavares da Silva Lima, telefone: (83) 99128-4205 ou ainda com CEP/CESED - Rua: Argemiro de Figueirêdo, 1901 - Itararé - Central de Atendimento ao Aluno - E-mail: cep@unifacisa.edu.br - telefone: (83)2101.8857.

Ao final da pesquisa, se for do meu interesse, terei livre acesso ao conteúdo da mesma, podendo discutir os dados, com o pesquisador, vale salientar que este documento será impresso em duas vias e uma delas ficará em minha posse.

Desta forma, uma vez tendo lido e entendido tais esclarecimentos e, por estar de pleno acordo com o teor do mesmo, dato e assino este termo de consentimento livre e esclarecido.

Alagoa Grande, 21 de Outubro de 2019.

Luciene Tavares da Silva Lima
Pesquisador Responsável

X Marta Andrade dos Santos
Professor (a) Testemunha

TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA USO DE IMAGENS (FOTOS E VÍDEOS)

Eu, Marta Andrade dos Santos AUTORIZO o(a) Prof.(a) Luciene Tavares da Silva Lima, coordenador(a) da pesquisa intitulada: "MEMÓRIA E SABERES DA TRADIÇÃO NA EDUCAÇÃO ESCOLAR QUILOMBOLA: MODOS DE EDUCAR, FORMAS DE APRENDER EM CAIANA DOS CRIoulos-PB" a fixar, armazenar e exibir a minha imagem por meio de acervo digital com o fim específico de inseri-la nas informações que serão geradas na pesquisa, aqui citada, e em outras publicações dela decorrentes, quais sejam: revistas científicas, jornais, congressos, via web, entre outros eventos dessa natureza.

A presente autorização abrange, exclusivamente, o uso de minha imagem para os fins aqui estabelecidos e deverá sempre preservar o meu anonimato. Qualquer outra forma de utilização e/ou reprodução deverá ser por mim autorizada, em observância ao Art. 5º, X e XXVIII, alínea "a" da Constituição Federal de 1988.

O pesquisador responsável Luciene Tavares da Silva Lima, assegurou-me que os dados serão armazenados em meio de acervo digital e impresso sob sua responsabilidade, por 5 anos, e após esse período, serão destruídas.

Assegurou-me, também, que serei livre para interromper minha participação na pesquisa a qualquer momento e/ou solicitar a posse de minhas imagens.

Ademais, tais compromissos estão em conformidade com as diretrizes previstas na Resolução Nº. 466/12 do Conselho Nacional de Saúde do Ministério da Saúde/Comissão Nacional de Ética em Pesquisa, que dispõe sobre Ética em Pesquisa que envolve Seres Humanos.

Alagoa Grande, 21 de outubro de 2019.

X Marta Andrade dos Santos

Assinatura do participante da pesquisa

Luciene Tavares da Silva Lima

Assinatura e carimbo do pesquisador responsável

TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA USO DE IMAGENS (FOTOS E VÍDEOS)

Eu, Marta Andrade dos Santos AUTORIZO o(a) Prof.(a) Luciene Tavares da Silva Lima, coordenador(a) da pesquisa intitulada: "MEMÓRIA E SABERES DA TRADIÇÃO NA EDUCAÇÃO ESCOLAR QUILOMBOLA: MODOS DE EDUCAR, FORMAS DE APRENDER EM CAIANA DOS CRIoulos-PB" a fixar, armazenar e exibir a minha imagem por meio de acervo digital com o fim específico de inseri-la nas informações que serão geradas na pesquisa, aqui citada, e em outras publicações dela decorrentes, quais sejam: revistas científicas, jornais, congressos, via web, entre outros eventos dessa natureza.

A presente autorização abrange, exclusivamente, o uso de minha imagem para os fins aqui estabelecidos e deverá sempre preservar o meu anonimato. Qualquer outra forma de utilização e/ou reprodução deverá ser por mim autorizada, em observância ao Art. 5º, X e XXVIII, alínea "a" da Constituição Federal de 1988.

O pesquisador responsável Luciene Tavares da Silva Lima, assegurou-me que os dados serão armazenados em meio de acervo digital e impresso sob sua responsabilidade, por 5 anos, e após esse período, serão destruídas.

Assegurou-me, também, que serei livre para interromper minha participação na pesquisa a qualquer momento e/ou solicitar a posse de minhas imagens.

Ademais, tais compromissos estão em conformidade com as diretrizes previstas na Resolução Nº. 466/12 do Conselho Nacional de Saúde do Ministério da Saúde/Comissão Nacional de Ética em Pesquisa, que dispõe sobre Ética em Pesquisa que envolve Seres Humanos.

Alagoa Grande, 21 de outubro de 2019.

Marta Andrade dos Santos

Assinatura do participante da pesquisa

Luciene Tavares da Silva Lima

Assinatura e carimbo do pesquisador responsável

TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA GRAVAÇÃO DE VOZ

Eu, Marta Andrade dos Santos, depois de entender os riscos e benefícios que a pesquisa intitulada MEMÓRIA E SABERES DA TRADIÇÃO NA EDUCAÇÃO ESCOLAR QUILOMBOLA: MODOS DE EDUCAR, FORMAS DE APRENDER EM CAIANA DOS CRIoulos-PB, poderá trazer e, entender especialmente os métodos que serão usados para a coleta de dados, assim como, estar ciente da necessidade da gravação de minha entrevista, **AUTORIZO**, por meio deste termo, a pesquisadora Luciene Tavares da Silva Lima a realizar a gravação de minha entrevista sem custos financeiros a nenhuma parte.

Esta **AUTORIZAÇÃO** foi concedida mediante o compromisso dos pesquisadores acima citados em garantir-me os seguintes direitos:

1. Poderei ler a transcrição de minha gravação;
2. Os dados coletados serão usados exclusivamente para gerar informações para a pesquisa aqui relatada e outras publicações dela decorrentes, quais sejam: revistas científicas, jornais, congressos entre outros eventos dessa natureza;
3. Minha identificação não será revelada em nenhuma das vias de publicação das informações geradas;
4. Qualquer outra forma de utilização dessas informações somente poderá ser feita mediante minha autorização, em observância ao Art. 5º, XXVIII, alínea "a" da Constituição Federal de 1988.
5. Os dados coletados serão guardados por 5 anos, sob a responsabilidade do (a) pesquisador (a) coordenador (a) da pesquisa Luciene Tavares da Silva Lima e após esse período, serão destruídos e,
6. Serei livre para interromper minha participação na pesquisa a qualquer momento e/ou solicitar a posse da gravação e transcrição de minha entrevista.

Ademais, tais compromissos estão em conformidade com as diretrizes previstas na Resolução N°. 466/12 do Conselho Nacional de Saúde do Ministério da Saúde/Comissão Nacional de Ética em Pesquisa, que dispõe sobre Ética em Pesquisa que envolve Seres Humanos.

Alagoa Grande, 21 de outubro de 2019

X Marta Andrade dos Santos

Assinatura do participante da pesquisa

Luciene Tavares da Silva Lima

Assinatura e carimbo do pesquisador responsável

TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA GRAVAÇÃO DE VOZ

Eu Josefa de Lourdes de Souza Oliveira e Silva, depois de entender os riscos e benefícios que a pesquisa intitulada MEMÓRIA E SABERES DA TRADIÇÃO NA EDUCAÇÃO ESCOLAR QUILOMBOLA: MODOS DE EDUCAR, FORMAS DE APRENDER EM CAIANA DOS CRIoulos-PB, poderá trazer e, entender especialmente os métodos que serão usados para a coleta de dados, assim como, estar ciente da necessidade da gravação de minha entrevista, **AUTORIZO**, por meio deste termo, a pesquisadora Luciene Tavares da Silva Lima a realizar a gravação de minha entrevista sem custos financeiros a nenhuma parte.

Esta **AUTORIZAÇÃO** foi concedida mediante o compromisso dos pesquisadores acima citados em garantir-me os seguintes direitos:

1. Poderei ler a transcrição de minha gravação;
2. Os dados coletados serão usados exclusivamente para gerar informações para a pesquisa aqui relatada e outras publicações dela decorrentes, quais sejam: revistas científicas, jornais, congressos entre outros eventos dessa natureza;
3. Minha identificação não será revelada em nenhuma das vias de publicação das informações geradas;
4. Qualquer outra forma de utilização dessas informações somente poderá ser feita mediante minha autorização, em observância ao Art. 5º, XXVIII, alínea "a" da Constituição Federal de 1988.
5. Os dados coletados serão guardados por 5 anos, sob a responsabilidade do (a) pesquisador (a) coordenador (a) da pesquisa Luciene Tavares da Silva Lima e após esse período, serão destruídos e,
6. Serei livre para interromper minha participação na pesquisa a qualquer momento e/ou solicitar a posse da gravação e transcrição de minha entrevista.

Ademais, tais compromissos estão em conformidade com as diretrizes previstas na Resolução N°. 466/12 do Conselho Nacional de Saúde do Ministério da Saúde/Comissão Nacional de Ética em Pesquisa, que dispõe sobre Ética em Pesquisa que envolve Seres Humanos.

Alagoa Grande, 21 de outubro de 2019.

Josefa de Lourdes de Souza Oliveira e Silva
Assinatura do participante da pesquisa

Luciene Tavares da Silva Lima
Assinatura e carimbo do pesquisador responsável

TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA USO DE IMAGENS (FOTOS E VÍDEOS)

Eu, Josefa de Lourdes de Sousa Oliveira e Silva, AUTORIZO o(a) Prof.(a) Luciene Tavares da Silva Lima, coordenador(a) da pesquisa intitulada: "MEMÓRIA E SABERES DA TRADIÇÃO NA EDUCAÇÃO ESCOLAR QUILOMBOLA: MODOS DE EDUCAR, FORMAS DE APRENDER EM CAIANA DOS CRIoulos-PB" a fixar, armazenar e exibir a minha imagem por meio de acervo digital com o fim específico de inseri-la nas informações que serão geradas na pesquisa, aqui citada, e em outras publicações dela decorrentes, quais sejam: revistas científicas, jornais, congressos, via web, entre outros eventos dessa natureza.

A presente autorização abrange, exclusivamente, o uso de minha imagem para os fins aqui estabelecidos e deverá sempre preservar o meu anonimato. Qualquer outra forma de utilização e/ou reprodução deverá ser por mim autorizada, em observância ao Art. 5º, X e XXVIII, alínea "a" da Constituição Federal de 1988.

O pesquisador responsável Luciene Tavares da Silva Lima, assegurou-me que os dados serão armazenados em meio de acervo digital e impresso sob sua responsabilidade, por 5 anos, e após esse período, serão destruídas.

Assegurou-me, também, que serei livre para interromper minha participação na pesquisa a qualquer momento e/ou solicitar a posse de minhas imagens.

Ademais, tais compromissos estão em conformidade com as diretrizes previstas na Resolução Nº. 466/12 do Conselho Nacional de Saúde do Ministério da Saúde/Comissão Nacional de Ética em Pesquisa, que dispõe sobre Ética em Pesquisa que envolve Seres Humanos.

Alagoa Grande, 21 de outubro de 2019.

Josefa de Lourdes de Sousa Oliveira e Silva
Assinatura do participante da pesquisa

Luciene Tavares da Silva Lima
Assinatura e carimbo do pesquisador responsável

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO-TCLE**Professor/(a)**

O (a) Senhor (a) ou você está sendo convidado (a) a participar da pesquisa intitulada "MEMÓRIA E SABERES DA TRADIÇÃO NA EDUCAÇÃO ESCOLAR QUILOMBOLA: MODOS DE EDUCAR, FORMAS DE APRENDER EM CAIANA DOS CRIoulos-PB", ". terá como objetivo primário Investigar na Comunidade Quilombola Caiana dos Crioulos- Alagoa Grande- PB, como a memória e os saberes da tradição local desenvolvem práticas educacionais que possibilitam a aprendizagem no contexto da educação Quilombola. E objetivos secundários: Identificar como os saberes da tradição em Caiana dos Crioulos possibilitam o desenvolvimento de práticas educativas na educação escolar; Discutir sobre a Educação Escolar Quilombola no Ensino Fundamental I e os desafios dessa educação no contexto da Comunidade Quilombola Caiana dos Crioulos através da Escola Firmo Santino da Silva; Mostrar que os saberes da tradição de Caiana dos Crioulos fazem parte da memória social deste Quilombo e que possibilitam a culminância de práticas educativas na educação escolar e Desenvolver um Caderno Pedagógico Temático de orientação escolar a partir de oficinas pedagógicas para enfatizar os saberes da tradição de Caiana dos Crioulos.

A pesquisa será desenvolvida na Escola Firmo Santinho da Silva, os voluntários serão abordados no horário da aula, com prévio conhecimento do professor e gestão escolar e as entrevistas serão aplicadas dentro do espaço escolar.

Não haverá qualquer despesa ou ônus financeiro aos participantes voluntários deste projeto científico e não haverá qualquer procedimento que possa incorrer em danos físicos ou financeiros ao voluntário e, portanto, não haveria necessidade de indenização por parte da equipe científica e/ou da Instituição responsável.

A pesquisa adequa-se a princípios científicos e éticos por prevalecer os critérios de respeito e preservação da dignidade dos atores envolvidos no estudo. Tal pesquisa poderá acarretar riscos de ordem emocional aos participantes ao responder as entrevistas ou questionários, todavia delimitado considerando o respeito diante qualquer constrangimento ou desconforto, sendo mantido o compromisso por parte da pesquisadora da não identificação dos sujeitos da pesquisa, por consequência, a garantia de confidencialidade e sigilo das informações, a retirada da participação da pesquisa a qualquer momento e a garantia de assistência psicológica, se necessária. Tendo assegurado o direito ao ressarcimento ou indenização, no caso de quaisquer danos eventualmente produzidos pela pesquisa.

Qualquer dúvida ou solicitação de esclarecimentos, o participante poderá contatar a pesquisadora Luciene Tavares da Silva Lima, telefone: (83) 99128-4205 ou ainda com CEP/CESED - Rua: Argemiro de Figueirêdo, 1901 – Itararé – Central de Atendimento ao Aluno - E-mail: cep@unifacisa.edu.br – telefone: (83)2101.8857.

Ao final da pesquisa, se for do meu interesse, terei livre acesso ao conteúdo da mesma, podendo discutir os dados, com o pesquisador, vale salientar que este documento será impresso em duas vias e uma delas ficará em minha posse.

Desta forma, uma vez tendo lido e entendido tais esclarecimentos e, por estar de pleno acordo com o teor do mesmo, dato e assino este termo de consentimento livre e esclarecido.

Alagoa Grande, 21 de outubro de 2019.

Luciene Tavares da Silva Lima
Pesquisador Responsável

Jorge de Lourenço de S. G. Silva
Professor (a)

Testemunha

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO-TCLE**Professor/(a)**

O (a) Senhor (a) ou você está sendo convidado (a) a participar da pesquisa intitulada "MEMÓRIA E SABERES DA TRADIÇÃO NA EDUCAÇÃO ESCOLAR QUILOMBOLA: MODOS DE EDUCAR, FORMAS DE APRENDER EM CAIANA DOS CRIoulos-PB", ". terá como objetivo primário Investigar na Comunidade Quilombola Caiana dos Crioulos- Alagoa Grande- PB, como a memória e os saberes da tradição local desenvolvem práticas educacionais que possibilitam a aprendizagem no contexto da educação Quilombola. E objetivos secundários: Identificar como os saberes da tradição em Caiana dos Crioulos possibilitam o desenvolvimento de práticas educativas na educação escolar; Discutir sobre a Educação Escolar Quilombola no Ensino Fundamental I e os desafios dessa educação no contexto da Comunidade Quilombola Caiana dos Crioulos através da Escola Firmo Santino da Silva; Mostrar que os saberes da tradição de Caiana dos Crioulos fazem parte da memória social deste Quilombo e que possibilitam a culminância de práticas educativas na educação escolar e Desenvolver um Caderno Pedagógico Temático de orientação escolar a partir de oficinas pedagógicas para enfatizar os saberes da tradição de Caiana dos Crioulos.

A pesquisa será desenvolvida na Escola Firmo Santinho da Silva, os voluntários serão abordados no horário da aula, com prévio conhecimento do professor e gestão escolar e as entrevistas serão aplicados dentro do espaço escolar.

Não haverá qualquer despesa ou ônus financeiro aos participantes voluntários deste projeto científico e não haverá qualquer procedimento que possa incorrer em danos físicos ou financeiros ao voluntário e, portanto, não haveria necessidade de indenização por parte da equipe científica e/ou da Instituição responsável.

A pesquisa adequa-se a princípios científicos e éticos por prevalecer os critérios de respeito e preservação da dignidade dos atores envolvidos no estudo. Tal pesquisa poderá acarretar riscos de ordem emocional aos participantes aos responder as entrevistas ou questionários, todavia delimitado considerando o respeito diante qualquer constrangimento ou desconforto, sendo mantido o compromisso por parte da pesquisadora da não identificação dos sujeitos da pesquisa, por consequência, a garantia de confidencialidade e sigilo das informações, a retirada da participação da pesquisa a qualquer momento e a garantia de assistência psicológica, se necessária. Tendo assegurado o direito ao ressarcimento ou indenização, no caso de quaisquer danos eventualmente produzidos pela pesquisa.

Qualquer dúvida ou solicitação de esclarecimentos, o participante poderá contatar a pesquisadora Luciene Tavares da Silva Lima, telefone: (83) 99128-4205 ou ainda com CEP/CESED - Rua: Argemiro de Figueirêdo, 1901 – Itararé – Central de Atendimento ao Aluno - E-mail: cep@unifacisa.edu.br – telefone: (83)2101.8857.

Ao final da pesquisa, se for do meu interesse, terei livre acesso ao conteúdo da mesma, podendo discutir os dados, com o pesquisador, vale salientar que este documento será impresso em duas vias e uma delas ficará em minha posse.

Desta forma, uma vez tendo lido e entendido tais esclarecimentos e, por estar de pleno acordo com o teor do mesmo, dato e assino este termo de consentimento livre e esclarecido.

Alagoa Grande, 21 de outubro de 2019.

Luciene Tavares da Silva Lima

Pesquisador Responsável

Ana Paula Mercadante Lopes

Professor (a)

_____ **Testemunha**

TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA USO DE IMAGENS (FOTOS E VÍDEOS)

Eu, Ana Paula Herculano Lopes, AUTORIZO o(a) Prof.(a) Luciene Tavares da Silva Lima, coordenador(a) da pesquisa intitulada: "MEMÓRIA E SABERES DA TRADIÇÃO NA EDUCAÇÃO ESCOLAR QUILOMBOLA: MODOS DE EDUCAR, FORMAS DE APRENDER EM CAIANA DOS CRIoulos-PB" a fixar, armazenar e exibir a minha imagem por meio de acervo digital com o fim específico de inseri-la nas informações que serão geradas na pesquisa, aqui citada, e em outras publicações dela decorrentes, quais sejam: revistas científicas, jornais, congressos, via web, entre outros eventos dessa natureza.

A presente autorização abrange, exclusivamente, o uso de minha imagem para os fins aqui estabelecidos e deverá sempre preservar o meu anonimato. Qualquer outra forma de utilização e/ou reprodução deverá ser por mim autorizada, em observância ao Art. 5º, X e XXVIII, alínea "a" da Constituição Federal de 1988.

O pesquisador responsável Luciene Tavares da Silva Lima, assegurou-me que os dados serão armazenados em meio de acervo digital e impresso sob sua responsabilidade, por 5 anos, e após esse período, serão destruídas.

Assegurou-me, também, que serei livre para interromper minha participação na pesquisa a qualquer momento e/ou solicitar a posse de minhas imagens.

Ademais, tais compromissos estão em conformidade com as diretrizes previstas na Resolução Nº. 466/12 do Conselho Nacional de Saúde do Ministério da Saúde/Comissão Nacional de Ética em Pesquisa, que dispõe sobre Ética em Pesquisa que envolve Seres Humanos.

Alagoa Grande, 21 de Outubro de 2019.

Ana Paula Herculano Lopes

Assinatura do participante da pesquisa

Luciene Tavares da Silva Lima

Assinatura e carimbo do pesquisador responsável

TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA GRAVAÇÃO DE VOZ

Eu, Cora Paula Herculano Lopes, depois de entender os riscos e benefícios que a pesquisa intitulada MEMÓRIA E SABERES DA TRADIÇÃO NA EDUCAÇÃO ESCOLAR QUILOMBOLA: MODOS DE EDUCAR, FORMAS DE APRENDER EM CAIANA DOS CRIoulos-PB, poderá trazer e, entender especialmente os métodos que serão usados para a coleta de dados, assim como, estar ciente da necessidade da gravação de minha entrevista, **AUTORIZO**, por meio deste termo, a pesquisadora Luciene Tavares da Silva Lima a realizar a gravação de minha entrevista sem custos financeiros a nenhuma parte.

Esta **AUTORIZAÇÃO** foi concedida mediante o compromisso dos pesquisadores acima citados em garantir-me os seguintes direitos:

1. Poderei ler a transcrição de minha gravação;
2. Os dados coletados serão usados exclusivamente para gerar informações para a pesquisa aqui relatada e outras publicações dela decorrentes, quais sejam: revistas científicas, jornais, congressos entre outros eventos dessa natureza;
3. Minha identificação não será revelada em nenhuma das vias de publicação das informações geradas;
4. Qualquer outra forma de utilização dessas informações somente poderá ser feita mediante minha autorização, em observância ao Art. 5º, XXVIII, alínea "a" da Constituição Federal de 1988.
5. Os dados coletados serão guardados por 5 anos, sob a responsabilidade do (a) pesquisador (a) coordenador (a) da pesquisa Luciene Tavares da Silva Lima e após esse período, serão destruídos e,
6. Serei livre para interromper minha participação na pesquisa a qualquer momento e/ou solicitar a posse da gravação e transcrição de minha entrevista.

Ademais, tais compromissos estão em conformidade com as diretrizes previstas na Resolução Nº. 466/12 do Conselho Nacional de Saúde do Ministério da Saúde/Comissão Nacional de Ética em Pesquisa, que dispõe sobre Ética em Pesquisa que envolve Seres Humanos.

Alagoa Grande, 21 de Outubro de 2019.

Cora Paula Herculano Lopes

Assinatura do participante da pesquisa

Luciene Tavares da Silva Lima

Assinatura e carimbo do pesquisador responsável

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO-TCLE**Professor/(a)**

O (a) Senhor (a) ou você está sendo convidado (a) a participar da pesquisa intitulada "MEMÓRIA E SABERES DA TRADIÇÃO NA EDUCAÇÃO ESCOLAR QUILOMBOLA: MODOS DE EDUCAR, FORMAS DE APRENDER EM CAIANA DOS CRIoulos-PB", ". terá como objetivo primário Investigar na Comunidade Quilombola Caiana dos Crioulos- Alagoa Grande- PB, como a memória e os saberes da tradição local desenvolvem práticas educacionais que possibilitam a aprendizagem no contexto da educação Quilombola. E objetivos secundários: Identificar como os saberes da tradição em Caiana dos Crioulos possibilitam o desenvolvimento de práticas educativas na educação escolar; Discutir sobre a Educação Escolar Quilombola no Ensino Fundamental I e os desafios dessa educação no contexto da Comunidade Quilombola Caiana dos Crioulos através da Escola Firmo Santino da Silva; Mostrar que os saberes da tradição de Caiana dos Crioulos fazem parte da memória social deste Quilombo e que possibilitam a culminância de práticas educativas na educação escolar e Desenvolver um Caderno Pedagógico Temático de orientação escolar a partir de oficinas pedagógicas para enfatizar os saberes da tradição de Caiana dos Crioulos.

A pesquisa será desenvolvida na Escola Firmo Santinho da Silva, os voluntários serão abordados no horário da aula, com prévio conhecimento do professor e gestão escolar e as entrevistas serão aplicados dentro do espaço escolar.

Não haverá qualquer despesa ou ônus financeiro aos participantes voluntários deste projeto científico e não haverá qualquer procedimento que possa incorrer em danos físicos ou financeiros ao voluntário e, portanto, não haveria necessidade de indenização por parte da equipe científica e/ou da Instituição responsável.

A pesquisa adequa-se a princípios científicos e éticos por prevalecer os critérios de respeito e preservação da dignidade dos atores envolvidos no estudo. Tal pesquisa poderá acarretar riscos de ordem emocional aos participantes ao responder as entrevistas ou questionários, todavia delimitado considerando o respeito diante qualquer constrangimento ou desconforto, sendo mantido o compromisso por parte da pesquisadora da não identificação dos sujeitos da pesquisa, por consequência, a garantia de confidencialidade e sigilo das informações, a retirada da participação da pesquisa a qualquer momento e a garantia de assistência psicológica, se necessária. Tendo assegurado o direito ao ressarcimento ou indenização, no caso de quaisquer danos eventualmente produzidos pela pesquisa.

Qualquer dúvida ou solicitação de esclarecimentos, o participante poderá contatar a pesquisadora Luciene Tavares da Silva Lima, telefone: (83) 99128-4205 ou ainda com CEP/CESED - Rua: Argemiro de Figueirêdo, 1901 – Itararé – Central de Atendimento ao Aluno - E-mail: cep@unifacisa.edu.br – telefone: (83)2101.8857.

Ao final da pesquisa, se for do meu interesse, terei livre acesso ao conteúdo da mesma, podendo discutir os dados, com o pesquisador, vale salientar que este documento será impresso em duas vias e uma delas ficará em minha posse.

Desta forma, uma vez tendo lido e entendido tais esclarecimentos e, por estar de pleno acordo com o teor do mesmo, dato e assino este termo de consentimento livre e esclarecido.

Alagoa Grande, 21 de outubro de 2019.

Luciene Tavares da Silva Lima

Pesquisador Responsável

Josiane Brito do Nascimento Sousa

Professor (a)

_____ **Testemunha**

TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA USO DE IMAGENS (FOTOS E VÍDEOS)

Eu, Josiane Brito do Nascimento e Sousa AUTORIZO o(a) Prof.(a) Luciene Tavares da Silva Lima, coordenador(a) da pesquisa intitulada: "MEMÓRIA E SABERES DA TRADIÇÃO NA EDUCAÇÃO ESCOLAR QUILOMBOLA: MODOS DE EDUCAR, FORMAS DE APRENDER EM CAIANA DOS CRIoulos-PB" a fixar, armazenar e exibir a minha imagem por meio de acervo digital com o fim específico de inseri-la nas informações que serão geradas na pesquisa, aqui citada, e em outras publicações dela decorrentes, quais sejam: revistas científicas, jornais, congressos, via web, entre outros eventos dessa natureza.

A presente autorização abrange, exclusivamente, o uso de minha imagem para os fins aqui estabelecidos e deverá sempre preservar o meu anonimato. Qualquer outra forma de utilização e/ou reprodução deverá ser por mim autorizada, em observância ao Art. 5º, X e XXVIII, alínea "a" da Constituição Federal de 1988.

O pesquisador responsável Luciene Tavares da Silva Lima, assegurou-me que os dados serão armazenados em meio de acervo digital e impresso sob sua responsabilidade, por 5 anos, e após esse período, serão destruídas.

Assegurou-me, também, que serei livre para interromper minha participação na pesquisa a qualquer momento e/ou solicitar a posse de minhas imagens.

Ademais, tais compromissos estão em conformidade com as diretrizes previstas na Resolução Nº. 466/12 do Conselho Nacional de Saúde do Ministério da Saúde/Comissão Nacional de Ética em Pesquisa, que dispõe sobre Ética em Pesquisa que envolve Seres Humanos.

Alagoa Grande, 21 de Outubro de 2019.

Josiane Brito do Nascimento e Sousa
Assinatura do participante da pesquisa

Luciene Tavares da Silva Lima
Assinatura e carimbo do pesquisador responsável

TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA GRAVAÇÃO DE VOZ

Eu, Josiane Brito do Nascimento e Sousa, depois de entender os riscos e benefícios que a pesquisa intitulada MEMÓRIA E SABERES DA TRADIÇÃO NA EDUCAÇÃO ESCOLAR QUILOMBOLA: MODOS DE EDUCAR, FORMAS DE APRENDER EM CAIANA DOS CRIoulos-PB, poderá trazer e, entender especialmente os métodos que serão usados para a coleta de dados, assim como, estar ciente da necessidade da gravação de minha entrevista, **AUTORIZO**, por meio deste termo, a pesquisadora Luciene Tavares da Silva Lima a realizar a gravação de minha entrevista sem custos financeiros a nenhuma parte.

Esta **AUTORIZAÇÃO** foi concedida mediante o compromisso dos pesquisadores acima citados em garantir-me os seguintes direitos:

1. Poderei ler a transcrição de minha gravação;
2. Os dados coletados serão usados exclusivamente para gerar informações para a pesquisa aqui relatada e outras publicações dela decorrentes, quais sejam: revistas científicas, jornais, congressos entre outros eventos dessa natureza;
3. Minha identificação não será revelada em nenhuma das vias de publicação das informações geradas;
4. Qualquer outra forma de utilização dessas informações somente poderá ser feita mediante minha autorização, em observância ao Art. 5º, XXVIII, alínea "a" da Constituição Federal de 1988.
5. Os dados coletados serão guardados por 5 anos, sob a responsabilidade do (a) pesquisador (a) coordenador (a) da pesquisa Luciene Tavares da Silva Lima e após esse período, serão destruídos e,
6. Serei livre para interromper minha participação na pesquisa a qualquer momento e/ou solicitar a posse da gravação e transcrição de minha entrevista.

Ademais, tais compromissos estão em conformidade com as diretrizes previstas na Resolução Nº. 466/12 do Conselho Nacional de Saúde do Ministério da Saúde/Comissão Nacional de Ética em Pesquisa, que dispõe sobre Ética em Pesquisa que envolve Seres Humanos.

Alagoa Grande, 21 de outubro de 2019.

Josiane Brito do Nascimento e Sousa
Assinatura do participante da pesquisa

Luciene Tavares da Silva Lima
Assinatura e carimbo do pesquisador responsável

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO-TCLE**Professor/(a)**

O (a) Senhor (a) ou você está sendo convidado (a) a participar da pesquisa intitulada “MEMÓRIA E SABERES DA TRADIÇÃO NA EDUCAÇÃO ESCOLAR QUILOMBOLA: MODOS DE EDUCAR, FORMAS DE APRENDER EM CAIANA DOS CRIoulos-PB”, “, terá como objetivo primário Investigar na Comunidade Quilombola Caiana dos Crioulos- Alagoa Grande- PB, como a memória e os saberes da tradição local desenvolvem práticas educacionais que possibilitam a aprendizagem no contexto da educação Quilombola. E objetivos secundários: Identificar como os saberes da tradição em Caiana dos Crioulos possibilitam o desenvolvimento de práticas educativas na educação escolar; Discutir sobre a Educação Escolar Quilombola no Ensino Fundamental I e os desafios dessa educação no contexto da Comunidade Quilombola Caiana dos Crioulos através da Escola Firmo Santino da Silva; Mostrar que os saberes da tradição de Caiana dos Crioulos fazem parte da memória social deste Quilombo e que possibilitam a culminância de práticas educativas na educação escolar e Desenvolver um Caderno Pedagógico Temático de orientação escolar a partir de oficinas pedagógicas para enfatizar os saberes da tradição de Caiana dos Crioulos.

A pesquisa será desenvolvida na Escola Firmo Santinho da Silva, os voluntários serão abordados no horário da aula, com prévio conhecimento do professor e gestão escolar e as entrevistas serão aplicados dentro do espaço escolar.

Não haverá qualquer despesa ou ônus financeiro aos participantes voluntários deste projeto científico e não haverá qualquer procedimento que possa incorrer em danos físicos ou financeiros ao voluntário e, portanto, não haveria necessidade de indenização por parte da equipe científica e/ou da Instituição responsável.

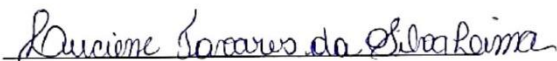
A pesquisa adequa-se a princípios científicos e éticos por prevalecer os critérios de respeito e preservação da dignidade dos atores envolvidos no estudo. Tal pesquisa poderá acarretar riscos de ordem emocional aos participantes aos responder as entrevistas ou questionários, todavia delimitado considerando o respeito diante qualquer constrangimento ou desconforto, sendo mantido o compromisso por parte da pesquisadora da não identificação dos sujeitos da pesquisa, por consequência, a garantia de confidencialidade e sigilo das informações, a retirada da participação da pesquisa a qualquer momento e a garantia de assistência psicológica, se necessária. Tendo assegurado o direito ao ressarcimento ou indenização, no caso de quaisquer danos eventualmente produzidos pela pesquisa.

Qualquer dúvida ou solicitação de esclarecimentos, o participante poderá contatar a pesquisadora Luciene Tavares da Silva Lima, telefone: (83) 99128-4205 ou ainda com CEP/CESED - Rua: Argemiro de Figueirêdo, 1901 – Itararé – Central de Atendimento ao Aluno - E-mail: cep@unifacisa.edu.br – telefone: (83)2101.8857.

Ao final da pesquisa, se for do meu interesse, terei livre acesso ao conteúdo da mesma, podendo discutir os dados, com o pesquisador, vale salientar que este documento será impresso em duas vias e uma delas ficará em minha posse.

Desta forma, uma vez tendo lido e entendido tais esclarecimentos e, por estar de pleno acordo com o teor do mesmo, dato e assino este termo de consentimento livre e esclarecido.

Alagoa Grande, 21 de Outubro de 2019.



Pesquisador Responsável



Professor (a)

_____ **Testemunha**

TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA USO DE IMAGENS (FOTOS E VÍDEOS)

Eu, Dioclélio Otílio Bezerra, AUTORIZO o(a) Prof.(a) Luciene Tavares da Silva Lima, coordenador(a) da pesquisa intitulada: "MEMÓRIA E SABERES DA TRADIÇÃO NA EDUCAÇÃO ESCOLAR QUILOMBOLA: MODOS DE EDUCAR, FORMAS DE APRENDER EM CAIANA DOS CRIoulos-PB" a fixar, armazenar e exibir a minha imagem por meio de acervo digital com o fim específico de inseri-la nas informações que serão geradas na pesquisa, aqui citada, e em outras publicações dela decorrentes, quais sejam: revistas científicas, jornais, congressos, via web, entre outros eventos dessa natureza.

A presente autorização abrange, exclusivamente, o uso de minha imagem para os fins aqui estabelecidos e deverá sempre preservar o meu anonimato. Qualquer outra forma de utilização e/ou reprodução deverá ser por mim autorizada, em observância ao Art. 5º, X e XXVIII, alínea "a" da Constituição Federal de 1988.

O pesquisador responsável Luciene Tavares da Silva Lima, assegurou-me que os dados serão armazenados em meio de acervo digital e impresso sob sua responsabilidade, por 5 anos, e após esse período, serão destruídas.

Assegurou-me, também, que serei livre para interromper minha participação na pesquisa a qualquer momento e/ou solicitar a posse de minhas imagens.

Ademais, tais compromissos estão em conformidade com as diretrizes previstas na Resolução Nº. 466/12 do Conselho Nacional de Saúde do Ministério da Saúde/Comissão Nacional de Ética em Pesquisa, que dispõe sobre Ética em Pesquisa que envolve Seres Humanos.

Alagoa Grande, 21 de Outubro de 2019.

Dioclélio Otílio Bezerra
Assinatura do participante da pesquisa

Luciene Tavares da Silva Lima
Assinatura e carimbo do pesquisador responsável

TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA GRAVAÇÃO DE VOZ


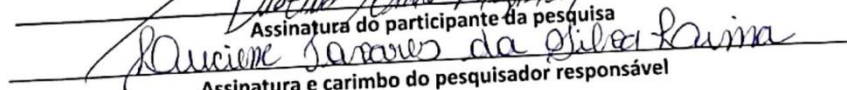
Eu, Dicélio Otávio Bezerra, depois de entender os riscos e benefícios que a pesquisa intitulada MEMÓRIA E SABERES DA TRADIÇÃO NA EDUCAÇÃO ESCOLAR QUILOMBOLA: MODOS DE EDUCAR, FORMAS DE APRENDER EM CAIANA DOS CRIoulos-PB, poderá trazer e, entender especialmente os métodos que serão usados para a coleta de dados, assim como, estar ciente da necessidade da gravação de minha entrevista, **AUTORIZO**, por meio deste termo, a pesquisadora Luciene Tavares da Silva Lima a realizar a gravação de minha entrevista sem custos financeiros a nenhuma parte.

Esta **AUTORIZAÇÃO** foi concedida mediante o compromisso dos pesquisadores acima citados em garantir-me os seguintes direitos:

1. Poderei ler a transcrição de minha gravação;
2. Os dados coletados serão usados exclusivamente para gerar informações para a pesquisa aqui relatada e outras publicações dela decorrentes, quais sejam: revistas científicas, jornais, congressos entre outros eventos dessa natureza;
3. Minha identificação não será revelada em nenhuma das vias de publicação das informações geradas;
4. Qualquer outra forma de utilização dessas informações somente poderá ser feita mediante minha autorização, em observância ao Art. 5º, XXVIII, alínea "a" da Constituição Federal de 1988.
5. Os dados coletados serão guardados por 5 anos, sob a responsabilidade do (a) pesquisador (a) coordenador (a) da pesquisa Luciene Tavares da Silva Lima e após esse período, serão destruídos e,
6. Serei livre para interromper minha participação na pesquisa a qualquer momento e/ou solicitar a posse da gravação e transcrição de minha entrevista.

Ademais, tais compromissos estão em conformidade com as diretrizes previstas na Resolução Nº. 466/12 do Conselho Nacional de Saúde do Ministério da Saúde/Comissão Nacional de Ética em Pesquisa, que dispõe sobre Ética em Pesquisa que envolve Seres Humanos.

Alagoa Grande, 21 de outubro de 2019.


 Assinatura do participante da pesquisa

 Assinatura e carimbo do pesquisador responsável